STILL BEATING



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JENNIFER HARTMANN

JENNIFER HARTMANN

Enquanto o seu coração bater

Traduzido por Marta Fagundes

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2022

Copyright © Jennifer Hartmann, 2020
Copyright © The Gift Box, 2022
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Marta Fagundes
Preparação de texto:
Ana Lopes
Revisão final:
Equipe The Gift Box
Modelos:
Jennifer e Jake Hartmann
Fotógrafo:
Jake Hartmann
Adaptação de capa:
Bianca Santana
Diagramação:
Carol Dias
Ícones de diagramação:
upklyak/Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

H265e

Hartmann, Jennifer
Enquanto o seu coração bater [recurso eletrônico] / Jennifer Hartmann ; tradução Marta Fagundes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2022.
recurso digital

Tradução de: Still beating
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5636-166-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Fagundes, Marta. II. Título.

22-77233 CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Sumário

Início
Nota da editora
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Parte 2
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Parte 3
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Epílogo
Nota da autora
Agradecimentos
Conecte-se comigo
Sobre a autora

Nota da editora

Apesar de ser uma obra de ficção, *Enquanto o seu coração bater* trata de assuntos muito sérios. Alguns destes assuntos, por serem sensíveis, podem desencadear desconforto e até mesmo gatilhos individuais.

A autora aborda assuntos como sequestro, estupro, transtorno de estresse pós-traumático e tentativa de suicídio. Leia com responsabilidade.

"Que bom é o calor do verão sem o frio do inverno para lhe dar a doçura." – John Steinbeck

Parte I
O Casamenteiro

CORA



Capítulo Um



— VOCÊ É INCORRIGÍVEL.

Entrecerro os olhos diante do homem que considero digno de receber meu mais precioso insulto.

Incorrigível. Essa é uma palavra boa pra caralho.

O homem em questão é Dean Asher – o babaca que é noivo da minha irmã.

Dean dá uma risada, aparentemente nem um pouco afetado pela hostilidade visível no meu olhar. Ele já devia estar acostumado a esta altura.

— Que diabos isso significa?

— É burro também — digo, bebericando meu coquetel diluído, com uma sobrancelha arqueada.

Quinze anos. Quinze *malditos* anos aos quais fui submetida às zombarias ridículas de Dean, assim como sua falta de educação. Ele é o típico 'bad boy' – intratável, musculoso, sempre fedendo a cigarros e couro. E pateticamente atraente.

Otário.

Minha irmã, Mandy, caiu direitinho na rede dele. Eles eram namorados desde o início do ensino médio. Mandy era a epítome da garota popular com um título de Rainha do Baile, o cabelo loiro platinado, e um guarda-roupa todo da *Abercrombie*. Esse era o estilo usado naquela época.

Eu, por outro lado, não era nenhuma dessas coisas – graças a Deus. Apesar do fato de ser apenas dez meses mais nova que Mandy, não podíamos ser mais diferentes. Ela é atlética, animada e vaidosa. Eu sou uma rata de biblioteca que preferia comprar roupinhas adoráveis para o cachorro da família do que para mim mesma. Mandy era espevitada, eu era irritadiça. Eu poderia recitar Shakespeare o dia inteiro, enquanto Mandy adorava citar as manchetes das fofocas do Twitter.

Apesar de termos nossas diferenças, nosso vínculo fraternal se fortaleceu ao longo dos anos, e agora estou me preparando para ser a dama de honra em seu casamento que vai acontecer no próximo mês. Eu gostaria de dizer que Mandy superou tudo dos tempos da escola, mas, lamentavelmente, Dean Asher, de alguma forma permaneceu até agora, mesmo com ela chegando aos trinta anos. Ele se agarrou a ela como uma doença. E ela não conseguia se livrar dele.

Eu não conseguia me livrar dele.

Então, agora, tenho o privilégio divino de me tornar a cunhada de Dean em poucas semanas.

Argh… chego a sentir náuseas.

— Tenho certeza de que isso nem é uma palavra.

Giro o canudo minúsculo no meu copo, erguendo o olhar para o homem que me encara com seu sorriso irônico tão característico. Seu olhar é puro aço e irritação. Balanço a cabeça, morrendo de vergonha de saber que este

cara fará parte da família em breve.

— Não me faça procurar isso no Google, Dean. Você sabe muito bem que sou capaz de fazer isso.

Estamos na festa do aniversário de trinta anos da Mandy, no *The Broken Oar* – um bar sossegado ao norte de Illinois, à beira do lago. É um lugar bacana para comemorar, apesar da companhia questionável.

Dean toma um gole de sua cerveja, os olhos azuis claros cintilando com malícia. E não no bom sentido.

— Você sempre foi do tipo nerd, Corabelle.

— Não me chame assim.

Ele dá uma piscadinha para mim, que agora o fuzilo com olhar. Dean é a única pessoa, além dos meus pais, que me chama pelo nome de batismo – Corabelle. Eu *odeio* meu nome. Todo mundo me chama de Cora. Dean sabe disso, é claro, mas ele sempre encontra um profundo contentamento em me atormentar.

Nossa troca de farpas é interrompida pela chegada da aniversariante, que no momento está elevando o termo “branquela bêbada como um gambá” à máxima potência. Mandy envolve a nós dois em um abraço apertado e constrangedor.

— Eu aaaaamoooo vocês… Vocês são meus melhores amigos. Vou me casar com meu melhor amigo — diz ela, de forma arrastada, pois, com certeza, entornou uma dúzia de doses de *Sex on the Beach*. Ela se vira para mim, repousando a cabeça no meu ombro. — E você, Cora. Você vai se casar com o *seu* grande amor, muito, muito em breve.

Consigo me afastar do abraço. O cheiro do perfume caríssimo de Mandy associado ao bafo de uísque está me dando ânsia de vômito.

— Nunca vou me casar, Mandy. Um divórcio não está na minha lista

de desejos. Talvez em outra vida.

Começo a me virar para sair dali, mas minha irmã me impede. Ela apunhala meu peito com a ponta da unha francesinha, o que me faz recuar um pouco para coçar a leve marca vermelha que ela deixou.

— Casamento é algo sagrado. Dean e eu nunca vamos nos divorciar.

É bem possível que não. Dean parece ser do tipo que se contentaria em ficar casado, enquanto se diverte com as periguetes ao longo do caminho. E Mandy é, com certeza, do tipo que faria vista grossa. Um conto de fadas que me deixa morrendo de ciúmes. Só que não.

— Será que vocês dois podem *tentar* se dar bem? Por favor? — Mandy implora, acenando com as mãos de forma teatral. Há um pingo de sinceridade em seu estado de embriaguez.

Suspiro, meu olhar se desviando para Dean, que está com um sorrisinho cretino no rosto. Batuco os dedos na lateral do meu copo, fingindo estar considerando as palavras de Mandy.

— Quero dizer, eu poderia… talvez, *quem sabe*, mas… como serei capaz de esquecer o incidente da ‘aranha nos meus tênis’? Como alguém consegue superar algo assim?

Dean dá uma risada depois de beber mais da cerveja, nitidamente orgulhoso de sua palhaçada.

— Aquilo foi o máximo. Nunca vou pedir desculpas por isso.

— Tá vendo? — Aponto meu copo para ele. — Ele não coopera. Eu tentei.

Mandy dá um tapa no peito de seu noivo.

— Dean, pare de agir como um babaca com a minha irmãzinha.

— O quê? Ela consegue segurar a onda.

Eu o encaro, e nossos olhares se mantêm conectados por um segundo a

mais.

— Bem, pelo menos nisso você está certo.

Então me afasto dali, ingerindo os últimos goles da bebida horrorosa, e me aproximo do balcão do bar. Bato com o copo vazio no tampo e me sento na banqueta, focada no bartender.

— Mais uma, por favor. Dose dupla.



Eu deveria ter aceitado a carona para casa.

Já passa de uma da manhã, e consegui encontrar o cara mais chato do bar para bater papo. Minha embriaguez está diminuindo, então agora estou apenas cansada e irritada, com meu cotovelo apoiado contra o balcão do bar, sustentando minha cabeça com a mão. Estou olhando para o idiota à esquerda enquanto ele fala sobre ser advogado, seu carro legal e algo sobre um teste para participar de um *reality show*. Honestamente, ele me perdeu antes mesmo de abrir a boca. Ele cheira como meu esfoliante de açúcar de maracujá, e isso é *realmente* perturbador.

Finjo um bocejo imenso, forçando a cabeça ainda mais contra a palma da mão.

— Isso é ótimo, Seth. Muito bom.

— É Sam.

— Foi o que eu disse. — Enfio os dedos por entre os longos fios dourados do meu cabelo, erguendo a cabeça ao dar um sorriso forçado. — De qualquer forma, é melhor eu ir. Está tarde.

Seth/Sam franze as sobrancelhas espessas, os lábios finos formando uma linha reta.

— Não é tão tarde. Vou te pagar mais uma bebida.

Não. Eu vou vomitar. Definitivamente, vou despejar todo o conteúdo do meu estômago em cima do seu colete ridículo.

— Não, obrigada — respondo, dispensando-o com um aceno rápido. — Já estou de saída.

— Você precisa de uma carona?

— Não.

Na verdade, talvez. Mandy e Dean me trouxeram até aqui, e não suportei a ideia de outra volta no carro com o próprio Satanás, então recusei a oferta de me levarem para casa.

Mas é para isso que serve o Uber.

Consigo me levantar da banqueta, oscilando em meus estúpidos saltos altos, e pego a bolsa do balcão.

— Até mais.

Seth/Sam resmunga algo à medida que passo a alça da bolsa no ombro e saio. Eu arruinei seus planos de se dar bem esta noite, e estou bem com isso. Não me importaria com uma noite de travessuras bêbadas e decisões questionáveis – Deus sabe que meu vibrador está cansado de mim –, mas Seth/Sam perdeu seu apelo atrativo mais rápido do que meu time perdeu a chance no *Superbowl* este ano, o que rolou rápido pra cacete.

Talvez eu seja muito exigente.

Mandy diz que sou muito exigente.

Ah, bem. Parece que meu vibrador está preso comigo.

A brisa fresca ataca meus pulmões quando caminho pela lateral do bar, meus saltos tilintando pela calçada. Puxo o cardigã ao redor do meu vestido azul-marinho, tentando minimizar o frio intenso, então enfio a mão na bolsa para pegar o celular. Nunca usei o Uber antes – talvez chamar um táxi fosse menos complicado. Os táxis ainda existem?

Continuo a vasculhar os compartimentos internos e localizo o telefone, mas então franzo o cenho ao perceber que a bolsa está muito mais leve do que o normal. *Hmmm*. Aciono a lanterna do celular e dou uma avaliada no interior, e sinto o estômago embrulhar na mesma hora.

Puta merda.

Minha carteira sumiu.

Aquele filho da puta lá dentro a furtou, porque sabia que eu não toparia a noitada?

Volto para o bar, com o coração retumbando como uma debandada selvagem sob as costelas. Meus cartões de crédito, carteira de motorista, mais de cem dólares em dinheiro. Fotografias, cartões de seguro, senhas que nunca vou lembrar.

Droga.

Dou um tapa no ombro de Seth/Sam, arfando de ódio. Eu nem espero que ele se vire.

— Você roubou minha carteira?

Ele se vira lentamente em sua cadeira com um olhar de desgosto.

— Como é que é?

— Minha carteira sumiu. Você é a única pessoa com quem eu estava conversando esta noite.

Seth/Sam bufa uma risada de escárnio.

— Exatamente. Você ficou de papo comigo a noite toda. Quando eu teria a chance de roubar sua carteira? — Ele balança a cabeça para mim, depois se vira e pega sua cerveja. — Vá dormir, vadia.

Ignoro o insulto, muito envolvida em meu dilema atual para esbofeteá-lo. O cara tem razão. Eu estava, literalmente, de frente para ele o tempo todo em que estive sentada no bar – embora, meio adormecida e babando na minha mão

–, mas eu teria notado se ele tivesse mexido na minha bolsa. Na verdade, a bolsa estava pendurada no balcão, um pouco atrás do meu ombro direito.

Isso significa que alguém *atrás* de mim a teria roubado.

Merda, merda, merda.

O bar está quase vazio neste momento. Questiono o bartender que apenas dá de ombros para mim. Com as bochechas infladas, solto um suspiro de frustração. Saio de novo do estabelecimento e me preparo mentalmente para implorar carona às pessoas, já que, de repente, estou sem dinheiro.

Começo por Mandy, já ciente de que ela dorme com o telefone no silencioso.

Correio de voz.

Tento minha melhor amiga, Lily.

Direto para o correio de voz.

De jeito nenhum vou ligar para os meus pais.

Examino a lista de contatos, tentando mais três pessoas.

Correio de voz, correio de voz, correio de voz.

Meu polegar paira sobre outro nome, e franzo o nariz, contraindo os lábios, temendo o mero pensamento. Caminhar onze quilômetros para casa com meus saltos altos parece mais prazeroso do que uma voltinha de carro de dez minutos com Dean Asher.

O vento se torna mais intenso, fazendo meu cabelo levantar voo. O frio quase me sufoca.

Clico em seu nome e imediatamente começo a praguejar contra a noite fria.

— Corabelle?

Não sei se estou mais irritada ou aliviada por ele ter atendido.

— Não me chame assim.

— Por que você está bêbada e me ligando no meio da noite? — A voz de Dean é rouca, mesclada ao sono. Eu provavelmente o acordei... *bom*. Um lado bom.

Estou prestes a explicar, mas ele interrompe:

— Deixe-me adivinhar, você tomou muitas doses de uísque e está ligando para confessar seu amor eterno. Sempre soube que tinha uma queda por mim.

Cerro os dentes, lamentando a decisão errônea monumental. Eu posso sentir seu sorriso daqui.

— Sabe de uma coisa? Esqueça. Vou a pé para casa.

Estou prestes a encerrar a ligação quando Dean interpela:

— Espera aí... você precisa de uma carona? Achei que ia chamar um Uber.

— Pois é, um idiota roubou minha carteira e agora não tenho dinheiro. Mas não importa. Prefiro andar. — Eu realmente quero desligar na cara dele.

— Não seja idiota. Sua irmã me mataria se eu deixasse você ir para casa sozinha e a pé.

— Sua empatia me surpreende.

Ele começa a rir.

— Sensível *e* bonito. Eu sou uma ameaça tripla.

— Você quer dizer uma dupla ameaça. Você só nomeou duas coisas.

— O quê?

Aperto a ponte do meu nariz, procurando por algum autocontrole. *Respire fundo*.

— Deixa pra lá. Apenas se apresse.

Clico no botão para encerrar a chamada como se fosse meu alarme tocando em uma manhã de domingo. Estes são os momentos em que eu gostaria

de ser fumante. Debato a respeito de voltar para dentro, mas não tenho dinheiro para bebidas, e realmente não quero ser sugada para outra conversa fascinante com Seth/Sam, então me recosto à parede de tijolos do prédio.

Apenas alguns minutos se passam antes que um idiota se aproxime pedindo por um isqueiro. Olho em sua direção e rapidamente me afasto. Ele é um homem careca e barrigudo que fede a cenoura cozida. A muito custo evito fazer ânsia de vômito.

— Eu não fumo. Desculpe. — Continuo a me distanciar dele, mas posso sentir o homem me secando com os olhos a alguns metros de distância. Eca.

— Deixa eu te pagar uma bebida, gatinha.

Cruzo os braços quando o flagro olhando para o meu decote.

— Não, obrigada. Estou apenas esperando minha carona.

— Posso te dar uma carona — ele zomba, sua insinuação grosseira e nada sutil.

Quase me engasgo com nojo.

— Mais uma vez, eu passo. Tenha uma boa-noite.

Nunca pensei que desejaria que Dean se apressasse e chegasse logo aqui. Mesmo aquele idiota é mais tolerável do que o John Wayne Gacy[1] aqui, quase perfurando minha roupa com sua visão Raio-X.

O homem continua tagarelando, fazendo meu estômago revirar.

— Você é uma coisinha bonita, sabia?

Eca, eca e mais eca. O babaca está rastejando em minha bolha pessoal, e antes que eu decida voltar para dentro do bar, o Camaro preto de Dean entra no estacionamento com seu motor barulhento e pneus turbinados. Ele para na minha frente e sai do carro, jogando as chaves no ar e pegando-as com a mão oposta. Ele olha para mim, esperando que eu faça ‘Ooh e Ahh’ ou algo assim.

Porém não estou nem um pouco impressionada.

Meus braços ainda estão cruzados defensivamente quando ele se aproxima, seu olhar se intercalando entre mim e Gacy. Minha linguagem corporal grita *eu te odeio*, mas meus olhos estão meio que implorando para ele me tirar daqui.

— Ei — murmuro.

Dean franze o cenho para o homem ao meu lado, então quando olho à direita, percebo que o idiota *ainda está* focado nos meus seios com um sorriso lascivo no rosto. Os olhos de Dean se estreitam, então se voltam para mim.

— Está pronta? Porque estou cansado pra caralho, e...

— Ela é sua namorada? — Gacy interrompe, e nós viramos nossas cabeças em direção a ele ao mesmo tempo.

Dean é rápido em responder. Tipo, muito rápido.

— De jeito nenhum.

Jesus. Como se eu tivesse lepra ou sífilis ou peste bubônica. Olho para ele, insultada.

— Caramba, valeu.

— O quê?

— Nada, não. Vamos embora.

Vou até o lado passageiro, sentindo Dean bem na minha cola.

Gacy se despede de uma forma que faz com que um arrepio percorra minha pele.

— Vocês dois aproveitem sua noite.

Entro no carro e bato a porta, trancando-a instantaneamente. Dean segue o exemplo, olhando por cima de mim e pela janela para o fedorento homem-cenoura.

Seus olhos ainda estão entrecerrados e pensativos.

— Esse verme tocou em você?

Dou uma olhada de relance em Dean, irritada por ele ser tão atraente. Ele passa a mão pelo queixo erguido, coçando a sombra da barba por fazer, e sinto o cheiro de sua colônia amadeirada e um traço de couro. Mordo o lábio inferior, recostando-me no assento.

— Não. Como se você se importasse — murmuro, virando-me para olhar para frente.

— Eu me importo, Corabelle. Você é madrinha da nossa festa de casamento; não pode ser fatiada em pedacinhos e escondida sob as tábuas do piso daquele cara antes do grande dia.

Viro a cabeça em sua direção, deparando com o sorriso zombeteiro naquele rosto estúpido e bonito dele.

— Te odeio.

— Você sabe que estou apenas brincando com você. — Ele pisca.

— Ainda assim, eu te odeio.

Os olhos de Dean vagueiam sobre mim, me avaliando de alguma forma, enquanto ele gira a chave na ignição, fazendo o motor ronronar.

— Você sabe que acaba dando sopa para caras assustadores quando se veste assim — ele diz, despreocupadamente, uma mão apoiada sobre o volante enquanto coloca o carro em movimento.

Dou uma risada de deboche diante da audácia de sua afirmação.

— Culpando a vítima — ironizo. — Você realmente é um bom partido. Minha irmã tem tanta sorte. — Pisco, agitando meus longos cílios dramaticamente.

— Não foi isso que quis dizer — ele rebate. — Só estou dizendo que... com essa sua aparência, os caras acabam te notando.

— Aparência de quê? Você está dizendo que pareço uma vadia?

— Estou dizendo que você parece atraente.

Dean faz o estranho elogio com tanta indiferença que quase esqueço que é dele que estou recebendo. Mexo com a bainha do meu vestido e cruzo as pernas, sem saber o que responder, mas então me lembro de que ele ainda estava culpando a vítima, e que ainda é um idiota.

— Sim, bem, e você parece um... cabeçudo. — *O quê?*

Uma risada profunda se mistura ao rugido do motor, e eu me recosto ainda mais ao assento.

— Isso é o melhor que você tem? O álcool deve estar te amaciando. Suas respostas engraçadinhas estão horríveis.

— Cala a boca.

Dean coça a mandíbula novamente, olhando para mim a cada poucos segundos.

— Ah, e de nada pela carona, a propósito. E por salvar sua vida lá atrás.

Dou uma risada de escárnio novamente. Sai mais como um bufo.

— Tudo o que você fez foi parar em seu carro de machão, parecendo um playboy, e insinuar que me acha desprezível. — Sorrio docemente para ele, colocando as mãos sobre o coração. — Meu herói.

Ele funga.

— Aquele cara estava a um olhar coquete de roubar sua calcinha como um troféu. Eu, definitivamente, salvei sua vida.

— *Coquete*?

Dean dá de ombros, seu olhar se alternando entre mim e a estrada.

— Sim, e daí? Peguei no Manual de Cora Lawson. Você é basicamente um dicionário ambulante.

— Eu não estava dando a esse cara nenhum olhar ‘coquete’ —

argumento, ignorando o insulto. — Estava tentando não me engasgar com meu próprio vômito. — Então levanto uma sobrancelha e pigarreio, acrescentando: — Você deve estar bem familiarizado com esse olhar.

Ele tenta esconder o sorriso, mas eu percebo.

— Não é à toa que sempre pensei que você tinha uma queda por mim.

Rá, rá. Balanço a cabeça, disfarçando meu sorriso dessa vez.

Dean se mexe em seu assento, pegando o maço de cigarro no console central.

— Sabe, eu estava pensando que poderíamos acabar com essas briguinhas que temos. Uma trégua ou algo assim.

— Briguinhas? Você quer dizer o ódio intenso que sinto por você nos últimos quinze anos?

— Sim, isso.

Eu olho para ele.

— Não.

— Por que não? — ele questiona, a voz abafada pelo cigarro na boca enquanto acende a ponta. As brasas laranjas se tornam um intenso tom carmesim. Ele me dá uma olhada de esguelha quando não respondo imediatamente. — Por Mandy. Ela quer que sejamos amigos.

— A menos que você planeje fazer um transplante de personalidade, posso assegurar que o inferno vai congelar antes que eu o considere meu amigo. — Dramático, mas verdadeiro.

— Merda, Cora, não sou tão *ruim assim*.

Sua declaração me obriga a me se sentar mais ereta, o pescoço agora inclinado em indignação. Ele está falando sério? Eu bufo minha discordância.

— Você me chamou de ‘Cora Chata’ durante todo o ensino médio porque prefiro estudar a festejar todas as noites. Você me arranjou um encontro

às cegas com Steve Fedidão e filmou minha reação, depois postou no MySpace. Você reencenou *O Chamado* na noite em que o assisti pela primeira vez e me deu um susto tão sinistro que desmaiei. Mandy pensou que eu tinha morrido e teve um ataque de pânico. Eu ainda me recuso a ter uma TV no meu quarto.

— Coisas do ensino médio. Isso foi anos atrás — Dean dispara, por entre o riso.

— Você substituiu meu pote de açúcar por sal quando veio buscar Mandy, então tomei um café bem interessante para começar minha manhã. *Ontem*.

— Bem... — Dean coça seu cabelo castanho desgrenhado, dividido entre o embaraço e a diversão. — Você sempre revida as brincadeiras, Corabelle.

— Você me chama de *Corabelle*, mesmo sabendo que odeio isso. — Eu poderia continuar. Eu poderia dizer um milhão de coisas. Estou tentada em fazer isso, mas só está me deixando mais pau da vida, e não tenho energia para brigar. — Nunca seremos amigos.

Estou olhando para frente novamente, mas posso ver Dean olhando para mim com o canto do olho. Posso jurar que há uma pitada de suavidade lá. Uma pequena bandeira branca, balançando ao vento.

— Esse é o seu nome.

— Meu nome é Cora. Corabelle é a abominação que meus pais me deram porque já haviam dado o nome bonito e normal à sua filha favorita.

Okay. Então, estou levando isso para um lado muito pessoal. Eu preciso parar.

— Olha... — Dean está prestes a responder, mas nós dois somos distraídos quando luzes piscantes cintilam atrás de nós, nos cegando com seus flashes incessantes. Ele diminui a velocidade, o aborrecimento marcando suas feições enquanto olha pelo espelho retrovisor.

— Droga, Dean, o que você fez? Eu só quero chegar em casa.

— Eu não fiz merda nenhuma. Estava indo no limite de velocidade. Minha licença está regular. — Ele pega o acostamento de cascalho, batendo no volante com o punho. — Isso é uma palhaçada.

O carro para completamente e eu me recosto no banco de couro com um suspiro de exasperação.

— Provavelmente há um mandado de prisão contra você. Talvez você tenha matado alguém. Não vou ser acusada de assassinato. E não sou sua cúmplice.

— Você acha que eu seria capaz de matar alguém?

Bem, não.

— Provavelmente. Mas você é muito burro para fazer isso direito, então agora você foi pego e está me levando para a sarjeta com você. Isso é ótimo.

— Jesus. — Dean balança a cabeça de um lado ao outro, esfregando as palmas das mãos sobre o rosto. — Não é à toa que você ainda está solteira.

Ai.... Deixo a alfinetada me cutucar, cravando os dentes em cada ponto vulnerável do meu emocional. Ele conhece meu elo mais fraco. Acho que gosta de brincar com minhas inseguranças e dar-lhes vida.

— Vá à merda. — Não há provocações ou brincadeiras divertidas, apenas animosidade.

Dean olha para mim.

Eu olho de volta.

E então o som de vidro estilhaçando contra a lateral do meu rosto ecoa em meu ouvido, e dou um grito. Duas mãos enormes envolvem meu pescoço através da janela quebrada do lado do passageiro, e não faço a menor ideia do que está acontecendo, mas continuo gritando por instinto, esperneando para

evitar que ele me puxe para fora do carro enquanto minhas próprias mãos agarram seus braços.

— Cora!

Dean se joga sobre mim, socando o cara e tentando liberar o agarre firme do bastardo. Estendo a mão e agarro a jaqueta de couro de Dean, desesperada para não ser retirada à força do carro. Grito, apavorada, arfando e sufocada.

— Dirija!

Dean ainda está tentando afastar as mãos do cara do meu pescoço.

— Não consigo te puxar!

— Apenas dirija!

Minha visão fica embaçada quando os dedos em volta da garganta apertam ainda mais, mas então uma mão me libera e há um momento de esperança – talvez Dean o tenha machucado, assustado, sei lá –, porém, segundos depois, avisto a mão segurando um metal brilhante. Acho que é uma arma, meu *Deus,* acho que é uma arma.

Mais gritos.

Eles são meus, tenho certeza.

E então a coronha da arma colide contra a cabeça de Dean com um baque surdo e doentio.

— Não! — grito, suplicando. Dean desaba no meu colo como uma boneca de pano, e me sinto sendo levantada do assento e puxada pela janela enquanto cacos de vidro rasgam meu vestido e minha pele. — Me solta!

Uma palma grossa com cheiro de gasolina comprime minha boca, abafando meus gritos, e quando olho para cima, meus olhos se arregalam.

É ele.

O cara parecido ao John Wayne Gacy, do lado de fora do bar.

Não.

Meus soluços abafados escapam pelas frestas de seus dedos, e continuo me debatendo enquanto ele me arrasta pelo cascalho. Estou esperneando com tudo o que tenho, cravando as unhas em seus braços gordos até sangrarem.

Então abro a boca o máximo que posso e mordo.

Com toda a força.

O homem rosna de dor, o sangue agora escorrendo de seu ferimento no dedo, e eu tento fazer alguma coisa. Consigo me soltar por um momento, por apenas um momento, antes que algo atinja a parte de trás da minha cabeça...

… e tudo escurece.

---

[1] John Wayne Gacy foi um assassino em série e estuprador americano, conhecido como o Palhaço Assassino. Acusado de torturar, estuprar e matar ao menos 33 adolescentes entre 1972 e 1978 no condado de Cook, no estado de Illinois.

Capítulo Dois

PING. PING. PING.

Estou sonhando.

Estou sonhando com o oceano.

Fomos para a Disneylândia quando eu tinha oito anos – eu, Mandy, mamãe e papai. Eu estava tão animada. Queria colocar meus pés no mar salgado desde que me lembro. Alugamos um carro e fizemos a viagem até o Oceano Pacífico uma tarde, e ainda me lembro de como meu coração batia dentro do peito, em total abandono, assim que vi o oceano pela primeira vez. Imaginei Ariel e suas irmãs nadando abaixo da superfície.

Era mágico. Belo.

E então empaquei. Grudei a bunda na areia e observei de longe enquanto minha irmã e meus pais chapinhavam a água e davam risadas, criando lembranças que eu queria desesperadamente compartilhar.

Mas eu não conseguia me mexer. Estava paralisada na praia, cercada por castelos de areia e rostos desconhecidos. A água parecia tão escura e

ameaçadora quando cheguei perto. A vastidão do oceano me assustou, e eu estava com medo de ser arrastada para longe dali.

E então chegou a hora de ir embora.

— Tem certeza de que não quer molhar os pés? Você estava tão animada — mamãe disse, recolhendo brinquedos de areia e toalhas de praia coloridas.

Engoli em seco, meus olhos avaliando cuidadosamente as ondas arrebentando na areia.

Pode ser... Talvez eu possa fazer isso.

Eu me levantei, os dedos cavando na areia encharcada. Então me movi em direção ao mar revolto com passos tímidos e trêmulos. Parei perto da costa, olhando para as nuvens cinzentas acima.

— Vamos, Cora! — meu pai gritou de longe. — Está prestes a chover.

Espere, espere, não… Estou quase lá. Só preciso de mais um minuto.

Respirei fundo e cheia de coragem, e continuei a caminhada lenta para a frente. Foi quando a chuva começou. Observei as gotas atingirem o oceano, água se misturando com água. Meu sonho sendo lavado diante dos meus olhos.

Ping. Ping. Ping.

A chuva começou a cair com fúria. Tentei fugir, mas uma mão forte envolveu meu braço, me puxando para trás.

— Hora de ir, Corabelle. Há uma forte tempestade chegando.

Engoli em seco, com os olhos marejados quando meu pai me puxou para longe. Nunca cheguei a sentir a água espirrando em meus tornozelos. Nunca senti as algas fazendo cócegas nos meus dedos dos pés. Meu pai prometeu que voltaríamos no dia seguinte, mas nunca voltamos.

Até hoje não voltei.

Ping. Ping. Ping.

Meus olhos se abrem, as gotas constantes me afastando de um sonho que pode me assombrar para sempre. Mas não é chuva que ouço. E não estou deitada na minha cama quentinha, me preparando para um novo dia, para dar aulas de inglês em uma turma do ensino médio. Estou em outro lugar. Estou em um lugar frio, escuro e assustador. Há uma dor aguda latejando na parte de trás do meu crânio, e tento levar as pontas dos dedos até o local. Só então percebo que meus pulsos estão acorrentados às costas, algemados e amarrados como um animal.

Meu Deus.

Meus olhos se abrem, arregalados e alertas. Petrificados. Chacoalho as correntes que estão presas às algemas, tentando me orientar, tentando me lembrar de como diabos cheguei aqui. Está escuro, mas não muito. Meus olhos ainda não se ajustaram ao ambiente. Pisco rapidamente, examinando o cômodo em que estou presa. Percebo que estou em algum tipo de câmara ou cela. Talvez um porão. Forço os olhos, notando uma pequena e estreita janela à frente, com um leve feixe de luz. O nascer do sol está espiando meu novo pesadelo, confirmando que estou, de fato, acordada.

É quando ouço. Um gemido profundo e gutural.

Viro o pescoço dolorido e descubro que Dean Asher está acorrentado ao canto oposto da sala, sentado na mesma posição, a cabeça pendendo para frente e para trás enquanto volta à realidade.

Não sei se há um senso de ironia dramática no fato de estar em cativeiro com a única pessoa no mundo que mais odeio, ou se há uma sensação de alívio diante da percepção de que não estou sozinha nisso.

— Dean. — Minha voz está rouca e débil, apenas um sussurro rompendo o silêncio inebriante que nos envolve. Vejo quando ele levanta a cabeça, recostando-a contra o encanamento de aço, provocando outro gemido.

— Dean — repito, desta vez um pouco mais alto.

— Onde diabos estou? — resmunga, mas é mais uma afirmação do que uma pergunta. Em tom exigente. Posso ver seus olhos se estreitarem para mim através da escuridão nebulosa, questionando minha existência, questionando se sua mente está pregando peças nele, questionando *tudo*. — Cora?

— Dean...

Seu nome guincha através dos meus lábios ressecados. Sinto a ardência das lágrimas conforme o medo se avoluma em minhas entranhas. Sinto-me nauseada. Oca. Começo a puxar as amarras, puxando e me contorcendo, sacudindo as algemas contra um cano de aço.

Dean faz o mesmo, gritando por ajuda e chacoalhando as algemas, enquanto grito a plenos pulmões.

— Que porra é essa? Onde estamos? — Dean está sem fôlego, suas perguntas saindo com desespero frenético. — Você está machucada?

Acho que deveria me surpreender ao ver que uma de suas preocupações é com meu bem-estar, mas estou muito aterrorizada e angustiada para ponderar sobre isso. Engulo em seco.

— Só a cabeça... — É tudo o que consigo dizer antes que mais lágrimas escorram. A garganta está embargada demais para dizer qualquer outra coisa.

— Sim, a minha também.

Eu tento me recompor, arfando por entre os dentes cerrados. Sinto um ataque de pânico se alastrando, mas não posso deixá-lo tomar conta. Entrarei em pânico quando a esperança for perdida – quando tudo mais falhar, a morte for iminente e todas as opções tiverem se esgotado.

Neste momento, preciso manter o foco. O equilíbrio.

Eu preciso nos tirar daqui.

Observo Dean se levantar, as mãos algemadas às costas em seu próprio encanamento. Metal range contra metal à medida em que se levanta, então sacode as algemas contra o aço com toda a sua força, uma e outra vez.

— Socorro! Alguém ajude! Tire-nos daqui! — berra, sua voz ecoando pelo porão úmido, misturando-se com as correntes tilintantes.

Inclino a cabeça para o lado, recostando-a contra a parede.

— O que você acha que ele quer conosco?

Dean continua a causar um tumulto, alto e estridente.

— Não sei. Não quero saber. — *Ding, ding, ding. Clank, clank, clank.* — Vou te matar, filho da puta! — ele grita.

— Ele sabe que você não pode matá-lo. Você está acorrentado a um cano.

Dean cessa seus esforços para me encarar do outro lado do porão.

— E daí? Tenho que desistir e apodrecer aqui? Sem chance. — *Clank, clank, clank.* — *Socorro!*

— Você acha que ele quer você ou a mim?

Posso ouvir a respiração arfante de Dean bufando a alguns metros de distância. Ele hesita antes de responder, um zumbido baixo roçando seus lábios:

— Você.

Deus...

Fecho os olhos, sentindo uma nova onda de lágrimas. Algumas gotas escorrem, deslizando pelas bochechas doloridas e parando na borda do queixo. Eu as seco com meu ombro.

— Acho que você é o sortudo, então.

— *Sortudo*? Estou acorrentado à porra de uma parede no porão de um psicopata. Pelo menos você vale alguma coisa. Eu sou um homem morto.

— Prefiro morrer a ter qualquer *valor* para aquele doente. Você sabe o que isso significa, certo? — Recosto os joelhos ao peito, a bile subindo pela garganta diante do mero pensamento. — Ele vai me estuprar.

Um silêncio se instala entre nós, porque, honestamente, o que há para dizer?

Nada. Absolutamente nada.

Nós dois sabemos o que está reservado para mim e não há nada que nenhum de nós possa fazer sobre isso. Por que ele sequestrou Dean, não tenho certeza – talvez porque ele viu o rosto do idiota?

Uma raiva amarga vem à tona, mas a expulso da única maneira que sei fazer.

— Não acredito que vou morrer aqui embaixo com você de todas as pessoas. Os poderes supremos devem realmente me odiar.

— Você está falando sério? — Dean é rápido em rebater. — Provavelmente seremos estripados e sodomizados, e você está guardando rancor do ensino médio? Pelo amor de Deus, Cora.

Tento me equilibrar em meus saltos sem conseguir me apoiar direito nos tornozelos bambos, e consigo me levantar, deslizando as correntes pelo cano. Meus joelhos estão tremendo, e quase caio de volta aos escombros.

— Por que você não saiu em disparada com o carro? Eu disse para você dirigir. — O sol nascente continua a derramar mais luz em nosso inferno, iluminando o olhar indignado no rosto de Dean. Eu desvio o olhar, com a mandíbula cerrada.

— Você está dizendo que isso é culpa minha? Eu estava tentando te salvar.

— Se você tivesse pisado no acelerador, ele teria me largado, e estaríamos seguros e aquecidos em nossas próprias camas agora. — Meu

ressentimento está fluindo em ondas, e talvez Dean não mereça isso, mas é mais fácil assim. É mais fácil do que aceitar a realidade da nossa situação.

Posso vê-lo balançando a cabeça para mim, claramente insultado.

— Você realmente não bate bem da cabeça, Corabelle.

Espero que ele continue. Quero que ele diga mais, que morda a isca e canalize seus próprios medos e frustrações em uma raiva mesquinha, jogando tudo isso de volta em mim. *Pode vir com tudo, Dean.*

Mas é isso. Aquela frase é tudo o que ele diz, e eu me sinto vazia novamente.

Deslizo de volta pelo cano, e me sento no chão imundo, incapaz de sustentar o peso do meu corpo, o peso de *tudo isso*, por mais tempo. Dean se senta alguns segundos depois, as pernas estendidas à frente, e se recosta ao poste, com os olhos fechados. Minhas próprias pálpebras estão secas e como se tivessem areia dentro, quase ácidas – como cascas de limão. Chega a doer ao piscar.

O silêncio impera por um longo tempo. O sol está alto, infiltrando seus raios alegres e radiantes em nossa masmorra, trazendo à luz a angustiante verdade de nossa situação. Quase desejo a escuridão. A maioria das coisas pode ser mascarada no escuro.

Meu queixo está recostado ao peito quando uma porta se abre e passadas volumosas ressoam nos degraus, um de cada vez.

Tunk. Tunk. Tunk.

Levanto a cabeça e olho de relance para Dean, que está me encarando com uma expressão inquieta semelhante. Nossos olhos se mantêm conectados firmemente enquanto nos levantamos mais uma vez.

— Meus bichinhos estão acordados — declara o homem ao aparecer na base da escada. Sua barriga protuberante está saindo da bainha muito curta da

camiseta com manchas de suor nas axilas.

Vômito sobe pelo meu esôfago, e tudo o que mais quero é me encolher.

— O que diabos você quer? — Dean exige saber, batendo as algemas contra o poste. — Eu tenho dinheiro. Posso transferir tudo da minha conta.

O homem baixo e atarracado dá uma risada debochada, depois tosse até se curvar e ofegar. Quando recupera o fôlego, ele endireita a postura e se aproxima de nós. Seus olhos redondos mal poupam um olhar a Dean, antes de se concentrarem em mim.

Aquele mesmo olhar lascivo da noite anterior está estampado em seu rosto quando ele me varre da cabeça aos pés. Seu olhar se fixa no meu decote, e tento mover os ombros para me cobrir de alguma forma, mas meus esforços são infrutíferos. O movimento só faz com que meus seios balancem, e isso parece o estar excitando ainda mais. Eu recuo lentamente, como se tivesse um lugar para ir, um lugar para me esconder.

— Vamos nos divertir muito juntos, gatinha — diz ele, franzindo os lábios como um beijo e fazendo um ronronado revoltante.

Sinto minha determinação desmoronar. Meu coração está acelerado, quase saindo pela boca, e sou obrigada a me acalmar. *Não há para onde fugir.*

Dean começa a chacoalhar suas correntes novamente, tentando distrair o porco nojento que está me despindo com seus olhos cinza desalmados.

— Isso é burrice, cara. Nós dois temos famílias, empregos. Amigos. Eles vão começar a nos procurar, você nunca vai se safar dessa.

Mais risadas estridentes irrompem do homem, mas ele nem sequer olha na direção de Dean. Ele ainda está encarando meus seios, a língua se projetando para umedecer os lábios finos.

— Tessie Evans e seu meio-irmão palhaço disseram a mesma merda

idiota para mim — comenta, andando de um lado ao outro. Chegando perto. — A carne deles virou adubo no meu celeiro. Seus ossos são ótimos brinquedos para os meus cães mastigarem.

Solto um grito.

Eu grito, uma e outra vez, cega pelas lágrimas, tremendo de terror.

— Por favor, não faça isso. Eu não quero morrer — murmuro, esperneando à medida que o homem se aproxima de mim. — Não, não, não. Por favor.

— Porra! — Dean grita do outro lado do porão, enlouquecido ao chacoalhar suas correntes, como se isso fosse ajudar de alguma forma. Como se isso nos tirasse desta bagunça.

— Guarde suas forças para lutar depois, garotão — o homem grita para Dean, ainda focado em mim.

Posso sentir seu hálito fétido roçando meu rosto. Ele fede a cenoura cozida e gasolina, tudo misturado ao odor corporal rançoso. Fecho os olhos com força, meus ombros se agitando no ritmo dos meus soluços. Ele se inclina, mais e mais...

— Me dê algumas horas, gatinha, e vou te mostrar o que é diversão — ele murmura com uma piscadela, o nariz quase roçando o meu. — Tenho que dar sumiço num carro primeiro.

Ah, meu Deus...

Ele recua um passo, olhando entre mim e Dean, então se vira e desaparece escada acima, assoviando uma melodia.

Desabo no chão com força, chorando e tremendo.

Não tenho dúvidas de que ele vai nos matar. Ele vai se divertir primeiro, e depois cortará nossas gargantas e dará nossos corpos aos cachorros dele.

— Cacete. Porra. Meu Deus do céu.

Dean está praguejando ao meu lado, andando os poucos passos que lhe são permitidos, então começa a puxar o cano para a frente, esperando de alguma forma se libertar. Ele puxa e se estica, rosnando com raiva, e estou realmente preocupada que ele acabe arrancando as próprias mãos.

— Não adianta — digo, baixinho, com a cabeça apoiada no poste de metal que me prende a esse pesadelo. Esta prisão. — Estamos presos.

— Não vou desistir.

Eu o observo com os olhos embaçados, enquanto ele continua seus esforços improdutivos, gemendo e xingando o tempo todo.

— Você vai se machucar.

Puxão. Torção. Grito. Palavrão.

— Tenho certeza de que o pensamento por si só já te deixa devastada — ele resmunga, com ironia.

Fecho os olhos e mais lágrimas escorrem, então dou um suspiro trêmulo.

— Você acha que alguém já está nos procurando? — reflito, em voz alta, sem esperar uma resposta: não há como saber.

Pouco depois, ele cessa suas tentativas de fuga, um brilho de suor refletindo em seu rosto sob a luz da manhã. Ele olha para mim, e nossos olhos ficam conectados por alguns segundos, a verdade nua e crua de nossa situação nos embrulhando o estômago.

Procurando por nós.

Seremos alvo de grupos de busca e rastreadores caninos, e reportagens e documentários macabros sobre crimes hediondos no *Discovery Channel*.

Eu e Dean Asher.

Ele inspira e estremece, inclinando o ombro contra o poste.

— Sabe, eu costumava brincar dizendo que provavelmente acabaríamos nos matando um dia — murmura, chutando uma pedrinha perto do tênis. — Acho que sempre tive a sensação de que iríamos morrer juntos.

Sei que ele está tentando fazer pouco caso do nosso suplício, mas suas palavras são como um soco na boca do estômago. Elas me deixam sem fôlego, até que não consigo mais respirar. *Eu não consigo respirar.*

Sento-me no chão frio e duro, chorando baixinho até meus canais lacrimais secarem; estou exausta, muito fraca, até mesmo para me mexer.

Dean começa a cantar.

Sempre soube que ele cantava bem por causa das noites de karaokê em família que acontecem na casa dos meus pais pela última década. Eu me sentava no sofá, com os braços cruzados e o olhar petrificado, irritada com o som de sua voz profunda e grave. Mandy faltava derreter como geleia. Meus pais olhavam para ele com suas feições orgulhosas e radiantes. Até a maldita cadela assistia tudo com adoração, abanando o rabo com cada nota perfeitamente afinada. Então todos aplaudiam, exceto eu, e Dean fazia uma reverência, ocasionalmente lançando uma piscadela zombeteira na minha direção.

Eu dava língua ou mostrava o dedo médio, transbordando meu desdém. Mandy me cutucava nas costelas com o cotovelo e, às vezes, minha mãe me repreendia por ser grossa.

Rá! Grossa.

Embrulhar meu carro inteiro em plástico antes de uma entrevista de emprego que mudaria minha vida foi uma grosseria.

Tento ignorar o som de sua voz e fecho os olhos, mas acho as melodias roucas estranhamente calmantes. Ele está cantando uma das minhas músicas favoritas *‘Hey, Jude’*, dos Beatles.

E, de alguma forma, apesar do medo e da incerteza, apesar do cascalho

esfolando minhas coxas e o terror cavando meu coração, consigo adormecer.

Capítulo Três

— Pode acordar...

Acordo, de repente, pensando que por um momento delicioso, tudo não passou de um sonho.

Um sonho doentio e horrível.

Mas o homem está pairando sobre mim com um hálito que agora fede a tabaco e meias sujas, e seus lábios estão curvados em um sorriso grotesco.

Estou, definitivamente, em um pesadelo, mas não é um pesadelo do qual vou acordar tão cedo – e está apenas começando.

Deslizo de volta no cimento frio, as solas dos meus saltos arranhando o chão. Tento rodear o poste, como se ele não fosse capaz de me alcançar de alguma forma, mas ele puxa meu cabelo e me levanta. Eu grito em protesto, sentindo a dor dilacerante no meu couro cabeludo.

— Afaste-se dela! — Dean grita do canto oposto.

Eu me aproveito da distração temporária para dar uma joelhada nas bolas do filho da puta. Se vou cair na merda, vou cair com estilo. O homem uiva

de dor e solta meu cabelo, então estapeia meu rosto com o dorso da mão. A dor irradia por toda a cabeça, e a impressão que tenho é de que meu cérebro pode começar a escorrer pelos ouvidos.

— Putinha idiota — o homem resmunga, depois cospe na minha cara.

Sua saliva escorre pelo meu rosto, o que quase me faz vomitar.

— Você é uma gatinha mal-humorada, não é? — ele continua, segurando meu queixo entre os dedos e me forçando a encará-lo.

Retribuo seu gesto e cuspo na sua cara, bem no meio dos olhos. Então me preparo para a punição inevitável a seguir.

O homem congela por uns cinco segundos, completamente pego de surpresa pela minha atitude. Ele limpa o cuspe, olhando para mim, boquiaberto, com uma expressão ilegível.

E então começa a rir.

Seu corpo chega a se curvar por conta das risadas, as mãos rechonchudas apoiadas nos joelhos. Lanço um olhar a Dean, que observa a cena com interesse cauteloso, o cenho franzido enquanto ainda chacoalha as algemas.

— A gatinha gosta de brincar.

O homem avança sobre mim, rasgando meu vestido bem no meio.

Deus, não.

— Você estava esperando para brincar com Earl, não é? — ele zomba, as mãos nojentas espalmando meus seios agora desnudos, cobertos apenas pelo sutiã de renda turquesa.

Earl. O nome do bastardo é Earl.

Com a cabeça inclinada para o lado, meu olhar se depara com o de Dean. Ele está assistindo, horrorizado, impotente, enquanto Earl me acaricia como se eu fosse a porra de um projeto de ciências.

Earl vai me estuprar. Estou prestes a ser violentada, aqui e agora, com

Dean Asher como meu público. A náusea se avoluma dentro de mim, e engulo a bile de volta, com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Por favor, não faça isso — choramingo, tentando agitar as pernas para chutá-lo para longe.

Earl força seu corpo enorme e obeso contra mim, me imprensando ao poste para que eu não me mova; suas mãos beliscam meus mamilos através da renda.

— Que gatinha linda... — ele murmura, praticamente babando em todo meu decote.

Dean começa a se agitar novamente, batendo suas correntes contra o cano com imensa força.

— Juro por Deus que vou te matar se você tocar nela. Darei um jeito de sair dessa merda e vou acabar com sua raça.

Earl ri, mas não olha para cima. Ele está muito focado em meus seios, enquanto se inclina e enfia a língua áspera e nojenta entre eles.

Dou um grito, me contorcendo para frente e para trás, acertando meus saltos agulha contra suas botas, mesmo ciente de que não fazem qualquer dano. Nada vai impedir que isso aconteça.

Nunca me senti tão impotente.

As mãos de Earl deslizam por baixo da barra do meu vestido de festa rasgado, se arrastando pelas minhas coxas. Tento fechar as pernas com força, resistindo a todo custo.

— Aposto que minha linda gatinha tem uma linda boceta — ele sussurra em meu ouvido, sua respiração gelando meu estômago.

Sacudo as correntes, bato os pés, me debatendo, gritando a plenos pulmões.

— *Por favor* — imploro. — Não vamos contar a ninguém, eu juro.

Apenas solta a gente...

Meu Deus, devo estar parecendo uma integrante de algum programa de TV sobre crimes terrivelmente roteirizado. Sempre pensei que seria algo mais criativo se me encontrasse em perigo. Mais convincente.

Mas não há argumentos com este homem. Não há nenhum vínculo que possa formar com ele, nenhuma conexão cuidadosamente estabelecida onde eu possa fingir. Meus instintos dizem que ele está além da razão. Ele não tem consciência – nenhuma alma. Nenhum traço de simpatia que eu possa tentar manipular.

Earl puxa a calcinha pelos meus quadris até ela cair nos meus tornozelos. Meu corpo inteiro tensiona, fazendo todo o possível para resistir ao ato vil que está prestes a ocorrer.

Dean ainda está protestando ao meu lado, gritando e berrando todo tipo de obscenidades e ameaças inúteis. Cada uma de suas palavras cai em ouvidos surdos. Earl não presta atenção alguma nele.

Meu olhar se concentra em Dean, enquanto todo o resto começa a desaparecer. Ergo uma parede, como um mecanismo de defesa – um bloqueio mental. Fico totalmente alheia, encarando Dean, que tenta nos alcançar à medida que Earl me agride da pior maneira possível.

— Olhe para mim, Cora. Mantenha os olhos em mim. Ouça minha voz — Dean ordena, fazendo tudo o que pode para manter minha atenção. Para me distrair do fato de que estou sendo profanada bem diante de seus olhos. — Vamos sair daqui, está me ouvindo? Vou tirar a gente daqui. Apenas se concentre em mim. Eu sou a única coisa que é real agora. Somos só você e eu, Cora. Foco, okay? Olhe para mim... concentre-se na minha voz...

A voz de Dean começa a desvanecer, minha mente desligando e virando neblina. Mantenho o olhar focado a ele, em seus movimentos agitados e

curtos. Sua boca ainda está se movendo, mas não consigo mais distinguir as palavras – tudo está escuro. Confuso. Acho que estou debaixo d'água, afundando, me afogando, desaparecendo...

Acho que o oceano finalmente me encontrou.

Acho que gosto daqui.



Ping. Ping. Ping.

Escuto os pingos constantes de um cano com vazamento, ainda deitada no chão duro. Minha cabeça está apoiada contra a parede de pedra à esquerda, minhas pernas abertas adiante.

Dezessete minutos e vinte e dois segundos.

É o tempo que se passou desde que fui estuprada. Usada e jogada no chão como um pedaço de lixo. Tenho contado os segundos ritmados ao som das gotas caindo.

— Cora.

A voz de Dean se entrelaça com as gotas constantes, e pisco devagar, meu olhar fixo em absolutamente nada.

— Cora.

Ping. Ping. Ping.

Eu não me movo. Eu me obrigo a respirar, só para permanecer viva.

— Fale comigo, Corabelle.

O que devo falar? Dean sabe exatamente o que aconteceu. Ele tinha um assento na primeira fila, com todos os detalhes. Finalmente consigo encontrar forças para levantar a cabeça, e olho para o pé da escada do outro lado. Estou temendo o momento em que essas botas pretas desajeitadas reaparecem – um prelúdio para um novo conjunto de horrores.

— Você está bem?

Isso, por fim, chama minha atenção e me obrigo a olhar para a direita. Dean está encostado ao poste, totalmente de frente para mim, os braços presos às costas. Meu olhar vai subindo desde os tênis cinza, de corrida, para o cabelo escuro e desgrenhado. Os fios estão começando a enrolar logo abaixo das orelhas. Lembro-me de Mandy reclamando que seu cabelo estava ficando muito comprido e ela mesma estava prestes a apará-lo.

Engulo em seco.

— Estou bem.

Geralmente minto muito mal, então estou impressionada com a honestidade fingida da resposta. Não é a verdade, claro. É a maior mentira que já contei.

Dean está totalmente ciente disso.

— Você não está bem. Você pode falar comigo.

Uma sobrancelha se ergue por instinto e meu olhar preguiçoso continua a avaliá-lo. Sua jaqueta de couro foi removida em algum momento, então ele está vestindo apenas uma camiseta azul-claro que combina com seus olhos e jeans desbotados.

— Posso falar com você? — Solto uma risada áspera. Minha garganta está em carne-viva depois de todos os gritos inúteis que dei. — Porque somos bons amigos, certo?

Observo a forma como suas sobrancelhas se unem em um franzido, um olhar de indignação cintilando em seu rosto.

— Sou o único amigo que você tem agora — diz ele, com firmeza.

— Eu prefiro ficar sozinha.

Outra mentira magnífica.

Não quero ficar sozinha. Mas Dean está aqui, e eu, particularmente,

não gosto dele, então vou descontar todo o meu medo e trauma nele. É a única sensação de controle que tenho agora.

É meu único poder.

— Olha... — continua Dean, a voz baixa e vacilante. — Sei que tivemos nossos problemas, mas precisamos trabalhar juntos. Assim que sairmos daqui, você pode voltar a me odiar, mas isso é vida ou morte, Corabelle. Supere esse maldito ressentimento que você tem comigo e vamos colocar nossas cabeças para pensar juntos.

— Não me chame assim. — Desvio o olhar, baixando a cabeça.

Uma risada mordaz ecoa em meus ouvidos.

— Claro que é nisso que você se concentra. — Posso vê-lo balançando a cabeça com o canto do meu olho, então ele sacode as algemas contra o poste, e o ruído me sobressalta. — Você me acordou no meio da noite para ir te buscar, depois que nós te *oferecemos* carona pra casa. Mas eu fui, de qualquer maneira, porque, acredite ou não, Cora, eu me importo com você. Nós vamos fazer parte da mesma família.

Lágrimas inundam meus olhos com suas palavras. Que engraçado... achei que não tinha mais nenhuma para derramar.

— Peguei você quase às duas da madrugada, e acabei aqui. Acorrentado a um maldito poste, esperando o que aquele idiota tem reservado para nós. E agora você está agindo desse jeito, porra?

— Acabei de ser *estuprada*! — grito, por entre os dentes cerrados, minha voz embargada à medida que sobe de tom. — Estuprada por aquele *porco nojento*. Você tem alguma ideia do que é isso? — Minha própria risada irônica ressoa enquanto balanço a cabeça de um lado ao outro. — Não posso lidar com você agora.

Ele fica quieto por um momento, assimilando minhas palavras, e então

murmura:

— Você pode falar comigo.

— Não quero falar com você! Não gosto de você!

— Tudo bem! — Dean chacoalha suas correntes com um grunhido frustrado. — Porra. Estou apenas tentando ajudar.

Dou uma fungada para conter as lágrimas que querem se libertar.

— Talvez... se você tivesse me ajudado quinze anos atrás, se tivesse se *importado* comigo, como você diz, eu estaria mais inclinada a me abrir. Mas tudo que já fez foi me provocar, me magoar e me sacanear. Não tenho motivos para confiar em você agora. — Meu peito está subindo e descendo, queimando e ardendo, enquanto minha angústia se mistura com anos de amargura reprimida.

Dean considera minha resposta por um longo tempo. Os únicos sons que permeiam o espaço entre nós são nossas respirações em uníssono e o cano gotejante. Então ele arrasta a sola do sapato contra o chão empoeirado e me observa do outro lado do porão.

— Sempre foi uma coisa nossa — ele murmura. — Eu encho o teu saco, e você faz o mesmo.

— Nunca tive escolha — argumento. — Fui programada a me defender perto de você. Minha espada está sempre desembainhada, pronta para lutar.

— Porque é divertido.

— Não é divertido. Você sempre foi *horrível* comigo.

Lanço um olhar afiado, observando a forma como seus olhos se desviam para longe. Dean arrasta o sapato de novo, para frente e para trás, e o leve ruído da sola contra a sujeira soa alto nesta sala vazia. Chega a ser destoante.

— Eu era um idiota naquela época — ele, por fim, responde, ainda

olhando para o lado. — Fui um adolescente estúpido. Mas não sou mais. Eu brinco com você porque você devolve na mesma moeda, e é inofensivo, e *somos nós*. — Dean olha na minha direção com seus penetrantes olhos azuis. — Você não pode me dizer que não gosta das nossas pegadinhas e brincadeiras e todas as merdas estúpidas que fazemos um ao outro.

Minha resposta é rápida.

— Eu não gosto.

— Você está mentindo.

— Não estou mentindo, Dean. Não gosto de ser alvo de zombaria. Não gosto de estar sempre em alerta máximo perto de você, imaginando que 'merda idiota' você vai disparar contra mim. — Faço uma pausa, fervilhando de raiva com as últimas palavras finais: — Ou imaginando como você vai sabotar meu próximo relacionamento.

Seus olhos pestanejam com algo que não consigo identificar exatamente. Não é culpa ou remorso. Também não é satisfação.

— Tanto faz.

Franzo o cenho, esperando mais do que uma ignorada.

— Então é isso? Isso é tudo que você tem a dizer sobre o papel que desempenhou no fim do meu namoro de quatro anos?

— Sim. Tanto faz.

Posso sentir as chamas se alastrando pelo meu peito como fogo, incendiando meu pescoço, orelhas, minha língua.

— Você é um idiota do caralho. — Giro o corpo para a esquerda, tentando ficar o mais longe possível de Dean Asher. Curvo-me em direção à parede e me retiro para os confinamentos de minha própria prisão mental.

Eu o ouço soltar um suspiro às minhas costas, e não tenho certeza do que isso significa. Então ele murmura baixinho:

— Sou o único idiota que você tem.

Eu estava errada.

Prefiro ficar sozinha.



Não tenho certeza de quanto tempo se passa, mas o sol parece estar se pondo no céu, o brilho alaranjado penetrando através da janela acima de nós. Eu me visualizo me libertando das algemas e escalando a parede, socando a janela com um punho determinado e me espremendo pela abertura estreita. Vou correr e fugir livre, sem nem me importar onde vou parar.

Qualquer lugar é melhor do que aqui.

Dean e eu não nos falamos desde nossa discussão, que deve ter acontecido algumas horas atrás. Ele adormeceu pouco depois, de costas para o poste e com a cabeça tombada contra o ombro. Ele parece pacífico, e me pego olhando para ele de vez em quando. Estou com ciúmes por ele estar em outro lugar agora. Não consegui voltar a dormir, pois toda vez que fecho os olhos, sou capaz de sentir o cheiro desagradável do hálito do meu captor contra minha bochecha enquanto ele me humilhava.

Também preciso fazer xixi, e não tenho certeza do que fazer a respeito disso. Devemos nos sujar aqui embaixo? Ficar acorrentada como um animal, estuprada e torturada não é bom o suficiente para aquele bastardo doente? Comprimo as coxas, ciente de que terei que me aliviar ali mesmo em breve. As maçãs do meu rosto esquentam só de pensar nisso.

Achei que estaria com mais fome agora, mas o buraco vazio no meu estômago só me faz sentir enjoada. *O que não daria para beber um copo de água, no entanto…*

Sonho em beber água gelada e isso aumenta ainda mais a vontade de

fazer xixi. Inspiro lenta e profundamente para me acalmar.

E então a porta do porão se abre e aquelas botas sujas de bico de aço descem pisando duro em nossa direção. É o suficiente para acordar Dean de seu sono, enquanto ouço suas correntes tilintando atrás de mim. Eu me encolho ainda mais no canto, tentando me esconder de qualquer horror que esteja prestes a se desenrolar.

— Pausa pro penico — anuncia Earl, levantando a calça cáqui sobre a barriga inchada.

Sento-me em linha reta e um formigamento de esperança passa por mim. Minha bexiga começa a festejar, o que não é exatamente uma coisa boa, considerando que estou prestes a explodir.

— Você vai nos deixar usar o banheiro? — Espio ao redor do poste, para fazer contato visual com Dean, que já está de pé. Seus olhos pestanejam na minha direção, depois se voltam para Earl.

— Um por vez. Sem nenhuma gracinha ou vou enfiar minha pistola na sua garganta e pintar minhas paredes de vermelho. — Earl puxa a arma do cós da calça e acena para dar ênfase. — Não quero que façam seus negócios por todo o meu andar. Cheira mal e me tira do clima, saca?

Do clima? Jesus. Nosso sofrimento e terror é apenas um *clima* para ele.

Mas não demonstro meu desgosto por medo de que ele mude de ideia. Aceno em concordância e dou um jeito de me levantar, sentindo as pernas fracas e trêmulas tentando sustentar meu peso.

— Obrigada.

Earl solta uma gargalhada ao avançar na minha direção, enfiando a arma de volta no cós.

— Não me agradeça, gatinha. Você ainda vai morrer.

Meu olhar dispara para Dean. Tenho certeza de que minha pele ficou pálida como a de um fantasma e meus olhos verdes escureceram para um tom cinza. Ele olha de volta para mim, parecendo igualmente desesperado, igualmente perturbado, enquanto suas pálpebras se fecham e o pomo-de-adão se agita ao engolir em seco.

Earl solta minhas amarras com grunhidos grosseiros. Não posso deixar de contemplar uma tentativa de fuga. Talvez se conseguir uma vantagem de alguma forma, eu consiga pegar sua arma ou roubar um objeto pontiagudo do banheiro, daí, quem sabe, possa dominá-lo. Mas assim que o pensamento passa pela minha mente, o cano da arma pressiona minha têmpora quando minhas mãos ficam livres. As algemas são presas a correntes que estão fixas a anéis metálicos na parede, e ecoam pelo porão quando atingem o cimento.

— Tente qualquer coisa idiota e você pode dizer adeus a essa sua linda cabecinha.

Earl aponta a arma contra a lateral do meu rosto à medida que massageio meus pulsos esfolados. Puxo o vestido rasgado para proteger meus seios, me abraçando apertado.

— Não vou fazer nada.

— Ótimo. Talvez você seja fácil de domesticar, afinal. — Earl olha para Dean, que está nos observando com ceticismo e a mandíbula tensa. — Você é o próximo, bonitão. Não se preocupe.

Dean e eu nos entreolhamos antes de eu ser empurrada para frente com brutalidade, e quase tropeço em meus saltos altos.

— Cora…

Olho por cima do ombro antes de chegar aos degraus. Dean está puxando suas correntes como se estivesse tentando me alcançar de alguma forma. Seus olhos estão expressando preocupação e desconforto. É o mesmo

olhar que vi antes, quando ele estava conversando comigo no pior momento da minha vida, tentando me consolar da única maneira que podia.

Mordo o lábio inferior e nossos olhares se conectam por alguns segundos. Então a arma fria colide contra o centro das minhas costas, me conduzindo escada acima.

Não posso deixar de meditar sobre as palavras de Dean ao ser guiada pela pequena casa com carpete verde-oliva e paredes antiquadas.

Acredite ou não, Cora, eu me importo com você.

Capítulo Quatro

Ele não me estupra novamente naquela noite, e isso já é um pequeno consolo.

O porão fica imerso em escuridão, sombreando tudo ao meu redor. Leva muito tempo para meus olhos se ajustarem o suficiente para ver a silhueta de Dean recostada ao cano. Deve ser bem mais de meia-noite, da segunda-feira, o que significa que, se as pessoas ainda não começaram a questionar nosso desaparecimento, vão começar por agora. Raramente ligo para o trabalho por estar doente, e certamente nunca falto ao serviço. Isso seria um sinal de alerta para funcionários e colegas de trabalho.

E Dean é um funcionário respeitado no sindicato de construção civil de estradas. Ele trabalha no primeiro turno. As pessoas, definitivamente, começarão a fazer perguntas quando ele não aparecer hoje.

O pé de Dean desliza contra o chão, atraindo meu olhar em sua direção, apesar do fato de não conseguir enxergá-lo. Eu o ouço suspirar quando ele se ajeita e tenta ficar confortável.

— Está acordado?

Sua voz é um conforto que eu não sabia que precisava.

— Sim.

Roço a parte de trás da cabeça contra o poste, de um lado ao outro, e no mesmo ritmo, bato os dedos dos pés no chão imundo. Livrei-me dos saltos depois que Earl me trouxe de volta após a ida ao banheiro. O intervalo foi de curta duração, infelizmente – ele me empurrou para dentro de um banheiro minúsculo, entregou uma camiseta enorme com seu cheiro nojento, e então me mandou trocar de roupa. Tirei o vestido rasgado e vesti a camiseta branca, fiz minhas necessidades e escovei os dentes em seguida com uma escova rosa que ele deixou para mim, então o encontrei no corredor à minha espera. Ele me deu um sanduíche de peru e um copo de água e disse que eu tinha três minutos para comer. Cronometrado. Em seguida, me arrastou de volta para o porão, me algemou ao poste e fez a mesma coisa com Dean.

Ele não voltou desde então.

Entrecerro os olhos diante do véu da escuridão, tentando distinguir a silhueta de Dean. Parece que suas pernas estão estendidas, de frente para mim. Eu me pergunto se ele pode me enxergar melhor do que posso vê-lo. Pigarreio, deslizando a língua ao longo do meu lábio superior.

— Eu menti para você mais cedo — digo a ele, minha voz rouca de tanto chorar, gritar e pela desidratação.

Dean murmura, baixinho, então indaga:

— Qual parte?

— Não prefiro ficar sozinha.

Há uma longa pausa. Um silêncio retumbante.

Eu mordisco o interior da bochecha, me perguntando se ele vai responder. Não tenho para onde olhar, então me fixo apenas no abismo escuro

enquanto espero.

Dean finalmente suspira alto.

— O fato de ele nos alimentar e nos dar água é um bom sinal. Significa que vai nos manter vivos por um tempo.

Dou uma olhada na direção onde ele está, completamente surpresa pela mudança de assunto. Estou bem com isso, no entanto. Prefiro não mergulhar em sentimentos e rancores e história de relacionamento. Eu só queria que ele soubesse disso. Por alguma razão... eu queria que ele soubesse.

Sacudo a cabeça, em concordância, mesmo que ele não possa me ver.

— Também acho. Mas ele ainda vai nos matar, tenho certeza disso.

— Pode ser. Mas temos pelo menos alguns dias para descobrir algo. Precisamos de um plano.

Um plano. Que tipo de plano podemos elaborar aqui embaixo, amarrados da forma que estamos?

Minha mente divaga, e me lembro do último plano que bolamos. Minha mãe nos encarregou da festa surpresa de aniversário de 28 anos de Mandy, dois anos atrás. Ela queria que fosse especial.

Esse foi o primeiro erro da minha mãe: pensar que *algo* especial poderia sair de mim e Dean Asher trabalhando juntos.

— O que foi?

Levanto o queixo ao som de sua voz rompendo meu devaneio.

— Como assim?

Tenho a impressão de vê-lo dar de ombros.

— Você ficou quieta. Isso geralmente significa que você está perdida em pensamentos ou elaborando um insulto criativo para despejar em mim.

Olho diretamente para ele e tenho certeza de que estamos olhando um para o outro descaradamente, porém não dá para saber direito.

— Eu estava pensando na bagunça que fizemos na festa de Mandy, alguns anos atrás, e como qualquer plano que bolarmos não tem como dar certo.

Sua risada me assusta, porque é verdadeira e genuína, e eu não estava esperando isso.

— Você estava, definitivamente, encarregada dos convites — ele comenta, como se esse argumento não tivesse sido trazido à tona um milhão de vezes antes.

— Mentira. Você nunca vai admitir isso, vai? Eu, *especificamente*, coloquei você a encargo dos convites, porque você sabia muito mais da vida social dela. Além disso, eu já estava encarregada do bufê, do bolo e do DJ.

— Minha tarefa era comprar as bebidas. Eu estava claramente sobrecarregado com uma porrada de responsabilidades e superestressado.

Ergo as sobrancelhas, com ceticismo.

— Ainda não entendo por que sua mãe não nos deixou criar um evento no Facebook como o resto do mundo — Dean conclui.

Reviro os olhos, resmungando baixinho. Embora ninguém tenha aparecido na festa, porque *alguém* se esqueceu de enviar os convites, ainda assim, foi uma noite memorável de comida chinesa e filmes de terror ao redor da lareira. Um sorriso nostálgico se espalha pelo meu rosto.

— Pelo menos ela conseguiu comemorar este ano antes de... — Minha voz falha e eu desvio o olhar. A atmosfera alegre se dissipa quando a realidade da nossa situação volta a cair. Com as pernas dobradas, próximas ao peito, apoio a bochecha contra os joelhos. — Vou tentar dormir. Tenho a sensação de que o que está reservado para mim amanhã vai me esgotar mentalmente.

Estremeço com a memória de Earl entre minhas coxas, roubando minha fé na humanidade. Estou confiante de que minha luz será totalmente apagada se houver um fim para esse tormento. Não há como voltar ao meu

antigo eu.

Dean sussurra no escuro, depois que minhas palavras deixam um calafrio no ar:

— Boa noite, Cora.

Perco o fôlego por um segundo.

— Boa noite.

Os minutos passam, e eu chego a contá-los.

Seis minutos e trinta e cinco segundos.

Está muito quieto aqui, o que significa que meu cérebro se encontra barulhento e tumultuado, recusando-se a descansar – e não o culpo, para dizer a verdade. Engolindo meu orgulho, enterro o rosto ainda mais no vale entre meus joelhos.

— Dean?

— Sim?

Umedeço os lábios e fecho os olhos. Não posso acreditar que vou pedir isso a ele, mas é mais fácil ser vulnerável no escuro... *e quando você não tem nada a perder.*

— Você pode cantar para mim?

O frio na barriga se espalha, de nervoso, e me pergunto se meu pedido é muito íntimo. Muito ousado. Talvez esteja pedindo demais de alguém que nem é meu amigo. Mas o som de sua voz rouca e profunda, cantando minha música favorita, me embalou para dormir mais cedo, e estou desesperada por algumas horas de paz. Eu preciso sonhar fora desta prisão.

Dean fica em silêncio por alguns segundos, e estou preocupada que ele vá me ignorar. Ou me mandar calar a boca. Estou prestes a pedir desculpas, voltar atrás, dizer a ele para esquecer, mas então ele responde:

— Alguma música em especial?

Uma sensação de puro relaxamento toma conta de mim.

— Você pode cantar *‘Hey, Jude’* de novo se quiser. É a minha favorita.

— Eu sei — diz ele, baixinho.

Ele sabe? Nós nunca conversamos sobre nossas músicas favoritas antes. Eu nunca me importei em saber qual é a sua preferida, e *deduzi* que ele sentia o mesmo. Mas suponho que quando você conhece alguém há quinze anos, gostando ou não, acaba se vendo obrigado a aprender pequenas coisas ao longo do caminho.

Quando sua voz ressoa na escuridão e preenche o silêncio com uma música profunda, eu me vejo devaneando quase que instantaneamente. Aquilo é algo familiar. Algo bonito. Algo bom em que posso me agarrar, absorver e me perder. Cantarolo os versos por entre os joelhos juntos, até que o sono finalmente toma conta e me leva para outro lugar.

Eu sonho com o oceano novamente.

A água está tocando meus dedos dos pés, me puxando como um ímã. Acenando para mim com sua profundidade misteriosa. Tentando-me com sua força vital.

Eu mergulho.

E nado para longe.

Antes que eu perceba, um feixe de luz está acariciando o lado do meu rosto, e na mesma hora me mexo da posição. Meu pescoço está travado e dolorido, e quase grito de dor quando levanto a cabeça dos joelhos. Instintivamente tento levantar minha mão e massagear a torção, mas me é negado o privilégio quando minhas algemas ficam presas no poste – um lembrete sinistro da minha situação.

Do meu inferno.

Giro o pescoço de um lado ao outro, e abro as pálpebras para deparar com Dean olhando para mim com um leve sorriso tocando seus lábios. Faço uma careta na mesma hora.

— Você estava me observando dormir?

Suas correntes tilintam quando ele dá de ombros em resposta.

— Não estou exatamente sobrecarregado com coisas melhores para fazer — ele brinca, e aquele sorrisinho estranho perdura.

É uma coisa curiosa de se ver dado nosso estado. Não acho que consigo sorrir numa situação dessas – não até que minhas correntes sejam quebradas e eu esteja livre.

Mas... será que algum dia serei livre?

Afasto os pensamentos deprimentes, esticando as pernas e endireitando um pouco a postura, então estremeço quando meus músculos protestam. O chão é frio e implacável sob minhas pernas nuas, aumentando o desconforto. Dou uma olhada de relance para Dean. Seu sorriso se dissolveu, mas seu olhar ainda é suave enquanto ele me observa.

— Como você dormiu? — pergunto. Eu já sei a resposta, mas não tenho certeza do que dizer; nossa variedade de assuntos ‘quebra-gelo’ é bem escassa.

Animado para sua pausa para fazer xixi hoje? Pronto para me ver ser violada sexualmente? Em quanto tempo você acha que eles vão encontrar nossos corpos?

Meus próprios pensamentos mórbidos me fazem estremecer, então eu os engulo.

— Não tão bem quanto você — diz Dean. Há um brilho distinto em seus olhos que combina com o sorriso que já sinto falta. — Você estava apagada.

— Eu estava babando, não é?

— Será o nosso segredinho.

Isso quase me faz sorrir. *Quase*. Em vez disso, abaixo a cabeça e contraio os lábios, analisando minhas unhas dos pés, pintadas com esmalte rosa. Mandy e eu fomos à pedicure depois do trabalho na sexta-feira, para comemorar as festividades do fim de semana. Percebo que hoje é seu aniversário *mesmo*. Minha irmã provavelmente descobrirá que suas duas pessoas favoritas no mundo estão desaparecidas... em seu aniversário.

Feliz aniversário, irmã. Comprei um Fitbit[2] *para você.*

Eu me pergunto se Dean está lendo minha mente, porque ele inclina a cabeça para o lado, me observando quase com carinho.

— Ela estava animada para tomar aquela casquinha de sorvete hoje — ele me diz, com a voz embargada.

Lágrimas inundam meus olhos e mordo o lábio. Mandy e eu sempre comemoramos nossos aniversários, juntas, com uma casquinha de sorvete em uma sorveteria no centro da cidade. Fazemos nosso aperto de mão secreto, tiramos uma *selfie* em frente ao estabelecimento e comemos nossas guloseimas nos balanços de um parque próximo. É uma tradição desde que éramos crianças, quando nossos pais nos levavam. O aniversário de Mandy é em novembro, e muitas vezes estamos empacotados como esquimós, recebendo olhares estranhos de transeuntes quando nos sentamos em balanços cobertos de neve.

Mas nós adoramos.

E não há outro lugar que eu preferiria estar agora.

Mexo os dedos dos pés, e as lembranças trazem lágrimas silenciosas ao meu rosto. Eu as afasto e limpo usando os ombros, e tento inspirar calmamente.

Dean ainda está me observando, assimilando minhas emoções como se

estivesse assistindo a um filme.

— Você vai tomar aquela casquinha de sorvete. Eu prometo.

Não sei por que ele está sendo gentil comigo. É confuso e inquietante, e não sei como responder a isso. Fomos projetados para brigar – espadas de aço, armaduras pesadas e palavras que cortam e tiram sangue. Baixar a guarda parece muito com rendição.

Sem saber o que dizer, apenas ofereço a ele uma cara fechada.

Dean abaixa a cabeça, encarando o chão cinza de ardósia com um leve ar de derrota. Quando olha novamente para mim, o brilho que havia ali foi substituído pela desesperança que está pairando dentro dessas quatro paredes, se aproximando de nós.

— Não sou seu inimigo aqui embaixo, Corabelle. — Suas palavras carregam um peso desconhecido, e continuam a me desarmar.

— Não sei enxergar você como outra coisa — admito.

Ele me encara, nem um pouco abalado, me desafiando a desviar o olhar. Então o brilho reaparece, e Dean responde:

— Porque é divertido.

— Não.

Minhas defesas voltam à vida e sou grata por isso, porque é mais fácil agir assim.

Confortável.

Não é divertido.

— Você é tão mentirosa — ele insiste. — E teimosa.

Entrecerro o olhar, rangendo os dentes da forma que sempre faço quando estou prestes a me engalfinhar em uma batalha com Dean Asher. Cruzo os pés na altura dos tornozelos e me recosto ao poste.

— Você, com certeza, tem uma ideia bem distorcida de *diversão* —

rebato.

Dean passa a língua pelo céu da boca, respirando fundo e se preparando para argumentar. Eu quase posso sentir sua adaga cutucando meu peito. Sua cabeça inclina para o lado, os olhos azuis cintilando.

— Lembra quando meu amigo da faculdade veio à cidade para me levar para beber? Você disse a ele que eu tinha uma paixonite secreta por ele.

Ah, droga.

— Então você me deu a porra de um Viagra antes de sairmos e tive que esconder meu pau com um guardanapo de bar a noite inteira. Mas tenho certeza de que ele percebeu, porque não tive notícias dele desde então, *e* ele me excluiu do Facebook. — Dean está observando minha reação como um falcão. — Você não pode me dizer que não amou essa merda.

Puta merda. Eu me entrego completamente quando um sorriso surge, curvando meus lábios. É o meu primeiro sorriso em dias. Não tenho certeza se fico com raiva e mantenho o tom acusatório, ou continuo sorrindo.

Mas Dean já sabe que ganhou.

— Não tenho mais nada a declarar.

Viro a cabeça para o lado na tentativa de esconder a evidência, mas o estrago já está feito. Ele vê através de mim.

Somos interrompidos quando uma presença macabra nos cerca.

Tump. Tump. Tump.

Essas botas pisam em mim antes mesmo de chegarem ao fundo da escada. Eu me levanto, com o coração trovejando no peito, em uma tentativa de me mostrar resistente. Já estou tremendo – tremendo de medo. Dean se levanta lentamente, os olhos ainda fixos em mim, mas perdendo a faísca brincalhona que eu tinha visto apenas alguns segundos atrás.

Eu a quero de volta.

— Bom dia, bichinhos — Earl nos cumprimenta, vestindo uma espécie de camisa polo preta, de trabalho, que se estica sobre a barriga estufada, mal enfiando nas calças. — Como está minha gatinha? — Os olhos escuros se desviam para Dean. — E o cachorro vira-lata.

Engulo em seco.

— Queremos ir para casa.

Uma risada rouca irrompe de sua boca, e sinto seu cuspe respingar no meu rosto. Engulo o vômito que sobe à garganta na mesma hora.

— Você está em casa. Eu sou seu mestre agora — Earl diz, assim que sua risada ameniza. — A gatinha está pronta para brincar?

Não, não, não.

Earl afrouxa a fivela do cinto e vem na minha direção com um olhar doentio e cheio de luxúria. Começo a me afastar, esperneando, balançando a cabeça de um lado ao outro em protesto.

— Seu bastardo doente... você nunca vai se safar dessa! — Dean grita, puxando suas correntes para frente, as veias do pescoço salientes e pulsantes. — Quando eu sair daqui, vou te espancar até virar carne de cachorro se você colocar outra mão nela. Eu te prometo isso.

Earl ri, sentindo-se nem um pouco ameaçado pelo aviso.

— Não fique com ciúmes, cachorrinho. Você terá sua vez.

Que diabos...? Inclino a cabeça para Dean, me perguntando se ele também estará sujeito aos atos vis de Earl. *Ai, meu Deus*. O pensamento faz meu estômago revirar.

— Faça o que quiser comigo. Deixa ela em paz.

Aquelas palavras apenas retorcem o desconforto em meu âmago. Por que esse homem está se jogando aos lobos por mim?

Ele me odeia. Eu o odeio.

Mas não tenho tempo para resolver o enigma, porque Earl está puxando a barra da minha camiseta e acariciando meus seios nus com suas palmas suadas.

— Não... por favor — imploro, em um sussurro. Minha voz soa sem vida, e minha luta é inútil. Meu corpo ainda rejeita os avanços de Earl tanto quanto pode, mas, pouco depois, sinto-me inerte e entorpecida, meus olhos procurando por Dean.

Dean conversa comigo como fez da última vez.

Olhe para mim, Cora. Concentre-se em mim. Nada mais é real. Somos só eu e você.

Mergulho debaixo d'água mais uma vez e me deixo afogar.



— Estou com frio.

O sol está se pondo e nossa única fonte de luz começa a se dissipar. Um calafrio se instala em meus ossos, e não tenho certeza se é o cimento frio contra minha pele exposta ou minha realidade me esfaqueando como estilhaços de gelo, congelando minhas veias.

Ambos, tenho certeza.

Estou deitada contra o poste, apática e paralisada. As últimas 48 horas, juntamente com todas as longas e agourentas horas que virão, cobraram seu preço. Estou mentalmente esgotada.

E com tanto, tanto frio.

Dean parece pálido e igualmente exaurido, mas ele passou o dia inteiro conversando comigo, me contando histórias e tentando me animar. Acho que minhas paredes de pedra estão desmoronando na presença de seu alterego.

Ele me relanceia um olhar solidário, arrastando-o ao longo das minhas

pernas nuas. Os músculos de sua mandíbula rangem.

— Eu quis dizer o que disse — declara, o tom baixo e áspero. — Vou tirar a gente daqui. E vou matá-lo por te machucar.

Não tenho certeza do que responder a uma promessa tão ousada, então dou um sorriso forçado que não chega, de forma alguma, aos meus olhos.

— Acha mesmo que vamos sair daqui? — pergunto, timidamente.

— Sei que vamos.

Percebo que Dean não tem como saber ao certo, e que só está dizendo isso para me dar esperança, mas deixo as palavras penetrarem em todas as minhas rachaduras e fendas suscetíveis. Eu me agarro a elas com tudo que me resta.

Antes que possa responder, vejo-o começar a tirar os tênis. Um por um, ele usa o dedo do pé esquerdo para retirar o direito pelo calcanhar. Então vice-versa. Quando consegue removê-los, ele os empurra para mim com os pés cobertos pelas meias.

— Provavelmente estão fedendo pra caralho, mas são quentes. Deve ajudar um pouco.

Nossos olhares se conectam, uma ternura estranha passando entre nós. Contraio os lábios, alternando o olhar entre os calçados e a expressão vulnerável de Dean.

Ele me lança um sorriso tão terno quanto pode oferecer, e me pergunto o quão difícil foi para ele fazer uma coisa dessas em um momento como este.

— Eu te daria minhas meias se achasse que você conseguiria calçá-las.

Talvez seja isso que minha irmã sempre viu em Dean.

Ele não é tão ruim assim, Cora. Apenas dê uma chance a ele. Ele é um cara decente.

Eu costumava rir na cara de Mandy, porque Dean nunca me mostrou

seu lado ‘decente’. E nunca entendi o porquê.

Porque é divertido.

É inofensivo, e somos nós.

Você me devolve na mesma moeda, Corabelle.

— Obrigada — agradeço, à medida que o dia escurece e a luz do sol nos abandona.

Adormeço naquela noite, abalada e confusa, espancada e usada. Mas um pequeno bolsão de esperança permanece dentro de mim, enterrado profundamente, tentando arduamente abrir caminho para a superfície.

E, acima de tudo, estou quente.

---

[2] FitBit são aquelas pulseiras que marcam frequência cardíaca, passos e afins.

Capítulo Cinco



Os dias passam com uma lentidão torturante, mas passam.

Ainda estamos vivos. Estou me apegando a isso.

Dean e eu brincamos de ‘Vinte Motivos’, para passar o tempo. Ele está ganhando por dois pontos, o que me irrita. Sou professora e sou competitiva... especialmente com Dean. Eu culpo a desnutrição e circunstâncias traumáticas.

Sou estuprada diariamente.

Agora já fico à espera, então o terror brutal e ofuscante disso subjugou minhas forças tanto quanto possível. Estou ficando cada vez melhor em me abstrair e desligar de tudo. É quase como uma experiência extracorpórea. Dean conversa comigo durante o ato brutal todas as vezes, e sua voz é um consolo no fundo da minha mente enquanto escapo do meu martírio.

Fazemos nossos intervalos para ir ao banheiro por volta das cinco da tarde, todos os dias, depois que Earl chega do trabalho. Podemos escovar os dentes, depois comemos sanduíches de peru com maionese no pão branco e um copo cheio de água. E então somos mandados de volta para nossa prisão,

acorrentados aos nossos respectivos postes e forçados a sobreviver mais uma noite no escuro.

Dean canta para eu dormir todas as noites, e é a única coisa pela qual anseio.

— *Take a sad song and make it better*...

Capítulo Seis

À medida que o sol nasce no sétimo dia, e uma semana inteira se passa, nos vemos cada vez mais longe da liberdade. Não estamos mais perto de encontrar uma saída deste porão pavoroso e voltar para casa.

Casa.

Às vezes, esqueço como é.

Tento imaginar as paredes lavanda do meu quarto, a janela panorâmica e o espelho vintage que minha avó me deixou de herança. É uma casinha pitoresca com apenas cem metros quadrados e dois quartos, mas é *minha*. Trabalhei pra caramba por isso e finquei minhas raízes ali.

Eu estava pesquisando abrigos de animais locais para adotar um cachorro – está na minha lista de desejos há um ano inteiro, mas nunca parecia o momento certo. Passei o último sábado inteiro analisando rostos peludos e biografias caninas fofas, reduzindo minha busca para encontrar o companheiro perfeito. Encontrei duas candidatas; ambas me atraíram com seus olhos tristes e histórias comoventes.

Jasmine e Buffy eram as duas cadelas que eu ia conhecer no domingo. Imprimi suas fotos e as grudei na geladeira, animada por essa grande mudança de vida.

Consegui uma mudança, tudo bem. Só não a que eu esperava.

E uma parte minha está grata por não ter um animal de estimação em casa esperando por mim, imaginando para onde fui, confiando em sua dona para coisas que não posso dar.

Eu sou o animal de estimação agora.

A cabeça de Dean está recostada ao poste, mas seus olhos estão focados em mim enquanto sonho acordada com os dois cachorros que nunca conheci.

— Um centavo por seus pensamentos?

Dou um olhar de relance, puxando as pernas para uma posição em estilo indiano à sua frente.

— Você não tem nenhum centavo. Prática comercial desleal.

Ele pisca e sua boca se curva em um pequeno sorriso.

— Diga seu preço, então.

— Você não tem nada para dar. Meus pensamentos são extremamente valiosos, sabia?

— Tenho certeza disso. — Os olhos de Dean estão tão brilhantes quanto possível, dada a semana que estamos enfrentando. Ele abaixa a cabeça para o lado, franzindo os lábios e considerando o acordo. — Tudo bem, Corabelle. Um pensamento por um pensamento.

Eu aumento as apostas.

— Que tal trocarmos confissões?

Uma sobrancelha se arqueia com interesse, seu sorriso florescendo.

— Isso pode ser divertido — ele pisca para mim —, e perigoso.

— Perigoso? — Mordisco o interior do meu lábio inferior, a barriga revirando com um friozinho há muito esquecido. — Que tipo de confissões você tinha em mente? *‘Enganei o entregador de pizza’* ou um confessionário de padre com direito a dez Ave-Marias e o Ato de Arrependimento?

Dean solta uma risada rouca, se ajeitando até que seus joelhos estão dobrados, os ombros sacudindo.

— Eu nunca enganaria o cara da pizza. Isso é imperdoável. — Ele pondera minha pergunta e me avalia, a cabeça ainda inclinada. — Mas, definitivamente, o segundo é bem a minha cara. Vamos partir para a extrema unção um do outro.

Eu o encaro, quebrando a cabeça para pensar em algo que seja remotamente digno de uma extrema unção. Para ser honesta, não sou tão interessante. Eu pago meus impostos, dirijo no limite de velocidade, não devo dinheiro a ninguém. Nunca trapaceei ou roubei. E *sempre* coloco o rolo de papel higiênico com a folha virada para cima.

— Tudo bem. Mas sou meio entediante, então você vai ter que ir primeiro. Talvez você inspire algo sórdido e obsceno enterrado no fundo do meu subconsciente.

— Okay. — A expressão de Dean se torna mais séria, formando rugas nos cantos dos olhos diante de sua confissão.

Sua barba por fazer se transformou em barba espessa na semana passada. O pelo escuro alinha seu queixo e mandíbula, dando-lhe uma aparência mais áspera. Mandy não gostava da aparência desalinhada quando ele, ocasionalmente, deixava crescer uma barba modesta. Ela disse que o fazia parecer um lenhador. Nunca prestei muita atenção na época, mas agora que o rosto dele é a única coisa que tenho para ver, tenho que dizer que discordo da minha irmã. É masculino. Rústico.

Talvez um pouco sexy se o rosto não estivesse ligado a Dean Asher.

Mais alguns minutos se passam e o suspense está me matando. Ele está me observando como se estivesse questionando sua bomba da verdade – possivelmente, se arrependendo de tudo.

— Diga ainda neste século, Dean.

Um suspiro lhe escapa.

— Está bem. Tudo bem. — Seus olhos parecem ainda mais azuis enquanto mantêm os meus cativos. — Tive uma queda por você primeiro.

O quê?

Engasgo com o próprio ar. Começo a tossir e arfar, e tenho que desviar o olhar do dele.

— Do que você está falando?

Dean morde o lábio e dá de ombros, indiferente.

— Antes de começar a namorar a Mandy. Era o primeiro ano e você entrou na aula do Sr. Adilman vestindo aquela saia jeans e um blazer roxo. Seu cabelo era todo comprido e dourado e estava preso com um grampo florido. Achei que você fosse a garota mais bonita que eu já tinha visto.

Meu coração está dançando a Macarena, e meu queixo se abre como um desenho cômico. Acho que estou sem palavras – o que é novo para mim –, mas não consigo articular nem uma sequer, e até parei de respirar. Dean parece um pouco divertido ao me observar a alguns metros de distância, seus olhos me varrendo de cima a baixo enquanto espera minha resposta.

Fico muda, calada. Estou, definitivamente, sem palavras.

— Sua vez — diz ele, por fim, a voz suave e melodiosa.

Lentamente reformulo meus pensamentos em palavras de verdade, então balanço a cabeça.

— Ainda é sua vez. É cem por cento a sua vez. Sobre o que mesmo

que você estava falando? Seu sanduíche de peru estava misturado com alguma droga?

Dean ri, arrastando os pés cobertos pelas meias no chão, estendendo as longas pernas.

— Achei que fosse levar isso para o túmulo — admite, com um sorriso. — Mas eu não podia deixar você continuar pensando que eu te odiava. Isso está muito longe da verdade.

— Você, com certeza, poderia ter me enganado. Você poderia ter enganado todo mundo. Por que agiu como um idiota comigo?

Seu sorriso se desfaz.

— Eu te disse. Eu era criança, e é isso que garotos idiotas fazem quando gostam de uma garota. Eles encarnam nelas.

— Eu nunca vou entender isso.

— Sim, é uma burrice — diz ele. — Então nós dois crescemos, e infernizar um ao outro se tornou apenas uma parte de quem éramos. Não havia como voltar atrás.

Dean está olhando para mim, quase conscientemente.

— E você pode negar o quanto quiser, mas não iria querer de outra forma.

Cerro a mandíbula, com minhas emoções espiralando em um frenesi. Não sei o que fazer com essa confissão. Não consigo nem mesmo processar a informação. Vai contra tudo o que eu pensava que éramos.

Engulo mais perguntas e escolho redirecionar o assunto. A bomba de Dean *desencadeou* algo um tanto quanto picante.

— Perdi minha virgindade com o Sr. Adilman.

Ele me encara, boquiaberto.

— Que porra é essa?

Franzo o nariz, não totalmente orgulhosa desse fato.

— Eu tinha dezenove. Nós nos encontramos em um bar; Mandy e eu tínhamos acabado de arranjar umas identidades falsas. Ele me deu uma carona para casa, uma coisa levou a outra e... — Sinto as bochechas esquentarem com a lembrança que guardei por dez anos. — Tenho certeza de que você pode imaginar o resto.

Dean mexe com as algemas e exala um suspiro.

— Puta merda, Cora. Você entregou sua virgindade para o seu professor de inglês do ensino médio? Mandy me disse que Brandon foi seu primeiro.

Meus olhos entrecerram diante da menção a Brandon, meu primeiro relacionamento de longo prazo e uma enorme fonte de discórdia entre mim e o homem a quem estou encarando.

— Nunca contei isso a ninguém. Nem mesmo a Mandy. — Ainda o encarando com o olhar semicerrado, sinto uma raiva pela minha irmã borbulhando. — Não acredito que ela te conta sobre minhas escapadas sexuais. Credo.

— Ela me conta tudo.

Solto um bufo, de escárnio.

— Sua vez.

Dean abre os lábios, prestes a falar, mas hesita. Seus olhos estão vidrados, e uma máscara de incerteza atravessa sua expressão. Posso vê-lo engolir, e me pergunto que outra bomba ele pode jogar em mim.

— Hmm... é sobre Brandon.

Meu corpo congela.

— O que tem ele?

Os tornozelos de Dean estão balançando de um lado ao outro como se

ele estivesse nervoso. Seu olhar se fixa ao meu quando diz:

— Ele estava te traindo, Corabelle.

Eu apenas o encaro, sem saber se o ouvi corretamente.

— Como é que é?

— Ele estava te traindo. Eu o peguei do lado de fora do *The Oar*, com a língua enfiada na garganta de uma vagabunda. Eu o esmurrei e o mandei terminar com você, ameaçando quebrar a cara dele se não fizesse.

Continuo olhando para Dean.

— Eu sabia que isso ia te deixar arrasada, então eu disse a ele para me culpar. Você já me odiava. Era melhor do que deixar você se odiar, ou te fazer pensar que não era boa o suficiente para aquele babaca.

Ainda estou encarando, em choque.

Dean solta um longo suspiro, fechando os olhos por um momento e depois enfrenta meu olhar.

— Diga alguma coisa, Cora.

Abro a boca para responder, mas apenas um guincho tenso ecoa. Estou impressionada com as verdades saindo da boca de Dean. Não sei se fico lívida por ter passado três anos ainda ansiando por um homem infiel, pensando que Dean sabotou meu relacionamento apenas para me magoar, ou tocada pela revelação de que ele estava tentando me proteger de seu jeito tosco e deturpado.

Estou prestes a dizer que passei quinze anos pensando que não era boa o suficiente para ele – para sua amizade. Pelo seu respeito. Ou sua decência. Mas não consigo dizer as palavras a tempo, porque as botas de Earl estão descendo os degraus rangentes do porão, e estou prestes a ser estuprada pela sétima vez consecutiva. Dean e eu nos viramos para o filho da puta sádico que está avançando sobre nós com um olhar lascivo e diabólico.

— Tenho alguns truques novos na manga para meus bichinhos de

estimação hoje — Earl declara, batendo as mãos e esfregando as palmas com animação.

Ah, meu Deus. O que ele poderia ter reservado para nós? Tortura? Sodomia?

Sinto náuseas na mesma hora.

Espero que ele venha até mim como costuma fazer todas as manhãs antes do trabalho, mas em vez disso, ele se aproxima de Dean. Eu fico de pé, sentindo a ânsia borbulhar no estômago.

Earl rosna para Dean:

— Você está pronto para se divertir, vira-lata?

Começo a sacudir as correntes, enojada só de pensar no que pode acontecer.

— Não! Deixe-o em paz.

Dean continua sentado com uma cara séria.

— Vá se foder.

— Ah, não é o que você está pensando. — O psicopata ergue as mãos, balançando a cabeça redonda de um lado ao outro, rindo. Então ele saca sua pistola e pressiona o cano contra a testa de Dean. — Não sou boiola. Agora, fique de pé, bichinho.

Dean se levanta. Compartilhamos um olhar perplexo, ambos confusos. Ambos fragilizados.

— Vou soltar você agora — ele diz a Dean, a arma ainda pressionada com força contra sua cabeça. — Um movimento em falso e vou explodir seus miolos. Daí vou encontrar um novo cachorrinho para a minha gatinha. Você me ouviu?

Dean acena em concordância.

— Ótimo. — Earl tira uma chave do bolso e solta Dean. Observo tudo,

vendo as algemas caindo no chão, enquanto ele esfrega os pulsos inchados, à espera de mais ordens.

Earl fica quieto por alguns instantes, recuando três passos para que Dean não possa fazer movimentos bruscos. Há um sorriso leviano repuxando as bochechas gordas e vermelhas, e sua expressão faz minha ansiedade ir às alturas. Seja lá o que ele planejou, não deve ser nada bom.

Com um suspiro satisfeito e profundo, Earl expressa suas intenções:

— Trepe com ela.

O ar deixa meus pulmões.

A sala começa a girar.

Olho para Dean, que está tremendo e visivelmente pálido diante dos meus olhos.

— O quê? — Dean questiona, a voz quase inaudível.

Earl ri, os olhos redondos cheios de maldade.

— Por acaso eu gaguejei? — Aponta a arma para mim, depois de volta para Dean. — Trepe. Com. Ela.

Dean está balançando a cabeça em descrença, em total horror.

— Não.

— Não? — o louco repete.

— Não.

— Então você morre. Três, dois...

— Não! — dou um grito. — Não, não, por favor. Apenas faça isso, Dean. — Estou arfando, sobrecarregada pelas circunstâncias.

Isso não pode estar acontecendo. Isso não pode estar acontecendo, porra.

Os olhos de Dean estão arregalados e em conflito quando ele me encara, o cenho franzido, as veias em suas têmporas pulsando com fúria

silenciosa.

— Não vou fazer isso com você. Prefiro morrer — ele me diz. E ele quer dizer isso mesmo. Juro por Deus que ele está falando sério.

Earl agarra Dean pela frente de sua camiseta e começa a arrastá-lo até mim, a arma pressionada com força contra suas costelas.

— A gatinha quer. Ela já está ronronando por você.

Dean tropeça ao ser empurrado na minha direção, se equilibrando antes que nossos rostos se choquem. Nossos olhos se conectam de tal forma diante da realidade deste momento, a verdade aterrorizante que corrói nossos ossos secos. Posso sentir o calor de Dean irradiando para mim, e suas mãos se estendem para me tocar pela primeira vez.

Ele coloca as palmas das mãos contra meus ombros, apertando suavemente.

— Não posso, Cora. Deixe-o me matar. Por favor.

— Pare com isso. — Lágrimas inundam meus olhos cansados, e eu me aninho a ele por instinto, desejando mais calor. Mais contato. — Não vou deixar você morrer. Apenas acabe com isso.

Melhor você do que ele.

Não consigo dizer as palavras, no entanto.

Dean abaixa as mãos, os dedos cravados em meus braços. Ele abaixa a cabeça e respira fundo, em total aflição.

— Porra…

— Vamos, Romeu. Earl tem coisas para fazer hoje. Você tem mais um minuto antes que eu fique impaciente e puxe esse gatilho, todo feliz.

Nós dois olhamos para o abusador, depois nos concentramos um no outro. O contato visual é demais para mim, então viro a cabeça para a direita, com lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas imundas.

— Cora... — O tom de Dean é urgente. Calmo, mas mesclado profunda tristeza. Ele segura meu queixo entre os dedos ásperos e me obriga a encará-lo. — Cora, olhe para mim.

Deus. As lágrimas caem mais rápido. Meus lábios se abrem, e ele olha para minha boca, seu pomo-de-adão se movendo para cima e para baixo. Então ele se inclina.

Ah, não. *Não, não, não.*

Ele vai me beijar.

Viro a cabeça para o lado novamente, evitando seu beijo.

— Não... — sussurro, com a voz entrecortada, o cabelo grudado no meu rosto manchado pelas lágrimas. — Não faça disso algo que não é.

Dean arqueja, contendo seu avanço. Então assente de leve com a cabeça, me dizendo que compreende; em seguida, ele segura meus pulsos acorrentados. Franzo o cenho, confusa. Ele esfrega o polegar ao longo da área em que pode sentir minha pulsação, o olhar fixo ao meu.

— Você sente isso?

Engulo em seco, o nó na garganta se tornando cada vez mais doloroso.

— Sim — digo, quase em um guincho. O gesto é um pouco reconfortante, apesar das circunstâncias.

Dean continua o movimento circular, o polegar calejado roçando meu pulso, quase amorosamente.

— Concentre-se nisso. Feche os olhos e abstraia. A única coisa que quero que sinta é meu polegar massageando seu pulso.

Quero chorar com vontade. Quero chorar porque estou com medo e exausta e dolorida e *farta*. Eu quero chorar porque não posso acreditar que isso está acontecendo. Quero chorar porque o noivo da minha irmã, um homem a quem eu odiava uma semana atrás, está prestes a me foder enquanto um maníaco

esquisitão se masturba a alguns metros de distância.

Eu quero chorar porque é horrível, *muito horrível*, mas Dean ainda está tentando aliviar tudo para mim.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos, consentindo com o que está prestes a acontecer. Ouço o suspiro de Dean, e seu hálito sopra sobre mim como uma bruma. É seguido pelo som da fivela do cinto se abrindo e a calça caindo no cimento frio.

Uma voz familiar e rouca penetra nosso momento:

— Sim, é isso aí. Seja bonzinho e fique de pau duro por ela.

Minhas pálpebras se fecham com mais força, e tento filtrar tudo, menos a sensação do polegar de Dean contra a parte inferior sensível do meu pulso. Seus movimentos são suaves e fluidos. Constantes. O que quer que ele esteja fazendo com a outra mão – e *Deus*, nem quero saber – não está afetando a atenção dedicada ao meu pulso. Inspiro, puxando um fôlego instável, longo e lento.

— O que diabos há de errado com você? — Earl esbraveja do outro lado do porão. — Ela é gostosa pra cacete. Foda logo essa boceta.

Estremeço com o som estridente de sua voz, e meus olhos se abrem. Ergo o olhar e me concentro no rosto de Dean. Ele está olhando para mim com uma expressão vazia.

— Está tudo bem. Apenas vá em frente — instigo, querendo acabar com isso. Querendo me enrolar em uma bola de vergonha e chorar até dormir.

Para sempre.

A mandíbula de Dean cerra e suas narinas se alargam.

— Acho que não consigo fazer isso.

Earl nos interrompe novamente:

— Qual é o seu maldito problema? Você joga no outro time?

Dean vira a cabeça para a direita e rebate:

— Eu não sou um psicopata nojento que gosta de estuprar mulheres. As coisas não funcionam assim comigo, porra.

Então vejo o cano da arma pressionando a têmpora de Dean, e dou um grito.

— Isso não vai ajudar — Dean fervilha, suor acumulando-se ao longo de seu cabelo escuro. Ele está tentando levar a coisa numa boa, mas posso ver o medo estampado em seus olhos. Posso sentir o cheiro em sua pele.

— Você tem três segundos para descobrir o que vai ajudar, ou essa cadela vai ficar com seu cérebro espalhado no corpo até eu ficar entediado com ela e enterrar sua bunda ossuda no chão.

Um soluço estrangulado me escapa e eu chacoalho as correntes, notando que Dean ainda não soltou meu pulso. Não tenho certeza do que dizer, então deixo escapar:

— Me beije.

Ele me encara com os olhos azuis gélidos, perturbados e injetados.

— Me beije, Dean — repito. — Por favor.

É evidente que nossa situação não o está deixando ‘no clima’ rápido o suficiente para Earl, então talvez alguma intimidade forçada ajude. Dou uma olhada na pistola, vendo-a se afastar lentamente da cabeça de Dean. Não consigo evitar o pequeno suspiro de alívio que me escapa.

A boca dele se abre levemente, os olhos vagando pelos meus lábios machucados. Ele olha de volta para mim, como se confirmasse: *você tem certeza?*

Aceno rapidamente, engolindo um medo que tem um gosto tangível.

— Eu quero que você faça isso.

Quando ele se inclina, inspiro bruscamente, fechando os olhos em

antecipação. Solto um leve ofego quando nossos lábios se tocam, e Dean faz o mesmo. Eu disse a ele para não fingir que isso é algo que não é, mas talvez tenhamos *que* fingir. Talvez seja a única maneira de passar por isso. Sinto sua língua cutucando, buscando passagem, e obedeço a seu comando. Meu corpo se inclina para frente para encontrá-lo ainda mais, e abro mais a boca, encorajando-o.

— Feche os olhos e abstraia... — arfo contra seu calor, repetindo seu próprio pedido de agora há pouco. — Concentre-se em me beijar.

Minhas palavras parecem estimulá-lo de alguma forma, e Dean levanta a mão direita para segurar meu rosto enquanto a outra continua seus círculos lentos e preguiçosos contra o meu pulso. Cada um de nós tem um ponto crucial. Uma tática de sobrevivência. Seu toque, meu beijo. Um beijo que se aprofunda cada vez mais, nos dominando, disfarçando este momento para o que realmente é. Minha língua é seu véu – seu manto preto.

Mas também é o combustível dele. Antes que me dê conta, sua mão desce pela minha bochecha, desliza pela minha cintura, quadril, coxa, até que separa, gentilmente, minhas pernas. Sinto a ponta de sua masculinidade se estabelecer na minha entrada e tudo se torna muito real. Faço um som que nem consigo descrever – um gemido, talvez. Rasgado direto da torrente de descrença em espiral através do meu núcleo.

— Sinto muito. — Ele se afasta da minha boca, a cabeça tombando no meu ombro enquanto se enterra dentro de mim. — Sinto muito.

Circulando, circulando, circulando.

Esquerda, depois direita. Lento, cuidadoso e gentil.

Para cima e para baixo.

Ele está rastreando minha artéria. Tateando.

Como arte.

Posso fingir que isso é algo bonito.

Dean está me beijando novamente, seu pau me enchendo, pulsando para dentro e para fora com golpes doloridos. Ele é grande e grosso, ao contrário do vil Earl que estava bombeando em mim ainda ontem.

Circulando, circulando, circulando.

Nossas línguas estão duelando, desesperadas para apagar tudo o que está acontecendo, tudo o que aconteceu. Apenas *tudo*. A mão direita de Dean está segurando minha perna, empoleirada sobre seu quadril. Seus dedos estão cravados nos músculos da minha coxa, apertando levemente enquanto ele se move para dentro e para fora. Dentro e fora. Dentro e fora.

Circulando, circulando, circulando.

Posso ouvir o monstro nojento além de nós resfolegando, gemendo de prazer com a exibição ao vivo. Por causa da porra do entretenimento que estamos oferecendo.

Circulando, circulando, circulando.

Preciso me concentrar. Preciso bloquear Earl e este porão e o cheiro de morte iminente no ar.

Dean.

Há apenas Dean.

E não importa que ele esteja dentro de mim, me penetrando profundamente, extraindo pequenos gemidos do fundo da minha garganta. Ele está aqui. Ele está vivo. Nós *dois estamos* vivos.

Estamos nisso juntos.

Ele ainda está me beijando, sua língua se tornando mais voraz à medida que suas estocadas aceleram e seu corpo fica tenso. Ele vai gozar.

Circulando, circulando, circulando.

Permaneço com os olhos fechados. Não quero ver seu rosto neste

momento, não quero testemunhar seu prazer. E não porque estou com raiva ou com um olhar acusatório. Estou com inveja. Tenho inveja de que ele seja capaz de encontrar um momento de êxtase, de alegria, de felicidade autêntica, em meio ao nosso pesadelo compartilhado. Estamos nisso juntos, sim, mas por um momento – por alguns segundos potentes e ofuscantes – estaremos em mundos separados.

A mão de Dean desliza pela minha coxa e agarra minha bunda nua, a outra mão ainda deixando sussurros e desculpas ao longo do meu pulso com seu toque cálido.

Circulando, circulando, circulando.

E então ele chega ao clímax, tentando mascarar seu gemido de prazer ao enterrar o rosto na curva do meu pescoço. Dean se agarra a mim através dos espasmos de seu corpo, me segurando como uma amante desejada. Mas não sou nada disso. Sou apenas um peão no jogo de Earl. Nós dois somos peões.

Dean inspira fundo, quase arfando com a respiração pesada.

— Sinto muito. Sinto muito. Me desculpa. — Ele repete isso várias vezes, a devastação o inundando. O remorso substituiu a euforia, e minha própria inveja desapareceu. Posso sentir suas lágrimas quentes caindo na minha clavícula.

Earl nos lembra de onde estamos e por que estamos aqui, como se pudéssemos esquecer.

— Isso foi lindo pra caralho. Gozei com tanta força que vi estrelas — rosna, suas risadas roucas me dando vontade de vomitar.

Dean ainda está dentro de mim, amolecendo, mas incapaz de me deixar ainda. Talvez ele ainda esteja fingindo.

Eu não o culpo.

— Acabou o tempo, garanhão — Earl retruca.

O cheiro repugnante do odor corporal de Earl me invade, e finalmente abro os olhos para vê-lo se aproximando de nós com sua arma. Dean desliza para fora de mim, mas sua mão esquerda ainda está no meu pulso, e a direita deslizou da minha bunda e pousou no meu quadril. Ele ainda está me segurando, desfrutando do nosso contato o máximo que puder. Eu o sinto levantar a cabeça do meu ombro, mas giro o corpo para o lado, incapaz de encarar seus olhos. Ainda não.

Talvez nunca.

— Esta não é uma manhã romântica depois de trepar, seu idiota. Vá para o seu canto antes que eu acabe com você.

A voz de Earl me desestabiliza, e me sinto vazia e oca. Mas nada deixa um vazio maior do que Dean soltando meu pulso e se afastando de mim. Seu toque permanece na minha pele, e ainda posso senti-lo traçando minha artéria, deixando mais de si mesmo para trás do que ele jamais saberá. Meu pulso formiga e zumbe assim que sente sua ausência.

Quando finalmente me atrevo a olhar em sua direção, sua calça já está posta e Earl está prendendo suas correntes.

Voltamos às nossas posições anteriores.

Mas à medida que o calor pegajoso escorre pelas minhas coxas e as lágrimas de Dean se misturam com o suor na minha pele, sei que não somos os mesmos.

Nunca mais seremos.

Capítulo Sete



— Dean.

Seu nome na minha língua ecoa alto e áspero por todo o cômodo silencioso, e ainda assim, Dean finge não me ouvir. Ele não se move ou pisca ou vacila. Apenas fica sentado ali, largado contra seu poste, o mais longe possível de mim.

— Dean — repito.

Nada.

Suspiro, com o queixo apoiado ao peito, fechando os olhos. Provavelmente já faz uma hora desde... bem, desde que aconteceu. Ele recuou para seu canto escuro, então se fechou em si mesmo.

E não disse uma palavra. Nem sequer olhou para mim.

— Você pode conversar comigo? — tento mais uma vez. Não consigo imaginar passar o resto do dia afastada e isolada da única outra pessoa que entende o que estou enfrentando.

Dean finalmente gira os ombros com um murmúrio suave.

Prova de vida, pelo menos.

— Não estou brava, Dean. Você fez o que tinha que fazer, e eu enten...

— Não posso, Cora. Por favor.

A tristeza em seu tom quase me destrói. Seu tom soa em total derrota pela primeira vez.

— Não me exclua. Não posso fazer isso sozinha. — A última palavra sai embargada, meu peito queimando com o desejo de manter nossa conexão florescente.

Ele é tudo que tenho.

Dean balança a cabeça, devagar, os olhos focados no piso.

— Não consigo nem olhar para você.

Inspiro uma respiração entrecortada. Não posso alcançá-lo agora. Ele está perdido para seus próprios demônios, arrependimentos e decisões impossíveis.

É verdade que não estou brava. Dean estava com uma arma apontada para a cabeça e nossas vidas estavam por um fio. Só havia uma saída, e eu disse a ele para aceitá-la.

E talvez eu esteja ficando um pouco entorpecida.

Fecho os olhos e me deito, me obrigando a dar a ele o espaço necessário. Haverá tempo para conversar sobre isso – quando ele estiver pronto.

Tudo o que temos é tempo.



Ao anoitecer, nossa única fonte de luz se apaga.

Já faz horas. *Horas*.

E Dean ainda se recusa a falar comigo.

O silêncio se torna demais para suportar, então decido rompê-lo

enquanto nos sentamos sozinhos no escuro – realmente sozinhos.

— Eu ia adotar um cachorro — sussurro, em meio às sombras. Eu mal posso vê-lo, mas percebo um pequeno movimento, me alertando que ele não está dormindo. — Você queria saber o que eu estava pensando antes. Estava pensando nos dois cachorros que não cheguei a conhecer no domingo passado. Eu me pergunto por qual deles eu teria me apaixonado.

Silêncio.

Minhas palavras ecoam na escuridão, pairando entre nós, dolorosamente ignoradas. Dobro os joelhos e descanso meu queixo entre eles. Mexo os dedos dentro dos tênis cinza de Dean, que são grandes demais para os meus pés. Mas eles me trazem um calor e conforto que tanto almejo, especialmente agora.

Fecho os olhos e sussurro:

— Boa noite.

Dean nem ao menos responde naquela noite. E não canta, também.

Caio dentro e fora de um sono agitado e tumultuado, sentindo falta do som de sua voz.

Capítulo Oito

Dez anos antes...

— Dean, pare o carro!

Há um cachorro ferido no meio do cruzamento movimentado e coberto de neve. O animal está mancando, meio cambaleando, encolhendo-se de medo toda vez que um carro passa zunindo, borrifando lama suja e deixando-o congelar até a morte.

— Porra, você é louca, Corabelle? Está a maior nevasca lá fora e já estamos vinte minutos atrasados para o café da manhã.

Mandy se senta ereta do lado do passageiro, esticando a cabeça para o banco de trás para olhar para mim com suas sobrancelhas perfeitamente delineadas.

— Você esqueceu sua bolsa ou algo assim? — ela pergunta.

Balanço a cabeça, desafivelando o cinto de segurança e me inclinando para frente, apontando meu dedo entre eles.

— Tem um cachorro ali, e está machucado.

— Não podemos parar, mana — insiste Mandy, seus olhos pousando no filhote. — É muito perigoso. Além disso, a vovó provavelmente vai ter uma parada cardíaca por se preocupar com o nosso atraso.

— Podemos ligar para o controle de animais quando chegarmos ao restaurante — Dean concorda.

Mandy acena com a cabeça e pega seu Blackberry.

— Posso até ligar agora mesmo se isso a fizer se sentir melhor.

— Vocês estão falando sério? O pobre animal provavelmente foi atropelado por um carro. E vai ser atingido de novo! — argumento, meu peito latejando de medo. — Pare o carro, Dean.

— Não há lugar para encostar...

— Tudo bem... Eu vou descer aqui. — Alcanço a maçaneta da porta como uma idiota rebelde, embriagada pela adrenalina e a necessidade de salvar este animal.

— Jesus Cristo, espere. — Dean guia o carro para o acostamento da pista movimentada, os limpadores do para-brisa acumulando mais e mais rajadas grossas de flocos a cada golpe rangente.

O carro mal está estacionado quando abro a porta traseira com um chute e puxo o gorro para cobrir as orelhas, estremecendo quando o vento gelado me tira o fôlego. Um carro passa por mim e dou um salto para trás, me perguntando se isso era uma ideia estúpida, afinal. Abro caminho pelos quinze centímetros de neve pesada e paro na beira da rua, olhando para os dois lados. É hora do rush, então há um fluxo constante de tráfego. Os flocos de neve estão caindo com força, iluminados pelo mar de faróis e me deixando tonta. Decido fazer uma pausa, pensando que sou mais rápida do que os carros subindo o aclive. Corro para a pista, meu coração na garganta e o sangue bombeando rápido e quente. Eu quase escorrego em um pedaço de gelo, mas chego à faixa

central inteira, ignorando as buzinas e me curvando para recuperar o fôlego quando chego em segurança.

O pobre animal está deitado de bruços, seu corpo molhado e trêmulo pressionado contra o meio-fio.

— Ei. Estou aqui para ajudar. Não vou te machucar. — Arranco as luvas e as enfio nos bolsos do casaco. Então estendo meus dedos, suavemente, observando o cachorro de cor de creme se mover com cautela para me cheirar. — É isso. Você estará seguro e aquecido muito em breve.

Quando me aproximo para agarrar o cangote do cachorro, sou surpreendida por uma nova presença.

— Você é uma idiota do caralho. Que diabos há de errado com você?

Inclino a cabeça para a direita, deparando com Dean vindo em minha direção na neve com um olhar furioso em seu rosto. Ele puxa o capuz sobre a cabeça e eu só o encaro.

— Além de você?

— Hilário, Corabelle — ele resmunga. — Você vai se matar.

— Acho que é seu dia de sorte, então.

— Quer parar, porra?

Nós dois olhamos para o cachorro, que agora está tentando se levantar e escapar, provavelmente aterrorizado com Dean e seu comportamento brutal.

— Você vai assustá-la — eu o repreendo. — Estou cuidando disso.

Dean bufa baixinho, e parece uma nuvem de fumaça quando atinge o ar frio do Centro-Oeste.

— Como você estava planejando levá-la de volta para o carro? Você mal chegou até aqui sem ser atropelada. E o animal tem pelo menos uns cinquenta quilos.

Bem... pensando dessa forma...

Eu realmente não tinha pensado tão à frente.

— Apenas me deixe em paz. Eu vou dar um jeito. — Olho para a estrada de pista dupla e deparo com Mandy nos observando do carro com os olhos arregalados. — Tenho certeza de que minha irmã está perdendo a cabeça sem você estar ao alcance do braço.

— Ela vai sobreviver. Mas você já é outra história — responde Dean, a voz ficando mais alta acima do vento uivante e dos motores que passam.

— Você é *outra história — rebato, e pode ser apenas a minha pior resposta até agora. Eu culpo o frio. Eu me aproximo do animal, que parece ser algum tipo de mistura de Golden Retriever, e arrulho mais palavras doces para tentar ganhar a confiança desse cachorro no meio de uma nevasca durante a hora do rush da manhã de segunda-feira.*

— Vou pegá-la — intercede Dean, passando por mim e correndo em direção ao animal assustado com zero graça e sutileza.

— Dean!

— Venha aqui, amigo!

Ele avança sobre o cachorro e ele foge.

O cachorro vai direto para as duas pistas opostas e quase causa um engavetamento de quatro carros.

Pânico e raiva borbulham quando olho para Dean, boquiaberta.

— Olha o que você acabou de fazer! Eu disse que lidaria com isso!

— Ah, inferno — ele murmura, baixinho.

Antes que eu possa amaldiçoá-lo ainda mais, Dean corre pela estrada quando há uma pequena interrupção no trânsito, perseguindo o cachorro por uma ravina coberta de neve. Fico ali na faixa central com os nervos borbulhando e remoendo o intestino, incapaz de ver Dean ou o animal. Os

motoristas dos carros estão diminuindo a velocidade para que possam olhar para mim, chocados – uma adolescente trêmula e parada no meio de um cruzamento sob uma nevasca. Bato o pé contra o asfalto lamacento, voltando a calçar as luvas para aquecer os dedos congelados. Eu observo e espero, a ansiedade aumentando, meu peito apertando.

E então os vejo. Dean está subindo a ravina íngreme, carregando o animal de cinquenta quilos em seus braços. Meu suspiro de alívio espirala pelo ar, e meu corpo relaxa – isto é, até que Dean faz uma corrida ousada pela estrada, sem reparar em um carro acelerando direto para ele com os faróis apagados.

— Dean! — grito, chamando sua atenção bem a tempo, já que o carro quase o acerta.

Eu o vejo fechar os olhos e respirar fundo, provavelmente levando um momento para processar sua experiência de quase morte. Então ele termina a caminhada pela estrada, sem ferimentos, parando no canteiro central para me olhar com a cara feia que é sua marca registrada.

Ele está sem fôlego e suas bochechas estão rosadas, com queimaduras por causa do vento cortante.

— Eu realmente te odeio, Corabelle.

Não consigo reprimir o sorriso que se esgueira pelo meu rosto.

— Te odeio mais.

Conseguimos correr em segurança para o carro, e Dean deixa o cachorro pular no banco de trás comigo. Eu me acomodo, tentando me aquecer, e sorrio quando o animal – uma cadela – se aninha no meu colo como se fosse seu lugar favorito no mundo. Ela dá um longo suspiro, o queixo descansando na minha coxa. Segura, finalmente.

— Vou te chamar de Blizzard — anuncio para a cadela fofa com pelo

emaranhado e uma pata torta. — É melhor que mamãe e papai me deixem ficar com você.

Quando Dean coloca o carro em movimento e pega novamente a pista principal, eu o flagro olhando para mim pelo espelho retrovisor. Juro que há uma suavidade desconhecida em seus olhos claros, algo parecido com ternura. Algo que nunca tinha visto antes.

Mas desaparece tão rápido quanto veio, e o brilho ardiloso retorna.

Dou língua para ele.

Ele me mostra o dedo médio.



O oitavo dia nos recebe com raios de sol quentes e alaranjados, da cor de tangerinas – um forte contraste com o sentimento turvo e lamacento de desespero que vive dentro do meu coração.

Oito dias.

Parece muito mais tempo. Parece uma vida inteira.

Eu me pergunto quando vou perder completamente a noção dos dias e tudo vai se confundir em um pesadelo prolongado e interminável.

Dou uma olhada para Dean, e fico surpresa ao encontrá-lo de frente para mim novamente. Ele parece abatido e devastado. Suas bochechas estão magras, os olhos estão rodeados por olheiras profundas. Sua pele mudou de um bronzeado saudável para um tom branco como giz. Sua aparência mudou drasticamente em apenas vinte e quatro horas.

Mas seus olhos ainda são do azul mais azul e estão fixos nos meus.

Estou prestes a dizer a ele um ‘bom-dia’, perguntar se dormiu bem, puxar conversa, mas Dean fala primeiro:

— Você teria ficado com os dois — diz ele.

Sua voz soa rouca quando pisco para ele, processando suas palavras. Demoro um pouco mais a compreendê-las, e não tenho certeza se é porque estou tão exausta ou porque uma parte minha duvidava que Dean falaria comigo novamente. Engulo em seco, sentindo a garganta apertar.

— Você teria adotado os dois cachorros, porque seu coração é grande demais para apenas um.

Achei que estava muito debilitada e desidratada para produzir mais lágrimas, mas me surpreendo quando meus olhos começam a embaçar. Mantenho o olhar marejado em Dean, com medo de romper esse contato, com medo de que ele se feche outra vez e me deixe só. Então ofereço um leve sorriso. E respondo com minha voz igualmente rouca:

— Nunca imaginei que você já houvesse notado meu coração.

É uma declaração intensa, e odeio que seja verdade.

O rosto cansado de Dean fica ainda mais exausto enquanto ele assimila minhas palavras.

— É impossível não notar, Cora.

Finalmente desvio o olhar e puxo os joelhos contra o peito, apoiando o queixo contra eles. Não ouço mais o gotejamento do encanamento e fico imaginando se está tão frio lá fora que os canos congelaram. Uma frente fria deveria ter chegado na semana passada.

Ergo novamente o olhar para Dean, quando o silêncio se torna muito doloroso. Ele ainda está me encarando com um olhar inexpressivo.

— O que somos? — pergunto em voz alta.

Eu não esperava que essas palavras saíssem, mas elas estão me atormentando há dias. Dean sempre se encaixou em uma categoria muito específica na minha vida. Dean, o babaca. Dean, o namorado idiota da minha irmã. Dean, meu inimigo mortal.

Mas…

— Você não se parece mais como meu inimigo — concluo.

Você parece como minha tábua de salvação.

Vejo seu semblante fechado, as sobrancelhas franzidas, enquanto ele me avalia. Os segundos passam e se transformam em minutos. Nossos olhares derivam e colidem. Derivam e colidem.

Ele está pensando. Provavelmente se perguntando a mesma coisa.

— Não sei — Dean responde, por fim, as palavras carregadas com tristeza. — Mas acho que você estava certa... nunca seremos amigos.

Capítulo Nove



Cinco anos antes...

— Onde você aprendeu a fazer isso? Não importa... não quero saber.

Dean está tentando abrir o cadeado de uma casa velha e abandonada com algum tipo de objeto pequeno – talvez um grampo de cabelo. Talvez um pedaço de seu chifre de demônio.

Brandon me abraça com mais força, me aquecendo com o calor do seu corpo. Estamos apenas em meados de outubro, mas o ar está insuportavelmente fresco, dando à nossa aventura na casa mal-assombrada o ambiente assustador perfeito.

Mandy está aconchegada ao lado de Dean, observando-o abrir a fechadura. Ela quica no lugar, com os braços cruzados para se manter aquecida.

— Anda logo, amor. Alguém vai nos ver — ela diz, em um sussurro áspero. — Além disso, estou congelando pra caramba.

— Por que você não vestiu uma calça? — Dean pergunta. — Está

menos de dois graus aqui fora.

— Não combinava com o meu vestido, é óbvio.

Essa é a escolha de vestimenta, da minha irmã, para uma festa do pijama muito ilegal em uma casa decadente de três andares em estilo vitoriano. Eu balanço a cabeça e reviro os olhos de maneira exagerada.

— A quem você está tentando impressionar, mana? O fantasma do Sr. Garrison?

— Rá rá... — retruca, com ironia. — Ao contrário de algumas pessoas, gosto de estar no meu melhor, não importa a ocasião.

Mandy lança um olhar afiado no meu jeans azul desbotado, moletom largo e botas surradas. Dou um puxão rápido no meu coque bagunçado, ignorando a insinuação de que minha aparência não está de acordo com os padrões da sociedade.

Arrombar e entrar aqui não estava exatamente na minha lista de tarefas para o dia – ou em qualquer dia, para dizer a verdade. Porém Mandy me convenceu a isso. A antiga casa hipotecada dos Garrison é o assunto de muitas histórias distorcidas e rumores sórdidos em nossa pequena cidade, especialmente nesta época do ano. Além disso, Brandon parecia muito entusiasmado com a perspectiva de passar a noite na casa assustadora e eu não queria que ele pensasse que eu era uma covarde.

Eu sou, claro. Estou praticamente me mijando de medo agora.

Meus olhos se concentram na tentativa de invasão de Dean enquanto tamborilo o pé, com impaciência.

— Pensei que você tivesse dito que seria moleza — murmuro. — Você é um criminoso muito ruim.

— Quase conseguindo.

Click.

A fechadura se abre e Dean me dá uma piscadela vitoriosa.

— O que você estava dizendo mesmo?

Franzo o nariz e passo por ele, sendo guiada por Brandon com a mão apoiada na parte inferior das minhas costas.

— Isso é sinistro — declara Brandon, apontando a lanterna do telefone para a entrada às escuras. Ele se inclina e beija o espaço entre meu pescoço e ombro. — Assustada, amor?

Eu estremeço.

Por causa do beijo – não pela imagem mental de cinquenta mil aranhas se escondendo, só esperando a gente dormir para que possam rastejar em nossos tímpanos e construir comunidades.

— Não estou assustada, só com frio — minto.

Eu sou péssima em mentir, então Brandon me gira e me puxa para um beijo rápido.

— Tudo bem ter medo. É por isso que é divertido.

Dean se esgueira ao nosso lado, agitando as sobrancelhas ridículas.

— Sim, é divertido, Corabelle. Você já leu sobre diversão em seus livros, certo?

— Espera... Você sabe o que é um livro?

Mandy me dá um tapa no braço, balançando seu cabelo loiro descolorido de um lado ao outro.

— Eu estava preocupada com os espíritos demoníacos que vivem nas paredes nos detonando, mas tenho certeza de que você e Dean vão acabar se matando primeiro.

Dou de ombros.

Ela provavelmente está certa.

Algo faz cócegas na minha nuca, e tenho certeza de que é uma aranha-lobo ou aquele demônio do filme Atividade Paranormal *fungando no meu cangote.*

Golpeio meu pescoço, então balanço a cabeça para frente e para trás enquanto arrepios me cobrem da cabeça aos pés. Que nojo. Quando olho para baixo, para terminar de desenrolar meu saco de dormir, vejo três aranhas enormes e peludas saindo do tecido de algodão, prontas para sugar minha alma.

Eu grito.

Um grito histérico.

Então sinto outra cócega no pescoço e me levanto de um salto, esperneando, balançando os braços, meu cabelo, minhas roupas. Chuto o saco de dormir com o pé trêmulo e me afasto, acertando um corpo duro. E dou mais um grito.

A risada familiar agride meus ouvidos.

Giro de supetão e vejo o penacho em sua mão, então imediatamente começo a esmurrar seu peito com punhos furiosos.

— Seu babaca! — esbravejo, meu coração disparado e quase saindo pela boca. — Eu te odeio!

Dean agarra meus pulsos, pondo um fim rápido ao meu ataque.

— Tá, tá, tá... Eu te odeio mais.

Ainda estou arfando enquanto o encaro com os olhos semicerrados.

— Não, você não odeia. Não há como me odiar mais do que eu te odeio. — Consigo me soltar de seu agarre.

Ele não responde a essa afirmativa, pois sabe que estou certa.

O sorriso diabólico de Dean se alarga.

— Você não gostou das aranhas?

Giro a cabeça para olhar para os demônios horríveis, apenas para

perceber que eles são, de fato, falsos.

Idiota, idiota, idiota.

Eu me viro para encará-lo, e ele ergue as mãos, rindo.

— Você facilita demais para mim, Corabelle.

Recuso-me a olhar para ele à medida que me afasto para me juntar a Brandon na exploração do segundo andar. Vou me vingar dele mais tarde.

Isso é uma promessa.



— Quer um, Corabelle?

Estou sentada na frente de uma infinidade de velas, tentando me aquecer com uísque e cobertores de lã. Mandy está no banheiro, afofando o cabelo ou algo assim, e Brandon está brincando com seu novo Blackberry no outro quarto.

— Não me chame assim. — Olho para Dean, que apareceu à minha esquerda com uma caixa de donuts na mão.

Adoro rosquinhas polvilhadas de açúcar.

Meu olhar se estreita, mas vejo que seu rosto permanece estoico e ilegível. Não há malícia ou tentativa nefasta brilhando naqueles olhos azuis. Retiro um dos meus braços do cobertor xadrez vermelho e preto e pego uma rosquinha da caixa.

Dou uma mordida, então cuspo na mesma hora quando inalo um bocado de farinha de maisena.

Ah, esse filho da puta.

Dean começa a rir, e estou prestes a gritar obscenidades para ele, talvez começar a esmurrá-lo novamente, quando uma ideia surge na minha cabeça e eu ajo rapidamente.

Envolvo meu pescoço com as mãos e começo a tossir, os olhos lacrimejando, e meu corpo inteiro tremendo.

— E-eu sou a-alérgica... a amido de m-milho... — gaguejo, arranhando a garganta e ofegando, me curvando para baixo com um realismo impressionante.

O rosto de Dean fica pálido quando ele se ajoelha ao meu lado e começa a massagear minhas costas.

— Merda, Cora. Eu não sabia. Você está bem?

Balanço a cabeça, ofegando violentamente em busca de oxigênio.

— Eu... n-não consigo... r-respirar...

— Porra... merda! — ele grita, sacudindo meus ombros, os olhos arregalados de terror.

Desabo para trás no meu saco de dormir, meus dedos ainda enrolados no pescoço enquanto finjo desistir da luta. Minhas pálpebras se fecham e a cabeça tomba para um lado, meu corpo agora flácido.

Não ria. Não ria.

— Puta merda... Cora! — Ele continua me sacudindo. — Cora!

Eu gostaria de poder ver a expressão em seu rosto agora.

— Mandy! — ele grita, e ouço vários passos martelando o piso e se juntando a nós.

Dean embala meu rosto em suas mãos, levantando minha cabeça, e seus polegares acariciam minhas bochechas frias. O gesto é estranho e gentil, e me irrita pra cacete enquanto fico ali deitada prendendo a respiração.

— Ela acabou de desmaiar, Mandy. Eu fiz merda. Meu Jesus Cristo — ele balbucia. — Cora!

— Que diabos aconteceu? — Ouço Brandon indagar ao chegar mais perto.

Mandy começa a entrar em pânico, e eu a imagino agitando os braços como um pássaro do jeito que ela faz quando está pirando.

— Você matou a minha irmã? — exige saber de Dean.

— Eu não sabia que ela era alérgica a amido de milho!

De repente, uma boca quente desce sobre a minha, e não é a de Brandon. Eu memorizei a sensação dos lábios de Brandon, rachados e ásperos com o lábio superior mais fino.

Não, estes são cheios e macios e têm gosto de menta e uísque.

Dean está me fazendo respiração boca a boca, uma massagem cardiorrespiratória.

Por mais que esteja gostando da minha brincadeira, tenho que impor um limite entre a minha boca e a de Dean Asher, não importa o quão divertido isso seja. Além do mais, Brandon e Mandy estão envolvidos agora, e não é justo fazer essa brincadeira com eles.

Eu abro os olhos.

Dean começa a pressionar meu peito, soprando rajadas de ar na minha boca, sua testa brilhando de suor. Meus lábios entreabertos se transformam em um sorriso contra os dele, que percebe na mesma hora e se afasta para olhar para mim.

Meu sorriso se alarga e eu começo a rir descontroladamente.

— Te peguei.

Dean se afasta num pulo, se levanta e esfrega o rosto com as palmas das mãos, exasperado. Ele passa os dedos pelo cabelo e olha para mim, rolando de rir e quase sufocando com minha própria zoeira.

— Você está de sacanagem, porra? — Não consigo parar de rir. — Achei que você estava morta!

Algumas risadas explodem, e não consigo recuperar o fôlego. Eu me

preocupo que, agora, sim, eu realmente vá desmaiar. De verdade, desta vez.

Mandy resmunga, cruzando os braços sobre os seios volumosos.

— Não tem a menor graça, mana.

— É, amor, você nos assustou. — Brandon está agachado ao meu lado, com a mão no meu ombro.

Consigo controlar a crise de riso, e me sento no chão com o peso do corpo apoiado nas mãos enquanto encaro Dean, com uma expressão indiferente no rosto.

— Eu te peguei de jeito, e você mereceu. Você devia ver a sua cara... Isso não tem preço.

Dean me encara, me fuzilando com o olhar cruel, ainda arfando. É evidente que ele não está achando nada engraçado. Na verdade, nunca o vi olhar para mim assim antes – exausto, indignado, talvez até um pouco magoado.

Tanto faz.

Não me arrependo nem um pouco.

— Preciso da porra de um cigarro — Dean declara, a voz rouca, vasculhando os bolsos e tirando um maço. Ele me lança um último olhar de desprezo antes de desaparecer em um dos quartos adjacentes, as velhas tábuas do assoalho rangendo sob cada passo.

A noite prossegue com muito menos emoção, aconchegada ao peito de Brandon e tomando um coquetel. Contamos histórias de fantasmas em torno das velas, comemos pipoca e biscoitos de chocolate e permitimos que nossas mentes nos preguem peças ao som de risos e gritos a cada ruído estranho e assustador.

É uma noite divertida. Uma noite memorável.

Mas algo está errado.

Poderia ser por causa dos sacos de dormir desconfortáveis. Poderia ser o frio no ar. Talvez a dor no estômago de toda porcaria que comi. Podem ser

as aranhas à espreita nas sombras, esperando para se reproduzir dentro de nossos cérebros.

Ou... pode ser porque Dean não disse uma única palavra para mim pelo resto da noite.



Mais de uma semana se arrasta nesta casa de horrores.

Dezesseis amanheceres zombam de nós através da janela gelada.

‘Vinte Perguntas’. Sanduíches de peru. Estupros. Fome dolorosa. Sofrimento. Cantoria. Histórias. Desespero. Sexo com Dean.

Sexo com Dean.

Isso é algo que eu, provavelmente, nunca vou entender. Já aconteceu quatro vezes agora. *Eu transei com Dean Asher quatro vezes*. E não é estupro – nunca vou chamar de estupro. Toda vez, ele espera pelo meu consentimento. Toda vez, ele está disposto a morrer naquele momento se eu escolher dizer não.

E toda vez, ele morre um pouco de qualquer maneira.

Earl e Dean alternam dias como uma maldita agenda. Meu corpo não é mais meu corpo. Mas Earl me trata como um pedaço de lixo, contaminado e descartável, enquanto Dean massageia meu pulso para me ajudar a suportar, sussurra sua vergonha no meu ouvido e derrama suas lágrimas no meu pescoço antes de ser arrastado e acorrentado de volta.

Hoje é o dia do Dean, e sou grata por isso.

Dean está segurando meu pulso entre os dedos e o polegar, circulando e girando enquanto arremete para dentro e fora do meu corpo. Ele não olha para mim. Na verdade, ele quase não me olha mais nos olhos. Acho que ele tem medo do que pode encontrar lá.

— Esse é um bom cachorro — Earl zomba a alguns metros de

distância, dando ordens entre seus gemidos repugnantes. — A gatinha adora.

Inspiro fundo e mantenho a cabeça virada para o outro lado. Dean se afasta, soltando minha perna e segura meu rosto com a mão. Meus pés tocam o chão, por conta de nossa diferença de altura, e ele desliza para fora de mim. Ele poderia me segurar com a mão oposta, mas não o faz, porque se recusa a soltar meu pulso.

Seu toque é delicado e gentil contra minha bochecha, e a pele se arrepia, mas torço para que ele não perceba.

— Você está bem?

Earl interrompe:

— Eu não mandei parar de comer a gatinha, seu cachorro burro.

Dou uma olhada rápida para Dean, acenando com a cabeça e engolindo a verdadeira resposta: *não, não estou bem. Nunca ficarei bem.*

Dean suspira, piscando lentamente. Ele não está convencido, mas também está ciente de que não há nada que possa fazer sobre isso. Ele me levanta de volta com relutância e se acomoda dentro de mim mais uma vez, e acabo dando um pequeno suspiro quando ele me enche. Há uma estranha e perturbadora sensação de alívio ao senti-lo entre as pernas. Talvez seja um caso distorcido da Síndrome de Estocolmo. Talvez eu tenha enlouquecido. Ou talvez Dean seja caloroso, seguro e familiar, e isso é tudo que tenho para me agarrar.

Aceitarei o que vier.

Quando termina, Dean sai de mim e enterra o rosto na curva do meu pescoço, como sempre faz.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito, Cora. — Seu hálito quente faz cócegas na minha orelha e suas lágrimas umedecem minha pele. — Por favor, me perdoe.

E eu perdoo. Como sempre.

Dean é empurrado de volta para seu canto e algemado como um cachorro de verdade. Isso normalmente acontece quando Earl sai para o trabalho, mas ele faz uma pausa enquanto se vira, fixando os olhos escuros em mim. Eu estremeço.

— Minha vez, gatinha.

O quê?

Não. Por favor, não.

— E-eu pensei que s-sua vez fosse amanhã — grito, recuando um pouco para trás, desejando poder desaparecer atrás do cano.

Earl avança e me dá um tapa, arrancando um grito dos meus lábios.

— Ei! — Dean sacode suas correntes, raiva irradiando dele em ondas.

— Eu pego o que quero quando quero, sua puta estúpida. Entendeu? — sibila.

Aceno com a cabeça e mais lágrimas escorrem, minha mandíbula latejando.

Earl arranca o cinto... e quando o tira com violência dos passadores da calça, noto que um pedacinho do trinco se solta. É tão pequeno que quase não faz barulho ao cair perto do pé de Dean, mas ele percebe. Tento não fazer uma cena ou nos entregar, mas meus olhos se arregalam quando travam com os de Dean, e observo-o esconder o fecho de metal sob sua meia.

Não sei o que significa ou qual pode ser o seu propósito, mas já é alguma coisa.

É tudo o que temos.

Capítulo Dez



— Você sente falta dela?

O sol entra pela janela no décimo oitavo dia, zombando de nós. Estamos de frente um para o outro, em nossos respectivos cantos, as pernas estendidas; nossos dedos dos pés *quase* se tocam. Dean está encostado em seu encanamento, os olhos fixos em algum ponto logo acima do meu ombro.

— De quem? — pergunta, distraidamente.

Ele sabe a quem me refiro, mas respondo assim mesmo:

— Da minha irmã.

Dean dá uma piscada lenta e preguiçosa. Há um olhar distante em seu rosto à medida que uma onda de silêncio se instala entre nós, e eu me pergunto se ele está repassando memórias em sua mente como um rolo de filme. Por fim, ele acena lentamente com a cabeça.

— Deveríamos nos casar em duas semanas. Mandy queria um casamento no inverno com xales de veludo, um trenó puxado por cavalos e luzes brancas de Natal.

Um sorriso nostálgico surge nos meus lábios quando relembro o planejamento do casamento junto com Mandy. Tínhamos vestidos de madrinha vermelho-rubi com xales brancos como a neve. Era mágico.

Teria sido mágico.

Olho para Dean, silenciosamente implorando para que ele olhe para mim. Para que me *veja*.

Para me assegurar que ainda sou real.

— Ela estava muito animada para se casar com você — digo, um sussurro quase inaudível.

Amanda Asher.

Minha última lembrança de Mandy foi ela praticando sua futura assinatura na conta do bar naquela noite fatídica.

Vejo a mandíbula de Dean cerrar diante das minhas palavras, seus olhos fechando ao aceitar o fato de que talvez nunca se case com Mandy. Talvez nunca possa se casar de qualquer forma. Nunca poderá ter filhos ou assistir a outro jogo de futebol ou comer um bife malpassado ou acariciar um cachorro ou dormir em uma maldita cama com um despertador acordando-o para dizer: *'Bom dia. É cedo pra caramba e você tem que passar dez horas no trabalho hoje fazendo trabalhos forçados, mas pelo menos você consegue respirar o ar fresco e sentir o sol em sua pele.'*

A cabeça de Dean tomba contra o poste, seus olhos ainda fechados. Mas quando os abre, ele, finalmente, se concentra em mim. Em meus tristes olhos verdes. Minha pele macilenta e cabelo emaranhado. Ele me *vê*, e parece um pequeno milagre.

Sou real. *Nós somos* reais.

— Vamos sair daqui hoje.

Assim que ele diz as palavras que fazem meu coração pular uma dúzia

de batidas, as botas de Earl martelam os degraus de madeira.

É o dia do Dean. *Graças a Deus.*

— Hora de acordar, bichinhos. Prontos para um novo dia? — Earl exclama, seu rosto brilhando com uma alegria maligna.

Ele se dirige até Dean, o som de suas botas de bico de aço contra o piso de cimento sempre tão alto e hostil. Earl abre as algemas e se afasta com a arma apontada diretamente para o crânio de Dean.

Mas em vez de caminhar em minha direção como ele costuma fazer, Dean permanece onde está. Ele está completamente imóvel, a expressão ilegível, encarando Earl com um olhar mordaz.

— Você é um filho da puta gordo, porra — ele diz, seu tom baixo e calmo.

Earl fica parado e eu assisto à cena em um silêncio aterrorizado, meus dedos enrolando em volta do meu poste, segurando firme.

Então Earl dá um soco no rosto de Dean.

Eu me encolho, gritando em protesto, puxando as correntes para chamar a atenção de Earl de volta para mim. Quando Dean lentamente se levanta do chão, seu punho está bem fechado, escondendo um pequeno tesouro.

Earl pressiona o cano da arma contra suas costas e o empurra para mim.

— Não brinque comigo, garoto. Da próxima vez é uma bala na sua cara em vez do meu punho — Earl avisa. — Você está com os dias contados.

Minha respiração sai em incursões irregulares e aceleradas, à medida que Dean se aproxima de mim, cara a cara, olhos azuis conectados aos meus, verdes. Meu olhar deriva para seu lábio ferido, já inchado e manchado de sangue. Inspiro fundo, quase sufocando quando consigo tomar fôlego. Então Dean se inclina. Ele pressiona aqueles lábios carnudos contra os meus, e

imediatamente sinto o gosto do sangue metálico e acobreado na minha língua, misturado com suor e um traço de menta da pasta de dente. Abro a boca, permitindo que sua língua deslize para dentro, e ele respira fundo, *tão fundo*, como se estivesse sugando minha força vital para sobreviver.

Enquanto continua a me beijar, ele enlaça meu corpo com o braço, encontrando meus pulsos algemados. Mas em vez de colocar o polegar contra o ponto pulsante, como costuma fazer, ele faz uma pausa. Sua boca se separa da minha, e Dean roça seus lábios contra minha bochecha direita até que estão pressionados contra o meu ouvido. As cócegas por conta de seu hálito quente me fazem estremecer.

Então ele sussurra com uma voz áspera:

— Não solte suas algemas. Não as deixe cair.

Um nó se instala na garganta enquanto eu, instintivamente, enrolo os dedos ao redor do metal, segurando o mais forte que posso. Dean leva um momento para soltar a fivela do cinto e abaixar o jeans até os tornozelos, então me levanta com as mãos espalmadas em minha bunda.

— Enrole as pernas ao meu redor — ordena.

Ignoro a sensação de formigamento que essas palavras provocam e faço o que ele diz, me segurando para que Dean possa tentar destravar as algemas com o fecho do cinto. Parece uma façanha impossível, mas, *meu Deus*, nunca desejei tanto que algo desse certo.

Dean me penetra, desviando o olhar, como sempre, incapaz de testemunhar minha reação ao que ele considera uma violação horrível. Eu deveria concordar, realmente deveria, mas meu palpite é que meus olhos contam uma história diferente.

É melhor que ele não olhe.

Quando estabelecemos um ritmo confortável, Dean encontra meus

pulsos novamente, pressionando o queixo na curva do meu ombro direito e escondendo o rosto da visão de Earl. Do outro lado do porão, a impressão que, provavelmente, passa, é a de que ele está me martelando contra o cano – quando, na verdade, está tentando me libertar. Não sinto falta de sua massagem carinhosa em meu pulso hoje, porque estou distraída demais com a esperança de escapar e, finalmente, sair desta prisão.

Por favor, que dê certo. Por favor, por favor, funcione.

Conto os segundos mentalmente, tentando manter o semblante neutro e ilegível. Parece que está passando mais tempo do que o normal e uma onda de pânico vibra em minha barriga. Tento manter a respiração uniforme, os olhos fechados. E espero, espero e espero.

E então Dean recosta os lábios outra vez ao meu ouvido e diz, baixinho:

— Preciso que você dê um gemido, Corabelle.

Um gemido?

Engulo o nó, meio incerta.

— Por favor — ele sussurra, o apelo abafado em meu ouvido causando mais arrepios.

Aceno em concordância com a cabeça e conjuro meu gemido mais convincente, mascarando o som das algemas se soltando atrás de mim, escondendo a evidência de nossa vitória monumental.

Puta merda, ele conseguiu. Dean conseguiu.

Agarro o metal em minhas mãos, como se estivesse me agarrando a um bote salva-vidas, certificando-me de que as algemas não atinjam o chão e nos denunciem. Dean leva um momento para se concentrar em sua tarefa e goza dentro de mim um minuto depois. Ele não diz que está arrependido desta vez. Não chora ou implora pelo meu perdão.

Ele se afasta e dá uma piscadinha.



Esperamos pelo que parece uma eternidade, quando na realidade deve se passar, provavelmente, menos de uma hora. Esperamos até termos certeza de que Earl foi trabalhar.

Earl tem uma rotina. Ele trabalha de segunda a sexta-feira, saindo pela manhã e retornando logo após o pôr do sol. Hoje é quinta, então ele deve estar a caminho do trabalho agora, nos dando menos de oito horas para dar o fora daqui.

Meu coração está prestes a explodir dentro do peito com expectativa e ansiedade. Há muita coisa em jogo aqui – *tudo está em jogo*. Não faço ideia de como tirar Dean de suas correntes, então vai demorar um pouco para descobrir. Nunca arrombei uma fechadura antes na minha vida, muito menos algemas de nível profissional.

— Ele já deve ter ido embora — diz Dean à direita, incitando meu nervosismo a um nível absurdo. — Está pronta?

Respiro fundo.

— Estou pronta.

Finalmente, solto o metal e sinto as algemas escorregarem dos meus pulsos. Não parece estar acontecendo de fato, então apenas fico ali sentada, esquecendo de que posso me mover. Posso andar. Posso fazer uma dancinha de comemoração, se eu quiser. Eu me levanto, com os pés instáveis, fixando meu olhar em Dean.

Então corro até ele, que já está de pé na minha frente, os olhos arregalados e ansiosos, o peito arfante. Eu me lanço em seus braços, enlaçando seu pescoço e tocando-o pela primeira vez em semanas. Tocando *qualquer um*. Minhas mãos me pertencem. Meu corpo é meu.

Deslizo os dedos por entre os fios de seu cabelo, puxando suavemente, me deliciando com a sensação dos fios macios. Dean não me diz para me apressar e me mexer – não, ele me dá este momento. Ele me deixa correr as palmas das mãos por seu pescoço, suas costas, depois de volta para cima e ao redor de seu peito. Planto as palmas das mãos ali por um momento, assimilando as batidas dolorosas de seu coração.

Ele é quente, seguro e vivo.

Isso está realmente acontecendo.

Ergo a cabeça, encontrando o azul profundo de seus olhos dominados pela emoção. Um sentimento semelhante que reflete o meu, e quase me faz parar de respirar.

Consigo me recompor e afasto as mãos de seu peito forte, dando um pequeno passo para trás.

— Não sei como tirar você disso — digo a ele.

— Eu sei. E vou te orientar. Deixei o alfinete cair atrás do seu poste; traga-o aqui e lhe direi o que fazer.

Concordo com um aceno, voltando para o meu canto de pesadelos e tateando o piso imundo e empoeirado, examinando cada centímetro até encontrar o pequeno pino dourado. Quando o vejo, eu o seguro com força entre os dedos, e corro de volta até Dean, aguardando instruções.

Eu me acomodo às suas costas depois que ele se senta outra vez, e seguro suas mãos. Ele começa a me guiar pelas etapas, mas minha mente parece nebulosa e desfocada, e com as mãos trêmulas, acabo perdendo o agarre no fecho o tempo todo. Ele menciona fechaduras simples e duplas e pontos de parada. No sentido horário, anti-horário, molas e barras.

É demais. É muita coisa para absorver.

— E-eu não c-consigo, Dean. — Começo a entrar em pânico, o metal

tremendo em minhas mãos ineptas. — Eu sou péssima nisso. Me desculpa...

— Ei, calma. Não é uma coisa fácil de fazer mesmo. Você está indo bem.

Continuo a tarefa, xingando baixinho e com o suor cobrindo minha testa. Pelo menos trinta minutos se arrastam, fazendo minha ansiedade aumentar cada vez mais. Desabo e me sento de bunda no chão, para trás, dando um grito frustrado e derrotado, esfregando a testa úmida com o dorso da mão.

— Não dou conta de fazer isso.

Dean fica em silêncio por um momento, e observo a forma como seus ombros cedem de leve. Ele deve estar tão decepcionado comigo.

— Está tudo bem, Cora. Não se preocupe — assegura, tentando me olhar por cima do ombro. Eu me aproximo para que possamos nos ver. — Apenas saia daqui e traga ajuda.

Eu o encaro, boquiaberta.

— E te deixar aqui sozinho? Não faço a mínima ideia de onde estamos. E se eu me perder? E se não encontrar ajuda e ele descobrir que fugi? — divago, sem fôlego. — Ele vai te matar!

— Eu vou ficar bem — garante. — Apenas dê o fora daqui. Encontre uma estrada principal e peça para alguém chamar a polícia.

— E se...

— Vá, Cora. Por favor.

Nossos olhos estão fixos um ao outro enquanto suas palavras se infiltram em cada pedacinho do meu corpo. Abafo o medo, preocupações e dúvidas, balançando a cabeça, em derrota.

— Okay. — Eu me levanto, e Dean faz o mesmo. Meus joelhos estão fracos e trêmulos quando o abraço mais uma vez, memorizando o cheiro de sua pele. — Vou tirar você daqui — sussurro contra seu pescoço.

Mantemos contato visual por mais um instante, então me viro e corro até a escada.

— Cora.

Faço uma pausa ao som de sua voz, girando para encará-lo do outro lado do porão.

— Sim?

Dean mordisca os lábios, refletindo sobre o está prestes a dizer. Vejo sua garganta se mover à medida que engole o nó, o cabelo crescido grudando em sua testa.

— Eu sei que disse que você pode voltar a me odiar quando sairmos daqui — diz, com a voz angustiada —, mas, realmente, espero que isso não aconteça.

Um silêncio solene paira entre nós, denso e palpável.

Eu pisco.

Então sorrio e respondo:

— Mas é divertido.

A boca de Dean se curva nos cantos, compreendendo as palavras que neguei inflexivelmente por tanto tempo. Eu me apego a esse sorriso, usando-o como combustível ao subir os degraus de madeira, esperando e rezando para que a porta do porão esteja destrancada. Se não estiver, acho que vou me espremer por aquela janelinha que tem me provocado nas últimas duas semanas e meia. Mordo meu lábio, estendendo uma mão hesitante em direção à maçaneta.

Ela gira, e a porta se abre com um rangido.

Deus existe. Deus existe mesmo, caramba.

Respiro lentamente, meu corpo relaxando um pouco. Consegui sair do porão. Fora da masmorra. Fora do *Inferno*.

Agora... estou mais do que ansiosa em sentir o ar fresco de novembro

contra minha pele. Quero me fundir a ele e deixar que me limpe, lavando toda a sujeira. Cada estupro e noite sem dormir. Cada pontada de fome e sede insaciável. Cada lágrima, cada pesadelo, cada pensamento vazio.

Dou passos cautelosos pelo corredor estreito, passando pelo pequeno banheiro à esquerda e indo em direção à sala principal. A casa cheira a mofo e urina. Há alguns porta-retratos tortos nas paredes, mostrando-me que esse monstro não é um monstro de *verdade*. Ele é humano. Tem uma vida. Família. E eles não têm ideia do que ele se tornou.

Continuo andando, notando a cozinha no estilo anos 70 à direita e uma sala de estar com fedor de mofo à esquerda. Há uma porta de carvalho mais à frente. Uma rota de fuga.

No entanto, antes de sair, um calendário chama minha atenção. Está preso na parede à frente com uma tachinha vermelha. Há grandes letras xis feitas em caneta preta nas datas que começam no dia 8 de novembro, terminando no dia 25 – ontem. Há um rabisco ao lado do número oito que diz: *"Novos bichinhos"*. Um arrepio percorre minha espinha ao seguir em direção ao calendário. É surreal pensar que passamos quase o mês inteiro em cativeiro.

Folheio os meses anteriores, sendo vencida pela curiosidade. Os nove dias antes do dia 8 de novembro estão em branco – o último xis está marcado na data de 29 de outubro. Meu estômago embrulha de pavor ao perceber que outro casal, provavelmente, morreu naquele dia. Conto os xis anteriores: *vinte e dois*. O casal antes de nós sobreviveu por vinte e dois dias naquele porão.

Nosso tempo estava quase acabando.

Um som estrangulado me escapa quando cubro a boca com a mão, tentando conter a onda de náusea. Tudo o que mais quero é vomitar. E chorar. E gritar.

Mas não farei nada disso. Estou quase lá. Estou quase *fora daqui*.

Por instinto, pego alguns envelopes que estão em uma pilha de correspondência na mesa da cozinha.

Todos estão endereçados a *Earl Hubbard*, com seu endereço listado.

Perfeito.

Eu me viro, indiferente ao fato de estar usando apenas os tênis enormes de Dean e uma camiseta que mal alcança o meio das coxas. Tudo o que me importa é encontrar ajuda para Dean. Tudo o que me importa é acabar com esse pesadelo e colocar Earl atrás das grades pelo resto da vida.

Corro até a porta da frente e a abro. O ar frio me açoita na mesma hora; está muito mais frio do que eu previa. Provavelmente, congelando. Olho em volta, percebendo que estamos escondidos em algum tipo de fazenda, muito, muito longe da civilização. A área se estende mais adiante e longe do que minha vista alcança. Uma parte minha se pergunta quanto tempo ainda vou durar aqui antes de sucumbir à hipotermia.

Não.

Dean está contando comigo. A vida dele depende de mim.

Eu posso fazer isso.

Saio correndo porta afora e sigo em passos trôpegos à frente, esperando que haja algum tipo de estrada ou cidadezinha atrás da fileira de árvores. As folhas geladas trituram sob meus pés e o vento frio começa a congelar meus membros.

No entanto, minha fuga é interrompida quando sinto uma mão cobrir minha boca, um braço grosso enlaçando minha cintura, me puxando para trás. Os envelopes caem das minhas mãos.

Não, não, não.

Earl rosna contra o meu ouvido enquanto esperneio, gritando abaixo de sua palma da mão imunda.

— Boa tentativa, gatinha. Você vai pagar por isso.

— *Não!* — grito, histérica, um esforço em vão, pois o som está sendo abafado pela mão de Earl. Ao me arrastar de volta para a casa, noto uma churrasqueira ao lado, com um peru em cima das grelhas. Pestanejo, subitamente me dando conta da cruel reviravolta do destino.

É Ação de Graças.

É feriado nacional.

Estragamos nossa tentativa de fuga no único dia em que ele não teve que trabalhar.

Lágrimas inundam meus olhos enquanto luto com tudo o que me resta. Quando Earl me puxa pela soleira, e pela sala de estar, vejo um telefone fixo na parede oposta.

Ai, meu Deus.

Por que não pensei em procurar um telefone? Estou tão acostumada com o celular, que nem me toquei que poderia haver um telefone fixo. Se tivesse prestado atenção, eu poderia ter chamado a polícia e esperado pelo resgate, evitando essa tentativa desastrosa de fuga. Em breve, estaremos de volta à estaca zero.

Em breve, estaremos mortos.

Ele me arrasta pelo corredor, e eu balanço a cabeça de um lado ao outro, até ser capaz de abrir a boca. Aproveito a brecha e mordo sua mão com toda a força, a ponto de sangrar. Earl uiva de dor e me solta por instinto, me dando a oportunidade de correr em direção ao telefone.

Eu o alcanço.

Consigo segurar e discar com os dedos trêmulos.

9... 1...[3]

— Sua puta de merda. — Earl arranca o telefone da minha mão antes

que eu consiga digitar o último número, então acerta minha cabeça com um cano de metal.

Caio no chão da cozinha, em transe, e ele começa a chutar minhas costelas. Grito de dor, medo, desesperança. Posso ouvir Dean gritando meu nome lá embaixo, enquanto fico deitada sobre os azulejos amarelos manchados, curvando o corpo em posição fetal no segundo em que a ponteira de aço da bota de Earl fratura minhas costelas.

Quando sinto que estou prestes a desmaiar, Earl agarra um punhado do meu cabelo e me arrasta pelo corredor. Eu me debato e tento resistir, cravando as unhas em seu braço, mas de nada adianta. Ele abre a porta do porão e me joga escada abaixo.

Ouço Dean gritar meu nome logo antes de o meu crânio se chocar contra o piso de cimento e tudo escurecer.

---

[3] Referência ao número do serviço de emergência usado nos Estados Unidos: 911.

Capítulo Onze

Acho que as ondas estão sussurrando meu nome.

Talvez estejam cantando para mim e meu nome seja a música favorita do oceano.

— *Cora*.

O som é tão lindo, vindo da boca do mar magnífico. Cada letra é uma nota perfeita. Cada sílaba é uma melodia, harmoniosa e pura.

Mas quando a água beija os dedos dos meus pés, um vento uivante sopra e arranca meu nome direto do fundo do oceano. A música intensifica e se torna mais alta, como um tambor batucando meus ouvidos, pisoteando as costelas e espremendo a cabeça até arrancar um grito de dor. Dói... *dói muito.*

Não deveria doer.

— Cora.

Abro os olhos, com piscadelas lentas e dolorosas, e meus arredores começam a tomar forma.

Minha realidade.

A evidência do meu fracasso.

Começo a chorar na mesma hora, a bochecha pressionada contra o piso imundo, as mãos atadas às costas em uma posição muito familiar. Soluço, histérica e fraca, percebendo que meus olhos são incapazes de produzir lágrimas.

Não consigo nem chorar.

— Cora... porra, Cora, pensei que você estivesse morta — diz Dean, a voz entremeada de alívio súbito. — Fale comigo, Corabelle. Diga-me que está bem.

Continuo a chorar, tremer e gemer, meu corpo atormentado pela derrota sem esperança e por um nível absurdo de dor maior do que posso processar.

— Eu falhei. Fracassei com você. Eu sinto muito — ofego, entre os soluços desprovidos de lágrimas, puxando meus joelhos até meu peito dolorido. Não sei o que está mais quebrado: minhas costelas ou meu coração. — Sinto muito, Dean. Eu só quero morrer.

— Não ouse dizer isso — diz, em uma súplica desesperada. — Não é sua culpa. Não acabou. Por favor, não desista, Corabelle. Eu preciso de você.

Não suporto olhar para ele. Ele é a prova viva do meu fiasco fatal.

— Lembra do dia em que a Blizzard foi atropelada por um carro? Lembra do que eu disse a você? — Dean continua.

Dou uma fungada, o queixo apoiado nos joelhos, e me deito de lado no chão.

— Você disse que se ela morresse, eu poderia arranjar outro cachorro.

— Não essa parte. — Seu suspiro viaja até mim e o ouço ajustar suas correntes. — Eu lhe disse que o coração dela ainda estava batendo. Enquanto estivesse batendo, ela estaria bem.

Eu me lembro disso.

Foi há quatro anos. Eu tinha dado uma passada na casa dos meus pais, na hora do almoço, para levar a Blizzard para passear. De alguma forma, sua coleira se soltou e ela correu para a rua perseguindo um esquilo. A culpa que senti quase me destruiu – eu tinha certeza de que ela morreria e seria tudo por minha causa.

Mas Dean foi a primeira pessoa a chegar ao hospital veterinário. Achei que era porque ele sempre teve um fraquinho pelo cachorro fofo de cor marfim que carregou em segurança em uma tempestade de neve, tantos anos atrás, mas eu me lembro de ele ser extraordinariamente gentil naquele dia. Ele se sentou comigo até minha irmã e meus pais aparecerem, tentando me acalmar. Ele até esfregou minhas costas, afastando as lágrimas. A estranheza desse comportamento foi suficiente para me distrair do sofrimento, e suas palavras ficaram gravadas na minha memória:

— Você só precisa focar no agora — Dean disse, em um tom de voz desconhecido e calmante. — O coração dela ainda está batendo... enquanto estiver batendo, ela está bem. Apenas leve um segundo de cada vez, Corabelle. A Blizzard está bem e não há realidade onde ela não esteja bem.

Blizzard sobreviveu e Dean voltou ao seu estado detestável habitual no dia seguinte. Voltamos direto para nossas brincadeiras familiares e velha rotina combativa. ‘Dean Solidário’ se tornou uma lembrança distante, rapidamente esquecida, e percebi que ele só foi legal comigo porque Mandy estava pau da vida com ele por ter sabotado minha entrevista de emprego numa escola, quando decidiu enrolar meu carro com papel-filme.

Engulo meus soluços espasmódicos, tentando internalizar aquelas palavras de consolo à nossa situação atual. Ainda não acabou. Nós dois ainda estamos vivos, e enquanto estivermos vivos, há esperança.

Eu preciso estar presente – focada no momento.

Não acabou.

Eu me sento com muito esforço, estremecendo por entre os dentes cerrados ao ser dominada pela dor extrema. Tenho certeza de que algumas costelas estão trincadas, além de ter uma concussão.

Mas não estou morta. Eu ainda estou bem.

Por fim, olho para Dean, respirando fundo e tentando bloquear o desconforto ardente que percorre meu corpo combalido. Não digo nada, mas percebo que seus olhos azuis se suavizam à medida que o encaro... *esperança renovada*.

Não preciso dizer nada para ele saber que me levantei. Eu me recompus.

Vamos lutar até nosso último suspiro.

Capítulo Doze



O dia vinte se aproxima e nosso tempo está se esgotando.

Earl não nos alimentou ou nos deu água no dia anterior, tudo o que fez foi nos permitir usar o banheiro, escovar os dentes, e então fui submetida a uma surra de cinto, amplificando as dores em meu corpo já devastado.

Foi um castigo pelo meu ‘mau comportamento’.

Bebi uma boa quantidade de água enquanto escovava os dentes, para que não morresse de desidratação, porém sinto meu corpo mais debilitado a cada minuto que passa.

Fico pensando em como o casal antes de nós só sobreviveu por vinte e dois dias, e me pergunto se essa é uma espécie de número limite. Então me obrigo a pensar em coisas mais produtivas, porque o dia seguinte não é o vigésimo segundo dia. Ainda será o vigésimo.

Estamos bem.

Dean e eu estamos discutindo um possível plano de fuga durante nossa pausa para o banheiro mais tarde, quando as malditas botas descem as escadas e

marcham em nossa direção, cada passo fazendo com uma onda de náusea suba pela garganta.

— Minha gatinha está pronta para brincar com o pedaço de pau do seu cachorrinho? — Earl rosna, então explode em uma gargalhada rouca, achando a maior graça de seu trocadilho doentio e estúpido. — Espero que meus bichinhos se divirtam hoje... pode ser a última vez. Meus próprios cães estão famintos por um pouco de carne fresca.

Ah, meu Deus.

Contenho meu pranto aterrorizado.

Não acabou. Estamos bem. Não acabou.

Dean se aproxima de mim depois que suas restrições são removidas, parecendo cansado e abatido e tão diferente do homem que conheci. Eu costumava detestar aquele brilho travesso em seus olhos, aquele que adorava me instigar e me irritar até o limite – agora, eu faria qualquer coisa para recuperá-lo.

Algo me diz que mesmo que consigamos sair daqui vivos, nunca mais verei aquele brilho em seu olhar.

Earl grita suas ordens do outro lado do porão, como se não soubéssemos o que fazer agora. Ele sacode sua arma brilhante ao redor, mas não ouço nenhuma das palavras saindo de sua boca. Tudo parece abafado e distante, como se eu estivesse debaixo d'água.

Estou apenas focada em Dean.

Nada mais existe.

Dean se aproxima, alcançando meu pulso e iniciando seus movimentos lentos e circulares sobre a pele ferida. Então pressiona a mão oposta no meu peito e recosta a testa à minha. Inspiro fundo, surpresa com o gesto inesperado. Há algo íntimo nisso – algo diferente. Fecho os olhos com força, porque sou incapaz de encará-lo enquanto estamos nessa posição estranhamente íntima e

pessoal.

Estranho, considerando que ele esteve *dentro* de mim. Não tem como ficar mais íntimo do que isso.

Ele empurra a mão contra o colo dos meus seios, mas não de uma forma sexual. Em seguida, suspira tão profundamente que ressoa através de mim.

— Ainda está batendo — sussurra suas palavras, como um beijo suave contra meus lábios. — Enquanto estiver batendo, você está bem.

Com a mão no meu coração e o polegar trilhando ao longo do ponto latejante em meu pulso, ele se inclina. Vou ao seu encontro no meio do caminho, ansiosa para sentir seu calor, desesperada por esse contato humano, essa *conexão*. Sua língua me invade, e nosso beijo parece mais faminto do que o normal. É mais do que rotina. É mais do que sobrevivência. Talvez ele esteja desejando essa conexão tanto quanto eu.

Dean arrasta a mão pelo meu peito, lentamente, espalhando os dedos ao longo do meu abdômen. Seu toque é gentil e suave contra minhas costelas doloridas, apenas um leve roçar. Um pequeno gemido me escapa da garganta, e eu, instintivamente, levanto a perna para envolver sua cintura; nossas línguas dançam em um frenesi e nossos lábios devoram um ao outro. Perco o contato com sua mão quando ele a afasta para desabotoar seu jeans e abaixá-lo pelos quadris, então o sinto direto no meu núcleo, buscando mais do meu calor. Nós dois estamos quentes e respirando, vivos, e é inebriante. *A vida* é inebriante quando você está à beira da morte, dia após dia.

Inspiro lenta e profundamente quando ele me penetra, minhas mãos segurando o encanamento com força. Meus olhos ainda estão fechados, e tento me afastar para o meu lugar habitual e feliz – aquele que está longe, muito longe daqui.

Mas continuo sendo puxada de volta para Dean.

Estou muito consciente de sua presença hoje, muito embriagada com a sensação de outro corpo humano me enchendo e dando vida. Seu pau se impulsiona bem lá dentro, nossas testas coladas, mas mantenho os olhos fechados, com muito medo de olhar para ele. Apavorada com a possibilidade de ver que seus lindos olhos azuis estão refletindo tudo o que sinto agora.

Seus movimentos são mais lentos que o normal. Lentos, mas firmes. Intensos.

Normalmente ele é rápido e apressado, ansioso para acabar com isso. Mas não hoje. Hoje, é diferente, quase como se ele estivesse saboreando cada centímetro de mim. Não sei por que, nunca saberei o motivo, mas meu corpo começa a responder ao dele. Bloqueio tudo, exceto Dean, e sinto uma onda de calor se alastrando entre as coxas... um antigo zumbido de prazer.

Prazer.

Que coisa estranha de sentir quando se está acorrentado em um porão, sob a mira de uma arma apontada por um maníaco que se masturba enquanto assiste de camarote... seu futuro cunhado te fodendo contra um poste.

Mas aceito isso.

Prefiro aceitar porque é melhor do que sentir que estou morrendo por dentro.

Acho que Dean percebe também. Ele apalpa minha bunda por baixo da camiseta, meu cabelo sujo caindo sobre nossos rostos como uma cortina. Estou suja e nojenta, e provavelmente devo estar fedendo a esgoto, mas isso não o impede de enterrar o rosto no meu pescoço e inspirar, inalando meu cheiro como se fosse seu doce e lindo oxigênio. Ele acelera o ritmo, e percebo que minha outra perna o envolveu, me segurando a ele e puxando-o para perto enquanto seu pau entra e sai de mim.

Ele levanta a cabeça.

Posso senti-lo olhando para mim. Observando-me. Implorando para que eu abra os olhos.

E é exatamente o que faço.

Minhas pálpebras se abrem e o ar fica preso na garganta quando nossos olhares se encontram. Ele está olhando para mim como se eu fosse a única maldita coisa no mundo, e suponho que, agora, eu sou.

Um gemido suave passa por seus lábios e quero saber qual é o gosto, então me inclino para capturar sua boca em outro beijo ardente. Ele retribui com tudo o que lhe resta, cada última gota de vida e esperança, sua língua emaranhada desesperadamente com a minha.

Então seu polegar cessa os movimentos pincelados e calmantes ao longo do meu pulso.

Minha tábua de salvação se foi. Minha rota de fuga se transformou em pó.

E eu mal percebo isso.

Não dou a mínima, porque estou envolta em todos os sentimentos estranhos e poderosos que me percorrem, me engolindo inteira.

Dean arrasta a mão pelo meu braço e embala meu pescoço, afastando-se da minha boca para encontrar meu olhar novamente. Ele não quer me dar uma alternativa de fuga desta vez. Ele quer que eu esteja *aqui*, neste momento, com ele. Minha respiração se torna mais espessa, enquanto pequenos sons rastejam pela minha garganta com cada estocada de seu pênis. Quero estender as mãos para tocá-lo, da mesma forma que ele está me tocando. Quero sentir sua pele sob meus dedos, me assegurando que ele é real.

Não estou sozinha. Não estou sozinha.

A mão de Dean desliza por entre nossos corpos, e quase arfo em

choque quando me dou conta do que ele está fazendo. O polegar que sempre acariciava meu pulso, como um meio de me confortar, agora está pressionado contra meu clitóris, me massageando enquanto nossos corpos colidem. Seus olhos não se desviam dos meus. Assim como os meus não se afastam dos dele. Estamos trancafiados, juntos, e algo silencioso e não dito, mas que consome tudo, se passa entre nós.

Não demora muito para que as faíscas reveladoras comecem a se espalhar e subir, um orgasmo se avolumando dentro de mim. Começo a arquejar, emitindo pequenos suspiros e gemidos e, meu Deus, a expressão no rosto de Dean quando ele percebe o que está acontecendo... quando percebe que vou gozar...

Choque. Descrença.

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas, o cenho franzido, pupilas dilatadas. Seu olhar arregalado e repleto de algo que não consigo sequer cogitar em desvendar.

E então me sinto no auge, explodindo, e ele me beija, devorando meu gemido com a boca e se afundando em mim mais três vezes antes que seu próprio orgasmo o consuma. Um grunhido primitivo vibra por todo o meu ser, e seus dedos se cravam na minha coxa enquanto seu clímax irrompe.

E então acaba.

Nós dois descemos do ápice, nossos lábios e dentes pressionados juntos, nossa respiração ofegante e suave. Seu agarre contra o meu corpo alivia, e minhas pernas cedem, desenlaçando de seus quadris. Estou absolutamente apavorada ao olhar para ele, em parte enojada com o que acabou de acontecer, mas, principalmente, confusa. Abaixo a cabeça assim que nossas bocas se separam, e contenho as lágrimas quentes de vergonha.

Que diabos foi aquilo?

Um aplauso lento soa ao nosso lado, ecoando através de mim, e percebo que havia até mesmo esquecido da presença viciosa.

— Muito bem. Meus brinquedinhos deram um show e tanto — Earl zomba, gargalhando.

Dean rapidamente se retira de mim, e posso ver que se mantém cabisbaixo ao recuar um passo. Ele também não consegue olhar para mim. Está ajeitando a calça quando Earl avança e o empurra para o canto oposto com o cano da arma.

— Hora do intervalo — Earl diz, enquanto Dean puxa o zíper para cima.

— Vá se foder... seu filho da puta cretino, imundo e desumano.

Uma pancada.

Ah, não, Dean. O que você está fazendo?

Dean deve estar com vontade de morrer, porque continua:

— Você é um lixo doentio e distorcido. Nunca vai se safar dessa porra por continuar fazendo isso. Você vai continuar sequestrando mulheres porque, de maneira nenhuma, existe uma possibilidade do caralho de conseguir *pagar* uma mulher para tocar nesse seu pau minúsculo e impotente. Você vai ser preso, e então vai apodrecer em uma cela de prisão onde um marmanjo vai enfiar um pau enorme no teu cu todas as noites, até você cair morto, seu gordo pervertido e psicopata.

Earl fica em silêncio por um momento, a pistola apontada contra o peito de Dean. Meu coração quase para, em expectativa desesperada, minhas entranhas se contorcendo de pavor.

Ele vai matá-lo.

Ele vai matá-lo agora, na minha frente.

Não posso deixar isso acontecer.

Antes que o gatilho seja puxado, antes que um tiro ecoe e Dean caia morto diante dos meus olhos, dou um grito histérico e chacoalho as correntes, tudo ao mesmo tempo. É o suficiente para romper o silêncio e atrair a atenção de Earl para mim, por um milésimo de segundo.

É o suficiente para dar a Dean uma pequena e crucial abertura para agir.

É nossa única chance de sairmos daqui vivos, e Dean a aproveita.

Ele cumpre sua promessa.

Com um rosnado gutural, ele se lança em cima de Earl e o derruba. Ambos desabam no piso de cimento, e Dean fica por cima; Earl tenta agarrar a arma que escorregou de sua pata nojenta. Com um movimento ágil, Dean consegue alcançar a pistola primeiro e a empurra para longe.

— Seu filho da puta — Dean esbraveja, agora montado no colo de nosso sequestrador, e então envolve o pescoço gordo com uma mão, esmurrando-o com o punho.

Ele continua socando o rosto de Earl, com violência, ira, total descontrole.

— Seu merda doente. Isto é por ter colocado essas mãos *nojentas* em cima dela.

Pof. Pof. Pof.

O som do punho contra o rosto é doentio, o sangue respingando em Dean e ao nosso redor. Estou prendendo a respiração, me segurando ao poste com todas as minhas forças, assistindo a cena horrível adiante.

— Seu desgraçado filho da puta. — Ele está focado. Determinado. Usando os dois punhos para estraçalhar o rosto daquele monstro até que ele fique desfigurado. Irreconhecível. — Como você se atreveu a tocá-la, porra. Eu vou te matar, caralho!

Bam. Bam. Bam.

Sangue, carne, osso. Está em toda parte. Os membros de Earl tremem em choque quando ele cede à luta e permanece inerte no piso imundo.

— Você é um cara morto, porra! *Morto!* — Dean berra, fervendo, cuspindo por entre os dentes, seus socos duros e brutais. Ele é um animal completamente fora de controle. — Eu vou *te* matar.

Mas ele já fez exatamente isso. Está feito.

Acabou.

Ouço o ruído do crânio estalando e fecho os olhos ao gritar:

— Dean, pare!

— Vá se foder, filho da puta.

Bam. Crack. Bam.

— Ele está morto, Dean! — grito, aos prantos. — Ele está morto. Está morto. Por favor, pare.

Minha voz, finalmente, se infiltra na névoa alimentada pela vingança que o consumiu, e Dean ergue o punho no ar, agora imóvel; seu peito acompanha o ritmo frenético de sua respiração ofegante, o corpo tremendo de raiva. Seus olhos se arregalam quando, por fim, vê a cena sangrenta à frente – a bagunça horrível e macabra que foi criada por suas próprias mãos. Uma vida tirada.

Um ato final.

Dean se impulsiona para trás ao se dar conta do que fez, afastando-se do corpo salpicado de sangue, e se levanta com os pés trôpegos.

— Porra... Ah, meu Deus do céu... — Estende as mãos diante de si, encarando o sangue que recobre sua pele, e seu ritmo respiratório se intensifica.

Quero correr até ele, consolá-lo de alguma forma, mas ainda estou acorrentada a este maldito encanamento. Puxo as correntes com força, para tirá-lo do transe.

— Dean, por favor, me tire daqui. Eu quero ir para casa.

Ele levanta a cabeça, e o olhar incrédulo e horrorizado em seu rosto ficará para sempre gravado na minha memória. Dean olha para suas mãos, então começa a esfregá-las na frente de seu jeans.

— Sim, tudo bem. Caralho... tudo bem... — Ele está fora de si, andando em círculos, puxando o cabelo.

— Dean. — Seu nome escapa da minha boca, e começo a me mover, inquieta, desesperada por liberdade. — Por favor...

Ele engole o nó na garganta, pestanejando e sacudindo a cabeça.

— Me desculpe... okay, tudo bem...

Dean entra em ação, deixando as verdades cinzentas de lado até sairmos daqui. Ele faz uma pausa para olhar o corpo de Earl, talvez pensando em procurar a chave das algemas.

Em vez disso, ele corre de volta para seu poste e se ajoelha, tateando o piso de cimento em busca do pino dourado que usamos da outra vez. Assim que o encontra, ele cambaleia na minha direção com os olhos enlouquecidos e a pele salpicada de sangue.

— Isso pode levar alguns minutos.

Concordo com um aceno, fechando os olhos para não ver o corpo mutilado mais adiante. Posso sentir o hálito de Dean soprando contra meu cabelo enquanto suas mãos tremem ao tentar me libertar.

Leva muito tempo. Dez... talvez quinze minutos. Mas quando as algemas finalmente se soltam e caem no chão de cimento, agito os braços com um grito de alívio. Ouço o pino cair com um tinido suave, e Dean recosta a testa ao poste, bem ao meu lado, precisando de um minuto para se recompor. Eu me viro para ele, observando seus olhos fechados à medida que tenta estabilizar a respiração. Suas mãos pegajosas agarram-se ao cano – o mesmo pedaço de metal

que me mantém cativa neste inferno há quase três semanas.

Estendo minha própria mão instável, colocando-a sobre seu ombro, dando um passo à frente até que estamos quase nos tocando por inteiro. A mandíbula de Dean contrai em espasmos intermitentes, e ele vira a cabeça para o lado, ainda usando o cano como suporte, deparando com o meu olhar. Esfrego suas costas, da mesma forma que fez comigo no hospital veterinário, naquela melancólica tarde do acidente de Blizzard. Nossos olhares se mantêm conectados, enquanto tento afastar os demônios que claramente estão assombrando sua mente.

E, então, em um movimento súbito, Dean se levanta e me puxa para o calor dos seus braços, me esmagando contra o peito forte.

Por vontade própria, enlaço sua cintura, enterrando o rosto em seu peito, logo acima do coração acelerado. Posso sentir o cheiro de sangue, medo, terror e vitória. Eu o sinto tremendo em meu abraço, o pico de adrenalina finalmente reduzindo. Ele me abraça mais forte ainda, e não dou a mínima que minhas costelas estejam gritando em protesto – era como se ele não conseguisse me abraçar o suficiente.

Nossas emoções começam a se acalmar e, devagar, nos separamos, nossos olhares levando um pouco mais de tempo para se desviar, até que ele segura minha mão e me puxa escada acima.

Não me digno a olhar uma última vez para Earl – ou o que sobrou dele – quando passamos pelo seu corpo inerte. Ele não vale mais um segundo da minha vida.

Nós ganhamos.



Dean está esfregando as mãos e os braços na pia da cozinha com um

escovão, apagando todos os vestígios nojentos de Earl de sua pele. Seu ritmo é implacável e áspero, lavando e limpando até que a carne fique rosada e em carne-viva. Vejo a água que escorre pelo ralo ficando vermelha, os olhos de Dean focados em sua tarefa. Mesmo após todo o sangue desaparecer, ele continua esfregando.

— Dean — sussurro, gentilmente, chegando por trás dele na tentativa de distraí-lo.

Ele não me ouve.

Swish. Swish. Swish.

— Está tudo bem, Dean.

Ele continua esfregando, tentando limpar mais do que apenas sua pele.

Pequenas manchas de sangue começam a se formar ao longo da superfície de seus braços, até que, por fim, estendo a mão e a coloco em seu ombro.

— Dean, pare. Você está se machucando.

Seus movimentos cessam, e ele se vira, o olhar alternando entre mim e a escova de cerdas tingidas de sangue. Ele engole em seco.

— Desculpe, eu só... — interrompe o que ia dizer.

Nós dois sabemos exatamente o que ele está fazendo.

Tenho um sobressalto quando as sirenes da polícia soam à distância, e não perco tempo ao disparar em direção à porta dos fundos da cozinha.

— Cora, espere. Eles vão entrar para nos resgatar — diz ele, tentando me impedir de sair correndo debaixo de uma temperatura abaixo de zero, com nada mais do que uma camiseta manchada de sangue.

Mas não consigo dar ouvidos à lógica ou à razão agora. A segurança se encontra a cerca de quatrocentos metros de distância, e estou desesperada, afoita, aflita, para sentir o gosto da humanidade. E não posso esperar.

Cansei de esperar.

A porta se choca contra a parede quando a abro de supetão, e o ar gélido açoita meu rosto. Arfo com o brusco choque de temperatura, mas isso não impede que meus pés disparem adiante, me levando para cada vez mais perto da liberdade. Há uma estrada de terra atrás da casa, e tento não pensar no fato de que, se tivesse saído por esta porta dois dias antes, provavelmente teria escapado com sucesso. Teríamos usufruído de dois dias extras com nossas famílias, em nossas camas quentes, comendo comida de verdade.

Eu poderia ter poupado Dean de um crime terrível que ele, provavelmente, carregará com ele para o resto de sua vida.

Mas tento não pensar nisso. Não há espaço para os ‘e se’ agora.

Cambaleando, agarro minhas costelas latejantes que gritam para que eu diminua o ritmo. Minha cabeça está a ponto de explodir, meu corpo está desmoronando, meus membros estão dormentes pelo frio, e percebo que mal consegui percorrer alguns metros. Vejo as luzes piscando à frente, porém, e tudo se torna muito tentador – muito sedutor. Eu preciso continuar andando.

Sigo em frente, reprimindo os gritos agonizantes de dor enquanto avanço pelas folhas quebradiças sobre a grama coberta de gelo. Então sinto sua presença às minhas costas, seu calor me alcançando antes que suas mãos o façam.

— Estou com você. — Dean joga uma jaqueta sobre meus ombros e me levanta do chão, um braço em volta das minhas costas e o outro sob meus joelhos. Nós paramos por um momento, nossos olhares fixos um ao outro, e enlaço seu pescoço, permitindo que ele me carregue pelo resto do caminho.

Repouso a cabeça em seu ombro, temendo adormecer. Mesmo que esteja seminua, com costelas fraturadas, coberta de sangue, sujeira e sêmen, sendo levada por um descampado, nos braços do noivo da minha irmã... Estou

em paz. Sinto-me segura. Estou exausta.

Minha alma está exausta.

Escuto a respiração árdua de Dean conforme ele me carrega pela propriedade em seus braços fortes. Concentro-me em seus batimentos cardíacos, rápidos e constantes. Não posso deixar de me perguntar o que o futuro nos reserva agora. É impossível voltar a ser quem éramos, porque não somos mais essas pessoas. Nós suportamos coisas demais. Já *vimos* demais.

Testemunhei as partes mais profundas e sombrias de Dean. Eu o vi chorar e matar e gozar.

Ele esteve dentro de mim.

Quando finalmente chegamos à estrada empoeirada, bloqueada por viaturas policiais, ambulâncias, FBI, veículos da imprensa e caminhões de bombeiros alinhados, enterro o rosto ainda mais contra a curva do pescoço de Dean. Depois de três semanas sobrevivendo às entranhas do inferno com esse homem, percebo que nem sei como assimilar a vida além do pesadelo que vivenciamos.

Dean me coloca no chão, com todo o cuidado, e ficamos ali por um momento encarando nossa nova realidade juntos.

Um novo começo. Uma segunda chance.

Luzes piscando, barulho, câmeras, rostos de pessoas que nunca vão entender.

Inspiro uma respiração entrecortada, fechando os olhos e me sentindo sobrecarregada, em pânico e aliviada de uma só vez.

E então seus dedos roçam contra os meus como um beijo suave, um toque familiar, uma *promessa*. Sinto seus dedos se entrelaçarem aos meus. Ficamos ali, de mãos dadas, observando os paramédicos e policiais se aproximarem de nós como se estivéssemos assistindo a um filme em câmera

lenta. Eu me agarro a ele, pois Dean ainda é minha tábua de salvação. Ele ainda é tudo o que tenho.

Estamos nisso juntos.

Parte Dois

Laços que unem

DEAN



Capítulo Treze



Encaro uma formiga preta rastejando pela ponta do meu sapato.

Ela está andando em círculos por cima da camurça escura, parecendo perdida e incerta. O inseto baila por entre o cadarço, provavelmente procurando por comida e calor. Não posso deixar de me perguntar como está sobrevivendo a esse clima brutal de inverno. É tão pequena e frágil – tão insignificante. Sem a menor chance.

— Dean.

Cora e eu éramos formigas. Pequenos e frágeis – perdidos em um mundo frio e assustador. Fadados ao fracasso.

Nós tínhamos um ao outro, no entanto.

A formiga está sozinha.

— Dean.

Registro meu nome se sobressaindo à súbita rajada de vento enregelante que passa, quase me derrubando. Levanto a cabeça e deparo com Mandy de pé na calçada, me encarando com um olhar penetrante e preocupado

ao que me acostumei nestas últimas duas semanas.

— Hmmm?

— Você está pronto para entrar?

Sua sobrancelha bem-delineada se arqueia com apreensão, e percebo que fiquei na frente da casa dos seus pais, me compadecendo da pobre formiga. Olho para o inseto, apenas para descobrir que ele desceu do meu sapato e desapareceu nas rachaduras do piso de cimento.

Espero que supere as probabilidades.

Mandy dá um sorriso forçado com seus lábios vermelhos quando assinto em concordância, então se aproxima para segurar a minha mão. Por mais que sua pele esteja quente, ainda assim, um calafrio me percorre de cima a baixo.

— Vai ficar tudo bem — ela diz, de um jeito casual, sentindo minha relutância ao entrelaçar nossos dedos. — Será bom ter um pouco de normalidade novamente.

Normalidade. Nada nas últimas cinco semanas foi normal, com certeza. E não consigo imaginar como esse jantar forçado em família com seus pais pode sequer ser chamado de normal.

— É. Acho que sim.

Mandy pisca os cílios postiços, tentando mascarar seu receio com outro sorriso.

— Você precisa de um minuto?

— Não. — Um minuto não vai mudar nada. Um minuto não apaga o dano feito. Um minuto não vai me teletransportar de volta para a segurança da minha própria cama, onde posso confortavelmente evitar minha realidade atual e lutar contra meus demônios em particular. — Vamos entrar.

Sigo em frente, porque é a única escolha que tenho. Subimos o

caminho de paralelepípedos até a casa azul brilhante em estilo colonial localizada em um bairro perfeito. Já andei por esse caminho milhares de vezes antes, mas hoje vejo uma pequena estátua de gnomo ao lado da fileira de arbustos na frente da casa. Ele parece enferrujado – desgastado pelos elementos.

— É uma estátua nova? — pergunto a Mandy quando chegamos aos degraus da varanda.

— Richard, o Gnomo? — Ela torce o nariz. — Ele está aí, tipo, há umas duas décadas, Sr. Observador. — Mandy me dá uma piscadela, tentando ser brincalhona. — Cora o chamou de Richard porque ela disse que se parecia com Richard Marx.

Mordisco o interior da bochecha. Não posso deixar de me perguntar por quantas outras coisas do dia a dia passei sem sequer dar uma olhada ou pensar no assunto.

Entramos na casa tão familiar e somos recebidos com o cheiro de alho, alecrim e uma pitada de pinho. Eu me viro e deparo com uma árvore magnífica e fresca na sala de estar à esquerda, decorada em tons dourados e vermelhos e enfeites caseiros de valor inestimável.

Na maioria das vezes, nem sei que dia da semana é, muito menos o fato de ser quase Natal.

— Ah, Dean.

Ergo a cabeça e vejo Bridget e Derek Lawson vindo em minha direção da cozinha. A longa saia marrom da mãe de Mandy oscila às suas costas, os olhos verdes – e tão semelhantes aos de Cora – inundados com as lágrimas. Seu cabelo loiro está cortado bem curto, as rugas acentuando à medida que me lança um olhar amoroso e preocupado.

Derek vem logo atrás, o cabelo grisalho revelando sua idade apesar de sua aparência jovial. Ele tem os olhos de Mandy – cor de avelã, mais

amendoados, adornados com grossos cílios castanhos.

Eles são meus segundos pais. Meu próprio pai faleceu há quase doze anos, de ataque cardíaco, e minha mãe se encontra internada na ala de pacientes com demência da Casa de Apoio Sunrise. Passei a maior parte das minhas tardes de ensino médio aqui, estudando com Mandy, brincando com jogos de tabuleiro, rindo durante as noites de karaokê e comendo refeições caseiras. Bridget e Cora adoravam cozinhar juntas. O bolo de carne da família Lawson sempre foi um dos meus favoritos.

Bridget segura minhas bochechas entre as mãos gentis, embalando meu rosto como se eu fosse seu próprio filho.

Eu deveria ter me tornado, oficialmente, há cinco dias. Deveríamos ter nos casado no dia 5 de dezembro, mas ao invés disso, passei trezes horas enterrado debaixo das cobertas, na minha cama, ignorando os telefonemas e mensagens de Mandy, e me levantando só para mijar e mastigar alguns biscoitos de água e sal.

— Você parece bem melhor — diz Bridget, o sorriso débil ocultando de maneira impressionante a mentira óbvia.

Os Lawson me visitaram no hospital naquelas estranhas e nebulosas 48 horas pós-resgate, mas não os vi desde então. Não vi ninguém, exceto Mandy, que passa na minha casa sem avisar mais do que eu gostaria. Como possui uma chave, não há muito que eu possa fazer sobre isso.

Nunca admitirei que pensei em roubar a maldita chave para jogá-la no vaso sanitário.

— Eu me sinto um pouco melhor. Ainda estou me adaptando... — Sigo o tema da mentira. Parece simples. — Obrigado por nos receber esta noite.

— Mãe, dê um espacinho para o Dean — Mandy repreende, retirando o gorro branco com um pompom felpudo no topo, ficando com o cabelo

bagunçado pela estática.

Bridget relutantemente se afasta e Derek vem até mim, apertando meu ombro com uma mão firme e afetuosa.

— É ótimo te ver assim recuperado. As meninas fizeram bolo de carne... seu favorito.

As meninas?

Ouço a porta do pátio se abrir na parte dos fundos da casa, em um rangido familiar, seguido pelo som de patas deslizando pelo piso de madeira.

Blizzard deve ter sentido minha presença, porque ela se desvia na minha direção, ainda de pé na entrada, e desaba seus trinta e cinco quilos aos meus pés, rolando e parando de barriga para cima em um óbvio pedido por carinho. Eu me agacho para coçar sua barriga, sentindo meus lábios se curvando em meu primeiro sorriso genuíno em semanas. Seu rabo sacode efusivamente. Não dá para acreditar que essa cadela velhinha ainda possui tanta energia – ela deve ter doze ou treze anos agora. Sua animação ao me ver passar pela porta da frente nunca diminuiu ao longo dos últimos dez anos. Nem um pouco.

Quando me levanto, meu olhar aterrissa na figura de pé na cozinha, e minha respiração estagna no fundo da garganta.

Corabelle.

Mandy pendura seu casaco no cabide próximo, e pigarreia, inclinando-se para perto de sua mãe.

— Você disse que Cora não viria hoje à noite — Mandy murmura, baixinho, ajeitando o cabelo revolto e me lançando um olhar com um pedido de desculpas.

É verdade que ainda não estava pronto para enfrentá-la.

Talvez nunca esteja.

— Desculpe, querida, mas sua irmã me mandou uma mensagem

algumas horas atrás e disse que mudou de ideia.

A conversa desvanece quando meus olhos se fixam nos de Cora do outro lado do vestíbulo. Lembranças flutuam em minha mente, meu corpo sente um formigamento estranho mesclado a um pouco de pânico, mas também há um profundo conforto que apunhala meu coração. Ela é uma visão de vida, luz e sobrevivência. Seu cabelo dourado está sedoso e viçoso outra vez, os cachos soltos sobre os ombros magros. Ela sempre foi miudinha, mas seu corpo parece ainda mais frágil e esbelto no vestido roxo-escuro que, provavelmente, cabia com perfeição cinco semanas atrás. O decote é baixo, revelando a clavícula esquelética e os resquícios de alguns hematomas persistentes e desbotados.

Cora enrola o cabelo por sobre um ombro, e meu olhar pousa em seu pescoço agora exposto. O mesmo pescoço onde salpiquei beijos melancólicos e encharquei com minhas lágrimas de pura vergonha.

Cerro a mandíbula, e meus batimentos cardíacos aceleram, as mãos umedecem a ponto de eu ter que secá-las contra o jeans. Não tenho certeza do que fazer, então apenas me limito a um aceno rápido de reconhecimento, e engulo todas as coisas que não posso dizer.

No entanto, não me passa despercebido o brilho de mágoa e rejeição em seus olhos, antes que ela se vire e volte a se ocupar na cozinha.

Estremeço quando os dedos de Mandy começam a puxar a manga do meu casaco pesado de inverno, me tirando dos meus pensamentos confusos.

— Tire o casaco. Vamos ficar só um pouquinho. — Dá um sorriso e segue os pais até a sala de visitas, conversando sobre seu turno no salão de beleza como se fosse outro dia comum na “Vila da Normalidade”.

Fico enraizado no tapete de boas-vindas no formato de um boneco de neve, encarando as costas de Cora enquanto ela se inclina sobre o balcão da cozinha, sem se virar para mim. Sua cabeça está curvada, os ombros tensos. Ela

está segurando a beirada da bancada de mármore com força, o rosto coberto pela cortina de seu cabelo ondulado.

Eu quero correr até ela. Quero tomá-la em meus braços e sussurrar em seu ouvido que tudo vai ficar bem. Nós sobrevivemos. Acabou.

Mas não faço nada disso.

Posso mentir para Mandy e seus pais, para os meus amigos e meu chefe, até mesmo para o meu terapeuta... mas não posso mentir para ela.



Todos nós nos sentamos ao redor da mesa de jantar e, por um momento, tudo parece como costumava ser. É fácil fingir entre quatro paredes adornadas com belas cores de tinta, cortinas de renda, luzinhas e decorações natalinas espalhadas por toda parte. É fácil fingir na companhia da família a quem aprendi a amar nos últimos quinze anos, vendo-os discutir sobre política e as séries mais badaladas da Netflix como se nada estivesse errado.

Mas a fachada racha quando meus olhos flutuam até Cora, sentada à minha frente, esmigalhando seu bolo de carne com o garfo, sob a luz da vela que acentua ainda mais suas olheiras. Empurro minha própria carne contra o purê de batatas, percebendo que estou fazendo exatamente a mesma coisa. Discretamente, enfio a mão por baixo da mesa e dou um dos meus pãezinhos para Blizzard, de forma que pareça que estou comendo a refeição que, provavelmente, deve estar saborosa.

— … sobre a gravidez.

A voz de Mandy atravessa minha névoa, e levanto a cabeça de supetão, virando-me para ela. *Gravidez?* Um silêncio constrangedor domina o ambiente, me fazendo sentir ainda mais desinformado.

— O quê? — Observo o rosto de cada um, mas todos estão encarando

seus pratos como se estivessem no meio de um fascinante jogo de palavras cruzadas. Meu olhar se volta para Cora, mas ela não está focada em seu prato. Seus olhos estão arregalados e com um brilho acusador enquanto fuzila uma Mandy envergonhada.

Mandy pressiona os lábios entre os dentes, jogando o cabelo sobre um ombro.

— Desculpe. Eu não queria deixar escapar isso. Estávamos falando sobre o novo bebê da nossa prima, e isso desencadeou... você sabe. Sou péssima em pensar antes de falar.

Pisco repetidas vezes. O garfo de Cora tilinta contra a louça de jantar, e ela cruza as mãos no colo, sob a mesa, recusando-se a encontrar meu olhar. Acho que ela não olhou para mim nem uma única vez desde aquele momento ínfimo mais cedo. Arrasto a língua pelo céu da boca, juntando as peças do quebra-cabeça e com o estômago se retorcendo em um nó.

— Você está grávida, Cora?

Sua cabeça finalmente se vira para mim, alarmada com o som da minha voz dirigida a ela pela primeira vez em semanas. Vejo seus olhos assombrados pela tristeza, confusão, pesar e tudo mais. Mas o contato visual não dura muito tempo, e ela abaixa a cabeça, piscando com rapidez.

— Eu estava — admite, tão baixinho, que quase não a ouço. Então fixa seu olhar de volta em sua irmã. — Eu não queria falar sobre isso. Não queria falar sobre nada disso.

Cora se afasta da mesa e se levanta, coçando o pulso e fugindo rapidamente da sala de jantar em direção à escada.

Eu a sigo, não me importando se parece estranho ou inapropriado, apenas obedecendo meus instintos que me dizem para ir atrás dela.

Posso sentir os olhares de todos perfurando minhas costas, tentando

entender por que estou perseguindo a irmã de Mandy escada acima, mas eles precisam saber.

Eles têm que saber que somos diferentes agora.

A imagem de Cora e eu juntos, nossas mãos entrelaçadas, cobertos de sangue e sujeira, com uma expressão vazia idêntica, viralizou por toda a internet assim que a imprensa divulgou as imagens. São mais de dois milhões de compartilhamentos e centenas de milhares de comentários que vão desde *"Enviando orações para aquelas pobres almas"* a *"Parece o pôster do próximo filme de Quentin Tarantino"*, seguido de *"Aguardando o anúncio de um futuro casamento"*.

Mandy delicadamente me questionou sobre a foto, esperando vislumbrar o pesadelo que havíamos compartilhado. Esperando por respostas que não fui capaz de dar. Ela não sabe todos os detalhes do que aconteceu naquele porão, apenas o que viu e leu em artigos de notícias e programas de TV.

Tudo o que eu disse a Mandy foi que forjamos uma amizade por sobrevivência, medo, tédio e solidão. Foi necessário. Era inevitável. Era tudo o que tínhamos.

Ela nunca saberá sobre as coisas que fui forçado a fazer, as linhas que foram cruzadas, ou a culpa que carregarei comigo até o dia em que morrer.

E ela, com certeza, nunca saberá como essas linhas se confundiram inexplicavelmente naquele último dia.

Subo as escadas de dois em dois degraus, passando pelo mezanino e enfiando a cabeça em cada quarto. Eu a encontro sentada na beira da cama de seu antigo quarto, agora transformado em um quarto de hóspedes, agarrando as cobertas, os nódulos dos dedos brancos. Sua respiração sai entrecortada, o cabelo ocultando o rosto.

— Cora.

Ela olha para cima, surpresa por eu a ter seguido. Vejo as emoções complexas cintilarem em seus olhos enquanto ela tenta decifrar o motivo de eu estar à sua frente, parecendo tão perdido e vulnerável quanto ela.

Cora se levanta, alisando o tecido do vestido um pouco folgado demais, e depois prende uma mecha do cabelo atrás da orelha. Meus olhos se alternam em seu rosto, consumindo suas bochechas rosadas e os lábios macios e cheios com os quais eu não deveria estar tão familiarizado.

Então cada um de nós dá um passo à frente. E mais outro. E mais um.

E antes de pensarmos em qualquer coisa ou ter tempo para ponderar nosso próximo passo, nossos braços estão em volta um do outro, seu hálito quente soprando meu pescoço, seu cabelo com cheiro de narcisos fazendo cócegas no meu nariz. Eu a puxo para perto, abraçando com força, respirando cada pedacinho dela, saboreando seu calor.

Ela parece um lar para mim.

— Dean — sussurra, a voz falhando ao dizer meu nome, como se isso a dividisse ao meio.

Eu a abraço mais apertado, uma mão embalando sua nuca, os dedos emaranhados em seu cabelo. Inspiro e expiro, lenta e profundamente, tentando não voltar para aquele porão onde ela era tudo que eu tinha para me manter firme.

— Sinto muito por não ter te ligado — peço desculpas, e realmente sinto muito. — Eu não sabia o que dizer.

Passei um tempo embaraçoso nas últimas duas semanas apenas olhando para o meu telefone, dizendo a mim mesmo para discar o número dela ou enviar uma mensagem rápida. Só para checar. Só para ter certeza de que ela estava bem. Em vez disso, tenho agido como um covarde, obtendo as informações privilegiadas através de Mandy, e evitando Cora, assim como estou

evitando tudo na vida.

As mãos delicadas se entrelaçam em minha nuca, e ela se afasta, nossos olhares bloqueados em uma conexão ainda palpável. A expressão em seu rosto é muito familiar, lembra muito aquela do último dia – o momento em que tudo mudou. O momento em que nosso relacionamento ou amizade – ou o que quer que fôssemos – foi reduzido a ossos e verdades nuas e cruas, enchendo-se de mais perguntas do que respostas impossíveis de obter.

Eu me afasto dela e me viro de costas, as mãos unidas na parte de trás da cabeça, tentando desvendar a escuridão e podridão girando em minha mente. Quando me viro, os braços de Cora estão cruzados sobre os seios, a armadura erguida, o olhar focado nas unhas dos pés recém-pintadas. Inspiro fundo, quase em um ofego.

— Você estava grávida?

Cora morde o lábio inferior, coçando o pulso sem nem ao menos olhar para mim. Ela parece confusa quando responde:

— Sim.

Expiro audivelmente.

— Jesus... Você está bem?

Indiferente, ela apenas dá de ombros. Isso é tudo o que recebo.

— Cora...

— Meus níveis de Beta HCG estavam altos o suficiente para indicar que uma gravidez havia ocorrido. Mas não havia nada no ultrassom, então eles me disseram que pode ter sido uma gravidez química ou um aborto espontâneo... talvez quando Earl me chutou até quebrar seis costelas, então me jogou escada abaixo como se eu fosse um saco de lixo.

Ela continua coçando o pulso.

— Porra, Corabelle... — Esfrego o rosto com a palma da mão, em

choque ao saber que nossas três semanas de inferno geraram uma *vida*... mesmo que fugaz. Um pensamento me cutuca e eu acrescento: — Você sabe se era... meu?

Vejo suas bochechas vermelhas, e ela encara algo às minhas costas, com os pés inquietos.

— Não. Não tinha como saber — diz ela, recusando-se a me encarar. Recusando-se a reconhecer o que essa pergunta implica. — Não era viável.

Olho para o tapete de cor creme, focando em um tufo de pelo de cachorro no mesmo tom.

— Você deveria ter me contado quando descobriu.

Sinto seu olhar focado em mim novamente, mas não levanto a cabeça.

— Te contar? Quando, Dean? — Seu tom soa como uma acusação. — Quando você fez questão de me deixar de fora? Quando decidiu me abandonar depois de tudo o que passamos?

— Eu só precisava de tempo, Cora.

— Quanto tempo? Eu reparei no olhar em seu rosto quando você me viu na cozinha esta noite. Era como se tivesse visto um fantasma — argumenta, com raiva e prestes a perder o controle. — Você não queria que eu estivesse aqui.

— Isso não é verdade…

— É verdade, sim. Você provavelmente teria me evitado para sempre.

Dou uma rápida olhada por cima do ombro para ter certeza de que ninguém está do lado de fora da porta, então dou um passo à frente e sussurro, asperamente:

— Eu te *estuprei*.

Cora cerra os lábios, os olhos cintilando.

— Você fez o que tinha que fazer para nos tirar de lá. Eu disse para

você seguir em frente e fazer aquilo. Não foi estupro.

— Você não queria. Isso *é* estupro — contesto.

Evitamos o assunto desconfortável: o fato de que talvez nós dois tenhamos nos desejado naquele último dia.

— Eu queria *viver* — insiste Cora, dando um passo para mais perto de mim, a voz baixa. — Eu teria feito quase qualquer coisa para sobreviver naquele momento.

— Está tudo bem aqui?

Nós giramos, nos afastando rapidamente, e deparamos com Bridget parada à porta, a mão apoiada contra o umbral enquanto se inclina para dentro do quarto. Engulo em seco, curvando a cabeça.

Cora pigarreia.

— Estamos apenas colocando a conversa em dia, mãe. Desculpe por ter saído da mesa daquele jeito... nós voltaremos em um minuto.

Levanto o queixo, observando Bridget nos dirigir um sorriso tenso, um certo ar maternal apreensivo antes de recuar pelo corredor.

Colocando a conversa em dia.

Como se fôssemos dois velhos amigos se reconectando regados a altas doses de margaritas.

Não, apenas conversando sobre estupro, abuso e abortos, imaginando como diabos vamos superar isso e ser apenas nós de novo.

Cora exala um longo suspiro, soltando os braços ao lado e olhando para mim.

— É melhor voltarmos para o jantar. Tenho certeza de que a Blizzard está de olho no meu bolo de carne dissecado.

Estou prestes a perguntar a ela: *e agora, para onde vamos a partir daqui? Quando podemos conversar novamente?*

Mas ela passa por mim, e o cheiro de narcisos, maracujá e tantas incógnitas permanece na minha pele depois que ela desaparece porta afora. Eu a observo se afastar, meus dentes cerrados diante do desespero encharcando minhas veias.

Estamos presos, acorrentados, amarrados – ao nosso trauma e um ao outro.

Estamos nisso juntos.

E, no entanto, nunca me senti mais sozinho.

Capítulo Quatorze

Eu me distraio e encaro a geladeira, analisando a variedade de mantimentos frescos que Mandy acabou de deixar ali. Eu disse que ela não precisava fazer isso – sou mais do que capaz –, e eu, com certeza, não tenho mais nada para fazer, já que não voltei a trabalhar ainda. Mas ela insistiu, carregando consigo duas sacolas de mercado cheias.

Mandy agora está limpando as bancadas, preparando um sanduíche.

— Como você está se sentindo? A sua consulta com o Dr. Dryden correu bem?

Pisco diante da luz amarela, não registrando totalmente sua pergunta, embora tenha ouvido. Olho para o buquê de brócolis, admirado com a forma angulosa que se parece à cabeça de Pat Sajak, uma celebridade da TV. Se eu apenas inclinar a cabeça um pouco para a esquerda…

Ele ainda está vivo? A Roda da Fortuna ainda existe?

— Dean, você me ouviu?

Olho para cima e deparo com Mandy parada à minha frente, segurando

um sanduíche em um prato descartável. Seus olhos carregados com a maquiagem estão entrecerrados, me esquartejando com preocupação. Fecho a geladeira e dou um sorriso forçado.

— Sim, correu tudo bem.

Ela suspira de alívio, os lábios franzidos pela apreensão agora em um sorriso amplo.

— Que bom. Você está sendo sincero com ele, não é?

Sincero? Bem, não estou mentindo descaradamente. Mas também não estou revelando tudo. Dr. Dryden sabe que matei um homem, porém não sabe que foi o rosto dela que imaginei, as cenas de sua dignidade sendo desmantelada, que levaram meus punhos àqueles golpes selvagens e fatais. Ele sabe que fui forçado a testemunhar o estupro e abuso constante de Cora, mas não faz ideia de que fui coagido a me enfiar entre suas pernas com uma arma apontada para a cabeça.

Dr. Dryden sabe muita coisa, no entanto desconhece os verdadeiros fantasmas que me assombram e me mantêm acordado à noite.

Então, acho que estou mentindo por omissão.

— Sim — respondo, pegando o prato de suas mãos. — Estou sendo sincero.

Agora estou mentindo para minha noiva.

Mandy acena com a cabeça, o cabelo perfeitamente penteado se agitando sobre o suéter de cashmere. Mais aliviada. Mais sorridente.

— Estou orgulhosa de você, Dean. Eu sei que não é fácil...

Cuspo o pedaço de sanduíche assim que ele toca minha língua, largando o prato e limpando a boca com as costas da mão.

— Isso é peito de peru?

Mandy me encara, boquiaberta, os lábios brilhantes entreabertos em

alarme.

— S-Sim. Você adora peito de peru.

— Não, não adoro.

— Eu pensei…

Fecho os olhos, afastando os *flashbacks* angustiantes enquanto balanço a cabeça.

— Não gosto mais. — Afasto-me da cozinha pequena, tentando recuperar o equilíbrio. — Acho que preciso de um cochilo.

— Dean... — Mandy me segue até o sofá, se sentando ao meu lado, mais perto do que eu gostaria, e roça as unhas enormes que mais se parecem com garras ao longo do meu joelho. — Estou aqui para você, amor. O que posso fazer?

Penso em todas as coisas que ela pode fazer, mas tenho certeza de que ela não vai gostar de nenhuma delas.

Vá para casa.

Fique lá.

Puta merda, me dê um pouco de tempo e espaço.

Belisco a ponte do nariz, a culpa se avolumando dentro de mim como uma onda avassaladora. Odeio estar afastando a garota que é minha namorada há quinze anos – sei que ela só está tentando ajudar. Sei que se importa e quer que eu melhore. Mas me sinto um homem totalmente diferente, e nem tenho certeza se esse homem quer se casar com essa mulher.

Estou destruído, porra.

O pensamento me apunhala como a ponta de uma adaga quando recosto a cabeça contra a almofada do sofá de couro. Sinto Mandy se aproximar ainda mais, a mão subindo pela minha coxa, cada vez mais alto até que...

Agarro sua mão antes que chegue ao destino, tentando não me

despedaçar com a culpa pela rejeição que vejo em seus olhos.

— Dean... por favor. Não temos nenhuma intimidade em quase seis semanas. — Seus olhos castanhos começam a marejar, as unhas cravadas na palma da minha mão. — Eu sinto sua falta.

Puta merda, estou me sentindo um babaca. Mandy e eu sempre levamos uma vida sexual bem normal – um pouco água com açúcar, mas nunca tive queixas. Ela é sexy, disposta e minha, e, ainda assim... não posso fazer isso.

Não estou preparado.

— Só preciso de um pouco mais de tempo — digo, deixando-a o mais gentilmente possível. Não faço ideia de quanto tempo mais precisarei. Tudo o que sei é que é muito cedo.

Eu simplesmente não consigo.

Mandy recua, cabisbaixa, até que a rejeição se transforma em raiva.

— Achei que depois de semanas de celibato, você estaria louco para transar comigo.

Um calor formigante sobe rastejando pela nuca e se instala em meus ouvidos. *Caralho*.

— Você só esteve lá por três semanas, Dean — Mandy continua, ainda evitando meu olhar. — Achei que você iria... sei lá, se recuperar a esta altura.

Apenas três semanas.

Mandy e eu uma vez passamos umas férias em Cancun por três semanas. É engraçado – mal me lembro dessa época. Isso pode ter algo a ver com o *All Inclusive* do resort, com bebidas ilimitadas e o *Pozole*[4] estragado que me deixou baqueado por alguns dias, mas... as lembranças são vagas e confusas. Somente alguns episódios se destacam.

Lembro-me de todos os detalhes vívidos sobre o maldito porão.

O gotejamento de um dos tubos de encanamento. As rachaduras e

sulcos na parede de pedra à direita. O isolamento de espuma rosa no teto, espreitando pelas vigas de madeira. A forma como o nascer do sol lançava um raio de luz radiante em nossa masmorra, ampliando todas as pequenas partículas de poeira no ar. Tentei contá-las uma manhã, mas a luz continuava mudando de direção e eu perdia a noção.

Lembro-me da aranha doméstica de pernas longas no canto coberto de teias, e que parecia nunca se mover. Cheguei a pensar que estava morta até que captei uma leve contração de uma das pernas finas. Na hora até refleti por quanto tempo ela seria capaz de ficar sem comida.

Aposto que ela se perguntou a mesma coisa sobre mim.

Eu me recordo do papel de parede espalhafatoso e florido no banheiro mofado, com as bordas descascando e revelando as paredes deterioradas e com infiltração. Durante segundos incontáveis eu encarava o homem refletido no espelho sem me reconhecer nele.

Cora...

Penso na forma como ela mordiscou o lábio enquanto brincávamos de “Vinte Perguntas” para passar o tempo. Ela levou o jogo a sério, como se estivesse concorrendo a um superprêmio em um desses programas bregas da TV.

Lembro-me do brilho dos rajados dourados em seus olhos esmeralda, que pareciam desaparecer a cada dia que passava.

Lembro-me do sorriso ocasional que eu arrancava dela. Sorrisos que pareciam tão mágicos – tão lindamente deslocados. Seu sorriso foi a coisa mais próxima que senti de ser resgatado ao longo desses vinte dias.

Lembro-me dos arrepios em sua pele quando gentilmente acariciava sua bochecha, ou quadril, ou sua coxa, tentando trazer o máximo de ternura possível ao momento. *É só o frio*, disse a mim mesmo. Mas, às vezes, um pequeno gemido abafado acompanhava os arrepios e ela se entregava.

Foram apenas três semanas, mas as lembranças estão gravadas em cada célula, cada veia, cada parte contaminada da minha alma.

Para sempre.

E ela também.



No sábado seguinte, logo pela manhã, envio uma mensagem de texto para ela.

Podemos tomar um café? Nós deveríamos conversar.

Ando de um lado ao outro pela sala de estar, apenas com a calça de moletom, olhando para a tela do telefone e coçando a nuca, refletindo que preciso, mesmo, cortar o cabelo.

Ela lê a mensagem rapidamente, e prendo a respiração, me preparando para ser ignorado.

Acho que sim... Mas só porque estou diante da sua porta agora.

Pisco diversas vezes ao ler a resposta, processando suas palavras.

Bem, merda.

Corro até a porta da frente e a abro, deparando com Cora toda agasalhada e coberta de flocos de neve, com as mãos enfiadas nos bolsos. Seus olhos se movem para baixo e o vento gelado me atinge, e só então me lembro de que estou sem camisa.

Seu olhar se desvia do meu peito nu, e vejo que engole em seco.

— Você esqueceu de vestir uma camiseta.

— E você esqueceu de me dizer que ia aparecer aqui inesperadamente.

— Então não teria sido inesperado.

Sorrisos singelos surgem em nossos rostos, quase como se estivéssemos tentando nos lembrar de como fazer isso. Dou um passo para trás, encorajando-a a entrar. Cora hesita por um momento antes de avançar e bater as botas cobertas de neve contra meu tapete na entrada. Eu a vejo sacudir as mechas do cabelo e noto que uma gruda em seus cílios. Quero me inclinar e afastá-la, mas mantenho os braços imóveis.

— O que te traz aqui? — Enfio as mãos no moletom, com os pés inquietos.

— A mesma razão pela qual você me mandou uma mensagem, suponho. — Cora abre o zíper do casaco e tira as botas, passando os dedos pelo cabelo úmido e dando passos hesitantes pela entrada.

Seu olhar passeia pela sala de visitas bagunçada e cheia de embalagens vazias de batatas fritas e garrafas de cerveja, pilhas aleatórias de roupa suja e o edredom que uso quando adormeço no sofá ao acaso, assistindo a estúpidos programas de televisão. Seus olhos estão tomados pela simpatia quando pousam em mim novamente.

Retiro o casaco de sua mão e o penduro no encosto da poltrona.

— Desculpa a bagunça. — Coço a barba que recobre meu queixo. — Eu não estava esperando visitas.

Cora dá de ombros – o suéter cinza enorme pendendo de um lado –, e continua sua inspeção.

— Minha casa não está muito diferente. — Seu olhar pousa na minha mesa lateral, onde um livro está sendo usado como porta-copos para a minha cerveja. — *Ratos e Homens* — murmura, baixinho.

Fazemos um contato visual demorado, e quanto mais o tempo se estende, mais difícil é romper. No entanto, sou o primeiro a abaixar a cabeça,

massageando a nuca. Pego uma camiseta perdida que, felizmente, só cheira ao meu desodorante amadeirado, depois a visto enquanto Cora me observa a alguns metros de distância. Sem-graça, pigarreio antes de perguntar:

— Café?

Ela assente.

— Sim.

Levo duas canecas da cozinha, minutos depois, e encontro Cora sentada sobre as pernas dobradas sobre o sofá. Ela está folheando o livro, mas o coloca na mesinha assim que me aproximo.

— Obrigada — agradece, segurando a caneca quente com ambas as mãos. Ela me encara por cima da borda por alguns segundos, e eu me acomodo ao seu lado. — Acho que são das pequenas coisas que sinto mais falta. Café quente. Beijos melados de cachorro. Minha *playlist* musical. O sol contra a pele. — Toma um gole, suspirando quando se recosta às almofadas.

Eu a encaro, descansando a caneca sobre minha coxa. Suas palavras são muito cativantes.

— É estranho — comento. — Achei que a primeira coisa que faria depois que chegasse em casa seria devorar *cheeseburguers* e batatas fritas. *Fast-food* bem gorduroso. Eu estava desejando com vontade a porra de um Big Mac lá naquele porão. — Vejo sua boca se curvar em um sorriso suave ao virar a cabeça para mim. — Mas estou descobrindo que não tenho muito apetite para nada. Eu mastigo lanches de merda e bebo cerveja o dia todo. Estou sempre com fome, mas também me sinto meio doente por dentro... sabe?

— Também sinto o mesmo. É essa sensação estranha e vazia... como um buraco faminto que precisa ser preenchido, mas comida não é a resposta. — Cora desvia o olhar para algo além do meu ombro, se perdendo em pensamentos. Ela encontra o caminho de volta depois de cerca de dez segundos, se mexendo

no sofá e retorcendo a bainha de seu suéter.

— Você está fazendo terapia? — pergunto.

Ela balança a cabeça, ainda evitando meu olhar.

— Tenho certeza de que meu terapeuta precisa de um terapeuta neste momento.

Observo a maneira como ela morde o interior do lábio, coçando o pulso enquanto encara a parede oposta.

— Você contou a eles... tudo?

Você disse a eles que o noivo da sua irmã foi forçado a te foder seis vezes, e uma dessas vezes você gozou de verdade?

Mantenho as verdades fodidas para mim e ela balança a cabeça, respondendo:

— A maior parte.

Eu quero saber qual parte ela omitiu, mas tenho certeza de que já sei.

Cora muda de assunto:

— Chegaram a encontrar seu carro?

Meu carro do caralho. Se eu pudesse matar aquele pedaço de merda de novo, eu provavelmente o faria. Passei dois anos economizando para conseguir dar entrada no Camaro dos meus sonhos, todo equipadinho. Eu só estava com o carro há três meses antes de Earl dar sumiço nele. Nego com um aceno de cabeça, fervendo de raiva.

— Não. Estou na maior luta com minha companhia de seguros, vendo se há algo que eles possam fazer. Por enquanto estou usando um Uber para ir às consultas de terapia.

— Isso é chato. Eu sinto muito.

— Sim, bem, isto é algo substituível... em algum momento. Ele tomou muito mais de você.

Nós dois deixamos aquela nuvem escura pairar sobre nós por um minuto, e eu meio que gostaria de poder voltar atrás. Eu não queria dar vida às suas feridas. Cora parece recuar mentalmente, e só posso imaginar o que está passando em sua cabeça.

Espero que ela esteja pensando em mim, conversando com ela, implorando para que se concentrasse apenas nos meus olhos, que apenas olhasse para mim e escutasse minhas palavras...

Mas sei que ela não está pensando nisso.

— Eles estão procurando mais corpos — Cora comenta, com uma respiração baixa e trêmula. — Descobriram um monte de ossos enterrados na propriedade dele. Eles estão tentando identificar as vítimas.

Fecho os olhos com força.

— Porra. — Não tenho acompanhado o desenrolar da história. É demais para mim, ter que lidar com as lembranças. É muito cedo, muito recente, muito pessoal.

Já desmenti a história para a polícia, os médicos, meu terapeuta. Fui interrogado por detetives que estavam se perguntando se eles tinham um maldito caso de assassinato contra mim. Embora fosse obviamente legítima defesa, não havia um ferimento de bala limpo ou uma facada rápida no coração. Não, eu simplesmente *pulverizei* o bastardo com minhas próprias mãos. Foi violento e selvagem e um lance sem controle.

Ele teve que ser identificado através da arcada dentária, por registros odontológicos.

Mas, dadas as circunstâncias, não houve acusações contra mim. Graças a *Deus*. A última coisa que eu queria era sair de uma prisão e ir direto para outra.

Então, novamente... começo a refletir se sempre estarei em algum tipo de prisão.

— É tão fodido isso — Cora continua, colocando seu café na mesa de madeira ao lado. Ela ergue os olhos lacrimejantes para mim ao se virar. — Quase fomos *nós*, Dean. Aquilo foi…

Detecto o pânico em sua voz e vejo isso em seus grandes olhos verdes, então eu me aproximo dela no sofá.

— Shh, ei... não fomos nós. Nós demos o fora e sobrevivemos. — Estendo a mão para roçar sua bochecha com a ponta dos dedos, observando uma lágrima deslizar suavemente. As pálpebras de Cora se fecham e ela inspira de forma irregular. — Estamos vivos, respirando e nunca mais voltaremos até lá.

Cora levanta a mão para tocar a minha, embalando meus dedos. O contato faz algo girar, zumbir e se contorcer dentro de mim. Cerro os dentes enquanto ela, descaradamente, acaricia seu rosto contra a minha mão como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ela beija a palma, quase me fazendo perder o controle.

— Volto àquele lugar todas as noites.

Inferno. Eu a puxo para perto, abraçando-a com força, repousando sua cabeça em meu peito como um amante saudoso. Envolvo seu corpo com os braços, entrelaçando os dedos pelos fios sedosos de seu cabelo, inalando o cheiro familiar e calmante.

— Está tudo bem fazer isso?

Ela balança a cabeça contra a minha camiseta, enlaçando minha cintura.

— Está tudo bem. — Cora fica em silêncio por um longo tempo, sua respiração agora mais regular e estável. Eu quase me pergunto se ela adormeceu até que murmura: — Não parece época de Natal.

Continuo acariciando suas mechas sedosas, massageando seu couro cabeludo com as pontas dos dedos enquanto tento aliviar seu sofrimento o

melhor que posso. Enfio a mão livre no bolso da calça de moletom e pego meu telefone, percorrendo as estações de rádio até encontrar a desejada. Aumento o volume e me inclino para trás, segurando Cora em meus braços; a música natalina começa a nos fazer uma serenata pelo alto-falante do celular.

Eu a sinto relaxar quase instantaneamente, enterrando a bochecha marcada pelas lágrimas ainda mais em meu peito.

Cora adormece momentos depois com *‘I’ll Be Home For Christmas’* ecoando em nossos ouvidos, nos aquecendo, domando nossas almas torturadas... e sei que ficarei perfeitamente contente se isso for tudo o que eu ganhar de Natal este ano.

---

[4] Pozole é um prato típico da culinária mexicana, e consiste em uma sopa ou guisado à base de milho com carne de porco ou frango. Além disso, os temperos e vegetais não cozidos complementam a receita.

Capítulo Quinze

Um ano antes...

— Você, provavelmente, vai pensar que sou uma esquisita, mas meio que comprei um presente de Natal para você.

Minha testa franze em confusão, meus olhos vidrados tanto pela curiosidade quanto pela gemada batizada. Então me sinto um babaca gigante, porque não comprei nada para ela. Cora e eu nunca trocamos presentes antes – bem, exceto naquele ano em que dei a ela um vibrador em forma de Papai Noel que dizia 'Ho, Ho, Ho' enquanto vibrava. Ela, por sua vez, me presenteou com um soco forte no ombro.

— Merda, Corabelle. Eu não te trouxe nada.

Cora está sentada no sofá, uma perna bronzeada sobre a outra, segurando uma taça de champanhe. Estou sentado diante dela, no chão, inclinado para trás e apoiando o peso do corpo em minhas mãos. As lantejoulas de seu vestido vermelho brilham contra as luzes de Natal, um elogio festivo aos seus olhos verdes brilhantes.

É irritante pra caralho o tanto que ela é bonita.

— Talvez seja melhor que você não tenha feito isso mesmo.

Tenho certeza de que estamos pensando no vibrador do Papai Noel quando um rubor rosado aquece suas bochechas.

Lanço um sorriso malicioso.

— Bem, entregue logo, então. É um carro? Diga-me que é um carro.

Mandy enfia a unha afiada no meu braço.

— Por que Cora lhe daria um carro?

— Porque ela me ama.

— Eca. — Cora coloca seu champanhe na mesa de café em frente, curvando-se apenas o suficiente para revelar uma quantidade perigosa de decote. Eu desvio o olhar na mesma hora. — Só você seria capaz de confundir amor e ódio. Tenho certeza de que é muito complicado para o seu cérebro minúsculo manter-se em linha reta.

— Vocês dois são ridículos — Mandy murmura, respirando pausadamente. — Preciso de mais brownies.

Mandy se levanta em seus saltos vacilantes, e não posso deixar de me perguntar por que ela está usando salto agulha a noite toda, na sala de estar de seus pais. Ela desaparece pela cozinha, me deixando sozinho com a irmã mais irritante.

Não que eu me importe. Duelos verbais com Cora Lawson estão no topo da minha lista de atividades preferidas.

Ela pensa que sou burro, e eu a deixo pensar isso. Sempre consigo uma reação de sua parte, observando seu olhar incrédulo quando digo ou faço algo estúpido. Faz parte do nosso jogo.

— Tanto faz, Corabelle. Mostra logo o que você me trouxe.

— Não me chame assim. — Cora lança seu clássico olhar irritado,

então se inclina sobre o braço do sofá para pegar um presente escondido debaixo da árvore. — Toma.

Ela arremessa o presente embrulhado em papel colorido, e eu o pego com facilidade, piscando para ela quando começo a abrir.

— Você é muito boa com embrulhos. Você fez curso?

Outro olhar aborrecido.

Continuo a rasgar o papel e deparo com um livro. Não sou do tipo leitor – prefiro podcasts e audiolivros. Mas suponho que é a intenção que conta.

— Ratos e Homens — afirma Cora, alcançando sua taça de vinho e tomando um gole antes de dizer: — Era uma leitura obrigatória na aula de inglês do segundo ano, mas tenho quase certeza de que você nunca leu. É um bom livro.

Cerro os lábios. Ela está certa sobre isso. Eu nunca li.

— Bem, obrigado. Na verdade, isso é até legal... — Minha voz falha quando começo a folhear as páginas.

Estão todas em branco.

Cada uma delas.

Ergo a cabeça, e viro o livro de um lado ao outro, me sentindo mal por ela ter encomendado um presente defeituoso.

— Humm, só tem um pequeno problema — comento.

Cora se senta ereta, piscando devagar. Ela me encara, completamente confusa, antes de responder:

— Merda. Não achei que você notaria.

Ah, cacete.

Próximo Natal? Ela que me aguardasse.

— Boa noite, Sr. e Sra. Lawson. Feliz Natal — digo, acenando para meus segundos pais, meu braço enlaçando a cintura de Mandy. — Obrigado pelo ótimo jantar.

E pela deliciosa gemada com uma quantidade fantástica de rum.

Cambaleio de um pé para o outro e Mandy tenta me segurar firme. Eu vejo sua boca murmurar um "vou dirigir o carro", para seus pais, à medida que caminhamos até a porta da frente.

Percebo Cora vestindo seu casaco de inverno, pegando sua sacola de presentes e nos seguindo porta afora. Antes que ela passe por nós, ela tira algo da bolsa gigante e bate no meu peito.

— Para você — murmura, a expressão ilegível no rosto.

Encaro o livro – Ratos e Homens. *Só que desta vez há palavras escritas ali.*

— Leia. Você pode acabar gostando. — Então ela me lança um último olhar, e sopra um beijo para Mandy. — Feliz Natal.

Ela desaparece do lado de fora, o perfume de seu hidratante corporal com essência de baunilha seguindo em seu rastro.

Mandy franze os lábios, avaliando o livro na minha mão.

— Podemos doá-lo. Ela nunca vai saber.

Traço os detalhes da capa com a ponta dos dedos, sorrindo para o primeiro presente de Natal que ganhei de Cora Lawson. Então dou de ombros.

— Não. Acho que vou ler este.



Eu a encaro do outro lado da cozinha à medida que ela ajuda a mãe a cortar o presunto. Seu cabelo se agita de um lado ao outro ao longo de suas costas em ondas cor de champanhe, o vestido esmeralda até o meio das coxas e

uma faca serrilhada tremendo em sua mão direita.

— Quer que eu termine, querida? — Bridget sugere, e me pergunto se ela vê o que estou vendo.

Cora rejeita a oferta com um aceno abrupto de cabeça.

— Não. Estou bem.

Corte. Corte. Corte.

Vai e volta. Cuidadoso e lento.

Eu quero deslizar por trás dela e envolver sua cintura delgada com meus braços, sussurrando em seu ouvido que está tudo bem. *Está tudo bem.* Mas não posso fazer isso, porque minha noiva está ao meu lado postando memes de Natal no Facebook, e ela não conseguiria entender isso.

— Meu Deus. Allie está noiva! — Mandy anuncia, radiante de excitação, digitando em seu celular no mesmo ritmo que as orelhas de rena balançam acima de sua cabeça. — É melhor ela me pedir para ser madrinha.

Corte. Corte. Corte.

— Uau. Esqueci que o irmão de Allie está solteiro recentemente; você acha que Cora se daria bem com ele?

Meu olhar se alterna dos cortes cuidadosos de Cora para Mandy bebendo um copo de ponche natalino.

— O quê?

— Jason. Lembra que fomos à festa dele no dia do *Superbowl*? Ele estava namorando uma garota na época, mas juro que ele estava secando a minha irmã. — Mandy sorve seu ponche com um canudo vermelho. — Cora o achou uma gracinha.

Não percebo que estou tensionando a mandíbula até que sinto a dor na articulação.

— É um pouco cedo, você não acha?

— Ela está solteira há três anos, Dean, e tem quase trinta anos.

— Sim, mas ela ainda está se recuperando de um trauma. Ela, provavelmente, não está querendo namorar. — Mordo o interior da bochecha, evitando olhar para Cora. Ela havia terminado de fatiar o presunto com sucesso, e agora o transferia para uma bandeja decorada. — Ela precisa de mais tempo.

Mandy ergue os olhos de seu telefone e de seu coquetel, com um sorriso perspicaz florescendo nos lábios.

— Você é todo protetor com ela agora, não é? Isso é tão fofo. Você é como um irmão mais velho preocupado. — Ela solta um suspiro exagerado. — Sempre soube que vocês dois resolveriam suas diferenças.

Porra. O termo ‘irmão mais velho’ me causa náuseas.

— Sim, eu acho.

— Bem, como sua irmã e alcoviteira principal, vou esquematizar alguma coisa. Talvez possamos fazer um encontro duplo para facilitar o processo para ela.

Meu queixo continua rangendo, e tenho medo de rachar os dentes.

— Acho que não gostei desse tal Jason.

Na verdade, eu nem me lembro do cara, mas estou confiante de que não gosto dele.

Mandy dá um tapinha carinhoso no meu peito.

— Você não precisa gostar. Não é você que vai ficar pelado com ele. — Ela me dá uma piscadela provocante e bebe o resto do ponche.

Meu estômago embrulha quando minha mente se atropela com imagens de Cora ficando nua com algum babaca. É muito cedo. E talvez eu seja protetor, mas como não ser? Sou o único que entende o que ela suportou durante aquelas três semanas no Inferno. Se alguém tiver que protegê-la, serei eu, e não vou me desculpar por isso.

Vou até o carrinho de bebidas, adornado com uma tigela de ponche e gemada com infusão de rum. Os priminhos de Mandy e Cora estão correndo para cima e para baixo, perseguindo uns aos outros com bastões luminosos vermelhos e verdes, e os adultos se misturam na sala, à espera do jantar. Sirvo um pouco de ponche com a concha e tomo o conteúdo todo em quatro goles. Então continuo entornando um copo atrás do outro, até que estou me sentindo mais bêbado que um gambá quando o jantar acaba e somos encaminhados até a árvore de Natal para a troca de presentes.

Estou sentado no chão, as costas apoiadas na parte da frente do sofá, com as pernas estendidas, com Mandy massageando meus ombros, sentada atrás de mim. Estou tomando meu sexto, e espero que último, copo de ponche, observando, com os olhos turvos, Cora desembrulhar um de seus presentes.

É um suéter.

Ela dá um sorriso forçado que não alcança seus olhos. Ninguém parece notar além de mim.

É a minha vez de abrir um presente.

É um suéter.

Também me obrigo a sorrir.

Quando um dos priminhos rasga uma sacola de presentes e tira uma fantasia de policial, ele pula de emoção. Ele continua vasculhando o papel de seda e grita:

— Legal! Algemas!

Meu estômago revira e meu olhar se fixa em Cora, que começa a coçar o pulso e a se mexer, inquieta, na cadeira. Seus olhos se focam em mim, mas apenas por um segundo antes de ela se desculpar e pedir licença das festividades e desaparecer escada acima.

Merda.

Espero alguns minutos até que não pareça óbvio que a estou seguindo, então informo a Mandy que preciso usar o banheiro. No entanto, Mandy está muito absorta em uma conversa com sua tia sobre cobertores pesados, então minha fuga passa despercebida.

Encontro Cora no mesmo lugar da noite do nosso reencontro – sentada na beirada da cama de hóspedes, em seu quarto de infância, agarrando as cobertas com força. Ela percebe minha presença antes que eu fale qualquer coisa, e me pergunto se previu que eu a seguiria até aqui.

— Estou bem, Dean.

Cerro os dentes, ainda à porta, notando como ela não olha para mim. Decido me aproximar, entrando no quarto e fechando a porta. O som a faz estremecer.

— Feliz Natal — digo, em voz baixa.

Quase posso sentir um pouco da tensão a deixando quando me sento ao seu lado na cama, o colchão afundando sob meu peso. Cora finalmente olha para mim, encontrando meu olhar com o cenho franzido de leve.

— Você está cheirando a vodca e *Skittles*.

Um sorriso curva meus lábios.

— Você não experimentou o ponche?

— Não. Mas posso ver que você, sim. — Ela me avalia de cima a baixo, como se as listras da minha camisa delatassem o número de copos que ingeri nas últimas duas horas. — Tome cuidado. Você parece um desastre ambulante.

Passo a mão pelo meu cabelo castanho, notando que os dois primeiros botões da minha camisa estão desabotoados e apenas uma manga está enrolada acima do cotovelo. Acho que Mandy me fez usar uma gravata borboleta com estampa de Papai Noel, mas não tenho ideia de onde isso foi parar.

— Você parece triste — retruco, observando seus olhos inexpressivos perdendo o brilho que passei tanto a amar.

— Eu disse que estou bem.

— Bem, talvez eu possa te ajudar a ficar mais do que bem. — Cutuco seu ombro com o meu. — Eu meio que comprei um presente de Natal para você.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, os lábios se abrindo, rosados e brilhantes.

— O quê? Por quê?

— Porque você me deu algo no ano passado. É a minha vez.

Cabisbaixa, Cora remexe nos fios do edredom.

— Não fiz muitas compras este ano, então não comprei nada para você. Eu me sinto uma idiota.

— Está tudo bem. Em algum momento, as estrelas se alinharão, e nós dois compraremos algo um para o outro ao mesmo tempo.

Ela mordisca o lábio. Meu olhar deriva para sua boca por instinto antes de desviá-lo, de repente, muito consciente da forma como sua coxa nua está pressionada à minha calça. Provavelmente, eu deveria fugir dali, mas o álcool me mantém enraizado no lugar.

Enfio a mão no bolso e tiro uma pequena caixa.

— O embrulho não é tão bom quanto o seu. Então, não vale criticar.

— Eu sempre critico. — Cora finalmente permite que um sorriso escape ao pegar o presente da minha mão. — Bem, é muito pequeno para ser um vibrador natalino embaraçoso, pelo menos.

— É mesmo?

Ela ri. Ah, caralho, ela ri e é o melhor presente de todos.

— Alguma coisa vai pular em cima de mim? — questiona, torcendo a caixa entre as mãos enquanto a avalia sobre o colo. — Ele morde?

— Não e não.

Cora não parece convencida, mas começa a abrir o embrulho, bem devagar, com dedos cuidadosos. Quando ela puxa a tampa da caixinha branca, sua respiração fica presa ao encarar a almofadinha de algodão. Ela está admirando o presente dentro, mas *eu* estou olhando para ela. Estou observando as emoções se alastrarem pelo seu peito, pescoço, pousando em sua garganta e liberando um suspiro audível. Suas unhas vermelhas roçam o pingente de coração preso a uma corrente de ouro.

— É lindo, Dean. É... demais. — Cora me encara com os olhos enevoados, então volta a olhar para o colar. Ela o remove da caixa, deixando a delicada corrente dançar sobre seus dedos enquanto segura e contempla o coração dourado.

— Abra. É um medalhão.

Ela pisca, surpresa. Posso ver seus dedos trêmulos ao abrir as duas peças de ouro, o olhar focado no conteúdo ali dentro.

Enquanto o seu coração bater.

Ela não diz nada. Eu me pergunto se talvez não tenha entendido, então começo a explicar:

— Achei que você podia usar próximo ao seu coração como um lembrete constante de tudo ao que sobreviveu. Enquanto ainda estiver batendo, você está bem.

Ela ainda está em silêncio.

Estou começando a duvidar se foi uma boa ideia dar aquele presente, pensando que talvez tenha sido *demais*. Talvez seja muito pessoal. Um gatilho.

Mas então Cora se lança no meu colo, envolvendo meu pescoço com os braços, e sinto suas lágrimas deslizarem por baixo da gola da minha camisa.

— Obrigada — sussurra, arfando. — É perfeito.

O colar permanece em seu punho, as lágrimas caindo sem rumo, implacáveis, devastando seu corpo com tudo o que ela tenta ocultar ali dentro com tanto afinco.

Ela não precisa fingir comigo, no entanto. Ela não precisa se esconder.

Estou aqui e a vejo – cada cicatriz, cada falha, cada pedaço quebrado e vazio.

E eu entendo.



Sangue. Sangue por toda parte.

Caralho, tanto *sangue*.

Sinto respingar na minha pele, bem como sinto o gosto na boca, mas continuo. Punhos voando, crânio quebrando, massa encefálica espirrando. Gemidos horríveis e dolorosos... *morte*.

Ele precisa pagar pelo que fez com ela. Ele precisa morrer. Eu prometi que iria acabar com sua vida inútil por tocá-la, e é exatamente isso que estou fazendo.

Nada de arrependimento. Nada de vacilo.

Acabou.

Acho que ouço a voz dela, ao longe, me chamando para voltar para ela.

— Pare. Ele está morto.

A voz de Cora se infiltra e a realidade crava seus dentes em mim enquanto olho para o crime hediondo que acabei de cometer. Querido Deus, é como algo saído de um filme de terror.

Um final adequado para um conto macabro.

Eu fiz isso. Eu realmente fiz isso, porra. Matei um homem a sangue

frio com nada além dos meus nódulos imundos e sangrentos.

O filho da puta merecia.

Estou prestes a pular para trás, para me afastar o máximo possível dessa carnificina, quando seus olhos se abrem. Olhos brancos aterrorizantes com íris tão negras, tão brutais, que quase me esfolam vivo. Earl se senta, os olhos arregalados e bulbosos afundados em carne mutilada.

Então ele estende as mãos e envolve minha garganta em um aperto tão forte como um torno. Impenetrável. Ele rosna por entre os dentes quebrados, sangue embaçando meu rosto conforme ele me esgana.

— Cachorrinho malcriado.

Não acabou. Não acabou.

Isso nunca vai acabar.

Eu me sento de supetão, o corpo encharcado de suor, dos pés à cabeça, respirando com dificuldade. Sento-me na beirada da cama, agarrando os lençóis, e ouço vagamente o toque do meu celular ao longe enquanto meus pensamentos começam a encontrar o caminho de volta à realidade. Procuro o telefone perdido entre os lençóis úmidos, e percebo que minha cabeça ainda está girando por causa do álcool. Mandy me deixou em casa por volta das onze da noite, e eu, na mesma hora, bebi um quarto da garrafa de vodca antes de desmaiar bem depois da meia-noite.

Porra, estou me sentindo uma merda.

Localizo o telefone e vejo que é o nome de Cora iluminando a tela.

Também são duas horas da manhã.

Meu coração começa a acelerar quando aceito a ligação e digo, com a voz meio engrolada:

— Cora? Onde você está?

— Dean...

Ah, merda. Ela parece estar chorando.

— Você está bem, Corabelle?

Suas fungadas são evidentes do outro lado, acompanhadas de pequenos gemidos.

— Tive um pesadelo horrível. Não consigo me livrar disso e estou com medo.

— Você precisa de mim? — Eu nem hesito em perguntar. Se ela precisar de mim, estou lá.

Ela ofega, e então responde:

— Sim.

— Me dê quinze minutos.

Quinze minutos depois, estou cambaleando para fora de um Uber na frente de seu pequeno chalé, quase tropeçando nos meus pés ao correr desajeitadamente pela passarela de pedra. Com a testa apoiada contra a porta pintada em um tom turquesa, bato meu punho e chamo ao mesmo tempo:

— Cora, sou eu. Abra.

Ouço seus passos do outro lado, e quando ela abre a porta, quase tombo para frente. Eu me agarro ao batente, admirando-a ali parada, trajando nada além de uma regata branca, sem sutiã, e calcinha de algodão. Mas ela não parece dar a mínima para o fato de estar seminua na minha frente. Ela recua um passo para me permitir entrar, os olhos injetados e vermelhos, e os pés tão instáveis quanto os meus. Fecho a porta assim que entro, incapaz de evitar que meu olhar deslize pelo corpo que conheço tão bem.

Ela não tenta se esconder de mim.

Ela sabe que a vi muito mais despida do que isso.

Mas são os olhos dela que me matam. Eles parecem vítreos e sem vida e totalmente assombrados.

— Corabelle...

Seu lábio inferior treme enquanto nos encaramos, a apenas alguns metros de distância.

— Tomei pílulas para dormir. O sonífero deveria me ajudar a desmaiar e esquecer, mas... os pesadelos, Dean. Eu não posso nem... Deus, eles são tão horríveis.

Avanço um passo, suas lágrimas são como um ímã para o meu coração angustiado.

— Vem cá.

Cora não vacila nem um segundo, e corre na minha direção, diminuindo a distância entre nós e enlaçando meu pescoço.

Eu também não hesito. Por instinto, como se fosse a única coisa a fazer, seguro a parte de trás de suas coxas e a levanto no colo, de forma que ela envolva minha cintura com as pernas. Com seu rosto enterrado na curva do meu pescoço, eu a carrego pelo ambiente às escuras, cruzando o curto corredor até chegar ao seu quarto. Nós dois desabamos na cama, ainda abraçados um ao outro, ainda desesperados por aquela faísca de calor que só parece acender quando estamos juntos.

Nós nos acomodamos em sua cama *queen size*, e o único momento que a solto é para puxar os cobertores sobre nossos corpos, então meus braços a envolvem mais uma vez. Ela está meio chapada por causa das pílulas, e eu estou bêbado pra cacete; somos dois seres humanos confusos e devastados, agarrados um ao outro e lutando contra a tempestade, mas está tudo bem porque estamos *juntos*.

Cora se aninha a mim, tão perto que tenho certeza de que ela pode sentir meu batimento cardíaco irradiar através dela enquanto adormece. Eu me pergunto se ela pode sentir o quão partido ele está.

À medida que a névoa alcóolica me consome e começo a apagar, me inclino para beijar sua testa, afastando uma mecha de cabelo rebelde com os dedos, depois acaricio sua bochecha, pescoço e o colo de seus seios.

Adormeço segurando o pingente de coração em meu punho.

Capítulo Dezesseis

Earl Timothy Hubbard.

Finalmente crio coragem para pesquisar o caso.

O meu caso.

Nosso caso.

É manchete internacional, marcando Earl com o apelido de *O Casamenteiro*. Ele ficará para a história como um renomado *serial killer* depois que onze corpos foram descobertos enterrados sob seu amplo terreno. Suas vítimas foram sequestradas sempre em pares – homem e mulher, sem parentesco sanguíneo ou qualquer vínculo romântico. Earl possuía caixas e caixas de 'troféus': bugigangas e evidências armazenadas em seu sótão, incluindo a carteira de Cora, minha jaqueta de couro e as chaves do carro. Ele tinha anotações em diários exclusivos para cada casal, porém nenhum dos conteúdos detalhados foi divulgado à imprensa. Foi alegado, com base nos diários descobertos, que Earl orquestrou que suas vítimas desenvolvessem sentimentos um pelo outro – e quando percebia que o casal havia se apaixonado realmente,

ele os assassinava a sangue frio. Sua diversão era assistir o sofrimento de suas vítimas quando torturava um dos amantes até a morte.

Uma merda doentia do caralho.

Quando penso naquela noite fatídica, lembro de cada coisinha que fiz de errado. Cada decisão errônea que deslizou fatalmente pela minha língua.

“Ela é sua namorada?”

A pergunta de Earl pareceu inofensiva na época. Eu não tinha ideia de que estaria selando nosso destino quando respondi com um firme “*de jeito nenhum*”. Eu deveria ter mentido, mas deixar Cora pau da vida era importante. Irritá-la era mais divertido.

Não fazia ideia de que havia batido os pregos nos nossos malditos caixões.

Acontece que o cara era um vendedor qualquer de uma empresa que fabrica ferramentas elétricas. A princípio pensei que ele fosse um policial corrupto, mas as luzes piscantes em seu veículo eram usadas apenas para enganar suas vítimas, coagindo-as a encostar o veículo. Você ouve sobre esse tipo de merda em documentários sobre crimes, mas nem sonha que isso acontece na vida real.

Eu fecho os jornais, sentindo a pele formigar e aquecer diante da ansiedade. Estou me sentindo fisicamente doente, xingando a mim mesmo por ler essa porcaria – é nítido que não estou pronto, e as feridas ainda são muito recentes. Doloridas demais. E eu, com certeza, espero que Cora não esteja lendo nada disso.

Eu me recosto às almofadas do sofá, fechando os olhos e tentando controlar a respiração. Dois cães foram apreendidos fora do local e estão detidos no controle de zoonoses. Um era um pastor alemão e o outro era uma mistura de Yorkie. Nenhum dos cães parecia ameaçador nas fotos. Na verdade, pareciam

aterrorizados e desnutridos – muito longe das bestas raivosas que imaginei roendo nossos esqueletos. Eu me pergunto a que tipo de horrores Earl submeteu aqueles pobres animais.

Pelo menos eles tinham um ao outro.

Pego meu celular na mesa lateral quando ele começa a vibrar, nem um pouco animado ao ver o nome de Mandy na tela. E isso me faz sentir ainda pior do que já me sinto.

> Mal posso esperar para te ver mais tarde, amor! Te pego aí às 7 ;)

Mandy é a anfitriã de sua festa anual de *Réveillon* hoje à noite. Normalmente, nós damos a festa na minha casa, pois é maior do que seu modesto apartamento de dois quartos, mas dado meu estado atual de miséria angustiante, ambos concordamos que seria melhor se ela assumisse as festividades este ano. Honestamente, eu não tinha intenção de ir – virar o Ano Novo com uma dose de vodca e minha *playlist* de rock progressivo parecia muito mais atraente.

Mas Cora estará lá.

Eu não a vejo desde aquela manhã confusa de ressaca, logo após o Natal, mas nós conversamos ao telefone todas as noites desde então.

Não tocamos no assunto sobre termos acordado um nos braços do outro, de conchinha, com as pernas entrelaçadas e com a minha mão enfiada dentro de sua regata.

A linha do tempo dessas primeiras horas da manhã é nebulosa, na melhor das hipóteses. Lembro-me vagamente de um trajeto feito de Uber, com um motorista que eu tinha certeza de que era o Kurt Cobain – a ponto de eu insistir em pegar seu autógrafo –, seguido pelo cheiro de narcisos do cabelo de

Cora acalmando meus demônios, e seu hálito quente contra meu pescoço me embalando para dormir. Lembro-me de um pesadelo que me acordou na marra. E eu me lembro de, finalmente, cair no sono mais reparador que tive em quase dois meses... apesar da enxaqueca brutal com a qual acordei quase ao meio-dia.

Quando Cora se soltou dos meus braços e nossos olhos se encontraram, houve uma promessa tácita de que nunca mais falaríamos sobre isso.

Então, nunca tocamos no assunto.

E, às vezes, nem conversamos muito, mas só em saber que o outro está do outro lado da linha, respirando e vivo, seguro e aquecido, é um consolo por si só.



— Ai, meu Deus, Dean!

— Você parece ótimo!

— Graças a Deus você está bem!

Eu não diria que estou *ótimo*, mas consegui encontrar uma camisa limpa que não cheirava à semana passada e, finalmente, fiz um esforço para me barbear, deixando apenas uma sombra de barba por fazer ao longo da mandíbula.

E insisto em não dizer que estou *bem*. No entanto, estou aqui com um sorriso falso pra caralho no rosto, então acho que é um passo na direção certa.

Enquanto rostos familiares e estranhos curiosos me enchem de perguntas e elogios, aperto o gargalo da cerveja na minha mão, imaginando se eu poderia quebrar o vidro apenas com o meu punho.

Afinal, minhas mãos foram capazes de quebrar algo muito pior.

Mandy desliza às minhas costas, enlaçando minha cintura em um abraço apertado. Eu a sinto pressionar beijos entre as omoplatas, e ergo a mão

livre para acariciar seus dedos entrelaçados.

— A festa está bacana — murmuro.

Estou mentindo. A festa está horrível e minha cabeça está latejando, e sinto que tudo está girando ao redor. Há pessoas aqui que eu costumava considerar bons amigos, mas em quem sequer pensei ao longo das últimas sete semanas. Eles são mesmo meus amigos? Estou completamente insensível à conexão humana?

Eu me viro e deparo com Cora entrando na companhia de sua amiga, Lily, com uma blusa prateada e jeans *skinny*. Seu cabelo sedoso ostenta novas mechas reluzentes, mas seus olhos dão a impressão de ser um animal encurralado. Meu coração dá um salto engraçado dentro do peito, e aí percebo que não estou *completamente* insensível.

Cora estaca em seus passos assim que passa pelo batente, segurando a mão da amiga e a puxando para trás. A música está alta demais para ouvir o que estão dizendo uma à outra, mas Lily esfrega o braço de Cora, para cima e para baixo, tranquilizando-a de alguma forma. Provavelmente tentando assegurar de que a festa está sossegada e vai ficar tudo bem.

Ela está mentindo, Cora. É uma armadilha.

Mandy percebe a chegada de sua irmã e me libera de seu abraço, correndo tropegamente até Cora, que ainda parece congelada e pálida na entrada. Bebo a cerveja, assistindo a cena de longe, observando o jeito com que Mandy puxa Cora para um abraço como se a vida fosse cheia de flores, filhotinhos fofos e raios de sol.

Os olhos de Cora encontram os meus por cima do ombro de Mandy, e eu abaixo a garrafa, oferecendo-lhe um leve sorriso compreensivo. Ela retribui em igual medida. No entanto, antes que eu possa me aproximar para cumprimentá-la, sou puxado para uma conversa com um dos meus melhores

amigos, Reid. Ele dá um tapa no meu ombro, parecendo genuinamente feliz em me ver, e passamos cerca de quinze minutos nos atualizando – bem, *ele* está me atualizando das novidades. Tenho certeza de que Reid não tem a menor vontade de ouvir o que tenho feito desde a última vez em que nos vimos em outubro.

Quando me afasto para pegar outra cerveja, encontro Cora na cozinha, agarrada ao seu copo plástico vermelho, conversando com Lily e um cara familiar que deduzo ser o tal do Jason. Pego outra garrafa da geladeira e lanço um olhar em sua direção, convicto de que estava certo o tempo todo: não gosto dele.

Ele está usando uma blusa de gola alta, pelo amor de Deus.

E continua estendendo a mão para tocá-la – seu braço, sua mão, seu quadril. Ele até mesmo afastou uma mecha invisível do cabelo dela. Cora é toda sorrisos e gentilezas, acenando a cabeça para ele, mas posso ver que sua mão espreme o copo com mais força, e seu joelho quica para cima e para baixo. Lily está rindo de qualquer besteira que ele está falando, e ei, acho que Lily e Jason seriam perfeitos um para o outro agora que penso nisso. *Vamos dar um jeitinho nisso, então.*

Decido me intrometer na conversa.

Os olhos de Cora são atraídos para mim, iluminando-se quando entro em seu pequeno círculo.

— Dean — ela cumprimenta, um grande sorriso curvando os lábios perfeitos, coloridos em um tom cereja.

— Aí está você — diz Lily, inclinando-se para um abraço lateral, enquanto a outra mão segura sua própria bebida. — Cora disse que você provavelmente estaria aqui. Como você está?

— Estou indo bem. As coisas estão melhorando. — É fácil mentir quando isso é tudo o que tem sido feito ultimamente. — E as novidades?

Lily fala sobre seu trabalho como técnica farmacêutica, mas meu olhar continua se desviando para Cora. Jason está mexendo em seu celular, bebericando uma cerveja, ocasionalmente olhando para cima para concordar com algo e sorrir. Estou apenas ouvindo a metade do que Lily diz, quando deixo escapar:

— Cora não está interessada.

Lily para de falar na mesma hora, e todos me encaram.

Jason pigarreia, bebendo o resto de sua cerveja de um gole só antes de jogar a garrafa em uma lata de lixo ali perto.

— Se isso foi dirigido a mim, tenho certeza de que a mulher pode falar por si mesma.

— Tenho certeza de que ela pode, mas como seu futuro cunhado, é minha responsabilidade cuidar dela, e ela não está, de forma alguma, pronta para voltar para os lances de namoro. Então, recomendo que você direcione sua paquera a outra pessoa.

Jason dá uma risada desprovida de humor, e Lily tenta abafar seu próprio riso – dessa vez, um bem divertido.

Cora cruza os braços, me fuzilando com o olhar. Suas bochechas estão vermelhas, a mandíbula cerrada.

— Que merda é essa, Dean? Eu estou bem aqui.

— Eu sei.

Jason se vira para mim, com as mãos nos quadris.

— Escute, cara. Sei que vocês dois passaram por alguma merda juntos, e entendo que está sendo cuidadoso, mas...

— Alguma *merda*? — repito, me virando para encará-lo. Este filho da puta irreverente. — Ficamos acorrentados como cachorros por três malditas semanas, sendo mantidos vivos à base de sanduíches de peru e água de poço,

forçados a fazer um monte de merdas fodidas, enquanto Cora...

— Dean! — Cora me interrompe.

Jason ergue as mãos.

— Não estou tentando minimizar nada. Eu só estava batendo um papo com a garota.

Antes que eu possa dizer outra palavra, Cora segura minha mão e começa a me arrastar para longe da cozinha.

— Com licença — diz ela, por cima do ombro.

Ela me puxa para o quarto de Mandy e fecha a porta com um baque, pressionando as costas contra a madeira.

— Mas. Que. Porra. Foi. Essa?

Exalei um suspiro, sentindo apenas uma pontada de remorso. Talvez aquelas quatro cervejas tenham nublado meu cérebro um pouco mais do que pensei.

— Desculpe, eu só estava tentando te proteger.

Ela coloca o copo em cima da cômoda de Mandy e se aproxima de mim, o olhar pétreo em meio à expressão cerrada.

— Você me *envergonhou*.

— Não era essa a minha intenção.

— Jason é um cara legal. Ele sempre foi educado e respeitoso comigo. Além disso, minha vida sexual não é da sua conta.

— Vida sexual? — Arqueio uma sobrancelha, sentindo minhas entranhas retorcerem por conta de algo que se parece com ciúme. — Você quer transar com ele?

Suas bochechas ficam mais coradas ainda, o olhar se desviando do meu.

— Se eu quiser ou não, isso não diz respeito a você.

Engulo em seco.

— Você não parecia estar à vontade. Eu estava tentando ajudar.

— Não quero sua ajuda, Dean. Você não precisa mais me proteger. — Suspira lentamente, inclinando a cabeça para encarar o teto. — E talvez eu estivesse pouco à vontade mesmo. Estar *aqui* me deixa desconfortável. Ainda estou tentando me acostumar com as pessoas, barulho e... estou aprendendo a *viver* de novo — Cora explica, seu tom embargado por conta dos sentimentos reveladores. — Mas não preciso de uma babá. Só preciso arrancar o band-aid.

— Você pensa em mim como uma babá? — Tento minimizar meu tom audacioso ao encarar meus pés.

Cora fica em silêncio por um longo tempo, o que me obriga a erguer cabeça. Deparo com seu olhar fixo em mim. Nós nos mantemos focados um ao outro por um instante, até que ela responde:

— Não faço ideia do que você é para mim.

A princípio, me sinto ofendido. Estou indignado. *Depois de tudo pelo que passamos*. Estou prestes a retrucar, perturbado e com raiva, quando percebo... que ela está absolutamente certa. Que porra somos um para o outro?

Nunca seremos amigos. Não somos mais inimigos. Não podemos ser amantes.

Onde isso nos deixa?

Soldados em guerra. Almas gêmeas. Duas almas perdidas e errantes sem nada e tudo em comum.

Ou talvez não.

Talvez não sejamos algo destinado a ser rotulado. Nós transcendemos títulos.

E temo que isso seja a coisa mais poderosa de todas.

Meu olhar pousa no colo de seus seios, onde noto o medalhão em

formato de coração. Ela carrega um pedacinho meu com ela.

Ela carrega muitas partes minhas com ela.

Mordisco o interior da bochecha, arrastando o pé contra o carpete bege.

— Você viu as atualizações recentes sobre o caso?

Cora parece ter sido pega de surpresa pela mudança brusca de assunto, e começa a coçar o pulso, balançando o joelho mais uma vez.

— Sim. Está em todo o meu *feed* de notícias.

Droga. Eu esperava que ela não tivesse visto nada disso.

— Está tudo meio fodido. Ele armou para que os casais se apaixonassem ou algo assim antes de matá-los... É doentio e distorcido.

Seus olhos estão arregalados e vidrados, sua respiração meio ofegante.

— Ele disse que nosso tempo estava quase acabando. Será que ele pensou...?

Nossos olhares se encontram.

E tenho certeza de que nós dois estamos pensando no que aconteceu contra aquele poste, antes de eu destruir o rosto de Earl.

Nós dois nos sobressaltamos quando uma batida incessante irrompe pela porta.

— Cor? Você está aí?

É Mandy.

— Já estou saindo — responde Cora.

— Sua safadinha! Você está com um cara? — Mandy caçoa, então entra, aparentemente, não dando a mínima se Cora está se dando bem com algum cara. Ela estaca em seus passos ao me ver. — Ah, oi, amor.

Enfio as mãos nos bolsos. Há um lampejo de suspeita em seus olhos e isso me faz sentir uma aflição irritante. Sei que Mandy leu as notícias sobre os

verdadeiros motivos de Earl, mas ela ainda não me interrogou sobre o assunto. Eu engulo em seco.

— Oi, estávamos apenas conversando.

Um silêncio estranho e constrangedor se instala entre nós três, e eu meio que quero cair e me fingir de morto como as cabras têm mania de fazer.

— Desculpe, eu não queria interromper — Mandy diz, dando uma tossida de leve contra a mão e puxando o vestido rosa-choque com a outra. — Estamos prestes a jogar flippy cup[5].

Eu adorava brincar disso.

Eu costumava amar muitas coisas.

— Okay, isso parece divertido — murmura Cora, pegando sua bebida descartada e me dando um olhar. — Estou dentro.

As mulheres saem, e eu fico ali sozinho no meio do quarto – no meio do quarto da *minha noiva* –, confuso, abalado e mal-humorado.

O que diabos Earl viu?



É quase meia-noite e não consigo encontrá-la.

Eu sei que é errado, sei que é distorcido, e sei que estou mais bêbado pra cacete neste momento, mas é quase meia-noite. É quase Ano Novo. E sei, *eu sei*, que deveria estar procurando por Mandy agora, a mulher com quem me relaciono nos últimos quinze anos.

Mas preciso encontrar Cora.

Nós fomos ao Inferno e voltamos este ano – *juntos*. Quando o relógio bate doze horas, é uma página em branco. Um novo começo metafórico.

— Dez… nove… oito…

Examino os foliões que estão cantando e sorrindo, suas bebidas

espirrando em suas mãos à medida que gesticulam em meio à balbúrdia.

— Sete... seis...

Eu me viro para a pequena sacada da sala, e é ali que a encontro. Ela está encostada no corrimão, de frente para mim.

— Cinco... quatro...

Vou até ela, empurrando uma massa de corpos, e alcanço a maçaneta da porta deslizante, abrindo-a.

— Três...

Uma onda de ar frio me atinge, e observo os fios de seu cabelo se agitando com o vento. Os brilhos em sua blusa cintilam sob o luar, seus olhos fazendo o mesmo.

Ela está esperando por mim.

— Dois…

Estou prestes a pisar na varanda quando sinto dedos enrolarem em volta do meu cotovelo.

— Aí está você!

Giro o corpo em um meio-círculo.

— Um!

Uma boca encontra a minha debaixo de aplausos efusivos que soam ao redor. Mandy enlaça meu pescoço, me puxando para o nosso tradicional beijo da meia-noite, e meu corpo quer protestar, se afastar... mas apenas fico ali, os braços pendendo ao lado, permitindo que ela me beije. Estou bêbado demais para relutar, e, além disso, com qual objetivo eu faria isso?

Desculpe, querida. Eu meio que queria ter um momento a sós com sua irmã. Talvez no próximo ano.

Eu sou um idiota.

Mandy sorri quando nossos lábios se separam e roça o nariz ao meu.

Esse foi nosso primeiro beijo de verdade desde sua festa de aniversário, naquela fatídica noite de sábado.

— Feliz Ano Novo, Dean. Este ano vai ser melhor... eu prometo. — Ela se inclina para mais um beijo antes de ajustar a gola da minha camisa e dar um passo para trás. — Quer outra bebida?

Quero aceitar, mas já estou vendo tudo dobrado.

— Estou de boa. Já vou indo.

— Okay, eu te levo em casa.

— Não, vou chamar um Uber. Você é a anfitriã da festa, Mandy.

Ela está prestes a discutir, mas Cora está, de repente, ao meu lado, seu ombro roçando meu braço.

— Eu posso levá-lo. Lily vai pegar carona com Todd, e estou meio cansada de qualquer maneira.

Mandy faz uma expressão como se estivesse ansiosa por uma fofoca.

— Uuuuh, que escândalo. Quero saber os detalhes depois. — Então, como se lembrasse que nos flagrou sozinhos no quarto, mais cedo, sua expressão se desfaz e seu olhar alterna entre mim e a irmã. — Tem certeza, Cor? Eu não me importo.

— Não seja boba. Você não pode sair da sua própria festa e deixar o apartamento sem sua presença aqui.

Mandy mordisca o lábio, parecendo em conflito, até que uma de suas amigas a chama para tomar doses de tequila.

— Sim, tudo bem. Se isso não for incômodo pra você. — Ela olha para mim. — Me liga de manhã?

Assinto com um aceno de cabeça.

Cora vasculha a bolsa em busca das chaves do carro, depois gesticula com o queixo para a porta, me encorajando a segui-la.

É um trajeto silencioso até minha casa, oito quilômetros do outro lado da cidade, e quase adormeço. Mas estou muito preocupado em pensar na última vez em que estivemos juntos em um carro, e toda vez que paramos em um semáforo, é como se esperássemos que a janela seja estilhaçada e um novo pesadelo comece.

Ela me ajuda a entrar em casa alguns minutos depois, porque as coisas estão começando a girar neste momento, e vou a passos trôpegos até o quarto, desabotoando a camisa no caminho.

— Vem — eu a chamo, parada à porta, quieta e insegura.

— É melhor eu ir embora. Já está tarde.

Paro por um instante para encará-la. Ela parece nervosa, mas não o nervosismo do tipo desconfortável – não o que sentiu na presença de Jason. É outra coisa.

— Deita aqui comigo.

Um pedido ousado, por conta do maldito álcool que controla a minha língua.

— Dean...

— Não é como se não tivéssemos feito isso antes.

Ela pisca diversas vezes.

— Aquilo foi um erro.

Dou um passo em direção a ela, minha camisa aberta.

— Acho que se você quer chamar de erro o sono mais reparador que tivemos em quase dois meses, então, tudo bem. Okay.

Cora abaixa a cabeça, encarando o tapete cinza da entrada da minha casa.

— Você sabe do que estou falando. Não é apropriado. Especialmente porque nos tornamos... — Pigarreia, antes de completar: — Íntimos.

— Aquilo aconteceu em circunstâncias fodidas. Não tivemos escolha.

— Eu sei, mas temos uma escolha agora. Temos nosso livre-arbítrio de volta, e sinto que não é uma boa ideia ir para a cama com o noivo da minha irmã. Está errado, Dean. — Ela levanta a cabeça e seus olhos se conectam aos meus. — Eu sinto muito.

Não posso discutir com ela. Não posso argumentar sobre nada disso. Sinto-me dividido em duas direções, minha mente me diz que não está certo e que Mandy nunca aceitaria isso numa boa, e minha maldita alma quer nada mais do que sentir Cora pressionada contra meu peito, o som de seu coração pulsante me acalentando como uma maldita canção de ninar.

Estou fodido pra caralho.

Aceno em concordância, devagar, cerrando os lábios.

— Você está certa. Feliz Ano Novo, Cora. — Dou um sorriso cansado, e começo a me virar... mas algo me impede. Algo que vem me incomodando há semanas. Eu a faço parar antes de se afastar porta afora. — Ei, espere um segundo.

Cora se vira para mim com um olhar inquisitivo e curioso.

— Sim?

Coço minha nuca, reunindo coragem.

— O que eu disse pra você no carro, naquela noite... sobre o jeito que você estava vestida. Sobre atrair atenção indesejada... — Obrigo-me a levantar a cabeça, deparando com seu cenho franzido. — Aquilo foi uma porcaria. Não quero que você pense, por um maldito segundo, que o que aconteceu conosco foi culpa sua ou que você mesma causou aquela porra. Eu disse algo estúpido, e isso está me incomodando pra caralho. Eu só... você estava tão bonita, e acho que me senti estranhamente protetor em relação a você. Eu vejo a maneira como os homens te olham, e isso me deixa louco.

Cora está retorcendo as mãos, mordendo o lábio com tanta força que temo que possa acabar ferindo a pele.

— Ah, hmm... obrigada.

— Sim, de nada. — Massageio a nuca, ainda cabisbaixo. — Bem, boa noite.

— Boa noite, Dean. Feliz Ano Novo.

Ergo a cabeça e deparo com o sorriso mais doce do mundo, que causa uma reação ao meu coração que *não deveria* acontecer, e então ela se vai. Penso naquele sorriso ao rastejar para a cama, alguns minutos depois, e sei que não vou dormir bem esta noite, mas eu, definitivamente, vou ter um pouco mais de facilidade para dormir.

---

[5] Tradicional jogo americano onde a meta é virar a posição do copo, com alguma penalidade a ser cumprida caso não consiga.

Capítulo Dezessete

Três anos antes...

Os dedos de Mandy estão dançando no meu joelho sob a mesa, subindo pela minha coxa. Agarro sua mão antes que ela faça contato e lhe dou uma piscadela.

Atrevida.

O bar é barulhento, os clientes fazendo uma zoada por conta do jogo, bebendo cervejas e gritando obscenidades para as TVs de tela grande. Cora e Brandon estão sentados à nossa frente, olhando um para o outro, tentando decidir o que pedir no cardápio como aperitivo. Meu amigo, Reid, dá uma passada em nossa mesa, na companhia de sua nova namorada, para bater papo. A garçonete aparece para anotar nossos pedidos e reabastecer nossas bebidas.

A vida é boa.

Tenho uma linda mulher com quem acho que quero me casar um dia, um emprego garantido, uma nova casa e bons amigos. Não sei por que chego a essa conclusão neste momento, em um happy-hour no nosso bar favorito, em

uma noite de sexta-feira aleatória no meio do inverno, mas conforme o riso se infiltra em meus ouvidos, e a mão quente de Mandy pressiona minha coxa, eu me sinto contente.

— Você acha a garçonete gostosa?

Reid se despede e eu me viro para Mandy, que se encontra com o queixo apoiado na palma da mão, enrolando uma mecha de seu cabelo loiro claro no dedo.

— Hã?

— Os peitos dela são enormes. E seu aplique é ótimo. — Mandy franze os lábios com um suspiro, imersa em pensamentos.

— Você é louca. Eu nem notei a garota.

E é verdade – não notei mesmo. Cora está convencida de que transo por aí, porque tenho uma 'cara de babaca', e acho que trair deve estar atrelado a isso, mas a verdade é que só estive com Mandy. Fomos os primeiros um do outro, quando eu estava no segundo ano e ela no primeiro, e estamos juntos desde então. Demos um tempo, de três meses, na faculdade, mas, ainda assim, nunca galinhei por aí. Não parecia certo.

Honestamente, a única outra mulher em quem já pensei dessa forma é Cora... e esse é um segredo que vou levar para o túmulo. Nenhum deles pode saber que me senti atraído por Cora Lawson, antes de reparar em Mandy, assim que ela entrou na minha aula de inglês, como uma aluna caloura em uma turma avançada, com seus imensos olhos verdes irradiando inocência, e um perfume de lavanda.

As irmãs Lawson ainda são as duas mulheres mais bonitas que já vi na vida, e uma delas está me encarando do outro lado da mesa.

— O que foi? — pergunto, me recostando à cadeira. — Minha respiração está te irritando?

— Isso é um fato. — Ela dá de ombros. — E você é tão mentiroso. Você, obviamente, notou a garçonete.

— Não reparei, não. Por que você acha isso?

— Porque você é um cara heterossexual. — Cora faz uma pausa, um brilho perverso cintilando em seus olhos verdes. — Bem... isso ainda está aberto a discussões, suponho. Não podemos esquecer aquele incidente embaraçoso com seu colega de faculdade no ano passado.

Não acredito que ela trouxe esse assunto à tona.

— Você quer dizer quando me deu o Viagra do seu pai depois que mencionei que estava com dor de cabeça? Muito fofo, Corabelle. Eu tomei na maior confiança, achando que fosse Advil.

Ela quase cospe sua bebida, em meio às gargalhadas. Filha da mãe. Aquela foi a noite mais humilhante da minha vida, e ainda não tenho ideia de como vou me vingar dela. Tudo o que penso não faz jus.

A garçonete volta com nossas asinhas de frango e batatas fritas com queijo, e eu mantenho meu olhar irritado focado em Cora, me recusando a lhe dar o gostinho caso observe a garçonete. Mas posso ver Brandon, com o canto do meu olho, praticamente babando em sua cerveja artesanal.

— Algo mais que eu possa trazer para vocês?

— Não — digo, ainda encarando Cora.

Ela entrecerra os olhos.

A garçonete se afasta, e eu alcanço as asas, mergulhando uma delas no pequeno pote de molho Ranch na minha frente. Dou uma grande mordida... e quase, literalmente, vomito por toda a mesa.

— Que porra é essa? É maionese?

Odeio maionese com todas as minhas forças. Abomino. Até o cheiro dessa merda me dá vontade de vomitar.

A risada de Cora ecoa, atraindo minha atenção para a culpada. Ela está ficando craque nessas pegadinhas.

— Cor, você é uma vadia — Mandy diz, ao meu lado, mas não consegue conter o riso, mesmo que esteja cobrindo a boca com a mão.

Cruzo os braços, prometendo vingança com o olhar, e Brandon se inclina para Cora, beijando sua cabeça e murmurando:

— Essa é minha garota.



Mandy e Cora saíram cerca de quinze minutos atrás. Brandon e eu decidimos ficar por aqui e tomar mais algumas cervejas, já que o jogo ainda está rolando, e ambos estamos ansiosos para ver quem vai vencer.

— Vou mijar. Volto daqui a pouco — diz Brandon, deslizando do banco e abrindo caminho pelo bar & churrascaria movimentado.

Tomo um gole da minha cerveja, os olhos focados no jogo, e então percebo o leve perfume floral flutuando próximo de mim. Olho à direita e deparo com a garçonete com o cotovelo apoiado no balcão, segurando o bloco de notas e tamborilando a caneta sobre a folha.

— Posso pegar alguma coisa para você, docinho?

Não há como confundir o tom de paquera, nem a intenção em seus olhos enquanto me observa, mordendo o lábio inferior e quase enfiando seu decote no meu rosto. Eu desvio o olhar, trazendo o copo aos lábios.

—Tenho certeza de que você me viu com minha namorada a noite toda.

— Ela não está aqui agora — rebate, com ousadia, inclinando a cabeça para o lado e agitando os longos cílios.

Minha resposta se expressa quando pego a carteira e jogo uma nota

de vinte dólares sobre o balcão, então me levanto da banqueta.

— Tenha uma boa-noite. — Não lhe poupo nem mesmo um olhar de despedida. Passo direto e saio porta afora para fumar um cigarro antes de ir embora. Posso terminar de assistir ao jogo em casa.

Pego o celular para enviar uma mensagem para Brandon, avisando que estou dando o fora, quando ouço uma voz masculina, e muito familiar, vindo do lado esquerdo do estacionamento. Entrecerro os olhos, sob a escuridão, e vejo Brandon recostado em seu jipe... com os braços em volta de uma misteriosa mulher de cabelo negro. Ele ri ao se inclinar e dar uns amassos em alguém que, nitidamente, não é Cora.

Eu fico puto da vida.

Não perco tempo em avançar na direção do filho da puta infiel, com os punhos cerrados. Brandon se afasta da mulher assim que me vê, parecendo confuso por ter sido pego no flagra. Lanço um olhar para a morena e aceno com a cabeça por cima do ombro.

— Se manda.

— Como é que é? — resmunga, com as mãos nos quadris.

— Se quiser, pode ficar aí e assistir. — Dou de ombros. — Isso também é bacana. — Agarro Brandon pela gola da camisa, puxando-o para frente, depois o jogo de volta contra o capô de seu jipe. — Seu pedaço de merda nojento. Quatro anos! Você está com ela há quatro anos, porra, e está jogando tudo fora por uma boceta novinha e brilhante?

Brandon levanta as mãos em defesa.

— Merda, cara, eu estava apenas brincando. Não conte a ela, okay? Ela vai ficar arrasada.

Esmurro sua mandíbula.

— Você *vai contar a* ela.

Brandon agarra seu rosto, uivando por conta da dor.

— Acho que você quebrou minha mandíbula, porra. — Ele tenta me empurrar para longe, mas eu não arredo o pé. — Você nem gosta de Cora. Por que diabos se importa, afinal?

Eu o empurro contra o carro e ele grita novamente.

— Eu sempre soube que ela era boa demais pra você. — Observo a morena misteriosa se afastar em seus saltos altos, então volto a me concentrar em Brandon. — Filho da puta do caralho. Você vai terminar tudo com ela ou vou quebrar sua mandíbula de verdade. Eu te prometo isso.

Brandon finalmente me afasta e se levanta, respirando com dificuldade. Ele balança a cabeça.

— Isso vai partir o coração dela, cara. O último cara com quem ela saiu, a traiu, e ela não superou até hoje. Vamos esquecer isso e deixar pra lá. Não vai acontecer de novo.

Arrasto a língua ao longo dos meus dentes, assimilando suas palavras. Então dou um suspiro profundo.

— Diga que foi por minha causa.

— O quê?

— Diga a ela que você está terminando porque eu te ameacei. Ela já me odeia, então vai acreditar facilmente nessa desculpa.

Brandon me encara, perplexo.

— Você está louco. Você é apaixonado por ela, secretamente, ou algo assim?

Eu avanço e o jogo de volta contra o capô.

— Faça isso, ou juro por Deus que você precisará procurar um cirurgião plástico amanhã para reconstruir seu nariz, porra. — Eu o solto, estapeando sua mandíbula já coberta por um hematoma antes de endireitar a

postura. — Então nunca mais quero te ver por perto de novo.



Um encontro duplo.

Fantástico.

As coisas estão tão estranhas quanto eu esperava, considerando o que aconteceu com Jason na festa de Mandy na semana passada. Tentei convencer Mandy a não armar esse desastre, mas ela insistiu que seria bom para Cora.

Não tenho certeza se voltar ao mesmo bar em que Earl nos caçou, com a intenção de colocar Cora com um cara apenas seis semanas depois que ela foi estuprada por vinte dias seguidos, é o que pode ser chamado de algo *bom*, mas se eu protestasse muito sobre o assunto, poderia parecer meio suspeito. Além disso... Cora concordou, apesar das minhas queixas.

E agora estamos tentando não fazer contato visual um com o outro, por cima da mesa – com ela à minha frente apenas fingindo comer seus palitinhos de queijo.

— Então, quando você volta ao trabalho? — Jason pergunta a Cora, inclinando-se um pouco para trás e com as mãos nos joelhos, parecendo estar interessado demais na forma como a alça fina de sua blusa escorrega a toda hora pelo ombro.

Cora ajeita a alça, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Segunda-feira, na verdade. Estou um pouco nervosa, mas vai ser bom voltar ao normal e ter uma rotina novamente.

Mandy e eu dividimos uma pizza de massa fina, e retribuo seu sorriso quando avançamos para pegar a mesma fatia.

— Seus alunos sabem o que aconteceu com você?

Meus olhos se alternam entre Jason e Cora.

Ela traça desenhos em seu molho marinara com a ponta do palito de queijo, pigarreando antes de responder:

— Tenho certeza de que sim. Ainda é a história no topo das mais comentadas.

— Merda — ele murmura, baixinho, balançando a cabeça em simpatia. — Isso deve ser difícil. Bem, a vantagem é que talvez você consiga fechar contrato para um filme ou talvez com a Netflix. Você sabe que Hollywood vai querer contar sua história. — Jason pega sua cerveja e toma alguns goles. — Você já foi convidada para fazer alguma entrevista?

Cora está coçando o pulso, e noto que a pele delicada parece ferida e irritada.

— Sim, mas ainda não estou pronta. Talvez algum dia.

Compartilhamos um olhar, mas ela abaixa a cabeça na mesma hora. Sem pensar, estico a perna debaixo da mesa até encontrar seu pé, entrelaçando meu tornozelo ao dela, o que a faz arregalar os olhos. Eu a encaro com uma expressão despreocupada, roçando meu tornozelo para cima e para baixo em sua panturrilha, tentando acalmar sua ansiedade da única maneira que posso. Ela não se afasta.

E para de coçar o pulso.

Porra. Acho que estamos flertando com nossos pés, abaixo da mesa, e bem debaixo dos narizes dos nossos parceiros de encontro.

— Acho isso até legal — Jason diz, distraidamente. — Você é, basicamente, famosa.

Levanto a cabeça de supetão e interrompo o movimento do meu pé. Estou farto deste desastre em andamento.

— Legal? — repito, entredentes, tentando manter a voz calma e controlada.

Mandy estende a mão para tocar minha coxa, um aviso gentil para não fazer uma cena. Posso ver os olhos de Cora me lançando uma advertência também, enquanto ela recua os pés e os enfia debaixo da cadeira.

Jason vacila, diante de sua escolha de palavras.

— Desculpe, isso saiu errado. Eu estava apenas tentando encontrar algo de positivo em toda essa merda que aconteceu.

— Não há nada de positivo no que aconteceu conosco. *Nada* — rebato, pau da vida.

Percebo que estou segurando meu garfo como se estivesse prestes a usá-lo como uma arma. Eu nem me lembro de tê-lo pegado sobre a mesa. Solto o utensílio com um tinido, então me recosto contra a cadeira, contemplando o silêncio ao redor.

Dou um tapa na minha coxa, quicando o joelho para cima e para baixo, desesperado por um cigarro. Não fumo desde a noite do sequestro – já que havia passado três semanas sem fumar, não havia sentido em recomeçar o péssimo hábito. Mas estou me sentindo angustiado e com pouca paciência ultimamente, e a nicotina sempre me ajudou a encontrar a calma. Talvez eu devesse voltar. Caralho, já estou prestes a me tornar um alcoólatra a esta altura do campeonato... Que outro vício posso adicionar à mistura? Decido então que vou comprar alguns maços depois desse encontro duplo de merda e, enquanto isso, vou tentar ficar bêbado.

A noite continua dolorosamente lenta com Jason fazendo perguntas idiotas, Cora brincando com sua comida e Mandy tentando me seduzir com piscadelas tímidas e toques impertinentes em minhas coxas. Bebo cinco cervejas na hora seguinte, grato por, finalmente, sentir o torpor se aproximando.

Jason e Cora estão conversando sobre um livro do qual nunca ouvi falar, e ela está olhando para ele. Relaxada e concentrada na conversa, ela ri,

com um sorriso genuíno, de algo que o babaca diz. Em um determinado momento, Jason coloca o braço sobre seus ombros e se inclina para depositar um beijo na bochecha.

— Você é um amorzinho — ouço-o sussurrar em seu ouvido.

É preciso toda a minha força de vontade para me manter quieto no lugar, e me conter para não pular sobre a mesa para estrangulá-lo.

Jason anuncia que precisa usar o banheiro um segundo depois e se afasta da nossa mesa. Mandy imediatamente se anima.

— Ah, meu Deus, maninha. Ele está super a fim de você. — Ela sorri, estendendo a mão para segurar as mãos de Cora. — O que você acha?

Não me passa despercebido a forma como ela lança um olhar na minha direção antes de dizer:

— Ele é legal. Acho que há potencial.

— Ele parece um babaca — murmuro, baixinho, entornando a sexta cerveja.

Cora balança a cabeça para mim.

— Por quê? Ele tem sido um cavalheiro a noite toda.

— É óbvio que ele só quer foder a celebridade local danificada.

Lamento as palavras na mesma hora, fechando os olhos e esperando a merecida reação. Mas tudo o que sinto é Mandy enfiando o cotovelo nas minhas costelas. Estremeço de dor. Quando abro os olhos, Cora está simplesmente me encarando, magoada e com os olhos marejados. *Porra*.

— É isso que você pensa de mim, Dean? — Engole em seco, as mãos tremendo. Ela as esconde no colo. — Você acha que estou danificada, e que os homens só me querem por uma coisa?

Eu tento recuar.

— Não. Merda, estou apenas... porra, estou bêbado e fora de mim

agora, e não gosto de Jason. Eu só quis dizer que *ele*, provavelmente, te enxerga assim.

— Porque não tenho outras qualidades satisfatórias...

Ainda não há raiva, nem amargura, nem animosidade em suas palavras. Apenas angústia.

O que é muito pior.

Não posso dizer o que realmente quero dizer com Mandy sentada ao lado, assistindo a cena se desenrolar com um olhar inquisitivo, e eu, com certeza, não aguento ver essa expressão no rosto de Cora por mais um segundo, então me levanto da mesa com esforço. Em seguida, disparo em direção aos banheiros. Jason está saindo assim que estou prestes a entrar. Ele faz uma pausa, parecendo um pouco abalado com a minha presença.

Eu não tinha planejado começar nada, mas foda-se.

— Apenas fique longe dela, okay? — Quase colo o nariz ao dele, observando seu cenho franzido. — Ela já passou por muita coisa. E não precisa de você fodendo com a vida dela de novo.

Jason balança a cabeça, para cima e para baixo, cruzando os braços em uma atitude defensiva.

— Devo admitir que você tem bolas, tentando me impedir de transar com uma mulher por quem é nitidamente apaixonado, enquanto sua noiva, a irmã da garota, está sentadinha ao seu lado.

Que diabos? Quase engasgo com suas palavras. Elas me levam a um frenesi louco, e me sinto, de repente, em uma espiral, o que me faz agarrar sua camiseta em meus punhos e empurrá-lo com brutalidade contra a parede oposta.

— Você não sabe porra nenhuma do que está falando.

— Está claro como o dia, idiota, e não quero fazer parte disso. — Jason me empurra para longe, alisando a camisa amarrotada. — Você pode ficar

com ela.

Tento controlar a respiração e respondo:

— Não estou apaixonado por ela. Você está delirando.

— Continue dizendo isso a si mesmo. — Jason dá um tapa no meu ombro, então passa a mão pelo cabelo loiro escuro e se vira, murmurando, baixinho: — *Filho da puta*.

Eu o vejo sair, meu sangue fervendo, e noto Cora parada ali no final do corredor, segurando firmemente a alça da bolsa. Seus olhos se movem entre nós, e ela parece chateada. Confusa.

Estou a alguns metros de distância, mas ouço Jason murmurar antes de sair pela porta da frente:

— Desculpe, mas não estou a fim de competição. Cuide-se, Cora.

E então ficamos nos encarando pelo corredor, ofegantes, nossos olhares travados e cheios de intenção, as palavras na ponta de nossas línguas. Mas Cora se afasta, empurrando aquelas mesmas portas e desaparecendo na noite.

Eu a sigo na mesma hora.

— Cora! — eu a chamo, observando-a disparar em passos rápidos para o carro, apertando o botão do alarme inúmeras vezes até os faróis piscarem.

— Me deixa em paz.

Eu a alcanço e me sento no banco do passageiro ao mesmo tempo em que ela se senta ao volante.

— Eu sinto muito.

Ela não olha para mim.

— Saia do meu carro, Dean.

Cora dá partida, e vejo as manchas do rímel escorrido em suas bochechas, e por mais que esteja zonzo por causa das cervejas, percebo que fiz

merda e estraguei tudo. Que beleza. Eu a fiz questionar seu valor e sabotei seu encontro.

E para quê?

Por quê?

— Corabelle, por favor. Fale comigo.

Seus ombros estão tremendo, segurando o volante com força, os nódulos dos dedos agora brancos. Mais lágrimas escorrem de seus olhos.

— Tudo bem. — Ela funga, olhando para mim com os flamejantes olhos esmeralda. — Acabou. Seja lá o que é isso entre nós, acabou. É passado. Pensei que precisava de você para me curar, mas isso é tóxico... tudo o que você está fazendo é me segurar debaixo d'água e eu não consigo respirar. Não consigo me curar quando me lembro constantemente do meu trauma toda vez que olho para você. — Cora inspira, entrecortadamente. — Achei que você pudesse me consertar. Mas você está me matando, Dean.

Estou calado, atordoado, sentindo meu coração se partir em mil pedaços. Tudo o que posso fazer é olhar para ela, e sei que não é isso o que ela quer, sei que ela está apenas chateada, com raiva e confusa. Eu me sinto totalmente vulnerável e sem palavras. Lanço um olhar para o painel central, engolindo meu orgulho.

— Não sei como passar por tudo isso sem você.

— Você precisa tentar. Não estamos mais naquele porão. Estamos sozinhos agora.

— Não, Cora, ainda *estamos* naquele porão, nós nunca saímos. E vamos ficar lá embaixo, presos, acorrentados ao encanamento, imersos na escuridão, até que possamos consertar nossa merda. *Juntos*.

— Não! — Cora esmurra o volante, soltando um soluço ofegante. — Não... *não* juntos. Não posso ligar para você no meio da noite para nos

encontrar, não podemos dividir a cama, não podemos falar ao telefone todas as noites até adormecermos. — Ela balança a cabeça, furiosamente. Em uma postura inflexível. — Não posso te deixar me abraçar e me tocar e me olhar do jeito que você faz. Não é justo com Mandy. Sinto como se minha alma estivesse *apodrecendo*.

— Não fizemos nada de errado — insisto, tentando argumentar.

— Fizemos *tudo* errado.

Eu a encaro dentro daquele carro mal iluminado, suas lágrimas refletidas pelas luzes do painel. Ela parece desgastada, derrotada e perdida. Tudo o que tentei fazer foi lhe dar forças, juntar suas peças e acalmar os fantasmas que a assombram dia após dia.

Eu não tinha ideia de que *eu* era a razão para esse olhar perdido em seus olhos agora.

Isso acaba comigo.

Observo a corrente em seu pescoço, o medalhão em formato de coração oculto sob a blusa vermelha. A cor combina com o batom que está usando, mesmo que a boca esteja borrada por conta das lágrimas que escorrem por suas bochechas. Enquanto admiro seus lábios, lembro-me da última vez que pressionei os meus a eles, e como eram cálidos e macios – algo bom e puro cutucando a feiura. Encontro seu olhar e pergunto:

— O que aconteceu entre nós naquele último dia?

Finalmente, fiz a pergunta. Trouxe à tona o momento mais confuso da minha existência, e até agora, até este exato segundo, ainda estava fingindo que não passou de um sonho. Uma miragem. Talvez uma fantasia fodida. Não era *real* – contanto que nunca reconhecêssemos aquilo, era como se nunca tivesse acontecido.

Mas é real agora. E está pairando entre nós, denso e potente, rasgando

nossas armaduras, paredes e camadas cuidadosamente montadas.

A respiração de Cora trava quando seu olhar se foca ao meu, piscando inúmeras vezes para conter as lágrimas.

— Ali não era eu mesma; eu me desliguei e meu corpo estava confuso. Não significou nada.

Franzo o cenho, chocado com suas palavras. *Merda*.

— Você está mentindo. Você estava *lá* comigo, cem por cento. Eu vi em seus olhos.

— Não.

— Sim, Cora.

— *Não!* — ela grita, o queixo trêmulo. — Por favor, vá embora.

Eu me inclino para frente até que nossos rostos estão a apenas alguns centímetros de distância e posso sentir o perfume floral de seu cabelo. Cerro a mandíbula e digo, em voz baixa:

— Você pode mentir para si mesma o quanto quiser, mas eu estava lá. Eu sei que você sentiu alguma coisa. E não estou dizendo que entendo, ou posso explicar, ou sei o que diabos fazer sobre isso, mas era *algo*, Corabelle.

Ela mordisca o lábio inferior, sua respiração irregular e corpo ainda tremendo, mas não de frio – não, não de frio. Cora se inclina na minha direção, os olhos pousando em minha boca por um momento fugaz, então desvia o olhar. Ela inspira fundo, antes de dizer:

— Não me chame assim. — Sua voz soa com uma calma mortal e uma advertência gélida. Ela desaba contra seu assento, me lançando um olhar cortante. — Agora... saia do meu carro.

A luz bruxuleante que carrego comigo desde o dia em que tudo isso começou, a esperança de dias melhores, o vislumbre da promessa de que algum dia, um dia, tudo voltará a brilhar, se extingue ali mesmo. Eu me sinto frio,

sombrio e vazio.

E tão sozinho.

Concordo com um aceno de cabeça, admitindo silenciosamente minha derrota, então me viro para sair do veículo sem olhar para trás. Se é isso que ela quer – se é isso que ela *precisa* –, não tenho outra escolha a não ser ir embora. E mesmo que esteja ouvindo seu choro sentido, os soluços que ecoam pela noite estrelada através da janela entreaberta de seu carro, continuo andando.

Vou em direção a Mandy, parada no meio do estacionamento, abraçando a si mesma, suas próprias lágrimas de traição escorrendo pelo rosto corado.

— Mandy... — sussurro, acelerando o passo para alcançá-la. Preciso chegar até ela e tentar explicar algo que não consigo explicar nem para mim mesmo.

Mas ela se vira, o cabelo esvoaçando por sobre um ombro como uma cortina se fechando. Mandy entra em seu próprio carro e dispara pela pista, enquanto o carro de Cora se afasta segundos depois. E fico ali, abandonado no estacionamento do *The Broken Oar* em uma noite gelada de janeiro.

Está tudo bem, digo a mim mesmo, tropeçando para trás até que meu pé atinge o meio-fio. Então desabo em uma calçada coberta pela grama.

Está tudo bem.

Já dormi em lugares piores.

Capítulo Dezoito

Minha cabeça está latejando quando acordo na manhã seguinte sob a luz fraca que entra por uma janela próxima. No começo, acho que estou de volta ao porão. É o sexagésimo terceiro dia e o ciclo interminável de tortura e loucura entorpecente continua. Instintivamente, começo a puxar correntes que não existem, e quando volto à realidade suando frio, percebo que as correntes *ainda* existem – só que elas são do tipo invisível.

Essas podem ser o pior tipo.

Esfrego os olhos sonolentos com as palmas das mãos, e apoio meu corpo nos cotovelos, observando o ambiente.

Estou no quarto da Mandy.

— Bom dia.

Viro a cabeça para a direita, vendo-a sentada ao meu lado, segurando um copo de água e um frasco de Advil, sua expressão um tanto quanto melancólica. Mandy voltou para o bar para me pegar cinco minutos depois, devastada pela culpa em ter me largado lá. Fiquei grato... porém, me pergunto se

realmente merecia a cortesia. Ela me trouxe de volta para o seu apartamento, e acabei me esbaldando no resto de bebidas que sobraram da festa de Ano Novo, desmaiando algumas horas depois.

Sento-me por completo, e me recosto à cabeceira de estofado cor-de-rosa. Engulo três pílulas e bebo a água de um sorvo só, então coloco o copo em cima da mesinha lateral, suspirando ao passar a mão no rosto.

— Sinto muito.

Tenho falado muito isso ultimamente.

Sinto muito, ainda estou lutando uma batalha que não consigo vencer. Desculpe, estou confuso, enchendo a cara para afogar meus problemas. Lamento que minha cabeça esteja cheia de pensamentos sombrios e deprimentes que muitas vezes me consomem. Sinto muito não conseguir tocar na mulher com quem deveria me casar. Lamento não poder consertar a mulher que tem meu coração nas mãos.

Sinto muito, eu continuo estragando tudo.

Desculpe, estou desperdiçando minha segunda chance.

Mandy olha para mim com seus olhos manchados, parecendo um guaxinim, e o cabelo loiro desgrenhado.

— Você me deixou sozinha no bar, para pagar a conta do jantar, enquanto seguia minha irmã até o carro, Dean.

Merda.

Eu *realmente* sinto muito por isso.

— Não é o que você pensa, Mandy. Não é... não é assim. Estamos tentando passar por essa merda juntos, e não estou lidando bem com isso. — Inflo as bochechas, exalando o ar com força. — Não há manual, ou guia do tipo *‘Sobrevivendo à vida após a câmara de tortura de Earl para leigos’*. Não há literalmente mais ninguém lá fora que enfrentou o mesmo que nós, porque ele

matou todos eles. Nós somos uma anomalia; não deveríamos estar aqui, e isso está fodendo com a minha cabeça.

Mandy estende uma mão, hesitante, descansando-a em cima da minha.

— Estou tentando ser paciente, eu juro. Mas ver você sempre correndo para ela e se afastando de mim, dói. Eu deveria ser a única a te ajudar com isso. Eu deveria ser sua âncora.

— Eu sei — murmuro, com a voz rouca. — Pode acreditar, eu sei.

Ela aperta meus dedos em sua mão quente, me oferecendo um sorriso melancólico.

— Talvez você precise de medicação... — sugere.

— Não estou doente, Mandy.

— Você *está* doente. Você tem Transtorno de estresse pós-traumático... esteve se revirando a noite toda, às vezes gritando e sacudindo a cama. Você não correu atrás até agora para descobrir o que aconteceu com o seu carro, ou quando vai voltar a trabalhar, ou como vai pagar qualquer coisa quando suas economias acabarem. Você bebe *todos* os dias, todos os dias. E não tocou mais no assunto do casamento. Você não me toca ou me beija, na verdade, parece que nem me quer por perto. — Mandy abaixa a cabeça, engolindo as lágrimas. — Você não está bem, e não sei como te ajudar.

Também não sei como me ajudar.

— Acho que só preciso de tempo.

Posso vê-la avaliando meu rosto, tentando decifrar minha expressão, com o canto do meu olho. Mandy se afasta e começa a retorcer as mãos, inspirando profundamente.

— Você precisa de um tempo longe de mim? Você precisa de espaço?

Arrasto a língua ao longo do céu da boca, contraindo a mandíbula.

— Acho que só preciso de tempo para pensar. Não sei.

— Para pensar se quer passar o resto de sua vida comigo ou não? — Sua voz soa assustada, beirando o pânico.

Eu a encaro.

— Não sei, Mandy. Não sei mais o que quero.

Achei que sabia o que queria. Eu tinha meu futuro todo planejado, organizado e pronto para me jogar. Mandy e eu sempre fomos bons juntos. Tem sido um relacionamento tranquilo e discreto. Sem dramas. Pouquíssimas brigas. Talvez um pouco sem-graça, às vezes, mas isso acontece quando você está com a mesma pessoa por uma década e meia.

Mas agora sinto que sempre faltou algo.

Essa *faísca*.

Uma conexão profunda.

Diversão.

Sinto que sou uma pessoa diferente e Mandy não mudou nada. Estou evoluindo, e ela continua estagnada. Estou compartimentalizando todas as coisas que nos tornam diferentes, todas as nossas falhas e peças ausentes. Eu me importo com Mandy, isso é fato, mas eu a *amo*?

Será que realmente a amei alguma vez?

Talvez... *talvez*, mas sempre foi um tipo de amor superficial. Confortável. Nada muito profundo.

Não temos cicatrizes, nem feridas de batalha. Nós não fomos ao inferno e voltamos, ou nos agarramos um ao outro nas sombras, chorando, tremendo, expelindo os pedaços mais sujos de nossa alma juntos.

É isso que eu quero?

Porra. Eu me sento na beirada da cama, me sentindo confuso e abalado. Enterro o rosto entre as mãos, estremecendo quando Mandy toca a parte inferior das minhas costas com as pontas dos dedos.

— Pense no que você realmente quer, Dean. Não vou a lugar nenhum. — Ela esfrega minhas costas em movimentos suaves e firmes, para cima e para baixo, de um lado ao outro. — Tenho uma noiva e madrinhas que chegarão ao salão, em uma hora, para fazer penteados e maquiagem, então posso te deixar em casa no caminho. Fique à vontade para tomar um banho ou comer qualquer coisa. Eu vou me vestir.

Sinto o colchão se mover quando ela se levanta, ouvindo seus passos ao sair do quarto e fechar a porta suavemente. Entrelaço meus dedos, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, e encaro a parede.

O que eu realmente quero, porra?



Estou sentado na frente da televisão, na mesma noite, mantendo os olhos longe da cozinha, onde uma garrafa de vodca novinha em folha me chama de cima da geladeira. Estou dividido entre jogar aquela merda por cima da varanda, no pântano, ou entornar a maldita coisa, só para me entorpecer e desmaiar.

Ou morrer.

Eu, provavelmente, morreria, e é meio preocupante o fato de não me sentir afetado nem um pouco por essa possibilidade.

Talvez Mandy estivesse certa sobre o lance da medicação.

Ainda estou decidindo o que fazer quando ouço meu telefone vibrar na mesinha ao lado. Eu o pego e fico surpreso ao ver o nome de Cora e uma série de notificações chegando uma após a outra.

Me desculpe pelo que eu disse.

Eu acho que...

A verdade é que eu bebi algumas taças de vinho, então estou um pouco grogue e confusa, e normalmente estaríamos falando ao telefone agora, mas não estamos... porque eu disse para você me deixar em paz e eu me arrependo disso.

Não me julgue por essas frases sem sentido. Meus olhos sangram só de olhar. Por favor, exclua tudo.

De qualquer forma, vou tentar dormir. Eu não odeio você. Eu sei que disse que você está me segurando debaixo d'água, mas você é a única coisa que me impede de afundar.

Boa noite.

Deleta tudo isso aí que escrevi, por favor.

Percebo que estou sorrindo ao encarar o telefone, debatendo se devo responder, ou se devo ligar para ela, ou se devo ir de Uber até a sua casa para que possa abraçá-la até que adormeça.

Talvez eu devesse ignorá-la.

Talvez ela estivesse certa sobre todas as coisas.

Tamborilo o polegar na lateral do aparelho, mordendo os lábios e considerando o que fazer.

Então envio uma resposta rápida:

Boa noite, Cora.

Vou para a cama, sem a companhia da vodca.

Capítulo Dezenove

Meu primeiro dia de volta ao trabalho, na semana seguinte, é um desastre.

Sou um Operador de equipamentos pesados de construção civil, o que basicamente significa que preciso estar lúcido e atento ao trabalho. Eu opero reboques de tratores, gruas, guindastes e uma variedade de outros veículos de grande porte para remendar concreto, reparar estradas e pontes e transportar materiais tóxicos ao redor. Os céus decidiram desabar uma tempestade de gelo hoje em homenagem ao meu primeiro dia de retorno, então minha ansiedade estava em um nível triplicado. Era quase impossível manter o foco, enquanto tentava me lembrar dos controles e protocolos, ao mesmo tempo em que mantinha um sorriso falso no rosto, durante todo o dia, respondendo mil perguntas relacionadas ao meu encontro íntimo com um *serial killer*.

Mas eu sobrevivi.

O tempo já está clareando quando tiro o capacete e entro no carro alugado cedido pela seguradora. É um Honda de merda, mas vai servir por

enquanto. Dou um suspiro lento, que reprimi o dia inteiro, e desabo contra o assento, exausto. Também estou me sentindo inquieto e nervoso, em uma espécie de crise de abstinência por me privar de bebidas alcóolicas. Não toquei em uma gota sequer desde aquele encontro duplo do caralho, há mais de uma semana no *The Oar*.

Estou tentando. Estou realmente tentando.

Quando estou prestes a colocar o carro em movimento, meu telefone começa a tocar, e o nome e o número de Cora aparecem na tela. Entrecerro os olhos para confirmar se estou enxergando direito, ou se a visão embaçada não pode ser resultado da privação alcóolica. Cora e eu não conversamos muito na última semana. Trocamos apenas algumas mensagens de texto casuais e uma ou outra curtida no Facebook. Ela me contou sobre seus primeiros dias no retorno ao trabalho, como professora na escola, e eu contei a ela sobre o dia que voltaria ao meu, no caso, hoje. Coisas básicas. Normais.

Nada que indique que escapamos por pouco da morte dois meses atrás, e, certamente, nenhuma referência ao nosso encontro emocional em seu carro quando ela me disse para deixá-la em paz porque eu a estava ‘matando’.

Mesmo que ela tenha se arrependido dessas palavras, ainda estou dando o espaço solicitado.

Para ela, e para mim.

Aceito a chamada, imaginando que está me ligando para perguntar a respeito do meu primeiro dia.

— Alô?

Posso distinguir as fungadas sutis do outro lado da linha.

— Dean?

— Cora? — Meu coração acelera, o peito inunda com milhares de cenários angustiantes. — Você está bem?

— Desculpe ligar para você... Eu sei que é seu primeiro dia de volta ao trabalho, e eu ia deixar uma mensagem de voz, mas... — Ela tenta recuperar o fôlego, mas suas palavras são interrompidas pelos soluços. — É a Blizzard.

Pisco rapidamente, tentando captar o que disse.

Ah, que merda.

— Blizzard? O que aconteceu?

— Ela teve uma convulsão ou algo assim. Das ruins, Dean. Não conseguimos tirá-la da crise. Estou no pronto-socorro veterinário e dizem que ela não está reagindo. — Cora começa a chorar, as palavras embargadas. — Eles disseram que precisamos considerar a eutanásia.

Porra. Isso não pode estar acontecendo. Aperto a ponte do nariz, então passo os dedos pelo meu cabelo, puxando as mechas pela raiz.

— Merda, Corabelle. Diga-me qual hospital e estou a caminho.

— Tem certeza? Eu sei que você está trabalhando...

— Meu turno acabou. Eu quero estar lá.

Seu suspiro de alívio ressoa em meus ouvidos.

— Estamos aqui no *Care*.

— Chego aí em vinte minutos.

Encerro a chamada e dirijo acima do limite de velocidade, a mente girando, até que estaciono o carro como um mané, ocupando duas vagas. Passo correndo pela entrada principal e encontro Cora e seus pais amontoados na sala de espera. Cora se levanta assim que me vê, e somos atraídos como um ímã, nos engolfando em um abraço desconsolado. Lanço um sorriso para os Lawson, por cima do ombro de Cora. Derek está com a mão apoiada sobre o joelho de Bridget, enquanto ela assoa o nariz em um lenço de papel.

— Sinto muito, Cora — sussurro em seu ouvido, sentindo-a me abraçar com mais força. — Quanto tempo nós temos?

— Eles estão esperando por nós na... sala — Cora funga, se afastando para me encarar com os olhos vermelhos de tanto chorar. Ela limpa as lágrimas que escorrem pela bochecha. — Mandy está no trabalho. Ela disse que não conseguiria estar aqui, porque seria difícil demais. Mamãe e papai vão esperar aqui fora, mas... você quer entrar comigo? Para dizer adeus?

— Claro.

Nem sequer hesito. Resgatamos este cachorro juntos, e nunca poderia abrir mão de estar ao lado de Cora, quando Blizzard der seu último suspiro.

Porra.

Cora dá um aceno de cabeça de leve, então informa a um dos funcionários que estamos prontos para entrar. Eu a sigo em um silêncio solene que se instala entre nós. É uma sala silenciosa e pacífica, adornada com velas eletrônicas e música suave. Blizzard está deitada bem quietinha em uma cama de cachorro no centro do chão, o peito macio arfando lentamente a cada respiração. Sinto as emoções entaladas na garganta quando meu olhar pousa no cachorro que considero como meu pelos últimos dez anos. Eu tomava conta dela quando os Lawson tiravam férias com a família. Eu a levava para o parque de cães com Mandy e Cora, vendo-a perseguir bolinhas de tênis e fazer novos amigos. Blizzard sempre me cumprimentava primeiro, assim que eu passava pela porta da frente com Mandy, se jogando aos meus pés com a barriga para cima, em busca de um afago. Ela sempre se sentava ao meu lado na mesa de jantar, esperando o lanche que eu, inevitavelmente, ofereceria a ela, e seu rabo sempre abanava em adoração enquanto eu cantava karaokê na sala de estar dos Lawson.

Essa reação tão entusiasmada não acontecia quando era outra pessoa cantando.

O assistente do veterinário conversa com a gente com um tom de voz gentil, informando todo o processo e que podemos levar o tempo que

precisarmos. Há um botão que precisamos apertar quando estivermos prontos.

Quando estivermos prontos para deixá-la partir.

Cora se ajoelha ao lado da cadela, descansando a mão trêmula contra o pelo marfim. Eu me ajoelho ao seu lado, fazendo o mesmo, nossos ombros grudados à medida que nossas lembranças transitam entre nós.

— Ela estava agindo de forma engraçada na noite em que Mandy e eu estávamos nos preparando para a festa de aniversário. Esbarrando nas coisas, andando em círculos, ofegando mais do que o normal — Cora sussurra, nossos dedos roçando juntos, acariciando a barriga de Blizzard. — Você acha que ela estava doente e esperou que voltássemos para casa?

Cora me encara com aqueles olhos grandes, as lágrimas escorrendo pelo rosto corado. Engulo em seco, contendo minha própria angústia, tentando ser forte.

— Acho que sim. Ela não podia ir sem se despedir de suas pessoas favoritas.

Cora entrelaça o dedo indicador ao meu mindinho, repousando a cabeça em meu ombro. Seu corpo inteiro estremece diante das lágrimas profusas. Enlaço seu corpo com o braço livre, e deposito um beijo no topo de sua cabeça.

— Estou feliz por você estar aqui — murmura, enxugando as lágrimas com a manga da blusa.

— Nunca pensei que ouviria você dizer isso.

Eu me delicio com a risada espontânea e rouca, o dedo indicador se contraindo ao redor do meu.

Aperto o botão alguns minutos depois e a veterinária entra com seu carrinho. É uma carroça da morte. A médica explica o que vai acontecer, que vai ser tranquilo e indolor, que o remédio fará o coração de Blizzard parar de bater, e

ela apagará.

Não posso deixar de sentir que essa é a maneira perfeita de morrer.

São alguns minutos de pura emoção conforme observamos o peito da cadela subir e descer até ela exalar seu último suspiro, cercada por seus salvadores – cercada de amor.

Porra, acho que estou prestes a perder o controle.

A médica nos dá suas condolências e começa a arrastar o carrinho para fora do quarto, mas para um segundo antes de sair para dizer:

— A Blizzard era um membro maravilhoso da família, senhorita Lawson. Sinto muito pela sua perda. Vou deixar você e seu namorado se despedirem agora. Sintam-se à vontade para sair quando estiverem prontos. Sem pressa.

Namorado. Suponho que parecemos dois amantes enlutados, pressionados um contra o outro, os dedos entrelaçados. Cora não corrige o erro quando a porta se fecha.

Quando um silêncio assustador domina a sala e olho para a Blizzard, sem vida e imóvel, algo em meu coração estala. Sinto uma dor física em meus ossos, meus pulmões inflam em pura agonia. Eu me inclino contra o banco de madeira às minhas costas, inspirando diversas vezes, então desabo. Pressiono a palma da mão contra o rosto, encharcando as fendas dos dedos com as lágrimas que se recusam a parar. Cora imediatamente se senta mais perto de mim e envolve meu corpo em um abraço, pressionando o rosto no meu peito; ela me segura enquanto me esvaio em lágrimas sofridas por essa amiguinha peluda da qual sentirei tanta falta. E choro por muito mais coisas também.

— Merda, me desculpe. — Respiro fundo, odiando a forma como minha voz falha e vacila, então esfrego o rosto com a mão.

— Você a amava — Cora sussurra contra meu colete de trabalho *neon*,

seus dedos agarrando a camisa por baixo. — Não há nada com o que se desculpar.

Ela levanta a cabeça para olhar para mim e nossos olhares se encontram, algo palpável, poderoso e dominante se passando entre nossas almas. Cora toca a lateral do meu rosto com as pontas dos dedos, secando as lágrimas restantes. Cerro os dentes, sem saber como processar o momento ou a energia estranha e fascinante pairando no ar. Eu a encaro, observando sua maquiagem escorrendo, olhos brilhantes e boca rosada. Suas maçãs do rosto estão coradas de tristeza e seu cabelo está uma bagunça, todo frisado como se ela tivesse acabado de ser eletrocutada.

Talvez ela tenha sido...

Cora se inclina sobre os joelhos, e então, suavemente, sem aviso, pressiona os lábios contra minha boca... mal tocando realmente. É um beijo leve como uma pluma.

Uma vibração, um zumbido – como as asas de um beija-flor. Belo e curioso.

Ela se afasta, os olhos ligeiramente arregalados, o cenho franzido como se estivesse atordoada e confusa. Sua língua se projeta para umedecer os lábios e ela rompe o contato visual, caindo de volta no chão e pigarreando.

— Desculpe. Não sei por que fiz isso.

Abraço meus joelhos dobrados contra o peito, e coço o cabelo desgrenhado, passando a mão na nuca. Somos amigos, de certa forma – eu acho –, e isso é o que os amigos fazem, às vezes, durante as merdas e desilusões da vida.

Não é?

Dou uma olhada de relance em Cora, que agora se encontra recostada ao banco ao meu lado; seus olhos estão fechados e os lábios cerrados, como se

estivesse rememorando o contato com os meus. Meus dedos derivam até sua mão, e se entrelaçam aos dedos delgados, e me sinto mais do que grato por ela não se afastar do meu toque. Ela aperta minha mão à medida que encaro nossa amada Blizzard em seu sono eterno pacífico, então murmuro, baixinho:

— Não há nada com o que se desculpar.



Ofereço uma carona para Cora, quando começa a nevar.

É o feriado em homenagem a Martin Luther King, então ela não teve que trabalhar hoje. Ela estava corrigindo trabalhos escolares na casa de seus pais quando a Blizzard teve a convulsão da qual não conseguiu se recuperar.

Confirmei, antes de sair do hospital veterinário, só para ter certeza:

— Tem certeza de que não quer ir com seus pais? Não quero que fique sozinha quando estiver tão chateada.

Cora balançou a cabeça.

— Não ficarei sozinha — disse ela.

Achei que isso pudesse significar que ela queria minha companhia por um tempo, então quando paro o carro em sua garagem, eu a sigo para o interior da casa. A neve está caindo com força total agora, sendo que quando saímos do estacionamento do hospital, não passavam de rajadas. Flocos de neve grossos cobrem nossos cabelos e casacos conforme subimos o caminho escorregadio até a porta da frente.

Faço uma pausa antes de entrar, olhando para o céu, piscando para a névoa branca que caí sobre o meu rosto. Um sorriso curva meus lábios na mesma hora, mesmo em minha contemplação sombria.

— É uma nevasca[6].

Cora vacila ao subir um degrau da varanda, virando-se para me encarar

com os olhos mais arregalados e encantadores que já vi. Ela desce para se juntar a mim na passarela, estendendo os braços e olhando para mim.

— Meu Deus. Você acha que...? — Para de falar e começa a rir. Ela está rindo. Está dando gargalhadas gostosas, enquanto gira em círculos com o rosto virado para o céu. — É ela, Dean. Ela está dizendo adeus.

Acho que meu maldito coração pode estar prestes a explodir.

Abafo as emoções, baforando-as em direção ao ar gélido. Não tenho certeza do que me deixou mais emocionado – o presente de despedida da Blizzard, ou ver a alegria de Cora, girando em círculos desajeitados, coberta de flocos de neve, totalmente extasiada e perdida no momento.

Se curando.

Ela parece estar a caminho da cura.

Em seguida, entramos em casa e nos livramos das roupas pesadas de inverno. Ambos desabamos no sofá, mental e emocionalmente esgotados. A Blizzard sempre se sentava entre nós no sofá – *sempre*. Virou uma piada interna de que ela estava tentando impedir que nos matássemos.

Agora me pergunto se ela estava tentando nos dizer alguma coisa.

Afasto os pensamentos e inclino a cabeça para trás, contra as almofadas, fechando os olhos instintivamente quando o dia longo e exaustivo cobra seu preço. Estou quase apagando e sinto a mão delicada apertar meu joelho.

— Vá tirar um cochilo. Você parece exausto.

Murmuro um *'hmpft'*, que basicamente significa o mesmo que *'ótima ideia, mas não quero me mexer'*. Cora parece compreender e puxa minhas pernas para que fiquem estendidas sobre o sofá. Em segundos, estou esparramado e sendo coberto por uma manta. Noto o cheiro de narcisos quando a puxo até o queixo, e estou quase adormecendo quando sinto seus lábios contra a

minha bochecha, um toque tão leve quanto o que aconteceu no hospital veterinário. Apenas um sussurro, um beijo efêmero.

Cura.

Ela se parece com um processo de cura...



Um grito me acorda de supetão, desorientado e com os olhos turvos. Tento, em um segundo, me lembrar de onde estou.

Paredes da cor de hortelã, um sofá em tom rosa-coral, um tapete felpudo sob meus pés.

Narcisos.

Cora.

Estou no sofá da Cora.

E ela está gritando.

Levanto-me de um pulo e corro pelo corredor até seu quarto mal iluminado, onde a encontro se revirando na cama, chutando as cobertas, segurando a cabeceira como se estivesse com os pulsos acorrentados.

Ela grita, novamente:

— *Não!* Por favor, não…

Seus olhos estão firmemente fechados, mas sei o que ela pode estar ‘vendo’.

Ela é capaz de enxergar os mesmos horrores que vejo quando fecho os olhos à noite.

Corro até ela e subo devagar no colchão, tomando cuidado para não a acordar de um sobressalto.

— Cora... Corabelle, você está sonhando. — Enlaço sua cintura e a puxo contra o meu corpo, sussurrando em seu ouvido: — Volte para mim.

Ela ainda está se contorcendo na cama, a expressão aflita e apavorada, então tento novamente:

— Cora…

Ela acerta meu queixo.

— Porra — murmuro, massageando o lado dolorido e ela se senta.

Seus olhos se abrem de uma vez, o peito arfante.

— Dean? Dean... Ai, meu Deus... — Ela segura meu rosto entre as mãos e começa a distribuir beijos ao longo do meu queixo. — Eu sinto muito. Eu estava sonhando. Me desculpa.

— Está tudo bem. Você está segura.

Cora enlaça meu pescoço com força, me puxando para o mais perto possível, e soluça contra o meu ombro.

— Você está aqui de verdade? — choraminga, inclinando a cabeça e recostando os lábios no meu pescoço.

Congelo por um segundo, sentindo o arrepio deslizar pelo meu corpo. Não tenho certeza do que fazer ou dizer, ou como posso consolá-la, mas o instinto assume o comando e a deito na cama, embalando-a entre meus braços e me aconchegando a ela.

— Estou aqui de verdade. E você também. Está tudo bem, Corabelle. Foi apenas um pesadelo.

Seus braços ainda estão em volta do meu pescoço, as lágrimas ainda fluindo.

— Sinto que preciso continuar tocando você... foi tão vívido... — Desliza as mãos pelas minhas costas, para cima e para baixo, depois as arrasta sobre o meu peito, exatamente como fez da primeira vez em que a soltei das correntes. — Eu te machuquei?

Nego com um aceno de cabeça, depositando um beijo suave em sua

testa.

— Estou bem.

— Meu Deus, Dean... eu sinto muito. Eu sou tão idiota.

Tomo seu rosto entre as mãos na mesma hora, obrigando-a a olhar para mim.

— Você *não* é idiota. Você é a pessoa mais forte que conheço.

O queixo delicado de Cora treme à medida que enxugo as lágrimas perdidas com meus polegares.

— Não sou forte. Estou me despedaçando.

— Você é forte pra caralho. E me *surpreende* a cada dia. — Como ela pode não ver o que vejo? Como pode não saber? — Nunca mais diga isso, está me ouvindo?

Ela funga, ainda trêmula, os olhos enevoados e a expressão vulnerável.

— Sinto que foi tudo minha culpa. Além de todos os *flashbacks*, pesadelos e loucura, eu tenho essa culpa no fundo do meu ser. Você não deveria estar lá, Dean. — Cora inspira, entrecortadamente, a perna deslizando sobre a minha. — Eu não deveria ter te ligado naquela noite...

Franzo o cenho, abalado por sua admissão. Chocado com o absurdo disso.

— Isso é maluquice. Fui eu que culminei a porra toda. Aquele bastardo perguntou se você era minha namorada e eu deveria ter mentido. Eu deveria ter dito, *'Claro que sim, ela é minha garota'*, porque eu teria muita sorte de ter alguém como você.

Seu olhar atônito está focado em mim, os olhos esmeralda cintilando e se desviando para a minha boca por um ínfimo segundo, seus lábios entreabertos.

— Cora, presta atenção — digo, ainda segurando seu rosto entre as

mãos, ainda agarrado a ela como se fosse a última vez. — Essas foram as piores três semanas de toda a minha vida, porra, e vão me assombrar para sempre. — Engulo em seco. — Mas estou feliz por ter estado lá. E eu faria tudo de novo, mil vezes, só para evitar que você passasse por aquela merda sozinha. Estou *feliz* por ter estado lá *com você*.

Um gemido que mais se assemelha a um suspiro escapa por entre seus lábios. Nunca a vi olhar para mim dessa forma antes.

Fecho os olhos, recostando a testa à dela.

— E não me pergunte o que isso significa, Corabelle, porque não faço a menor ideia. Tudo o que sei é que mataria aquele filho da puta uma e outra vez só para te manter em segurança. Caralho, eu mataria uma centena de homens se achasse que isso afugentaria seus pesadelos e lhe traria paz. E sei como isso parece fodido pra cacete, confie em mim, eu *sei*, mas não posso deixar você passar mais um minuto se sentindo culpada, responsável ou *fraca*. Você é uma guerreira.

Meu Deus, estou cuspindo essas verdades brutais e não filtradas como se estivesse delirando, drogado... bêbado como um gambá.

Mas nunca me senti mais sóbrio ou lúcido na vida.

Ou *apavorado*.

Cora está me encarando, boquiaberta, sem palavras.

— Ah, merda... diga alguma coisa, Cora. — Nossas testas ainda estão unidas, nossos narizes se tocando. Sinto seu hálito mentolado contra a boca, e fecho os olhos, esperando que ela me diga que *sou* um idiota.

Ela fica em silêncio por um longo tempo. A mulher que sempre foi rápida em retrucar, me insultar, usando as palavras como munição, está estranhamente quieta. Suas mãos repousam no meu peito – uma bem acima do meu coração –, e agarram o material da minha camiseta enquanto sua perna se

entrelaça com a minha. Nossos corpos estão próximos, muito próximos, nossas virilhas quase se tocando, e minhas mãos estão segurando seu queixo como se ela fosse algo a ser apreciado.

Por que ela não está falando nada?

Cora finalmente inspira profundamente, uma respiração instável, então se abaixa até que seu rosto está colado ao meu peito.

— Cante para mim.

Por um momento, sou levado de volta ao porão. Retorno àquelas noites escuras de novembro, quando mal conseguia enxergar sua silhueta no buraco negro entre nós. Eu queria morrer por não poder tocá-la. Por não poder estender a mão ou segurá-la em meus braços, confortando-a em sua dor, ou sussurrar em seu ouvido que tudo ficaria bem.

Minha voz era tudo o que ela tinha naquele momento.

Então canto *'Hey, Jude'*, com a mão englobando a parte de trás de sua cabeça, sentindo seu cabelo fino fazer cócegas contra o meu queixo a cada nota entoada. Adormecemos juntos, agarrados um ao outro, os batimentos cardíacos alinhados, mas desta vez não foi preciso nenhum sonífero. Ou bebida alcóolica. Não há vícios, justificativas ou algo ao que possamos atribuir a culpa, a não ser nós mesmo e os sentimentos confusos que estão enterrados profundamente em nossos corações.

E por mais que meu cérebro esteja sendo atropelado por inúmeras perguntas, finalmente sinto que tenho ao menos a resposta para uma delas.

E sei exatamente o que preciso fazer.

---

[6] Blizzard, o nome da cachorra, significa nevasca, em inglês.

Capítulo Vinte

Quinze anos antes...

O Sr. Adilman é um babaca.

Espanco a folha em branco do meu caderno, com a borracha na ponta do lápis, descansando a cabeça contra a mão, e dou um imenso bocejo. O Sr. Adilman está tagarelando sobre algum livro que deveríamos ler, enquanto ele, simultaneamente, come a Srta. French com os olhos quando ela passa na sala para entregar um recado a respeito de um novo aluno. Nojento.

— Todo mundo prestando atenção aqui. Temos uma nova estudante se juntando a nós hoje. Vamos fazê-la se sentir bem-vinda aqui na Cary-Grove High — anuncia o professor.

Olho para cima, abstraído com a minha ausência de anotações, e sinto a boca secar na mesma hora.

Um anjo entra na sala.

Sério. Acho que ela é um anjo mesmo, desses com asas e auréola, e talvez até uma harpa.

Com certeza, deve ter uma harpa.

Seu cabelo dourado está trançado, parcialmente puxado para cima com uma presilha florida. A saia jeans quase alcança os joelhos, e um blazer de cor lavanda cobre a regata azul-claro. Ela está usando sandálias de solado grosso e tem o sorriso mais doce que já vi.

Estou descaradamente olhando, possivelmente babando, enquanto o Sr. Adilman direciona a loira baixinha para uma mesa muito longe da minha. Ela pressiona os livros contra o peito, com mãos nervosas, se sentando em silêncio.

— Classe, cumprimente Corabelle Lawson. A família dela acabou de se mudar de Rockford para cá.

Ela pigarreia antes de murmurar:

— Hmm... é Cora.

— Ah... — O Sr. Adilman confere suas anotações. — Sinto muito. Aqui diz Corabelle.

— Sim, mas eu prefiro que me chamem de Cora.

A classe murmura um 'olá' entediado, e eu continuo planejando nosso futuro em minha mente. O baile de primavera e de formatura já estão garantidos. Seria ótimo se acabássemos cursando a mesma faculdade juntos, mas relacionamentos de longa distância não são tão ruins. Nós vamos fazer as coisas darem certo. Estaremos casados aos trinta, compraremos uma casa grande no subúrbio e teremos três bebês loirinhos aos trinta e cinco. Viajaremos muito e depois nos mudaremos para alguma cidade litorânea quando nos aposentarmos.

Eu me pergunto se ela gosta do oceano.

Cora olha na minha direção e nossos olhares se encontram pela primeira vez.

Verdes.

Os anjos têm olhos verdes.

Ela sorri para mim, aquele mesmo sorriso doce, e este é todo meu. Isso me enche de emoção e inflama o meu corpo por inteiro, e eu sei, simplesmente sei...

... Que vou me casar com essa garota um dia.



Estou sentado no sofá de Mandy, depois do trabalho na sexta-feira, bebendo uma garrafa de água e tentando organizar os pensamentos. Aperto a garrafa em meu punho cerrado, ouvindo o plástico estalar e se mesclar ao som da voz animada de Mandy ressoando pelo apartamento.

— …E não acredito que Margo está se aposentando…

Abro e fecho a mão ao redor da garrafa vazia.

Crack. Crack. Crack.

—… Ela é, basicamente, nossa mamãe-urso…

Crack. Crack. Crack.

— ... definitivamente, vai... Dean? Você está ouvindo?

Levanto a cabeça assim que Mandy entra na sala de estar, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Sim. Desculpe.

— Está tudo bem? — Inclina a cabeça de lado, os olhos cor de mel demonstrando preocupação. — Você está um pouco pálido.

Deve ser porque, provavelmente, estou segurando o vômito pelos últimos quinze minutos.

Engulo em seco na mesma hora.

— Precisamos conversar, Mandy. — Coloco a garrafa ao lado e limpo

as mãos suadas na calça jeans.

Mandy me encara por um momento, registrando minhas palavras. Ela mordisca o lábio superior e torce a toalha entre os dedos.

— Sobre o quê?

Ela sabe qual é o motivo. Eu posso ver escrito em seu rosto.

Porra.

— Merda... essa é a conversa mais difícil da minha vida.

— Dean. — Meu nome sai como uma súplica, quase um gemido aflito. — Não faça isso.

Eu me levanto do sofá, e dou um passo em sua direção com as mãos estendidas. Ela recua em seus passos, para evitar meu toque, e eu estaco na mesma hora, os braços pendendo ao lado.

— Não quero te magoar...

— Então não faça isso. Também não quero que você me magoe. — Cruza os braços, o corpo já tremendo. — Podemos resolver isso.

— Não podemos. E não é porque não me importo com você... nós tivemos um relacionamento incrível, e não me arrependo de um único momento dos últimos quinze anos.

— Por favor, pare…

— Mas me sinto uma pessoa completamente diferente agora. Sei que foram apenas três semanas. Eu entendo, mas não posso explicar o que aconteceu comigo ali. Eu só… não sinto essa conexão, essa faísca, e você *merece* isso. Você merece muito mais do que posso te dar.

Deus, espero que isso não tenha saído como se eu estivesse de conversa fiada, porque é a porra da verdade.

Mandy fecha os olhos, mantendo-os fechados enquanto suas emoções começam a atingir o pico. Vejo suas mãos cerradas em punhos e ela pergunta:

— É por causa dela?

— O quê? Dela quem?

— Da minha *irmã*.

A palavra sai por entre os dentes cerrados, como se fosse quase impossível dizer.

Minha mandíbula se contrai em resposta. Isso não se trata de Cora. Isto é sobre mim e Mandy. Não somos adequados. Não estamos dando certo.

Não mais.

— Não — retruco.

— Você é um mentiroso. Algo aconteceu entre vocês dois naquele porão — diz ela. — Esse cara se chamava *O Casamenteiro*, Dean. Tentei dizer a mim mesma que vocês dois se odiavam e nada teria acontecido, mas agora estou me sentindo uma grande idiota...

Dou um suspiro cansado.

— Não estou dizendo que não tenho uma ligação forte com Cora, porque a verdade é que tenho. Passamos por um trauma horrível juntos, e é impossível não voltar diferente disso. — Esfrego a nuca, coçando o couro cabeludo, tentando reunir palavras e frases que façam sentido para ambos. — Fomos forçados a fazer um monte de merdas e.... isso meio que nos uniu.

Ela engole, quase se engasgando com as palavras.

— Você tem sentimentos por ela?

Sentimentos.

Deus, é claro que tenho sentimentos por ela. Ela me faz sentir um monte de coisas, sempre fez.

Mas percebo que Mandy está se referindo a algo mais específico.

Mais destrutivo.

Ela quer saber se eu tenho sentimentos românticos. Sentimentos

sexuais. Mais do que sentimentos *de amigos*.

— É complicado.

Mandy olha para mim e grita:

— Não é complicado, Dean! Ou você quer transar com a minha irmã ou não quer.

Jesus.

Encaro minhas botas do trabalho, percebendo que deveria tê-las tirado na porta da frente. Provavelmente trouxe lama e lodo e para o apartamento inteiro.

— Ai, meu Deus... vou passar mal.

Quando levanto a cabeça, deparo com Mandy cobrindo a boca com a mão, horrorizada. Tento contemporizar:

— Não tem nada a ver com a Cora. Já te disse isso.

— Então, o que é? Você acabou de deixar de me amar em questão de vinte dias? Todos os outros milhares de dias não significaram nada? — exige saber.

Hesito um segundo antes de exalar um suspiro.

— Você não sente que sempre faltou algo entre nós? Tipo, nós simplesmente não fomos capazes de ir mais além...

Ela range os dentes.

— Que diabos você quer dizer com isso? Você me pediu em *casamento*, Dean. Achei que isso era você indo além.

— Porra, eu não sei. Acho que eu estava me sentindo cômodo... tudo se tornou uma rotina descomplicada, entende? Me dou super bem com seus pais, nós temos os mesmos amigos, Blizzard... — Paro de falar, fechando os olhos por um momento para me recompor. — A mudança é assustadora pra caralho, Mandy. Eu gosto de você, nós tivemos uma história juntos, e na teoria damos

certo. Não parecia valer a pena jogar tudo fora.

— Então, o que há de diferente?

— Fui *forçado* a mudar. Fui obrigado a apodrecer por três semanas no porão de um *serial killer*, e isso realmente mudou um pouco a perspectiva das coisas.

Mandy bate o pé no tapete, inquieta, as unhas compridas cravadas nos braços.

— É ótimo saber que você estava lá embaixo, na porra do porão, pensando em terminar comigo assim que pudesse.

— Você sabe que não é isso que quero dizer. — Eu me aproximo um pouco. — Caramba, Mandy, eu *tentei* dar esse tempo. Pensei que só precisava clarear as ideias, resolver todas as besteiras. Passei inúmeras horas me perguntando como posso consertar isso e fazer dar certo. Eu *quero* que dê certo, mas... — Ergo as mãos, em derrota. — Não nos encaixamos mais.

Lágrimas escorrem pelo rosto, borrando a maquiagem perfeitamente aplicada. Ela encara o meu peito, incapaz de encontrar meu olhar culpado. Mandy passa os dedos pelo cabelo, puxando-o para trás e agarrando a própria nuca enquanto tenta controlar sua dor.

— Quinze anos. *Quinze anos* da minha vida, desperdiçados com você.

Meu Deus.

Eu sou um idiota.

Um idiota filho da puta, porra.

— Você quer saber o que eu estava fazendo enquanto você estava no porão, pensando no quanto não nos encaixamos e criando um vínculo com a minha irmã? — Ela, por fim, ergue os olhos entrecerrados com o desdém. — Eu estava fazendo panfletos. Estava liderando grupos de busca. Estava no telefone com a polícia, com amigos e parentes, com o banco para tratar sobre a sua

hipoteca, com fornecedores de serviços públicos, informando que seus pagamentos podiam atrasar um pouco... com os malditos organizadores do casamento, implorando que eles não cancelassem nosso dia, porque você voltaria para *casa*. — Suas bochechas estão vermelhas por conta da raiva e do desprezo. — Eu estava dirigindo pela cidade procurando seu carro *todos os dias*. Eu não comi. Não dormi. Tudo o que fiz foi chorar e procurar por você, rezando para que ficasse bem... imaginando você, no altar.

Fecho os olhos com força, cobrindo a boca com a mão e respirando fundo. Sei que não há nada que possa dizer para melhorar a situação. Sei que não há nada que possa fazer para amenizar a mágoa ou fazê-la entender. Não posso voltar no tempo e dizer a ela para ficar longe de mim porque só vou partir seu coração um dia.

Tudo o que posso fazer é confiar que esta é a coisa certa para nós dois, e esperar que ela veja isso também. Ela merece muito mais do que tem recebido. Merece mais do que beijos meia-boca e conversas vazias. Ela merece alguém bem melhor do que eu.

— Sempre vou gostar de você, Mandy. *Sempre*. E sei que você vai se apaixonar de novo e seguir até o altar algum dia. Sei que encontrará alguém que enxergará suas partes mais sombrias e assustadoras e que te amará mesmo assim. Alguém que te levará aos limites, que te deixará irritada e louca de todas as maneiras possíveis. Alguém que a fará se sentir tão viva que você não será capaz de imaginar voltar para a casca do ser humano que era antes de conhecer essa pessoa. Alguém que vê você, realmente *vê* você, despojada e em carne-viva, e que vai querer recolher todos os seus pedaços quebrados e apreciá-los como se fossem algo bonito.

Respiro fundo uma e outra vez.

Meu coração está martelando no peito, a visão embaçada. Mandy está

me encarando como se eu tivesse sido, momentaneamente, possuído por Nicholas Sparks.

Porra.

Diminuo a distância entre nós e seguro seu rosto entre as mãos, dando um beijo em sua testa.

— Mandy, Mandy, tão doce quanto um algodão-doce — sussurro a rima que cantava para ela quando éramos adolescentes. — Não me arrependo de você. E rezo para que possa me perdoar algum dia e possamos ser amigos, porque meu coração não será o mesmo sem você nele. Mas entendo se não puder, e respeito isso. — Seus olhos estão fechados com firmeza, sobrecarregados pelo fardo que estou depositando em seus ombros. — Eu sei que esse não é o ‘felizes para sempre’ que você imaginou. Sinto muito por isso. Mas *prometo* que vai conseguir o seu, e quando isso acontecer, você vai olhar para trás e tudo isso vai fazer muito mais sentido.

Deposito um último beijo contra sua cabeça, observando as lágrimas silenciosamente umedecerem suas bochechas.

Então eu me afasto e saio pela porta da frente.

Capítulo Vinte e Um

Eu fiz uma coisa.

Estou sentado à mesa da cozinha, na tarde de sábado, comendo um daqueles jantares de macarrão congelado com queijo, quando a mensagem de Cora chega, então respondo:

De que tipo de coisa ultrajante estamos falando?

Hmmmm. Acima da média?

Em uma escala do tipo ‘cortei minha própria franja’ até ‘comprei um rebanho de lhamas’...

Digamos que comprei uma lhama. Ou duas.

Mas que porra?

Estou prestes a ligar para ela quando uma mensagem de texto aparece com uma foto em anexo, quase me fazendo engasgar com o macarrão. É uma *selfie* de Cora segurando uma mistura de Yorkie desgrenhado em um braço, enquanto o outro braço está enrolado ao redor de um pastor alemão, abraçando o animal contra o peito.

Estou sem fala. E só me resta enviar umas reticências que expressam meu choque.

… …

Eu meio que adotei os dois cachorros de um serial killer. Conheça Jude e Penny Lane.

Vinte minutos depois, chego à sua sala de estar.

— Você está maluca? — Olho para os dois cachorros deitados juntos em uma almofada gigante, enquanto a cama miniatura para o cachorro menor está vazia. — Você adotou os cachorros do Earl? Os que iam mastigar nossos ossos?

Ela se levanta logo depois de encher suas tigelas de água, puxando o cabelo para cima em um rabo de cavalo e arqueando uma sobrancelha para mim.

— Duvido que eles fossem fazer isso. Earl estava apenas tentando nos assustar.

Pisco diversas vezes.

— O cara era bem honesto e comunicativo, se bem me lembro.

— Eles precisavam de um lar, Dean. Ninguém mais os queria. Eu já planejava adotar um cachorro, e isso pareceu a coisa certa a fazer. Olhe para eles.

Nós dois viramos a cabeça para admirar a imagem inegavelmente adorável. Penny Lane, a pequena, está enrolada em uma pequena bola contra o peito de Jude. Ambos estão profundamente adormecidos e contentes.

— Tudo bem, eles são fofos pra caralho. Não sou um monstro de coração frio. Estou apenas confuso. — Coço a cabeça, inclinando-a para o lado e tentando processar tudo. — Eles não estão... fodidos das ideias?

Percebo que foi o termo errado quando Cora vira a cabeça de supetão para mim.

— Não mais fodidos do que nós. Você está dizendo que não merecemos ser amados e cuidados por conta do que aconteceu?

Merda.

Ela me pegou nessa. Inflo as bochechas e dou de ombros, exalando um suspiro lento.

— É, acho que você está certa. Só pensei que eles podiam ser agressivos ou ter alguns problemas, sabe?

Cora balança a cabeça de um lado ao outro, olhando para os animais adormecidos.

— Eles fizeram uma avaliação completa e o veterinário não acredita que tenham sido abusados. Apenas severamente negligenciados. Eles são muito ligados um ao outro, então vieram como um par unido.

Um par unido. Eles não são os únicos.

Ela sorri, melancólica.

— Acho que você estava certo sobre eu pegar dois cachorros para cuidar.

Um sorriso se estende pelo meu rosto. Seu coração é ainda maior do que eu imaginava.

— Acho que sim.

— Eles são tão bonzinhos. Só estou com eles há algumas horas, mas acho que eles sabiam que tudo ficaria bem assim que pisaram as patinhas aqui — diz Cora. — É como se eles soubessem que estavam em casa.

Meu sorriso se torna contemplativo enquanto eu a observo, descalça, os dedos dos pés curvados contra o tapete felpudo, uma expressão distante em seus olhos. É engraçado como o lar pode significar uma coisa em um dia e algo totalmente diferente no outro. Acho que é porque o lar não é um lugar, é um sentimento.

— Você tem falado com Mandy ultimamente?

Meus devaneios se desintegram com a menção do nome de Mandy. Mordisco a língua, percebendo que Cora ainda não sabe.

— Ah... sim.

Cora começa a afofar umas almofadas pela sala, dobrando a manta de cima do sofá.

— Ela deveria ter vindo ontem à noite para assistir a um filme comigo, mas não apareceu. E não respondeu às minhas mensagens, o que é estranho. Ela nunca se desgruda do celular. — Cora entra na cozinha para pegar uma embalagem de limpa-vidros e começa a borrifar a mesa de centro, limpando-a com um pano. — Pode ser que ela tenha trabalhado até tarde e esqueceu, né?

— Ela não te contou?

Ela se levanta para me encarar, ajustando o decote da túnica.

— Não me contou o quê?

Droga. Eu esperava não precisar ter essa conversa duas vezes. Ainda estou me recuperando daquele olhar devastado no rosto de Mandy, e não tenho ideia de como Cora vai reagir à notícia.

— Eu terminei com ela ontem.

Cora me encara, sem piscar, e o pano escorrega de sua mão.

— Achei que ela tivesse te contado. Foi uma noite difícil, e ela não lidou bem com isso, obviamente. E eu só acho...

— Reate com ela.

Franzo a testa quando encontro seu olhar.

— O quê?

Cora pega o celular e vem até mim, batendo o aparelho com força contra o meu peito.

— Desfaça essa merda e reate com ela.

Eu pego o telefone e o coloco em sua mão.

— Não. Do que você está falando?

Ela se afasta, os ombros tensos e a respiração arfante à medida que as emoções a consomem. Cora fica em silêncio por alguns segundos, respirando com dificuldade, e esse é o único som que soa ao nosso redor.

Estendo a mão para tocar seu ombro.

— Cora…

Ela se vira de supetão, com o olhar ensandecido.

— É por minha causa? Você partiu o coração da minha irmã por minha causa?

— Não. — Não faço ideia de o porquê ela estar tão pau da vida. — Isso não tem nada a ver conosco.

— Você está mentindo.

Eu a encaro, confuso.

— Caramba, mas que diabos? Eu só… nós não estamos dando mais certo. Não posso fingir que há algo lá quando não há. Não seria justo para nenhum de nós.

Ela abraça seu corpo frágil, dando um passo em minha direção com um olhar gélido.

— Você é um idiota.

— Como é que é? — Cora sai em disparada pelo corredor, e eu a sigo, minha raiva borbulhando. — Cora!

— Eu disse que você é burro! — ela repete, por cima do ombro.

— Por que você está agindo desse jeito? — digo, às suas costas, empurrando a porta do quarto pouco antes de ela a fechar na minha cara. Eu entro mesmo assim. — Você está sendo ridícula!

— Quinze anos! — ela grita, girando, alguns fios do rabo de cavalo se grudam ao brilho labial. Ela afasta a mecha, os olhos marejados com as lágrimas. — Você acabou de desistir de quinze anos.

— Você prefere que eu dê vinte? Trinta? Se eu sei que não é para ser, por que iria amarrá-la quando ela pode recomeçar e encontrar a felicidade com outra pessoa? — retruco, erguendo os braços.

— Você é um covarde.

— O quê? — Balanço a cabeça, rindo com desdém. — Primeiro sou burro, agora sou covarde. Obrigado.

— Sim — ela grita, se aproximando de mim até ficarmos frente a frente. — Você é um covarde estúpido, com muito medo de se esforçar pelo relacionamento. Você chegou a pensar em terapia de casal? Qualquer coisa? Você ao menos *tentou*, Dean?

— Porra, pare com isso. Você não entende.

— Você deveria se casar com ela! Como pôde fazer isso? — Cora esbraveja, abrindo as comportas de suas lágrimas. — Você era feliz. Você era feliz antes... — Ela para, contraindo a mandíbula e baixando a cabeça.

Esfrego o rosto com as palmas das mãos, dando um suspiro cansado.

— Eu estava feliz, mas não estava *feliz*. Quando você passa três semanas convencido de que sua vida está prestes a acabar, você tende a fazer

muitas reflexões e reavaliações. Mandy e eu estávamos levando com a barriga, mas não estávamos prosperando. Não havia *paixão*.

— Paixão? Você está jogando fora quinze anos por *paixão*?

— Não joguei fora porra nenhuma! — grito de volta. — Foram bons quinze anos e não me arrependo deles, mas seguimos nosso curso.

— Por *minha* causa.

— Não, Cora, porque não estou mais apaixonado pela sua irmã.

— Pare de mentir! — berra, a voz tomada pelo desespero, quase em pânico. — Eu estava certa sobre o que disse no carro naquela noite. Isso é tóxico. Isso está *errado*. Nem deveríamos estar nos comunicando o tempo todo. A vida de Mandy está arruinada e é tudo culpa minha. — Cora começa a soluçar, com o rosto coberto pelas mãos. — Nunca vou conseguir me perdoar.

— Corabelle, pare... — Tento alcançá-la novamente, mas ela se afasta como se eu fosse queimá-la.

— Não me toque. Não posso nem olhar para você.

— Por que não?

— Porque é verdade, okay? — Sua voz falha, trêmula e expressando derrota. — Algo aconteceu entre nós naquele último dia. Eu também senti. E pensei que tivesse sido apenas um mecanismo de defesa fodido, e que eu deixaria esquecido e relegado naquele porão... mas, caramba, Dean, isso ainda está aqui. Ainda sinto. — Ergue a cabeça, encontrando meu olhar com ousadia. — Está destruindo tudo, e eu te odeio por isso.

Seguro seu rosto com uma mão, sentindo o coração se contrair dentro do peito.

— Corabelle…

Ela dá um tapa na minha mão, para me afastar.

— Não me chame assim. Não me *toque*. Apenas me deixe em paz.

— Você não me odeia.

— Sim, eu odeio! — Seu tom de voz se torna mais alto, e novas lágrimas surgem em seus olhos quando ela me empurra para trás. — Te odeio. Sempre odiei.

— Não.

— Eu te *odeio*! — Ela me empurra de novo, as palmas das mãos plantadas contra meu peito, me fazendo tropeçar. — Eu te odeio... eu...

— Não. — Agarro seus pulsos e a pressiono contra a parede oposta, em meio aos seus tremores e soluços angustiados. Seguro seu rosto molhado entre as mãos, e dou um beijo terno e suave em sua boca. — Você me ama. Você me *ama*, Cora.

Seu choro se torna um suspiro quando se recosta em mim, e eu a beijo outra vez – tão suave, tão doce. Então, a beijo novamente, um toque mais demorado, até que sua mão agarra à minha nuca e me puxa com força contra sua boca.

Eu a *beijo*, de verdade, e desta vez, não há dúvidas sobre o que isso significa.

Não há desculpas.

Nossos lábios se fundem com loucura e caos, saudade e anseios, nossas línguas se emaranham como se estivéssemos famintos um pelo outro. Angulo a cabeça para aprofundar ainda mais o beijo, mas ainda não é o suficiente – *nunca o suficiente*. Gemidos se mesclam, tornando-se um só, e eu ergo sua coxa para que enlace minha cintura. É um gesto familiar... instintivo. Cora entremeia os dedos por entre os fios do meu cabelo, e depois desce com seu toque cálido pelo meu pescoço, peito, abdômen, arrancando um gemido do fundo da minha garganta. Meus lábios trilham um caminho perfeito ao longo de seu queixo, ainda úmido pelas lágrimas salgadas, e minha língua saboreia a pele

de seu pescoço delicado.

Em um movimento sinuoso, ela esfrega a virilha contra minha ereção, agarrando minha camisa com as mãos em punhos.

— Eu não te amo, Dean.

Beijo novamente sua boca perfeita, e ela geme quando mordisco o lábio inferior carnudo entre os dentes.

— Sim, você ama.

— Não — ela suspira, um soluço embargado, como se estivesse suplicando para que aquilo fosse mentira. *Por favor, isso não pode ser verdade*. — Não posso...

— Está tudo bem — sussurro, emoldurando seu rosto entre as mãos, mantendo sua cabeça imóvel quando ela a agita de um lado ao outro para rejeitar o mero pensamento. — Está tudo bem.

Cora puxa minha cabeça para baixo e nossas bocas colidem, os dentes se esbarram, as línguas duelam com fome e violência. Seguro um lado de seu rosto e, em seguida, a obrigo a abrir a mandíbula ao enfiar o polegar entre seus dentes. Ela dá um grito surpreso, e eu devoro sua boca, dominando-a com a minha língua à medida que provo cada centímetro da cavidade quente. É sensual e erótico, e, ainda assim, não é o bastante. Estou me *afogando*, porra.

Ela se afasta para recuperar o fôlego, com um gemido agudo, como se ainda estivesse tentando negar o que parece abundantemente claro.

— Isso não é real — arfa, esfregando a parte posterior da minha coxa com o calcanhar. Os dedos agarram minha camisa com força, com medo de soltar o tecido.

— É real. — Beijo sua testa, depois o nariz, seguido do lábio superior em forma de coração, e entrelaço nossos dedos, levantando nossas mãos acima de sua cabeça. Pressiono minha testa à dela, sentindo a forma como nossos

corpos parecem se fundir com tanta facilidade. *Um encaixe perfeito*. Estou prestes a beijá-la outra vez, me perdendo no calor glorioso de sua boca, quando avisto a pele de seu pulso espreitando pela manga comprida.

Está arranhada em carne-viva, inchada e irritada, possivelmente até mesmo infeccionada.

A realidade me golpeia como um balde de água gelada, e seguro seu braço, embalando o pulso entre meus dedos para inspecionar o dano. Cora tenta se afastar, tenta disfarçar o que já vi, mas seguro com firmeza.

— Corabelle, você está se machucando.

— Não... — suspira, a voz vacilante diante das lágrimas inevitáveis. — Estou bem. Está tudo bem.

— Meu Deus, Cora. — Roço o polegar sobre a pele maculada de seu pulso, o ponto exato que eu massageava sob as algemas para fazê-la esquecer, então o puxo até os meus lábios, tentando afastar sua dor com um beijo. Deposito beijos singelos ao longo do braço, dedicando meu toque ao ferimento.

— Por favor, não faça isso. — Cora tenta se soltar e redirecionar minha boca para a dela, mas não permito. Ela desaba contra a parede, frustrada. — Me solta, Dean.

Fecho os olhos, continuando a trilhar sua pele com meus beijos, até alcançar as pontas de seus dedos.

— Então diz que não me odeia.

— Não.

Ela se contorce para escapar, mas eu a puxo contra mim, pressionando nossas testas juntas mais uma vez.

— Diga.

Seu olhar trava com o meu, o corpo trêmulo diante do meu agarre firme. Então ela balança a cabeça.

— Eu te odeio.

— Puta merda, Cora. — Cerro a mandíbula com força, meus dedos envolvendo seus braços, em uma tentativa de me agarrar a ela. Implorando por uma resposta diferente. — Por favor.

— Eu... — Ela ainda está me encarando quando prende o fôlego e a expressão em seu rosto se altera. — Eu *me* odeio.

Cora desaba em meus braços, soluçando de tal forma que sinto meu coração se partir. Eu não a pego antes que ela caia – não, eu a deixo cair, e caio junto com ela. Nossas pernas se curvam, ambos agora no chão; e eu me sento ali, com Cora aninhada em meu colo, seu rosto enterrado em meu peito. Eu a abraço com tanta força que tenho medo de quebrar suas costelas, sentindo suas lágrimas escorrerem pela minha camisa e sangrar na minha pele. Ela se agarra a mim, depositando beijos ao longo do meu tórax entre lágrimas e soluços. Enfio os dedos por entre seu cabelo, arrastando-os pelas costas enquanto a deixo desabafar suas angústias.

— Estou aqui com você — sussurro contra os fios de seu cabelo. — Sempre.

Ela pode fingir que me odeia. Se isso amenizar um pouquinho que seja da sua dor, ela pode fingir o quanto quiser.

Mas eu sei que é amor... *tem* que ser, porque se isso não é amor...

Então tenho certeza de que essa merda não existe.

Capítulo Vinte e Dois

Sigo o longo corredor, passando por portas fechadas de um lado ao outro. Todas são decoradas com pinturas, guirlandas ou trabalhinhos de artesanato. A maioria são trabalhos de crianças, desenhos feitos por netos e bisnetos e exibidos com orgulho.

Meus pés estacam diante da única porta cuja superfície está limpa e sem nada. Desolada.

Triste.

Ela não tem netos. Ela não tem ninguém além de mim, e sou muito covarde para visitá-la mais de uma vez por ano.

Dou uma batidinha no umbral da porta ao entrar, e a avisto do outro lado do pequeno apartamento assistindo televisão, sentada ao pé da cama e ainda de camisola.

— Deixe na porta, Frank — diz ela, sem desviar o olhar da tela.

Engulo em seco, dando passos hesitantes dentro da sala.

— Sou eu, mãe.

Ela não se move. Não pisca ou demonstra qualquer reação.

Holly Asher era uma mulher forte. Gentil e suave de muitas maneiras, mas com o olhar sempre combativo. Seu espírito protetor flamejava em prol da família ou daqueles a quem considerava dignos.

Minha mãe amava meu pai com uma intensidade escaldante, e ele retribuía o sentimento em igual maneira. Minha infância está repleta de memórias vívidas dos dois, loucamente apaixonados, se beijando, se perseguindo pela casa, fazendo cócegas e dançando na cozinha ao som de *'Hootie and the Blowfish'*. Eu morria de vergonha quando meus amigos iam à minha casa, porque sabia que meus pais agiriam do jeito bobo deles, dançando e cantando em total desafino. Mamãe sempre tentava me puxar para uma valsa e eu fugia gritando: *Vocês são tão estranhos!* Eles riam e gargalhavam, imunes à minha humilhação, e então se beijavam, sem dar a mínima.

Mas eles também brigavam muito. *Ah*, eles discutiam, a ponto de eu conseguir ouvi-los do outro lado da casa, no meio da noite, enquanto segurava as cobertas até o queixo.

— *Você é um idiota, Mark!*

— *Você me deixa louco, Hol!*

O som das passadas pesadas e das palavras hostis ressoavam até meu quarto e disparavam meu coração. Aquilo sempre parecia tão *ruim*, e me dava a sensação de que acordaria na manhã seguinte só para descobrir que meu pai havia ido embora.

Mas isso nunca aconteceu.

As coisas voltavam ao normal ao nascer do sol, como se eu tivesse sonhado com tudo.

Até que acordei um dia, e descobri que papai se *foi*. Isso aconteceu dois dias depois da minha formatura do ensino médio – fui arrancado da cama

com os gritos horrorizados da minha mãe, que permanecem até hoje na minha cabeça. Um ataque cardíaco o levou durante o sono.

De repente.

Tão rápido.

E injusto pra caralho.

Minha mãe nunca se recuperou da perda e sua saúde mental se deteriorou nos anos seguintes. A memória começou a declinar quando ela tinha apenas cinquenta e dois anos, e toda vez eu pensava: *Como deve ser horrível esquecer o amor da sua vida.*

Agora, não posso deixar de me perguntar se essa foi a única maneira que ela encontrou para lidar com isso.

Talvez não haja recuperação de algo desse porte. Talvez não haja cura ou essa coisa de seguir em frente. Não há como esquecer.

... A menos que você realmente *esqueça*.

Eu me aproximo da minha mãe, o cabelo castanho e grisalho em um corte acima dos ombros. Ela olha para cima quando estou a alguns metros de distância, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Você parece bem, mãe.

Holly sorri, e os olhos azuis cintilam por um instante, como se me reconhecesse.

— Randall... Estou tão feliz que você veio visitar.

Tento não levar para o lado pessoal. Todos os médicos dizem que é algo inevitável. Meu pai poderia estar aqui, recém-saído de seu túmulo, e ela ainda estaria confusa.

— Mãe, sou Dean. Seu filho.

Ela acena com a cabeça.

— Sente-se aqui. — Dá um tapinha na colcha bordada ao lado, me

encorajando a me juntar a ela. — Frank trouxe chá. Está ali perto da porta.

— Obrigado.

Ficamos em silêncio por um momento, a atenção da minha mãe de volta à televisão. Ela suspira, cansada.

— É uma pena a forma como aquelas torres caíram. Tanto fogo e destruição. Tantas perdas. — Holly balança a cabeça de um lado ao outro, os olhos brilhando enquanto as imagens aparecem na tela.

Quando olho na direção da TV, vejo que se trata de um comercial de sabonetes.

Meus dedos acariciam seu cabelo escuro, e me lembro da forma como ela me fazia um cafuné para aliviar meu estresse ou acalmar meus nervos. Sinto falta disso, às vezes.

Pigarreio e me movimento na cama, inquieto.

— Sei que você não vai entender o que estou dizendo, mas acho que só precisava de alguém para me ouvir. Passei por algumas coisas bem loucas alguns meses atrás, e acho que não estou lidando muito bem com isso. Estou confuso sobre um monte de merda. Ainda tenho pesadelos. Estou lutando com toda minha força de vontade para não beber até a morte. E... — Fecho os olhos, rangendo os dentes. — Acho que estou me apaixonando pela única mulher do mundo que está completamente fora dos limites. Eu sei que ela sente isso também, o que devia ser maravilhoso, não é? Essa é a merda sobre a qual as pessoas escrevem livros.

Holly fica em silêncio total, contemplando a tela da televisão como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu disse.

— Mas não há história como a nossa, mãe. As pessoas não escrevem sobre o que passamos. Eles não escrevem sobre como fomos sequestrados no meio da noite por um filho da puta doente, algemados a canos por três semanas,

famintos, sujos e aterrorizados, e nem quando fui forçado a violá-la com uma arma apontada para a minha cabeça.

Suspiro fundo.

— Eles não escrevem sobre como esmigalhei o rosto de um homem com as próprias mãos até despedaçar a pele dos nódulos dos meus dedos com o atrito com seu crânio. Eles não escrevem sobre o que devemos fazer depois de algo assim, quando a vida volta ao normal e todos ao nosso redor estão sorridentes e felizes, mas ainda estamos presos naquele inferno, agarrados um ao outro porque somos tudo o que temos. — Cubro o rosto com as mãos, tentando a todo custo não desmoronar ali mesmo. — E sabe qual é o lance mais bizarro? Eu estava noivo da *irmã* dela. Que tipo de merda é essa?

Jesus Cristo. Que porra de confusão. Uma parte minha está feliz por ela não ter ideia do que estou dizendo.

Respiro fundo, apoiando os cotovelos sobre os joelhos, ainda com o rosto coberto. Levo um susto quando sinto dedos familiares acariciarem minha nuca e cabelo, massageando meu couro cabeludo, reprimindo a dor que está me dilacerando por dentro.

Inspiro, trêmulo, me sentando ereto e encarando minha mãe. Seu foco ainda está na tela, mas seus dedos continuam a trilhar círculos calmantes ao longo da minha cabeça, o que me faz fechar os olhos de puro contentamento.

— Toda história de amor vale a pena de ser escrita, por mais confusa que seja — Holly diz, distraidamente, ainda acariciando meu cabelo. — Eu gostaria de ler seu livro.

Franzo o cenho, confuso, me perguntando se ela estava realmente compreendendo minhas palavras. Minha mãe costumava ter muitos momentos de lucidez, mas acabaram se tornando poucos e esparsados. A última vez que a visitei – em março, pelo amor de Deus –, ela não estava nem um pouco lúcida.

Ela me chamava de Gator o tempo todo, sendo que este era o nome do nosso Beagle que morreu dez anos atrás.

Holly segura a minha mão que se encontra sobre a coxa, e pressiona a palma fria à minha, mesmo que ainda esteja fascinada pelas imagens na televisão.

— Tive um pesadelo terrível uma vez. Mas era muito diferente do seu. — Ela aperta meus dedos e exala um pequeno suspiro. — Eu estava sozinha.

E fico esperando que ela prossiga com suas palavras.

Espero a história se desenrolar, os horrores serem expostos, o pesadelo ganhar vida.

Mas ela não diz mais nada e só então percebo... este *era* o pesadelo.

Nós nos sentamos em silêncio enquanto suas palavras me apunhalam. Sinto meu âmago se retorcer com algo que não compreendo de forma alguma.

E então minha mãe solta minha mão e dá um sorriso gentil, cruzando as mãos no colo.

— Devo estar com toda a documentação preenchida até o final do dia. Fico grata por ter vindo.



Enquanto dirijo para casa naquela tarde, penso nas coisas que disse, nas coisas que *ela* disse e em como, às vezes, tudo o que precisamos é de uma boa dose de perspectiva.

Há pesadelos piores do que este.

Eu poderia ficar sozinho.

Decido ali mesmo que vou começar a visitar minha mãe com mais frequência. Nada de me esconder. Chega de ter medo. Nada mais de culpa.

Porque, por mais triste que seja sua condição, não há nada mais

deprimente do que caminhar até aquela porta vazia e desprovida de qualquer sinal de vida.



Passa um pouco das nove da noite quando a energia acaba. A TV desliga do nada, assim como as luzes, e fico sentado no sofá, afogado em escuridão.

A primeira coisa que penso é em Cora.

Ela não gosta do escuro. Ela mantém as luzes acesas à noite, mesmo no quarto, e eu não a culpo por isso.

Estou do outro lado da cidade, mas pego o celular por precaução. Só para conferir se ela está bem.

Sua energia acabou?

Aguardo a resposta.

Faz mais de uma semana desde a última vez em que nos vimos, desde que nos beijamos, chorando abraçados no chão do quarto dela até que a realidade nos abateu e voltei para casa.

E foi isso. Nós não nos falamos desde então, e isso é uma merda. Não sei o que dizer a ela agora, sobre esse lance de se sentir responsável pelo meu término com Mandy. Não tenho certeza do que pensar depois que ela me disse que me odiava repetidas vezes, mesmo sabendo que isso passa longe da verdade. E eu, com certeza, não sei o que fazer agora que provamos um ao outro novamente, de forma voluntária, e de maneira *desesperada*, talvez a um passo de fazer muito mais do que trocar um simples beijo.

É uma confusão.

Meu telefone vibra no colo e rapidamente leio a mensagem.

Sim.

Droga. Ela deve estar apavorada.

Você tem velas ou algo assim?

Não consigo encontrar meu isqueiro. Estou usando a lanterna do telefone, mas minha bateria está quase descarregada. Alguém me mate...

Arrasto a língua sobre os dentes, refletindo sobre as opções. Existem apenas duas, e não demora muito tempo até eu decidir o que fazer.

Estou indo até aí.

Não precisa.

Você tem medo do escuro.

Tenho medo de muitas coisas. Você é uma delas.

Encaro a mensagem, sentindo meu coração se partir. Ela tem medo de mim? Mas que porra...?

Uau. Tudo bem, então.

Alguns minutos se passam antes que sua resposta chegue.

Não foi o que quis dizer. Tenho medo do jeito que você me faz sentir.

Eu deveria ter imaginado que foi isso que ela quis dizer. Espanco a tela do celular, respondendo antes de calçar os sapatos e pegar meu casaco.

> Entendo. Mas estou começando a perceber que há coisas muito mais assustadoras do que isso. Nos vemos em 15 minutos.

Cora abre a porta da frente usando apenas uma regata e um short de algodão, que mal posso distinguir na escuridão. Seguro a tela do celular para iluminar adiante, deparando com o ar hesitante em seu olhar.

— Você não precisava ter vindo, Dean.

Dou um sorriso de leve.

— Eu não queria que você ficasse sozinha.

Ela se afasta para o lado, suspirando baixinho, e me permite entrar. Dou passos hesitantes em sua casa, estendendo as mãos para não esbarrar em nada.

— Merda. Está muito escuro.

— Isso é, geralmente, consequência da falta de luz.

Murmuro baixinho diante de sua resposta sarcástica, e me viro de frente para ela assim que a porta se fecha. Ficamos ali em silêncio por alguns instantes, à medida que nossos olhos se ajustam na sala escura.

Cora pigarreia e passa por mim, a caminho da cozinha.

— É uma droga que a luz decide acabar bem no dia que gasto uma grana com as compras de mercado. Você quer alguma coisa?

A luz da lua é nossa única fonte de iluminação, e posso distinguir vagamente sua silhueta quando abre a geladeira para pegar a garrafa de alguma coisa.

— Não. Estou de boa.

— Bem, vou tomar um copo de vinho para desmaiar.

Vou até a cozinha e esbarro em uma mesinha no meio do caminho. Ouço o tilintar característico de coleiras de cachorro, e avisto dois pares de olhos brilhando na escuridão.

— Como estão os cachorros?

Pelo barulho, Cora parece estar vasculhando uma gaveta em busca do saca-rolhas.

— Estão ótimos, para dizer a verdade. Jude já sabe até como dar a patinha. Penny o segue em todos os lugares... e isso é tão fofo.

— Isso é incrível, Cora. Estou feliz que as coisas estão dando certo.

— Sim, eu, definitivamente, não senti nenhuma vibração estranha de que eles talvez quisessem me mastigar... Ou me transformar em comida de cachorro. Acho que estou livre desse risco.

Dou um sorriso e me aproximo dela, observando-a servir o vinho. Ela coloca a garrafa na mesa e leva a taça aos lábios, me encarando por cima da borda. Mordiscando o lábio inferior, ela murmura:

— Não tive notícias suas a semana toda.

Seu tom é acusatório, mas os olhos emitem um brilho mais suave.

— Ah... — Coço a cabeça, e então esfrego o rosto com a mão. — Eu não sabia se você queria papo comigo.

Ela pisca por cima da taça, e abaixa a cabeça. Em seguida se afasta em direção à sala de estar e se joga no sofá, sem dizer mais nada.

Sem hesitar, eu a sigo e me sento ao seu lado.

— Cora, você fez questão de dizer que me odiava... tipo, uma dúzia de vezes. Então você me disse que odiava a si mesma, o que só pude deduzir que era por minha causa.

Ela dá de ombros e toma outro gole.

— Eu estava chateada.

— Bem, eu não queria te deixar mais chateada ainda.

— Nós nos beijamos, Dean. — Ela me encara através dos cílios longos. Se eu pudesse vê-la melhor no escuro, tenho quase certeza de que suas bochechas estariam coradas; e não por causa do vinho. — Um beijo de verdade. E, dessa vez, você não estava com uma arma apontada para sua cabeça.

— Eu sei.

Cora começa a tirar fiapos invisíveis da meia, desviando o olhar.

— Achei que isso justificaria pelo menos uma ligação, ou talvez uma mensagem de texto ou algo assim.

Observo sua silhueta sob a escuridão.

Seu cabelo sedoso e ondulado cobre seus ombros. Os olhos estão concentrados na taça de vinho, que ela mantém girando por entre os dedos nervosos. Seus lábios estão cerrados, e os mamilos despontam através do tecido fino da regata.

Cacete.

Eu me recosto no sofá, com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Se isso fizer alguma diferença, eu queria te ligar. Eu queria te ver. — Espero até que ela olhe para mim, antes de concluir: — Eu queria te beijar de novo.

Não há dúvida de como ela se sente quando agarra a haste da taça com força e entreabre os lábios com um suspiro.

— Isso não é uma boa ideia.

— Não — concordo. — Não é.

No entanto, meu olhar se foca em sua boca do mesmo jeito, e ela retribui a cortesia. Nós desviamos o olhar ao mesmo tempo.

Cora bebe o resto de seu vinho e coloca o copo vazio na mesinha ao

lado. Chego a achar que ela vai coçar o pulso, mas avisto um curativo no lugar, então ela apenas esfrega o braço, como se estivesse com frio.

— É melhor eu ir para a cama. Não tenho dormido bem ultimamente.

Ela olha para mim, e não tenho certeza se isso era para ser um convite ou não. *Merda*. Percebo que não tenho ideia do que estou fazendo.

Mas vim aqui por um motivo, então proponho:

— Posso me deitar com você até que a energia volte.

Cora morde o lábio, roçando os dentes para frente e para trás enquanto reflete sobre a oferta. Em seguida, ela acena de leve e se levanta do sofá.

Pelo jeito, eu não a assusto tanto quanto o escuro.

Eu fico de pé e observo Cora seguir pelo corredor, a regata branca e o short são as únicas coisas visíveis enquanto se dirige para o quarto. Vou até a cama, tomando cuidado para não tropeçar em nada no processo, e passo as mãos pelos lençóis ao me enfiar por baixo. Sinto o calor de seu corpo no centro da cama, e decido me aproximar e enlaçar sua cintura. Ela fica rígida por um segundo, como se estivesse surpresa com o contato súbito.

— Desculpe... está tudo bem se eu fizer isso?

Ela responde ao se aninhar ao meu peito, como fez inúmeras vezes antes, e seu suspiro aquece minha pele.

— Tudo bem.

Quase consigo sentir o momento exato em que a tensão se esvai; meu nariz aspira o cheiro gostoso de seu cabelo, seu corpo quente pressionado ao meu é como uma peça que faltava no meu quebra-cabeça. Cora está deitada de costas, e meus lábios roçam seu ouvido, e toda vez que exalo, seu corpo estremece. Ela desliza os dedos em uma lenta carícia sobre meu braço à medida que nos mantemos abraçados na escuridão. Juntos.

— Quer saber qual foi a pior noite de toda a minha vida? — pergunta,

de repente; o tom foi sussurrado, mas soou em alto e bom tom no quarto escuro.

A verdade é que acho que não quero saber... mas presumo que ela queira me contar.

— Qual foi?

Cora faz cócegas no meu braço, deslizando os dedos para baixo, incitando arrepios por toda a pele.

— Foi na noite depois que nós... bem, a primeira vez que você teve que... — Ela engole. — Você não conversou comigo. Não cantou. E estava tão escuro.

Deus, ela vai arrancar meu coração desse jeito. Fecho os olhos e a abraço mais apertado, mergulhando os dedos, inconscientemente, por baixo de sua regata. Ela suspira audivelmente quando roço os nódulos logo abaixo de seu umbigo.

— Aquele foi o pior dia e noite de toda a porra da minha vida, Corabelle. Eu não sabia o que dizer a você. — Inspiro o perfume de seu cabelo recém-lavado, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço. — O que eu poderia dizer?

— Eu não estava brava — ela responde, ofegante, aconchegando-se ainda mais a mim. — Eu entendi que aquilo teve que acontecer.

— Não. — Balanço a cabeça, e os cachos dourados fazem cócegas no meu nariz. — Você não poderia entender. Passei a noite inteira desejando que ele me matasse.

Cora vira a cabeça na minha direção, fixando o olhar ao meu.

— Não diga isso.

— É a verdade.

— Não… Dean, nunca mais diga isso. Nem sequer pense nisso. — Ela se vira até ficarmos de frente um para o outro, e minha mão desliza para a parte

de trás de sua blusa, acariciando suas costas. Cora mantém o olhar focado ao meu por um longo tempo antes de abaixar a cabeça e arfar. — Lembra quando estávamos trocando confissões? — pergunta, ainda evitando meu olhar.

Assinto com um aceno, e nossos narizes quase se beijam.

— Sim, eu me lembro.

A língua rosada umedece os lábios e seus olhos se fecham enquanto ela pensa no que dizer.

— Você me contou duas confissões e eu só te contei uma.

Minha mão instintivamente sobe por suas costas, massageando os músculos da coluna, então se curva sobre as costelas. Estendo os dedos ao longo de sua barriga, sentindo seu corpo se moldar ao meu, e minha respiração acelera no mesmo ritmo do meu coração.

— Você tem outra confissão?

Cora acena com a cabeça, timidamente, seus lábios entreabertos ao se arquear diante do toque errante da minha mão. Eu a deslizo até que meus dedos roçam a parte inferior de seu seio.

Porra, estou ficando de pau duro. E, provavelmente, deveria parar de tocá-la.

Mas quero continuar a explorar seu corpo. Da última vez que ficamos presos no escuro, não conseguíamos nem encostar nossos dedos dos pés.

— Me conta... — sussurro, abaixando a mão e envolvendo sua cintura. Fico ali parado, esperando que ela fale.

Os olhos de Cora se abrem, e parece que ela precisa reunir toda a sua coragem para encontrar os meus. Ela inspira fundo, então exala, seu hálito quente roçando meus lábios.

— A única vez que me senti segura foi quando você estava dentro de mim.

Suas palavras disparam direto para minha virilha. Meu pau se contorce abaixo do jeans, lembrando exatamente qual era a sensação de estar dentro dela. Só que... pensei que ela sentia repulsa. Que estivesse indignada. *Horrorizada*.

— Eu também. — Consigo dizer essas duas palavras à medida que minha mão rasteja de volta pelo seu corpo e acaricia seu seio, arrancando um gemido de seus lábios.

Sua pélvis empurra contra a minha, e agarro seu rosto entre as mãos, dando início a um beijo faminto e desesperado. Quando minha língua penetra seus lábios, é tão avassalador quanto antes. Selvagem e indomável. Somos sugados para um mundo só nosso, abastecidos por nossas memórias, traumas, desejos e *necessidades*.

Cora levanta a perna e rodeia o meu quadril, seus braços enlaçam meu pescoço, para me puxar para o mais perto possível. Sua língua se enfia em minha boca, cálida e exigente, e as mãos agarram tufos do meu cabelo, puxando até me arrancar um gemido rouco. Eu a deito de costas e interrompo o beijo apenas para retirar sua regata; o longo cabelo se esparrama pelo travesseiro como uma auréola dourada.

Como um anjo.

Capturo seus lábios novamente e arrasto o short e calcinha pelas pernas, até que não esteja usando nada além do colar que dei a ela no Natal.

Cora agarra minha camiseta, as pernas envolvendo meu quadril.

— Eu preciso sentir você... — Ela descarta a camisa, e as mãos deslizam para cima e para baixo no meu tórax nu, sobre meus ombros, ao longo dos braços, depois de volta para cima novamente. Ela se inclina para beijar meu pescoço, cravando os dentes na minha pele... como uma reivindicação.

Porra, isso mexe comigo.

Um som vibra da minha garganta, quase um rosnado, e na mesma hora

afrouxo a fivela do cinto e me livro do jeans e da cueca, descendo sobre ela novamente com uma urgência enlouquecedora. Abocanho um mamilo escuro e pontiagudo, e minha língua lambe cada um, sentindo seu corpo se contorcer abaixo de mim.

Suas mãos agarram novamente meu cabelo, as unhas cravando no couro cabeludo, o que me torna ainda mais selvagem.

— Você é linda pra caralho — murmuro contra sua pele, arrastando os lábios em um caminho descendente pela barriga plana, e depois mais abaixo até que me situo entre suas pernas.

Seu cheiro, por si só, me alimenta, mas a maneira como ela impulsiona os quadris contra meu rosto, ainda puxando meu cabelo, me leva a mergulhar em seu calor com uma fome que nunca senti antes. Cora arqueia as costas e solta um grito de prazer que me eletrifica. Apalpo a parte interna de suas coxas e, em seguida, faço com que as abra ainda mais. Quero que ela esteja totalmente exposta a mim – totalmente *vulnerável*.

Enfio dois dedos dentro dela, e minha boca se dedica ao seu clitóris. O gosto doce e inebriante de seus sucos faz com que meu pau pulse loucamente, desejando penetrar em seu calor. Olho para cima, deparando com seu corpo alongado em um arco trêmulo, e alcanço seu seio enquanto ela cavalga meu rosto. Enfio a língua por entre suas dobras escorregadias, chupando seu clitóris, até que ela cantarola meu nome em total abandono:

— Dean, Dean, Dean...

Caralho. Já ouvi meu nome ser expelido de sua boca inúmeras vezes, de diversas maneiras: raiva, irritação, indignação, humor, audácia, medo, confusão, dor, mágoa... e juro por Deus, *amor*.

Mas não assim.

Nunca desse jeito.

Engatinho acima de seu corpo antes que ela se perca na espiral do orgasmo, e Cora dá um grito insatisfeito por deixá-la à deriva. Porém, antes que ela possa protestar, enrolo suas pernas ao redor da minha cintura e sussurro em seu ouvido:

— Quero que goze quando eu estiver dentro de você.

Cora empurra meu peito e inverte nossas posições, me fazendo deitar de costas para que possa montar meus quadris. Meu pau roça por um segundo a fenda entre suas nádegas, e tudo o que quero é erguer seu corpo para que nos encaixemos, mas ela se afasta para trás e começa a me acariciar. Ela arrasta as unhas pelo meu abdômen com a mão oposta, então se inclina para me beijar.

Sentir sua mão agarrar meu pau enquanto a língua mergulha na minha boca é gostoso pra caralho, mas inverto as posições outra vez, como se estivéssemos em algum tipo de jogo de dominação.

No entanto, quero estar no controle.

Eu me ajoelho na frente dela e agarro uma de suas pernas, lambendo e mordendo ao longo da coxa antes de enganchá-la sobre meu ombro. Com a outra mão, espalmo seu seio, beliscando o mamilo até ouvi-la gemer. Então eu me encaixo entre suas coxas, meu pau apenas provocando sua entrada. Cora movimenta os quadris, e suspira audivelmente quando a ponta a penetra um pouquinho.

Porra, isso está realmente acontecendo.

Nós vamos transar.

Por escolha própria.

Não há armas, nem correntes, nem algemas, nem olhos malignos nos observando do outro lado do aposento, nos contaminando como veneno.

Somos apenas *nós*.

Eu me inclino para frente e Cora engancha um tornozelo às minhas

costas, a outra perna ainda sobre meu ombro. Ela está completamente aberta para mim, e à minha espera.

Um traço da luz do luar incide sobre seu rosto, e consigo ver que seus olhos estão fechados. Eu me retiro quase todo de seu interior, então ela ergue os quadris, em frustração.

— Olhe para mim, Corabelle.

Os cílios tremulam e suas pálpebras se abrem, e estamos cara a cara. Peito a peito. Coração a coração. Nunca pude encarar seus olhos quando a penetrei antes – havia muita vergonha e culpa. Muito desgosto. Eram coisas que eu tinha medo de ver.

Só que agora quero ver tudo.

Quando nosso olhar se conecta, eu a penetro com vontade. Nós dois gememos alto no quarto, e vejo seus olhos vidrados, um pouco arregalados diante da sensação; então somos arrastados juntos no clímax, o *auge*, dos últimos quinze anos. Ficamos congelados por um segundo, absorvendo tudo, desfrutando de tudo o que está acontecendo.

E então nos soltamos do precipício.

Eu me retiro e arremeto de volta, em um ritmo duro e exigente, ao som de dentes, unhas, gemidos e suor. Cora arranha meus braços, me encontrando a cada impulso, arqueando o pescoço para trás contra o travesseiro enquanto ofega e geme. Deslizo as mãos de seus seios ao pescoço, segurando o colar gentilmente entre os dedos à medida que me afundo em seu interior. Meus lábios acariciam sua orelha, mordendo o lóbulo, e eu sussurro:

— Você sentiu falta do meu pau?

Cora agarra minha bunda, cravando as unhas, apertando as pernas em volta dos meus quadris ao gemer, baixinho:

— Sim…

Puta que pariu.

Eu me retiro de seu corpo e a viro de bruços, penetrando-a por trás. Ela grita, agarrando os lençóis enquanto esgueiro meu braço sob sua barriga e puxo para cima, me enterrando profundamente. Seguro um punhado de seu cabelo, nivelando suas costas ao meu peito, e me delicio com seus gemidos. A mão livre espalma seu seio e belisca o mamilo; a outra envolve sua garganta, inclinando seu rosto para mim. Nossas bocas colidem por cima de seu ombro, e posso saborear cada ofego que escapa de seus lábios, emaranhando minha língua à dela no mesmo ritmo das estocadas.

Deposito uma trilha de beijos até sua orelha delicada, encaixando a mão entre suas pernas, encontrando seu clitóris.

— Você é minha, Corabelle — rosno, reivindicando, possuindo, marcando-a como minha. Sua umidade lubrifica meus dedos enquanto a massageio em um frenesi, sentindo seu corpo estremecer, se contorcer, implorando por liberação. — Diga em voz alta. Diga que você é minha.

Cora serpenteia um braço à minha nuca, segurando meu rosto na curva de seu pescoço, onde mordisco e chupo a carne macia. Ela arqueja, proferindo sons que me deixam com um tesão do caralho.

— Sou sua — ofega, em um sussurro repleto de luxúria. — Você sabe que sou sua. Sempre soube disso.

— Porra...

Ela realmente acredita nisso? Será que *eu* acredito nisso? Sou dominado pela necessidade de olhá-la nos olhos, então eu me afasto e a viro de frente para mim, imprensando-a contra o colchão. Pairo logo acima, até que nossos narizes estão quase colados, e ladeio seu rosto com os braços. Meu pau roça sua entrada, e Cora empurra os quadris para cima, me desejando, precisando de mim para preenchê-la.

— Por favor... — suplica, se esfregando contra o meu comprimento, me deixando louco.

Eu amo provocá-la. Sempre amei.

— Por favor, o quê?

Ela choraminga:

— Por favor, me foda. Por favor, me faça gozar.

Puta merda. Envolvo seus pulsos com as mãos e recosto a testa à dela, arremetendo lentamente, com nossos olhares travados. O desejo é da cor verde, e me inunda por completo, me banhando em esmeraldas e jades e nas ondas do mar. Eu me inclino para beijar sua boca, inchada e rosada, e Cora se arqueia, envolvendo suas pernas ao redor da minha cintura e enganchando os tornozelos. Agarro suas coxas, espalmando e apertando, enquanto ela arrasta as unhas pelas minhas costas, até se cansar e voltar a puxar meu cabelo. Acelero o ritmo das estocadas, me afogando na loucura. Afogando-me nela.

Nunca acreditei, com toda a sinceridade, que estaríamos nessa posição novamente, por vontade própria. Para dizer a verdade, eu pensei nisso. Porra, é claro que pensei muito mais do que gostaria de admitir. E quando imaginei este momento, enterrado profundamente dentro dela outra vez, sentindo-a pulsar ao meu redor, imaginei algo mais suave. Fazer amor de forma lenta e gentil, para limpar toda a violência que vivenciamos. Extinguir toda aquela *escuridão*.

Mas isso não é nada suave.

É áspero, brutal e indecente, e nós somos como animais se arranhando, mordendo, exprimindo rosnados primitivos e estocadas desesperadas.

É bem apropriado, reflito.

Afinal, nossa paixão foi criada em meio à escuridão.

Está no nosso sangue.

Crio um ângulo perfeito com minha pélvis para acariciar o feixe de

nervos sensível, cravando os dedos em suas coxas suculentas. Meus golpes são ininterruptos, cada vez mais rápidos e intensos, até que sinto seu corpo lânguido abaixo do meu assim que atinge o clímax.

Na última vez em que ela gemeu de prazer ao gozar, calei seu gemido com a minha boca. Por mais que estivesse louco para ouvir o som me atravessando, eu não podia permitir que *ele* ouvisse. Eu me recusei a deixar que ele tivesse esse prazer. Então a beijei e engoli a expressão máxima de seu êxtase.

No entanto, dessa vez, eu a vejo se desfazer em meus braços; deixo que grite em total abandono, de um jeito selvagem e descarado. Seu gemido despojado atiça meu corpo, que perde o controle. Meu orgasmo me domina, e gozo dentro dela, enterrando meu rosto na curva perfeita e familiar de seu pescoço, gemendo conforme meu corpo estremece diante do prazer indescritível.

Nós nos agarramos um ao outro; suas pernas se estendem e sinto os dedos dos pés fazendo cócegas em minhas panturrilhas. Enfio os dedos entre os fios sedosos de seu cabelo, aspirando seu perfume delicioso. Sinto seus braços envolverem minha cintura, me puxando para mais perto, e levanto a cabeça para encontrar seu olhar.

E, nesse momento, a energia volta e as luzes piscam, iluminando nossos membros emaranhados e pele suada como se fossem holofotes. Nossas marcas de mordidas, arranhões, cabelos desgrenhados e olhos arregalados são expostos ao nosso olhar. Todas as nossas falhas, rachaduras e fraquezas estão espalhadas entre nós, visíveis e vívidas.

Nós ficamos em silêncio. Eu me retiro de seu corpo e me deito de lado, puxando-a contra mim com um braço enlaçando sua cintura. Ela se aconchega, as costas coladas em meu peito, e ficamos ali deitados, de conchinha, imaginando o que diabos devemos fazer agora.

Sinto seu corpo começar a tremer em espasmos violentos, os soluços

evocando as lágrimas que ela tenta esconder. Eu a abraço com firmeza, beijando seu ombro e sussurrando palavras reconfortantes em seu ouvido.

Eu disse que ficaria ao seu lado até que a escuridão desaparecesse, e não menti.

Capítulo Vinte e Três

As manhãs seguintes a uma transa são confusas quando você não tem ideia do que deve acontecer depois.

O sol brilha através de uma janela próxima, iluminando a pele marfim de seu corpo adormecido. Depois de vê-la dormir e acordar tantas vezes naquele porão, posso dizer que ela está acordada só pela forma como seu tórax infla e desinfla a cada respiração. Admiro a extensão de suas costas delgadas – o lençol pendendo de seu quadril –, e me lembro vividamente de cada detalhe glorioso da noite anterior.

Entretanto, considerando que ela está fingindo ainda estar dormindo, depois de se desvencilhar dos meus braços, estou me perguntando se está tentando *esquecer* esses mesmos detalhes.

Decido enfrentar o inevitável e me arrasto até ela, puxando-a de volta contra o meu peito.

— Bom dia — sussurro, notando o arrepio se alastrar pela pele quando meus lábios roçam sua orelha. Deslizo os dedos para cima e para baixo em sua

barriga, entre o vale de seus seios, e paro bem perto do pescoço. Brinco com o pingente de coração em seu colar, aguardando sua resposta.

Cora retesa o corpo com o contato.

— Oi.

— Você não parece tão animada em me ver aqui, da mesma forma que estou ao te ver — caçoo, cutucando minha ereção crescente contra seu traseiro e beijando seu ombro.

Silêncio.

Eu fico quieto, tentando captar a vibração no ar. Está se assemelhando muito mais ao clima estranho após uma aventura de uma noite, do que com a melhor noite de nossas vidas.

— Cora?

Ela se vira para mim e me encara com os olhos cansados. Por alguns segundos, apenas avalia meu semblante, mordendo o lábio, cobrindo os seios ao puxar o lençol.

— Tenho que fazer um monte de coisas hoje.

— O quê? — Pisco diversas vezes, já que não imaginava que palavras tão banais seriam a primeira coisa que sairia de sua boca depois da noite compartilhada. — Tipo, agora?

— Sim. — Dá de ombros. — É domingo. É dia de fazer tarefas em casa.

— É também o dia depois que fizemos um sexo alucinante, e, provavelmente, deveríamos falar sobre isso.

Cora se senta com o rosto corado, e começa a se afastar para a beirada da cama, levando os cobertores com ela.

— Não quero falar sobre isso, Dean.

Mas que porra...?

— É sério isso?

— Sim. É sério.

Eu a observo recolher as roupas largadas do chão, vestindo a regata e procurando pela calcinha. Eu faço o mesmo e visto minha boxer e o jeans, sentindo o coração martelar com as emoções conflitantes.

— Você não pode simplesmente fingir que isso não aconteceu.

Cora olha para mim por cima do ombro, apenas brevemente, e veste o short de algodão.

— Vou tomar um banho rápido. Esqueci de comprar mais ração ontem, e a loja abre às nove.

Nossa.

Eu a encaro, boquiaberto, parado do outro lado da cama, sem camisa e arrasado.

— Cora... você está acabando comigo.

Ela para a meio-caminho de pegar o celular plugado no carregador na mesinha de cabeceira. Seus ombros cedem, e ela exala um suspiro profundo, sentando-se na cama e penteando o cabelo com os dedos.

— Nós nem nos... *prevenimos*.

Cravo os dedos em meus quadris, encarando sua nuca. Não posso argumentar sobre isso, pois ela está certa.

— Eu sinto muito. A culpa foi minha. — Eu me aproximo com hesitação, e paro ao seu lado. — Você está tomando anticoncepcional?

— Sim, mas... esqueci de tomar alguns comprimidos. Minha cabeça anda meio avoada, ultimamente, e não imaginei que... — Ela suspira de novo, e desta vez, lágrimas inundam seus olhos. — A culpa também é minha. Eu deveria ter impedido que isso chegasse tão longe.

Coço meu rosto coberto pela barba por fazer.

— Vou te dar o dinheiro para comprar a pílula do dia seguinte. Só por precaução.

Cora engole em seco, me dando uma olhada de relance.

— Você está…?

— Estou o quê? — Arqueio as sobrancelhas. — Limpo?

Ela assente.

Normalmente, essa pergunta não me ofenderia – é um questionamento válido que um parceiro sexual responsável faz ao outro, embora um pouco tarde demais. Mas esta é *a Cora*. Ela sabe que estive somente com a sua irmã pelos últimos quinze anos. Além disso, fiz uma bateria de exames logo após sermos resgatados do cativeiro, e tudo estava limpo, então sei que aquele filho da puta não passou nada a ela.

— Claro que estou limpo. Você acha que eu traí Mandy?

Ela dá de ombros mais uma vez.

Caralho, um simples encolher de ombros que diz muito.

— Uau. Nunca pensei que você *realmente* acreditasse nessa merda. — Eu me afasto, tentando disfarçar a mágoa. — Fui fiel durante todo o nosso relacionamento, Cora. Mesmo quando nos separamos por alguns meses na faculdade. Eu, literalmente, só transei com uma pessoa a minha vida inteira... até você.

Eu me viro para ver as lágrimas descendo silenciosamente pelo seu rosto, e ela mantém o olhar fixo à frente.

— Meus testes também voltaram normais. O que é uma surpresa. Eles me mandaram para casa com antibióticos apenas por precaução, mas... — Cora abaixa a cabeça, exalando um suspiro. — Isso é tão confuso.

Ela empurra o cabelo para trás, revelando várias manchas avermelhadas ao longo de seu pescoço, junto com um hematoma fruto de um

chupão. Eu engulo em seco.

— Sim.

— Sou uma pessoa horrível. Mandy nunca vai me perdoar por isso.

Uma onda de culpa retorce meu âmago assim que a realidade começa a se infiltrar. Uma semana depois de romper um compromisso de quinze anos com Mandy, durmo com a irmã dela. Não há uma única explicação que possamos dar que torne esse tipo de coisa remotamente aceitável.

Por outro lado, não há uma única explicação que descreva adequadamente nosso relacionamento também. Nossa dinâmica. Nossa história. Nossa conexão. Nada disso é normal; nada disso é compreensível – tudo é confuso pra caralho.

Eu me sento ao seu lado, e ela perde o fôlego quando meu braço nu roça sua pele.

— Corabelle, sinto muito por não ser mais forte. Odeio que você esteja se sentindo assim, e odeio que seja minha culpa. Eu só... eu sou *louco pra caralho* por você. — Ela inclina a cabeça para mim, os olhos arregalados. — Não consigo desligar isso. E não consigo deixar de gostar de você só porque as circunstâncias não são ideais.

— É mais do que ‘não ideais’, Dean. Está *errado*. Está além da esfera do que é apropriado.

— Mas é *real*, e é intenso, e está nos engolindo inteiros.

— É mesmo? — Ela inspira, a respiração trêmula. — É real?

— O quê? — Franzo o cenho, abalado pela pergunta. — Claro que é.

Ela desvia o olhar, amarrotando a barra da regata entre as mãos suadas.

— Talvez isso tenha se originado simplesmente por causa do trauma e por um instinto de sobrevivência. Achamos que ainda precisamos um do outro, apesar de termos conseguido escapar com vida. Não estaríamos tendo essa

conversa se não tivéssemos enfrentado aquela merda.

— Discordo — digo, negando com um aceno. — Talvez não agora, mas... acho que isso era inevitável.

— Não. Quando o trauma desaparecer, nós também deixamos de existir. Isto é temporário.

Sinto minha raiva borbulhar.

— Não foi isso que você disse ontem à noite quando eu estava dentro de você. Você disse que *sempre* foi minha.

Cora cerra a mandíbula, o rosto afogueado. Ela se levanta e se afasta a passos largos.

— Foi no calor do momento, Dean. Não dá pra acreditar que você trouxe isso à tona.

Eu me levanto e sigo em seu encalço, pegando a camisa do chão e me vestindo às pressas.

— E por que não? Você disse isso.

Ela gira e me encara, pau da vida.

— Não posso fazer isso!

— Cora…

— Não! Não tente me fazer mudar de ideia ou me encher com esse conto de fadas, essa porra de ‘estava destinado a acontecer’. Você estava noivo da minha irmã há *uma semana*. E esteve ao lado dela por quinze anos. — Suas lágrimas escorrem, furiosas. — Daí você a largou por *mim*, e agora eu tenho que viver com isso.

Tento segurar suas mãos, mas ela se afasta do meu toque.

— Eu já te disse... Terminar meu relacionamento com Mandy não teve nada a ver com você. Ou com a gente.

— Isso é mentira.

— Pare, Cora. Você pode até se afastar de mim agora, dizendo que tudo acabou, e mesmo assim eu não voltaria com a Mandy. Meu relacionamento com ela acabou porque acabou. Não é você que muda isso.

De braços cruzados, Cora me encara com o rosto corado. Ela balança a cabeça, devagar, e fixa o olhar ao meu.

— Acho que veremos. — Recua um passo, os braços agora pendendo inertes ao lado. — Acabou, Dean. Não posso fazer isso com Mandy.

Ela continua andando para trás, para longe de mim, e tudo o que faço é balançar a cabeça, deixando escapar uma risada amarga. *Inacreditável*. Enfio a mão no bolso e pego um maço de dinheiro da carteira. Paro à sua frente e me abaixo um pouco para segurar seu pulso, fazendo com que abra a mão.

— Você provavelmente deveria ter pensado nisso antes de me foder. — Coloco o dinheiro em sua mão, tentando ignorar a mágoa que cintila em seus olhos. — Isso deve pagar a pílula.

Pego meu casaco no encosto do sofá, calço os sapatos e fecho a porta com um baque seco ao sair de sua casa.



A manhã se transforma em noite, e não recebo notícias de Cora o dia todo.

Estou chateado e magoado desde que saí da casa dela, alternando entre tirar longos cochilos para tentar esquecer todas as besteiras que passam pela minha cabeça e assistir Netflix... para me distrair de todas as besteiras que passam pela minha cabeça.

Até agora, nenhuma das alternativas funcionou. Estou sendo atormentado por um monte de besteiras.

Nunca pensei que isso seria fácil. Nunca imaginei que iríamos para a

cama, acordaríamos no dia seguinte e nossa nova vida começaria em um passe de mágica. Porra, eu sabia que não seria assim. Não existe nada de fácil ou mágico sobre isso. É confuso, indecente e *difícil*.

Mas eu sabia. Considerei todos os solavancos e curvas que encontraríamos ao longo do caminho, e eu estava disposto, *preparado,* a enfrentar cada consequência com ela. Já havíamos sobrevivido a muita coisa juntos. Superamos as tempestades mais turbulentas. Enfrentamos um monte de merdas que dariam insônia à pessoa mais destemida do planeta. Nós encaramos os olhos da morte, e perseveramos.

E, no entanto, ela foge disso.

De mim.

Mas suponho que assuntos do coração podem ser a coisa mais assustadora de todas.

Eu me estico no sofá, me cobrindo com a manta, e peço comida chinesa. Encaro o nome de Cora e nossa última troca de mensagens, e noto uma que nem cheguei a visualizar. Era a resposta à minha afirmação de que chegaria em sua casa em quinze minutos:

Isso não é uma boa ideia.

Isso teria me impedido de dirigir até lá no meio da noite para tentar confortá-la no escuro?

Provavelmente, não.

Mas ela tentou... Ela tentou impedir.

Eu me sinto um idiota culpado, mesmo sabendo que o que aconteceu entre nós foi real, inevitável e consensual. Nós dois queríamos. Nós dois *ansiamos* por aquilo.

Mas conheço o coração dela, e sei que sua lealdade para com sua irmã

sempre será um conflito entre nós. Talvez eu tenha pressionado demais. Talvez fosse cedo demais. Clico em seu contato e digito uma mensagem da qual tenho certeza de que me arrependerei instantaneamente.

> Não quero brigar com você. Entendo de verdade porque está com medo, porra. Mas o que quer que seja isso que existe entre nós... não vai embora. A noite passada foi tudo, e sei que você sentiu isso também. Podemos ir mais devagar. Podemos recomeçar. Só não me deixe de fora... estamos nisso juntos :)

Adiciono a carinha sorridente, porque Mandy sempre disse que era a chave para enviar mensagens de texto e transmitir sentimentos adequados. Uma vez ela teve uma conversa inteira comigo usando apenas *emojis*, e foi estranho e confuso.

A mensagem sinaliza que foi 'lida' quase imediatamente, então retenho o fôlego e aguardo. Eu espero que aqueles pontinhos saltitantes apareçam, me dizendo que ela está pensando, me dando sinais de que está respondendo... mas eles nunca vêm.

Verifico o celular periodicamente entre minha maratona de comida chinesa e *Sons of Anarchy*, mas ainda não há resposta.

Droga.

Dou uma conferida no horário, na tela do celular, e percebo que já passa das dez da noite, e só tenho seis horas de sono até acordar para o trabalho. Com um grunhido frustrado, jogo o telefone para o lado e passos as mãos pelo cabelo bagunçado, exalando um suspiro cansado de derrota. Eu me levanto, levando a manta comigo para o quarto, e ouço meu celular tocar em cima do sofá.

Estaco em meus passos na mesma hora. Então largo o cobertor e corro

em direção ao telefone, sentindo o coração trovejar diante da expectativa e alívio ao avistar o nome de Cora na tela.

Deslizo para aceitar a chamada, tentando disfarçar a ansiedade.

— Alô?

O silêncio impera por alguns segundos, até que uma voz engrolada diz:

— Você é... incorrigível.

— Acho que sim. — Mordo a parte interna da bochecha, sentindo a preocupação formigar a pele. — Você está bem, Corabelle?

— Não... não estou bem. Mas acho que *você* está bem. Mesmo que você seja incorrigível.

Sua voz soa rouca. Arrastada. Ela parece estar bêbada.

— Você andou bebendo?

— Eu estive *pensando*...

— Tudo bem...

Cora suspira, e ouço barulho ao fundo como se ela tivesse derrubado algo.

— Acho que poderíamos ter sido a melhor coisa que já me aconteceu.

Eu me concentro em sua escolha de palavras *'poderíamos ter sido'*.

— Ainda podemos, Cora. Isso não precisa acabar.

— Tem que acabar, Dean, porque você é um leão e eu sou um rato.

— O quê?

Um momento de silêncio se passa, e me pergunto se ela se distraiu ou adormeceu, mas então ela responde, baixinho:

— Você é um leão, destemido e forte, e eu sou apenas um rato. — Cora faz uma pausa novamente, então continua: — Sou pequena e fraca, e tenho medo de tudo que espreita no escuro. As coisas que quero estão disfarçadas em armadilhas mortais e, no entanto, ainda assim... estou tentada.

— Cora... — Começo a andar pela sala, o estômago revolto.

Ela dá um suspiro longo e lento, respirando com dificuldade. O som serve como uma trilha sonora sinistra para suas palavras:

— O problema é que os ratos sempre morrem no final.

Reconheço essa citação do livro *‘Ratos e homens’*. Isso envia um calafrio na minha espinha.

— Isso não é verdade. Tem certeza de que não andou bebendo?

Cora dá uma risada, que soa apenas como um riso borbulhante e agourento.

— Adeus, Dean.

— Espera.... Estou preocupado com você, Corabelle. Fale comigo.

— Acho que poderíamos ter sido ótimos — ela termina. — Se você não fosse um leão, e eu não fosse um rato.

A ligação é encerrada e fico ali encarando meu telefone, sentindo as entranhas se contorcerem em nós. Meu coração me diz que ela não está bem.

Algo está errado. Algo está muito *errado*.

Percebo que posso parecer um perseguidor louco dirigindo até sua casa no meio da noite, só para consolar uma mulher que claramente quer um tempo. Mas estou disposto a correr esse risco, porque meus instintos estão gritando para eu ir.

Estou esmurrando a porta da frente dez minutos depois, depois de pisar fundo no acelerador até aqui, ultrapassando dois sinais vermelhos. A alegre porta turquesa é uma camuflagem enganadora para a mulher deprimida do lado de dentro.

— Cora! — grito seu nome. Espanco a porta ao não receber nenhuma resposta. — Cora, abra. Estou preocupado com você.

Tudo o que posso ouvir do outro lado são garras de animais

arranhando a porta de entrada, mescladas aos ganidos estridentes. Giro a maçaneta e dou um suspiro de alívio quando ela abre. Mas então percebo que Cora nunca deixa as portas destrancadas, e meu alívio se transforma em preocupação.

Jude e Penny Lane me cumprimentam na porta pela primeira vez, andando em círculos. Quando passo pela soleira, os dois cachorros disparam pelo corredor em direção ao quarto de Cora, como se estivessem me chamando para segui-los.

— Cora? — tento anunciar minha presença, para não assustá-la. — Cora, sou eu. Só estou aqui para ver como você está.

Nada.

Porra. Atravesso a sala de estar, o corredor, e paro no quarto de Cora. Sua luz está acesa, mas ela claramente não está acordada. Ela está deitada de costas, em cima das cobertas, um braço pendendo da beirada da cama, o outro largado sobre o colchão, ainda com o celular na mão. Ambos os cães estão arrastando as patas pelo piso, choramingando.

— Cora...

Entro cautelosamente no quarto. Meio incerto.

— Corabelle.

Ela não se move. Sequer pestaneja.

Ela está mesmo respirando, porra?

— Não, não, não, não, não... — Sinto o ar exalar dos meus pulmões assim que o pensamento cintila em minha mente, e corro até sua cama, sacudindo seu corpo com ímpeto. — Cora. Cora! — Ela não responde. — Puta merda…. Jesus...

Avisto um frasco tombado e vazio do sonífero que ela usa, às vezes, para dormir, e começo a surtar. Eu subo em cima dela, montando em sua cintura

com meus joelhos, e pressiono o ouvido em seu peito enquanto continuo a sacudi-la.

Isso não pode ser verdade.

Isso é uma pegadinha – uma maldita zoeira, assim como daquela vez do *donut* de farinha de maisena, onde ela fingiu desmaiar. Ela está prestes a acordar e dizer: *‘Te peguei’*, daí ela vai cair na risada, e eu vou ficar puto da vida, mas aliviado pra caralho por ela estar bem.

Mas isso não acontece.

Ela está inerte, sem vida, e eu me lembro da Blizzard deitada naquela cama de cachorro, no meio da sala do hospital veterinário, a cena parecendo estranhamente a mesma.

— Não... Ah, meu Deus, não, Cora. Volte para mim. Porra, *por favor*, não faça isso...

Pego o telefone do bolso, quase o deixando cair quando minhas mãos começam a tremer violentamente. Digito os números da emergência, e relato toda a situação para o atendente. Tenho certeza de que ele pensa que estou louco e desesperado. Porque é exatamente assim que me sinto.

Estou desesperado.

Sou instruído a fazer massagem cardiorrespiratória, então a pego no colo e deito no chão, pressionando seu peito do jeito que sempre vi nos filmes. Inclinando sua cabeça para trás, aperto seu nariz e respiro toda a vida que há em mim em sua boca.

— Ela está respirando? — o operador pergunta pelo viva-voz.

Tento ver se há qualquer sinal de pulsação em seu pulso inerte. Então pressiono meu ouvido mais uma vez em seu peito.

Meu Deus, não consigo distinguir nada.

— Eu não sei... Eu não sei, porra!

— Tudo bem, apenas fique na linha. A ajuda chegará em breve. Continue mantendo as compressões torácicas, com um ritmo rápido e intenso.

A voz desvanece à medida que continuo pressionando seu peito, ocasionalmente parando para procurar um sinal de vida.

— Não me deixe, Corabelle. Eu te *amo* pra caralho. Não se atreva a me deixar. — Recolho a forma miúda em meus braços, aconchegando-a ao meu peito, abafando meus soluços em seu cabelo. Eu me agarro a ela, tentando emanar minha força vital para trazê-la de volta para mim com nada mais do que minhas lágrimas, palavras de acalento e amor. — Volte... — sussurro em meio à minha dor, antes de deitá-la de novo no chão e continuar a massagem.

As sirenes soam à distância e quase desmorono acima dela, chorando e tremendo de desespero.

O que foi que eu fiz?

O que diabo fui fazer?

Parte Três
Ondas

CORA



Capítulo Vinte e Quatro

— Você provavelmente deveria ter pensado nisso antes de me foder. — Dean coloca um punhado de dinheiro na palma da minha mão, como se eu fosse algum tipo de prostituta. Eu o encaro, com os olhos arregalados e magoados. — Isso deve pagar a pílula.

Eu o vejo sair em disparado, e em seguida fechar a porta com tanta força que a estrutura sacode as dobradiças e os cachorros levam um susto de onde estão deitados. Meus pés permanecem congelados nas tábuas do piso da minha sala de estar, e meus olhos estão grudados na porta, secretamente esperando que ela se abra outra vez e ele volte correndo.

E, secretamente, esperando que não faça nada disso.

Engulo o nó amargo que se alojou na garganta. Uma pata minúscula cutuca minha panturrilha, e só então me lembro de estou encarando a porta por pelo menos cinco minutos, com um maço de notas amassadas na mão... o dinheiro que Dean me deu para comprar a pílula do dia seguinte.

Porque transamos.

Porque eu transei com Dean.

A recordação quase me faz desabar no chão. Percebo que ele não vai voltar, mas ainda não decidi se estou bem com isso ou não. Exalo um longo suspiro, que chega a soar como um murmúrio. É o som que faço quando uma dor entorpecente está subindo pela garganta, procurando uma saída.

Ah, meu Deus, eu transei com Dean Asher.

E logo depois, eu disse a ele que estava tudo acabado, porque sou fraca e não estou preparada para lidar com as consequências das minhas próprias atitudes egoístas.

Retrocedo em meus passos até sentir o sofá contra as panturrilhas, e desabo ali mesmo à medida que a dor me apunhala com força. Jogo o dinheiro na mesinha de centro e dobro os joelhos, abraçando as pernas contra o peito, chorando com meu rosto enterrado entre os braços. Os soluços se avolumam e escapam por entre meus lábios em ondas tão furiosas, que minhas costelas chegam a doer.

Jude surge na minha frente, sentado na beirada do sofá com as orelhas empinadas e o rabo se agitando rapidamente. Penny pula ao meu lado com suas perninhas curtas, descansando o focinho contra o meu quadril. Isso só me faz chorar ainda mais, ciente de que esses animais fofos estão tentando me consolar quando eu sequer mereço isso. Eu fiz minha cama.

Fiz minha cama, e depois transei com o ex-noivo da minha irmã nela.

E *puta merda*, foi bom. Foi muito, muito bom. Gostoso, intenso, áspero, diferente de tudo que já experimentei antes, tanto física quanto emocionalmente. *Alucinante* é o termo que Dean usou, e concordo plenamente, apesar do fato de que não poderia admitir isso a ele, porque o mero pensamento de reconhecer o que aconteceu entre nós soa como um tapa na cara de Mandy.

Ou da minha dignidade.

Passo os dedos por entre as orelhas de Jude, colocando Penny no meu colo ao estender as pernas. Nunca estive tão dividida assim antes, como se estivesse partida ao meio, sendo puxada em duas direções diferentes. Nunca desejei tanto uma coisa, embora a estivesse rejeitando ao mesmo tempo.

Dean é como o oceano.

Cativante... me chamando, ao alcance das minhas mãos...

Tão mágico... tão belo.

Algo que desejo com o fundo da minha alma.

Mas sou aquela garotinha de novo, paralisada na areia, com medo das águas escuras à frente. Há tanta incerteza. Tanta coisa que não consigo ver. Tenho medo de me perder nas ondas turbulentas e me afastar, mal pisando na água, mal conseguindo respirar.

Estou com medo de perder tudo – minha irmã, meus pais, a mim mesma.

Estou com medo de me afogar.

É mais seguro ficar aqui na praia.

Digo isso a mim mesma à medida que o dia passa, quando saio de casa para comprar ração e elaboro um plano B. Quase morro de vergonha ao entrar na farmácia, oculta por enormes óculos escuros e um gorro cobrindo o máximo possível do meu rosto, como se eu tivesse um letreiro em *neon* escrito na testa: *"Totalmente fodida por Dean"*. Decido não conferir meu celular enquanto faxino a casa mais tarde. Mesmo tendo feito isso ontem, faço questão de passar o aspirador outra vez e limpar as janelas, só para me distrair.

Não envio nenhuma mensagem para ele, e nem mesmo telefono.

Também me recuso a chegar perto da garrafa de vinho na geladeira, com medo de mandar uma mensagem ou ligar para ele.

Eu posso fazer isso.

Mas quando minha irmã aparece do nada na minha casa à noite, com comida mexicana, quase desmaio de ansiedade.

— Você está horrível. — Mandy passa pela porta, também parecendo estar mal, e não posso deixar de pensar que há um denominador em comum responsável por nosso estado lamentável. — Trouxe uma tonelada de tacos. O coentro tem poderes purificantes.

— É porque tem gosto de detergente.

Mandy dá uma risada zombeteira e descalça as botas de cano de alto. Ela segue da sala à cozinha, largando as embalagens de papel pardo sobre a mesa de jantar. Então estaca em seus passos e retrocede quando avista algo no canto da sala.

— Você tem cachorros. — Ela me encara.

Dou de ombros, com os braços cruzados.

— Você saberia disso se não tivesse evitado minhas ligações e mensagens durante toda a semana.

Um silêncio sombrio se estende entre nós. Observo como Mandy baixa a cabeça, sem a vivacidade habitual, e com olheiras profundas. Seu cabelo está preso em um coque todo desgrenhado, as raízes escuras aparentes. Ela afasta uma mecha que se soltou do coque e encosta o quadril no sofá.

— Eu tenho evitado você.

— Eu notei. — Cravo os dedos no tecido felpudo do meu suéter, sentindo as entranhas se retorcerem por dentro. Não tenho certeza de como serei capaz de passar esta noite sem confessar todos os meus pecados para Mandy. Com um pigarro, dou uns passos adiante. — Como você está?

Mandy fica um pouco nervosa e dá de ombros, erguendo o olhar.

— Acho que Dean te contou, não é?

Apenas a menção de seu nome me faz corar.

— Está tudo no Facebook. Você mudou seu *status* de relacionamento para ‘solteira’ e tem postado citações tristes e deprimentes a cada poucas horas.

— Fazer isso me ajuda a lidar com o término. Então, você está dizendo que ele não mencionou nada sobre isso?

Levo um choque com sua pergunta e sinto o rosto corar de vergonha.

— Eu não disse isso.

— Imaginei — Mandy diz, sem rodeios, voltando-se para a cozinha para separar a comida. — Ele disse que vocês tinham uma conexão. Um vínculo. E disse que vocês dois foram forçados a fazer umas merdas fodidas no cativeiro.

Ai, meu Deus.

A bile sobe à garganta, mas eu a engulo.

— É c-complicado.

— Ele também disse isso. — Mandy se vira, segurando algo embrulhado em papel alumínio. — Dois tacos de carne, sem coentro.

Engulo em seco, dando mais alguns passos hesitantes em direção à minha irmã e pego os tacos.

— Obrigada.

Seu sorriso é meio forçado. Mandy desembala um dos tacos e dá uma mordida, gesticulando na direção de Jude e Penny aninhados no canto.

— O que te levou a arranjar dois cachorros? — pergunta, limpando um pouco de molho do canto do lábio. — Proteção?

Coloco meu lanche sobre a mesa, com o estômago embrulhado demais para conseguir comer.

— Companheirismo, eu acho. Eu já estava planejando comprar um cachorro antes... bem, antes de tudo acontecer. — Coço a nuca. — São os cães que foram confiscados na propriedade onde ficamos em cativeiro.

Mandy para de mastigar na mesma hora.

— Na propriedade... daquele psicopata? Você adotou os cães do seu sequestrador?

— Tipo isso.

— Isso é meio fodido, Cor. — Termina de mastigar e se senta em cima da mesa, balançando as pernas para frente e para trás. — Você parece estar tendo dificuldade em desapegar das coisas que te conectam àquele porão.

Seus olhos sagazes estão travados com os meus. Ela não está se referindo apenas aos cães. Eu me encolho como a covarde que sou.

— Não é bem assim. Eles precisavam de um lar, e eu precisava de uma distração do trauma.

— Há um milhão de outros cães por aí que você poderia ter adotado.

Tenho certeza de que ela ainda não está falando sobre os cachorros.

Merda.

— Mandy…

Ela pula da mesa.

— Seu taco está esfriando.

Observo minha irmã perambular pela cozinha, pegando uma taça de vinho do armário e vasculhando a geladeira. Sinto lágrimas desesperadas se acumulando abaixo da superfície, prontas a irromper. Seguro o fôlego, tentando manter meu medo, nervosismo e culpa sob controle, enquanto Mandy volta com uma taça cheia de vinho. Ela se inclina no balcão central da cozinha, apoiando os cotovelos no mármore e me encarando de frente.

Retorço as mãos, sob seu olhar astuto por cima da borda da taça. Entre nós, há apenas a ilha da cozinha, mas que se parece a um continente.

— Obrigada por ter trazido comida. Isso foi muito legal da sua parte. — *Deus, eu sou patética.*

Mandy arqueia uma sobrancelha, bebericando seu vinho.

— Você nem tocou na comida.

— Não estou com tanta fome. Vou levar amanhã para o trabalho, para comer no almoço. — Sorrio da maneira mais meiga possível, mas tenho certeza de que pareço estar prestes a me debulhar em lágrimas.

Mandy tamborila as unhas perfeitamente manicuradas contra a taça de cristal, o olhar alternando entre mim e a bebida, como se estivesse formulando a próxima pergunta. Seus olhos castanhos e inexpressivos permanecem focados aos meus, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Então, que merda fodida vocês foram forçados a fazer? — Ela faz a pergunta casualmente... quase com indiferença.

Mas troveja dentro de mim como um tufão, causando estragos em todas as minhas frágeis entranhas. Sinto a pele formigar, as mãos se aquietam e as pernas bambeiam. Eu me agarro à beirada da bancada para me manter firme, prendendo a respiração. Seguro o fôlego por um longo tempo, com medo de que apenas o ato de respirar despeje os meus segredos. Seguro o fôlego até me sentir zonza, enjoada, e então solto uma confissão angustiada:

— N-não quero falar sobre isso, okay? É pessoal e traumático demais, e estou tentando esquecer que aquelas três semanas aconteceram... — Mordo o lábio inferior para impedir que as palavras escapem.

Mandy entrecerra o olhar, bebendo o restante do vinho de um gole só. Então ela coloca a taça no balcão com força, me fazendo estremecer.

— Aconteceu alguma coisa lá embaixo, Cora. Eu preciso saber.

— Não aconteceu nada. Não importa.

— *Me conta* logo.

— Não posso! — As lágrimas escorrem, minha voz falha. — Não consigo.

Mandy está prestes a retrucar, mas meu celular vibra entre nós, em cima da bancada. Nós duas olhamos para a tela ao mesmo tempo.

O nome de Dean surge, alertando uma mensagem de texto.

Lanço um olhar para Mandy, que faz o mesmo comigo.

Então nós duas tentamos alcançar o celular ao mesmo tempo, porém Mandy leva a melhor. Eu praticamente grito em desespero.

— Não! — Dou a volta na bancada, deparando com Mandy lendo a mensagem de costas para mim. Fico esperando que ela me encare, e ofego horrorizada e nauseada com o que ela pode estar descobrindo nesse exato momento.

Mandy dá um suspiro audível, que se assemelha ao que uma pessoa faz quando se sente traída. Ela se vira, com os olhos marejados e flamejantes.

— Sua *vagabunda*.

Arranco o telefone de suas mãos, e leio alguns trechos da mensagem, em pânico.

Não quero brigar com você. Entendo porque está com medo. A noite passada foi tudo. Podemos ir mais devagar. Recomeçar. Estamos nisso juntos.

A noite passada foi tudo.

— O que aconteceu ontem à noite, Cora? — Mandy exige saber, suas lágrimas escorrendo como uma cachoeira. — Você dormiu com ele? — Sua voz muda de tom, soando mais desesperada e estridente a cada palavra: — Você transou com o meu noivo?

— E-eu...

— Me conta!

Sacudo a cabeça, chorando em desespero.

— Quero ouvir da sua boca mentirosa e imunda.

Nunca vi Mandy tão pau da vida. Nunca a vi irradiando um ódio tão

cego assim. Sinto que vou vomitar ou desmaiar e morrer de humilhação desprezível e culpa devastadora.

— Nós... fomos obrigados a fazer sexo naquele porão.

Mandy empalidece, franzindo as sobrancelhas.

— O quê?

Minha respiração se torna ofegante.

— Earl apontou uma arma para a cabeça de Dean e o obrigou a fazer isso. Não tivemos escolha. Nós... — Cravo os dedos em meu couro cabeludo e puxo meu cabelo para trás. — Foi horrível e doentio, e além de depravado, mas…

— *Mas*...? — Mandy parece horrorizada. Chocada.

Como ela deveria estar.

— Mas algo aconteceu, okay? Alguma coisa mudou entre nós, e não consigo explicar. Eu pensei que os sentimentos desapareceriam quando voltássemos às nossas vidas normais, mas a conexão ainda está aqui. Não conseguimos nos livrar dela. Eu nunca quis que isso acontecesse, Mandy... — Eu continuo a me despedaçar e estilhaçar, meu corpo inteiro se desligando. — Eu nunca quis *nada* disso!

O olhar de Mandy me avalia com uma raiva silenciosa. Sua pele está afogueada, colorindo o colo dos seios, o rosto e as orelhas.

— Vocês transaram ontem à noite?

Mordisco o lábio inferior, para conter o tremor. Então abaixo a cabeça, incapaz de encará-la quando sussurro:

— Sim.

É questão de apenas um segundo quando sua mão se levanta e estapeia o meu rosto. Assustada, inspiro fundo, sentindo a ardência do golpe chacoalhar minha estrutura.

Mandy nunca me bateu antes. E eu nunca bati nela.

Discutimos e brigamos e não nos falamos por semanas, mas... isso é diferente.

Isso não tem *conserto*.

Meus olhos estão vidrados, em pura descrença, quando a encaro, desejando poder apagar a expressão de mágoa e desamparo em seu rosto. Ergo a mão e roço as pontas dos dedos na marca em minha bochecha, sendo consumida pelo remorso e arrependimento.

— Sinto *muito*, Mandy.

Ela retrocede um passo, sacudindo a cabeça com fúria.

— Não acredito que você é minha irmã. E nem posso acreditar que seria a minha *madrinha*. — Enxuga as lágrimas de seu rosto. — Você é desprezível. Um *lixo* humano. É a pessoa mais egoísta que já conheci, e nunca mais quero olhar pra sua cara. Mamãe e papai vão renegar você por causa disso.

Continuei a encarando, boquiaberta e chocada.

Mandy cospe uma última farpa antes de ir embora:

— Espero que o pau dele tenha valido a pena.

A porta da frente se fecha com um baque surdo pela segunda vez naquele dia, outra pessoa de quem gosto se afastando de mim, furiosa e traída. Desabo no piso azulejado da cozinha, sentindo o ataque de pânico rastejar pelos meus pulmões, tomando conta de mim. Meus soluços desesperados ecoam pelo lugar, envergonhada e espantada pelos danos que causei. Tudo o que desejo, enquanto estou ali no chão, como uma pilha de ossos e fracassos, é morrer.

Eu só quero morrer.

Todas aquelas semanas lutando tanto para sobreviver, e para quê?

O inferno me seguiu até em casa.

Ele vive dentro de mim, abrigando todos os meus demônios e

fantasmas e falhas imperdoáveis.

Dois focinhos frios fazem cócegas nas minhas bochechas, as línguas cálidas beijando minhas lágrimas. Observo o ventilador de teto girando acima.

Girando, girando e girando.

Ele pode girar para sempre, fora de controle, até que eu decida desligá-lo.

Tento recuperar o fôlego, arfando em meio aos soluços debilitantes, e limpo o nariz ao me levantar com os pés instáveis. Os cachorros me seguem pela cozinha quando encho suas tigelas com ração e água. Sequer me preocupo em trancar a porta da frente e sigo em direção ao banheiro, desligando o ventilador no interruptor da parede antes de sumir pelo corredor.

Abro o armário de remédios espelhado e pego minhas pílulas para dormir. Em seguida fecho a portinhola e encaro meu reflexo, me sentindo totalmente anestesiada. Meus olhos estão vermelhos e inchados, assim como meu nariz. Estou marcada e machucada em toda parte.

Os dentes e a língua de Dean estão esculpidos em meu pescoço.

O tapa de desprezo de Mandy em meu rosto.

Pisco, lentamente, então encaro o frasco de comprimidos na minha mão.

Durante toda a minha vida, tive pavor do oceano. Tenho medo de ser arrastada em direção ao mar frio e sombrio, engolida pelas ondas, enquanto ofego e luto para respirar.

No entanto, este mar não é feito de água.

E talvez o afogamento seja a única saída.

Capítulo Vinte e Cinco

— *Corabelle*.

Posso ouvir meu nome sendo chamado do outro lado da praia.

Detesto esse nome horroroso, e ainda assim, soa muito mais doce quando escorre de sua língua. Aceno as mãos no ar, tentando chamar sua atenção.

— Dean!

Sua cabeça gira em todas as direções, até que ele me avista correndo em sua direção pela areia.

— Aí está você — diz ele, um sorriso malicioso curvando seus lábios. — Pensei que tinha te perdido.

Pulo em seus braços e ele me pega por baixo das coxas. Nossos narizes se roçam de levinho, como um beijo de borboletas, e meu sorriso se junta ao dele.

— Você não vai conseguir se livrar de mim assim tão facilmente.

— Promete?

Assinto com um aceno de cabeça e acaricio seus lábios com os meus. Eu me afasto, procurando seus olhos.

— Vamos ficar bem?

Dean dá outro beijo na minha testa, então me coloca de volta no chão, e meus dedos dos pés somem sob a areia. Ele coloca a mão sobre o meu coração e posiciona a minha palma sobre seu peito. Nossos batimentos vibram através de nossos dedos, e ele sussurra para mim:

— Ainda estão batendo. Enquanto estiverem batendo, estamos bem.

Meu sorriso se alarga, as lágrimas inundam meus olhos. Estou prestes a responder quando ouço meu nome ecoando pela praia novamente:

— *Corabelle*.

O suspiro de Dean evapora em meio à maresia.

— Temos que ir... — diz ele, melancolicamente.

— Mas eu gosto daqui.

A mão quente segura um lado do meu rosto, o polegar roça a minha pele.

— Nós voltaremos depois.

— Corabelle.

Minhas pálpebras tremulam, rejeitando a luz artificial que se infiltra em meus olhos. O som poético das ondas do mar se transforma em bipes e zumbidos furiosos, o murmúrio embaralhado de máquinas e vozes. Meus lábios estão ressecados e rachados quando os abro para falar:

— Dean?

Um momento de silêncio impera, até que um toque familiar afaga minha cabeça.

— Sou eu, querida.

— Pai?

Outra presença se aproxima da beirada da cama onde estou deitada sob lençóis que pinicam minha pele, conectada a agulhas e monitores.

— Ah, Cora, querida — minha mãe diz, sentando-se ao lado do meu pai.

Pisco diversas vezes, desejando que seus rostos desfocados entrem em meu campo de visão.

— Como vim parar aqui?

Tento me lembrar dos eventos que me trouxeram a este momento. Tento me lembrar do motivo pelo qual estou deitada em um leito de hospital, e o porquê meus pais estão pairando acima de mim com os rostos cobertos de lágrimas.

— Você teve uma overdose... com suas pílulas para dormir. Dean foi até sua casa para ver se você estava bem, e te encontrou inconsciente. Ele ligou para a emergência — mamãe relatou. — Ah, meu amorzinho...

Ela se curva sobre a minha barriga e começa a soluçar, e algumas enfermeiras se aproximam, me cutucando e espetando.

Ai, meu Deus.

As lembranças se atropelam na minha mente, me deixando nauseada.

Eu queria morrer.

Eu realmente queria *morrer*.

Lágrimas transbordam dos meus olhos, e posso ouvir o alarme do monitor cardíaco disparar à medida que meu ritmo respiratório acelera. Fico ali deitada, atordoada e horrorizada, enquanto uma enfermeira transmite informações aos meus pais com uma voz muito parecida aos dos personagens adultos do desenho *Charlie Brown*. Eu me pergunto se ainda estou debaixo d’água.

Depois que as enfermeiras verificam meus sinais vitais e saem do quarto, dou uma olhada de relance para a minha mãe, de pé ao meu lado.

— E-eu sinto muito. Eu sinto muito por tudo.

— Querida, nada disso importa agora — ela responde, colocando a mão no meu ombro. — Conversaremos depois. Tudo o que você precisa fazer agora é se recuperar.

— Onde está Mandy? — pergunto, com a voz vacilante. — Ela queria que eu morresse?

Meu pai exala um longo suspiro austero.

— Claro que não, Cora. Sua irmã está doente de preocupação. Ela só desceu um pouquinho para tomar café.

Engulo o nó amargo que travou minha garganta. Quero fazer a próxima pergunta, mas não consigo pronunciar as palavras – elas não parecem nem um pouco apropriadas. No entanto, tudo deve estar escrito no meu rosto, porque ela abaixa a cabeça e afaga o meu braço.

— Dada a situação, achamos que seria melhor se ele não ficasse por aqui, querida. Mas ele está extremamente preocupado com você.

Minhas bochechas aquecem de puro embaraço. Eu não deveria estar desejando sua presença aqui comigo. Não deveria estar implorando silenciosamente para Dean me abraçar e beijar minhas lágrimas, cantando para mim, para afastar a escuridão. Meus pais não deveriam *saber* que é exatamente isso que quero, só de olharem para mim.

Meu pai segura minha mão.

— Sua irmã nos contou o que aconteceu. Ela se sente responsável pelo que aconteceu. Eu sei que esta será uma batalha difícil para vocês duas, e sua mãe e eu não estamos do lado de ninguém aqui. Nós amamos vocês. Nossos corações estão partidos por cada um de vocês. — Ele beija meus dedos. —

Estamos muito gratos por você ter conseguido acordar.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, umedecendo meus lábios entreabertos enquanto inspiro, de leve.

— Há quanto tempo estou aqui? — O pânico se instala, e me pergunto quanto tempo se passou. Um ano inteiro? Uma nova década?

— Você está inconsciente há quatro dias — ele responde.

Fico ‘feliz’ por não ter se passado tanto tempo, mas então meus olhos se arregalam de pavor.

— M-Meus cachorros, Jude e Penny. Eles estão bem?

Minha mãe assente rapidamente.

— Eles estão bem. Lily está cuidando da casa para você.

Graças a Deus.

Estou balançando a cabeça, aliviada, quando Mandy entra com um copo de café. Ela olha duas vezes, para se certificar de que estou realmente acordada.

— Ai, meu Deus....

Viro a cabeça para o lado oposto, incapaz de olhar para ela.

Meu pai pigarreia em seguida.

— Bridge, vamos deixá-las a sós por alguns minutos.

Ainda estou contemplando o triste dia de inverno, pela janela, ouvindo os passos dos meus pais se afastando do quarto. É um cenário adequado para o meu novo pesadelo. Sinto a cama rebaixar quando Mandy se senta à minha esquerda.

Ela se inclina para me abraçar, pressionando a bochecha contra o meu peito coberto pelo lençol.

— Eu nunca quis que você se machucasse — ela murmura.

Fecho os olhos, engolindo a nova leva de lágrimas que embarga minha

garganta. Nunca fui muito de chorar, mas agora sinto que é tudo o que tenho feito.

— Você disse que nunca mais queria me ver, e eu não te culpo.

— Isso não significa que eu queria você *morta* — ela insiste, fungando e sentando-se ereta. — Não acredito que você fez isso.

— Podemos adicionar isso à lista crescente de coisas fodidas que faço agora.

O suspiro de Mandy ressoa ao meu redor. Ela hesita antes de dizer:

— Dean estava aqui naquela primeira noite. Ele estava devastado.

Meu coração acelera, involuntariamente.

— Os médicos disseram que ele encontrou você bem a tempo. Mais alguns minutos e você estaria morta.

Dean salvou minha vida.

Mais uma vez.

Seco as bochechas molhadas.

— Sinto muito, Mandy. Sinto muito por ter te machucado.

Um momento de silêncio se passa, e tenho medo de olhar para ela. Tenho medo de ver o menosprezo em seu olhar magoado.

O colchão se move quando ela se levanta, e eu, finalmente, dou uma olhada de relance em sua direção. Mandy enfia o cabelo emaranhado atrás da orelha, girando o copo de café entre os dedos tensos.

— Eu te amo, Cora, e estou feliz que esteja bem, mas... isso não apaga o passado. Ainda estou processando tudo. É... muita coisa para assimilar. — Ela aperta o copo, fechando os olhos. — Muitos danos foram causados, e não tenho certeza de quando serei capaz de te perdoar.

Concordo com um leve aceno de cabeça, sentindo as lágrimas caindo livres e umedecendo meus ombros.

— Eu entendo — murmuro, em um fio de voz.

Mandy abre os olhos e os fixa em mim, sua expressão séria.

— Mas falando sério, Cor, nunca mais faça essa merda. Vá procurar ajuda. Encontre um novo terapeuta se precisar. Junte-se a um grupo de apoio. Tome remédio. Só... nunca mais ache que estaríamos melhor sem você.

Eu aceno novamente, e Mandy abaixa a cabeça.

— Estou tentando entender, tentando me colocar no seu lugar, tentando simpatizar com tudo pelo qual passou que poderia ter levado a... — Ela cerra a mandíbula e engole em seco. — Mas ainda estou com raiva. Estou pau da vida com você, Cora.

— Eu sei... — Fungo, baixinho. — Você tem todo o direito de estar furiosa comigo. Nunca serei capaz de explicar o que aconteceu, porque nem eu mesma entendo.

Mandy mordisca o lábio, olhando na minha direção, depois abaixa o queixo.

— Desculpe por ter batido em você. Eu não tinha o direito de fazer aquilo.

— Eu merecia.

— Não — ela diz. Então suspira, um braço pendendo ao lado enquanto beberica o café. — De qualquer forma, vou deixar você descansar. Estou feliz que esteja bem, nunca mais pense o contrário.

Um sorriso lacrimejante irrompe.

— Obrigada, mana.

Ela não retribui o sorriso, mas seus olhos não estão mais destilando ódio, e isso me dá esperanças de que talvez resolvamos nossas diferenças algum dia. Talvez possamos consertar isso.

Mandy recua alguns passos e se vira para sair do quarto, mas seus pés

vacilam por um segundo. Ela me encara por cima do ombro, os olhos cintilando uma mágoa recente.

— Não tenho certeza se isso melhora ou piora a situação, mas... acho que ele realmente te ama.

Mandy sai porta afora, e um pequeno gemido escapa por entre meus lábios, e não demora muito tempo, estou soluçando contra os lençóis piniquentos.



Não faço ideia de onde estou, por um momento, quando o colchão afunda com um novo peso e um braço desliza ao redor da minha cintura. Estou variando entre o sonho e a realidade, até que inspiro o cheiro familiar de couro e perfume amadeirado. Meu corpo o reconhece na mesma hora e, por instinto, se aconchega a ele, ainda sem ter certeza se é real ou apenas um sonho vívido.

— *Minha doce Corabelle.*

Sua respiração contra meu ouvido me faz estremecer. Pisco várias vezes para despertar e o quarto entra em foco, então viro a cabeça para o lado esquerdo, deparando com o seu olhar.

Ele está aqui de verdade.

— Dean. — Seu nome sai dos meus lábios como um sussurro aflito, nosso olhar travado, as emoções irrompendo. *Deus*... só de pensar que nunca mais teria visto esses olhos novamente se ele não tivesse me encontrado. — Eu sinto muito.

Dean roça minha têmpora com as pontas dos dedos, então acomoda uma mecha solta atrás da minha orelha. Ele parece cansado e angustiado, mas há um vislumbre distinto de alívio dançando em seus olhos azuis-claros. Sua mão se aloja contra meu pescoço, o polegar roçando minha mandíbula.

— Pensei que tinha te perdido.

Suas palavras são familiares e me fazem franzir o cenho. Então dou um sorriso forçado.

— Você não vai conseguir se livrar de mim assim tão facilmente.

— Promete?

Perco o fôlego diante do *déjà vu* que me varre da cabeça aos pés. Acho que este é o momento em que me inclino para lhe dar um beijo, mas cerro os lábios para me impedir de fazer exatamente isso.

— Você me assustou pra cacete, Cora. Eu não tinha ideia de que você se sentia assim... o que me deixa ainda mais grilado, porque os sinais estavam todos lá. Sinto que falhei contigo. — Dean aumenta o aperto em meu pescoço, o desespero emaranhado em suas palavras à medida que ele engole seu pesar. — Se você precisar de espaço, vou te dar espaço. Se precisar de tempo, darei tempo. Se nunca mais quiser me ver, faço minhas malas e vou para a porra do México, tudo bem? Mas *nunca* mais tente tirar a única coisa pela qual você lutou tanto para manter.

Dean coloca a mão contra a curva do meu seio coberto pela camisola hospitalar, fechando os olhos ao se deleitar com a sensação dos meus batimentos cardíacos contra a palma. Posiciono a minha mão acima da dele, sentindo as lágrimas inundando meus olhos. *Tantas lágrimas*. Eu me deito de lado, tentando não me enrolar nos fios e cateteres, e pressiono nossas testas.

— Mandy descobriu sobre nós. Ela viu sua mensagem no meu celular. Ela... ela estava *tão* brava, tão furiosa, e eu surtei, Dean. Eu estava fora de mim. — Inspirei, devagar. — Foi o pior momento da minha vida. Achei que tinha perdido tudo.

Ele suspira, aumentando a pressão sobre meu peito.

— Você só perde tudo quando perde isso aqui, Corabelle.

Aceno em concordância, e é preciso toda a minha força de vontade para não me inclinar e capturar um beijo.

Ficamos naquela posição por um tempo, juntos, cara a cara, seus lábios depositando beijos suaves na minha cabeça, nariz, meu queixo. Ele evita minha boca e, eventualmente, nós nos abraçamos em silêncio, apenas nos encarando e pensando. Em um determinado momento, pergunto:

— Como você entrou aqui?

Dean dá um sorriso suave.

— Sua mãe me mandou uma mensagem. Ela disse que você tinha acordado.

— Minha mãe ficou de boa com você vindo aqui me ver? — reflito, com o cenho franzido.

— Ela viu que eu estava arrasado. Quase pirei na noite em que te trouxeram pra cá. Achei que você tivesse morrido. — Ele se mexe na cama, me puxando para mais perto. — Sua mãe me chamou de lado e disse que seria melhor se eu ficasse longe por causa de Mandy, mas ela me manteria atualizado sobre seu estado de saúde. Pode acreditar, Cora, se dependesse de mim, eu não teria saído do seu lado.

Ergo a mão e pressiono as pontas dos dedos em seu rosto, acariciando sua mandíbula. Vejo seus olhos cintilarem em contentamento. Estou tomada pelos sentimentos que me invadem, imaginando como algo tão bonito, tão poderoso, tão certo, pode ser tão errado.

Mas certo ou errado, eu sei que uma coisa é fato.

— Isso é real, não é?

Tenho tentado negar, tentando afastar as verdades mascaradas, dizendo a mim mesma que ainda estamos presos naquela prisão emocional do porão de Earl. Esses sentimentos não são genuínos, não são *reais* – foram gerados por

trauma e isolamento. Tudo isso fazia parte do plano distorcido de Earl, e ele conseguiu seu intento dez vezes mais.

Só que... está se tornando cada vez mais difícil acreditar nisso. A verdade está no jeito com que Dean me abraça, em como ele canta para eu dormir e silencia meus demônios com um toque suave de sua mão. Está na maneira como meu coração bate de forma diferente quando ele está por perto. Está na forma como imagino um futuro, um futuro que nunca poderei ter, e ele está *lá*. Ele está sempre lá.

Está no jeito com que ele me olha neste exato momento.

Dean me observa, seu olhar percorrendo minhas feições, memorizando cada traço, cada fissura e ruga. Um sorriso toca seus lábios, como se finalmente estivéssemos chegando a um acordo com o que nós dois já sabíamos.

— Sim, Corabelle. É real.

Eu me aninho ao seu peito, enterrando o nariz em sua camisa e inspirando seu perfume.

— Você pode me abraçar até eu adormecer?

— Claro.

Ele sussurra uma música contra meu cabelo, como uma canção de ninar reconfortante, e eu absorvo seu calor e o deixo encher cada bolsão frio e vazio dentro de mim.

Eu me agarro ao que nunca será meu.

Quando meus olhos se fecham, meu corpo se aquieta e minha mente flutua em um estado pacífico temporário, e me vejo saindo do mar. Estou de volta naquela praia, correndo para seus braços, observando as gaivotas voarem conforme ele gira meu corpo sob o sol poente.

Ainda não tenho certeza de onde as palavras vieram.

Seriam fruto de um sussurro ao vento neste sonho mágico? Ou foram

ditas contra o meu cabelo, em uma confissão suave, uma promessa assombrosa de tudo o que nunca acontecerá?

De qualquer forma, deixei as palavras se assentarem dentro do peito. Elas instilam uma nova onda de vida dentro de mim à medida que caio em um sono reparador.

— *Eu te amo.*

Capítulo Vinte e Seis

— Você deveria sair comigo esta noite.

Estou sentada na companhia da minha melhor amiga, na nossa cafeteria local favorita, bebericando um *cappuccino* como se não tivesse tentado cometer suicídio há duas semanas.

Mordiscando meu lábio inferior, olho de relance para Lily, segurando a bebida quente entre as palmas das mãos, considerando sua oferta.

— Não sei. Volto a trabalhar na segunda-feira... provavelmente deveria apenas descansar e relaxar neste fim de semana.

Lily brinca com sua longa trança escura pendendo de um ombro.

— Acho que vai ser bom pra você. Você tem agido como uma reclusa já tem um tempo... — Ela abaixa a cabeça. — Bem, você sabe. Acho que isso está te sugando para um buraco sem fundo de desespero. Você precisa de amigos, de diversão.

Por puro instinto, quase coço meu pulso, mas paro a tempo, e decido

segurar o pingente do colar ao invés disso.

— Desculpe, mas não conheço essas palavras. São novas no vocabulário?

Ela dá uma risada e sacode a cabeça.

— Qual é, Cora. Vou me encontrar com Amy e os caras na nova cervejaria no centro da cidade. Todo mundo adoraria ver você.

— Estou uma bagunça, Lily. Esta manhã foi a primeira vez em semanas que vesti uma calça que não tinha o cós de elástico e estampa de cachorrinhos.

— Por isso mesmo. Já está na hora de voltar à ativa. — Lily me dá uma piscadela maliciosa do outro lado da mesa. — Jason estará lá.

Eca. Jason.

— Acho que isso não é uma boa ideia. Eu sei que você está apenas tentando ajudar, mas... — Aperto o copo do *cappuccino* com um pouco mais de força, e o líquido extravasa um pouquinho pela borda. — Estou meio que, emocionalmente, envolvida com outra pessoa agora.

Merda. Eu finalmente disse isso. Finalmente admiti minha terrível e devassa verdade.

Lily não sabe sobre Dean. Ela está prestes a surtar e fazer aquela coisa com a boca.

— O quê? Com quem? — especula, inclinando o pescoço para trás com descrença.

Dou uma tossida contra a mão, dizendo:

— Dean.

— Irene? — Ela pestaneja. — O professor de ciências que usa aquelas costeletas medonhas?

Tusso novamente.

— Dean.

— Pare de tossir!

— Dean — digo, em alto e bom tom, então fico ali sentada com as bochechas queimando de vergonha.

Lily, boquiaberta, me encara com os olhos arregalados.

— Por favor, me diga que isso é uma referência de *Supernatural*. Eu sei que aqueles irmãos Winchester parecem tão reais, às vezes, quando estamos sozinhas à noite com nosso vibrad...

— *Dean*. Dean Asher. Dean, o ex da minha irmã. Meu quase cunhado, meu inimigo de longa data, a fonte de quase todas as enxaquecas que tive nos últimos quinze anos, a razão pela qual sou complexada com espaguete... e a única razão pela qual ainda estou viva bem aqui, divagando meu segredo pecaminoso para você — revelo tudo de uma vez, cobrindo meu rosto corado com as mãos. Inspiro fundo, sentindo a vergonha e a saudade duelarem dentro de mim.

A vergonha é por ignorar suas ligações desde que recebi alta do hospital, mesmo que ele seja a única pessoa no mundo de quem quero saber notícias. Enviei algumas mensagens, só para que ele saiba que estou bem e não se preocupe, mas sempre mantenho o tom desprovido de emoção. Ontem à noite, sequer respondi à sua mensagem perguntando se poderíamos almoçar juntos neste fim de semana e conversar.

Lily fica sem palavras, o que é incomum. Ela me encara com seu olhar astuto, tentando assimilar o absurdo que acabei de vomitar sobre ela.

— Uau.

— É isso aí. Uau.

— Isso é... — Ela suspira audivelmente.

— Eu tenho problemas. — Eu me afundo ainda mais na cadeira,

desejando que ela pudesse me engolir inteira. — Não bato bem da cabeça, não é?

— Talvez um pouco.

Argh... Arranco os fiapos do meu suéter, em seguida, puxo as mangas para baixo para cobrir as mãos.

— Nem sei como isso aconteceu — sussurro.

Lily toma um gole de seu chá indiano e coloca o copo na mesa.

— Captei algumas vibrações na festa de Ano Novo, na casa da Mandy, mas achei que era apenas a tensão borbulhando depois de tudo pelo qual vocês passaram. Eu nunca pensei... — Infla as bochechas e exala, então desvia o olhar. — Quero dizer, acho que consigo entender. Ele é gostoso pra cacete e sempre agiu de um jeito estranhamente protetor com você.

Franzo o cenho na mesma hora.

— Não, ele nunca fez isso. Ele sempre foi um babaca comigo.

— Sim, mas de um jeito fofo.

— Não.

— Qual é, Cora... Vocês sempre tiveram química. Vocês apenas reagiram a isso escolhendo encher o saco um do outro. — Lily dá de ombros, apunhalando o copo de isopor com as unhas afiadas. — E, obviamente, as circunstâncias não permitiriam que algo mais acontecesse.

Ranjo os dentes com tanta força, que a mandíbula começa a doer. Olho para o meu *cappuccino,* esperando que o desenho suave que se forma na espuma me sugue como um portal, já que a cadeira fracassou total nisso.

— Isso não deveria ter acontecido.

Um sorriso simpático curva os cantos de seus lábios, e Lily se inclina para frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Este é o ponto em nossa amizade onde você me procura por causa de um terrível dilema, e eu ofereço um conselho super sábio que contém todas as

respostas?

— Sim. Com toda certeza.

Ela dá de ombros.

— Bem, droga. Não estou nada preparada. E não tenho nenhum conselho sábio.

Gemo baixinho, cobrindo o rosto com as mãos.

— Que maravilha.

— Poderia ser pior...? — sugere, erguendo um polegar triunfante.

Lanço um olhar em sua direção por entre as frestas dos dedos, balançando a cabeça e resmungando:

— Não, não pode. Isso é, *literalmente*, o fundo do poço.

— Ooh, então... é o fundo, mas só daqui de cima.

— Você seria uma péssima terapeuta.

Lily se recosta à cadeira, com um sorriso brando, e sei que ela está apenas tentando me animar e tornar essa situação horrível em algo mais leve.

Ela cruza os braços sobre o suéter com decote em V e suspira.

— Você realmente quer meu conselho?

— Não tenho mais certeza.

Ela ri, pegando seu chá.

— Eu cairia de cabeça, mulher. Daria uns pegas no cara, transaria gostoso e esqueceria todo o resto.

— Que conselho terrível — murmuro, encarando-a com os olhos entrecerrados.

— Sim, bem, é por esse motivo que você é minha única amiga.

Olho de relance para ela, e então começo a rir, chegando a me surpreender com a reação.

Lily me dá uma piscadela por sobre o copo de chá.

— Você sabe que é verdade. Mas agora falando sério, Cora, faça aquilo que te faz feliz. Você passou por coisas que nem consigo imaginar e merece um pouco de felicidade. Dean pode não ser a escolha mais inteligente, na teoria, mas é a *sua* vida. Você não pode andar na ponta dos pés com medo de irritar as pessoas ou ferir seus sentimentos. Às vezes, precisamos ser um pouco egoístas para evitar uma vida de comodismo.

Meus dedos se enrolam com força ao redor do meu copo.

— Isso foi bem profundo.

— Não é? Acho que acertei, então. — Lily faz uma mesura dramática, então sorri para mim. — Também... cá entre nós? Se os papéis fossem invertidos, Mandy não hesitaria.

Isso chama minha atenção e levanto a cabeça de supetão.

— Por que você acharia isso?

— Chame de intuição... — Lily joga a trança por cima do ombro. — Vamos colocar desta forma: ela dormiu ou não com aquele cara por quem você estava apaixonada durante aqueles poucos meses em que ela e Dean se separaram?

Franzo o nariz, desgostosa.

— Benjamin, o advogado? Isso foi diferente. Eu nunca estive com Ben... era só uma paixonite. Mandy está com Dean há quinze anos... isso é metade de sua vida.

— Entendo — Lily responde, erguendo as mãos. — Não é exatamente a mesma coisa... só estou dizendo... que ela nunca considerou seus sentimentos e ela sabia que você gostava do cara. Sempre achei que foi crocodilagem.

Retorço a bainha do meu suéter entre as mãos.

— Isso aconteceu há muito tempo. Ela amadureceu pra caramba desde então.

— Tudo bem — Lily ironiza. — Você tem razão. Meu ponto é: ninguém é perfeito. Todo mundo é um pouco egoísta, às vezes, ainda mais quando se trata de assuntos do coração.

Abaixo a cabeça, meu peito se aperta.

— Falando nisso... vou ser egoísta e te arrastar para a balada esta noite. Eu sinto sua falta.



Eu não estava pronta para isso.

As luzes, o barulho, a música, a *atenção*...

Todo mundo está olhando para mim. Todo mundo me *conhece*. Meu rosto aparece em seus *feeds* de notícias. Estou em suas telas de televisão. Meu nome escapa de suas bocas em uma conversa casual. Meu trauma é uma história que figura os assuntos mais comentados das redes sociais.

Meu corpo paralisa à medida que observo o bar lotado, e agarro meu pulso com a mão oposta, massageando o ponto exato da pulsação. Respirações ofegantes escapam dos meus lábios, e posso ouvir meu coração martelando nos ouvidos.

Lily entrelaça o cotovelo ao meu, me puxando para frente.

— Você está bem?

Minto descaradamente ao acenar em concordância.

— Estou bem.

— Você parece tensa.

Nós nos aproximamos de um grupo de amigos. Conheço o casal, Amy e o namorado, Trevor, exceto um homem cujo nome não faço a mínima ideia de qual seja, com olhos escuros e cabelo longo preto.

— Onde está o Jason? — Lily se pergunta, se inclinando para abraçar

Amy.

Amy é uma moleca baixinha, e está usando uma camiseta folgada e *leggings* pretas. Ela dá um sorriso imenso ao retribuir o abraço de Lily.

— Cancelou no último minuto. Não tenho certeza. — Ela se concentra em mim, o olhar arregalado e curioso. — Você está ótima, Cora. Estou tão feliz em ver você.

Amy não me dá um abraço, e me pergunto se é porque acha que sou suja. Contaminada de alguma forma. *Contagiosa*. Obrigo-me a demonstrar uma reação satisfeita e a cumprimento com um leve aceno de mão.

— Obrigada. Definitivamente, foram alguns meses difíceis.

Aperto a mão de Trevor, pois já o encontrei algumas vezes no passado, então encaro o homem misterioso à direita.

— Esse é Lars, um dos amigos de Trevor — Lily apresenta.

— Oi, eu sou Cora. — Estendo a mão e ele a segura, o olhar se focando brevemente nos meus seios, e voltando para cima. — Prazer em te conhecer.

— Oi — ele murmura.

Puxo um pouco a blusa para cima. Tentei escolher alguma peça bonita, já que tenho usado moletom e pijamas por semanas a fio, mas não queria nada muito revelador. No entanto, minha blusa está pendendo de um ombro só, por conta da minha perda considerável de peso, e o decote revela mais do que deveria.

A noite prossegue com conversas fúteis e algumas rodadas de bebidas. Bebo uma Coca-Cola com rum, tentando parecer invisível enquanto os amigos se divertem e brincam entre si. Lars é um cara quieto, caladão, mas seu olhar é penetrante – e, por inúmeras vezes, se concentra em mim. Isso me deixa nervosa, o que me leva a coçar o pulso outra vez, mesmo que tenha decidido parar de

fazer isso.

— Gosto dos seus olhos. Parecem vitórias-régias — comenta ele, a certa altura, ganhando toda a minha atenção.

Lily se anima na mesma hora.

— Os meus?

— Os seus não, garota — Amy caçoa, dando um tapa em seu braço.

Dou um meio-sorriso ao cara, pigarreando de leve.

— Obrigada... Isso foi gentil da sua parte.

Algo me diz que Lars não é nem um pouco gentil.

— Quer dançar? — ele pergunta, sem esperar minha resposta e serpenteando os dedos em volta do meu pulso.

Eu me sobressalto e solto o copo sem querer. Todo mundo para de falar e me encara, e eu me pergunto se eles esqueceriam que estive aqui se eu saísse correndo porta afora agora mesmo.

— D-Desculpe, sou tão desastrada — murmuro. Eu me inclino para pegar o copo, mas um barman já está vindo com uma vassoura.

Os dedos de Lars ainda estão curvados ao redor do meu pulso. Minha reação não pareceu afetá-lo, e ele me puxa para a pista de dança com um sorriso travesso em seu rosto. Flagro a piscadinha de Lily à medida que sigo o estranho no meio da multidão. Pouco depois, sua grande palma descansa na parte inferior das minhas costas. Meu corpo está retesado por conta do nervosismo e da música cada vez mais alta, além das luzes estroboscópicas que me deixam tonta, e da multidão que parece aumentar cada vez mais.

— Relaxe, boneca — Lars sussurra, a voz suave como manteiga.

É apenas uma dança. Você está bem. Você está segura.

Tento controlar meu ritmo respiratório, determinada em deixar de lado a apreensão.

Eu não sou assim. Sempre fui divertida e paqueradora, e nunca tive medo de atenção masculina. Sou sociável e extrovertida. Nunca me esquivei de dançar, ou de compartilhar toques casuais ou elogios.

— Fiquei sabendo do que aconteceu — Lars comenta, me puxando contra seu peito musculoso. Ele é um homem enorme, tem bem mais de um metro e oitenta, com músculos avantajados e tatuagens. — Você é uma guerreira.

Eu me afasto um pouquinho, tentando colocar um pouco de distância entre nós.

— Tem sido difícil — respondi, sentindo sua mão apertar a minha. — Desculpe se pareço uma idiota. Ainda estou me adaptando.

— Não precisa se desculpar, gatinha.

Meu sangue gela na mesma hora, e olho para ele por baixo dos cílios. Lars sorri para mim, seus dedos deslizando para cima e para baixo na minha coluna, com carícias sensuais.

De repente, estou naquele porão outra vez. Earl está me violentando enquanto Dean conversa comigo durante todo o ato.

Olhe para mim. Concentre-se em mim. Somos só você e eu, Cora.

Essas mãos no meu corpo parecem estranhas e nem um pouco familiares. Seus olhos são muito escuros, sua voz não tem aquele tom brincalhão. Sua pele é muito áspera e seu cabelo é comprido demais.

Isto está errado. Está tudo errado.

Sinto que tudo está girando, e não tenho certeza se devo me segurar a ele ou fugir.

— Você está bem? — Lars pergunta, inclinando a cabeça para trás para me avaliar.

Tenho certeza de que fiquei pálida, e meu peito parece estar prestes a explodir.

— E-eu não posso fazer isso.

— Precisa de água?

Nego com um aceno de cabeça, dando passos hesitantes para trás.

— Acho que preciso ir.

Nem ao menos espero sua resposta. Vou rapidamente até Lily e informo que não estou me sentindo bem, então chamo um Uber e dou o fora dali.

Dez minutos depois, estou na varanda da casa dele.

Bato quatro vezes antes de a porta se abrir, então Dean está parado na minha frente, cansado e desgrenhado, com um olhar super confuso.

— Cora? Você está bem?

Meu olhar desliza sobre ele e me sinto segura novamente. Ele está vestindo apenas uma calça de moletom, sem camisa, e o cabelo está despenteado por causa do sono. Seus olhos, *seus olhos*, possuem um tom lindo do céu de verão, e suas mãos perfeitas e suaves e se estendem na minha direção.

— Dean... — sussurro, e não tenho certeza do que isso exprime. Alívio? Saudade? Tristeza?

Amor?

Suas mãos esfregam meus braços, para cima e para baixo, a preocupação estampada em seu semblante.

— Você está ferida?

Balanço a cabeça em negativa, e meu olhar se fixa em seu tórax desnudo, os músculos definidos e delgados. Suave ao toque, mas áspero e poderoso quando está me abraçando, se movendo comigo, com nossos corpos entrelaçados. Eu o encaro de volta, e noto o desejo cintilando em seu rosto assim que ele me flagra o secando com os olhos.

É tudo que preciso.

Apoio as palmas em seu peito e o empurro devagar para trás, até que

ambos estamos dentro de casa. Chuto a porta com o calcanhar e parto para cima dele. Dean suspira, surpreso, quando minhas mãos envolvem seu rosto e o puxo para mim; nossas bocas colidem na mesma hora. Eu o beijo com vontade, voracidade, imersa em uma ânsia e desejo que faço questão de demonstrar. Quando nossas línguas se encontram, é como se eu estivesse em casa.

Dean se afasta um pouco, e uma mão segura minha nuca, os dedos se emaranham em meu cabelo, conforme a outra me segura pelo braço.

— O que você está fazendo? — pergunta, atordoado.

Minhas palmas deslizam pela extensão de seu peito, curvando-se sobre seus ombros. Nossos olhares se encontram e eu respondo:

— Sendo egoísta.

Seu cenho franzido e sutil perplexidade não me passam despercebido, mas capturo sua boca antes que ele possa responder. Continuo andando com ele – de costas pela sala de estar –, seu cabelo em meus punhos, agarrando e puxando, minha língua duelando com a dele. Seus grunhidos só me fazem desejá-lo ainda mais. Eu o solto apenas para me livrar do casaco, sapatos, e desabotoo o jeans, deslizando junto com a calcinha pelas pernas, chutando tudo para o lado até alcançarmos o móvel mais próximo.

Encontramos o sofá primeiro.

Dou um pequeno empurrão até ele cair contra as almofadas, então monto seu colo. Meus dedos se enfiam por dentro do cós da calça, e ele ergue os quadris por instinto, me permitindo abaixar o moletom. Sua ereção salta livre, e eu a seguro em minha mão, me afogando nos sons que escapam de seus lábios à medida que o acaricio, girando o polegar ao longo da ponta já úmida com o pré-sêmen. Eu o beijo com vontade, agarrando-o em meu punho.

— Porra, Cora... — Nós nos afastamos para respirar, mas nossos lábios permanecem conectados, os dentes quase colados enquanto suas mãos

deslizam para cima e para baixo nas minhas costas, mergulhando, em seguida, os dedos compridos por baixo da blusa. — Eu senti tanto sua falta.

— Senti saudades também — respondo, as palavras escapando como um gemido selvagem. Eu me levanto um pouco e me posiciono acima de seu pau, gemendo loucamente quando o sinto roçar minha entrada. Eu preciso disso. Preciso *dele*. Ele é a única fonte de calmaria para minha loucura, a única luz para minha escuridão, o único sabor doce para meus vestígios amargos.

Ele me domina.

Ele me *cura*.

Eu me abaixo lentamente sobre seu membro, observando sua cabeça tombar para trás, os olhos agora fechados, a mandíbula cerrada. Suas mãos se posicionam em meus quadris, me segurando firme, sentindo a maneira como deslizo sobre ele, tomando-o todinho dentro de mim. *Caralho*, ele é tão gostoso. Ele é grande e grosso, e me enche por inteiro. *Em todos os sentidos.*

Movimento meu corpo, para cima e para baixo, entrelaçando as mãos à sua nuca, fundindo nossas bocas outra vez. Dean entreabre os lábios de bom-grado, e crava os dedos na minha cintura quando nossas línguas se encontram. O beijo é terno apenas por um momento, lânguido e suave, mas à medida que acelero o ritmo quando o desespero inunda meu corpo, nossas bocas se devoram. Seus dentes mordiscam meus lábios, e contraio os músculos internos ao redor de seu pau. Dean puxa um punhado do meu cabelo, arqueando meu pescoço para trás para que possa se esbaldar com a minha pele. Ele chupa e morde, e eu me agarro a ele, em um ritmo alucinado. Sua boca segue um caminho até minha orelha e ele mordisca o lóbulo, perguntando, entre um ofego e outro:

— Você ainda é minha?

— Sempre.

Nem sequer hesito em responder. Mesmo que, provavelmente, devesse

fazer isso.

Um rosnado rouco escapa dele, algo possessivo e visceral, e então espalma minha bunda com força, à medida que grito de puro prazer. Seu pau atinge todos os lugares certos, enviando arrepios extasiados pelo meu corpo, me levando ao limite. Enfio os dedos por entre os fios de seu cabelo, recostando a testa à dele; nossos olhares estão travados durante todo o tempo em que o cavalgo até meus músculos estremecerem com o orgasmo iminente. Eu gozo gostoso, gemendo, choramingando, deliciada com a sensação das ondas eletrizantes que me enviam em uma espiral de prazer.

— Dean, Dean... Ah, minha nossa, Dean... — cantarolo durante o clímax, incitando-o a me apertar com mais força, a me puxar para mais perto, a arremeter seus quadris e me perfurar com seu pau rígido como uma rocha.

— Adoro quando você diz meu nome desse jeito — murmura, asperamente, tenso e embriagado pelo prazer. Ele se impulsiona contra mim mais três vezes antes de seu corpo tensionar e colapsar após o orgasmo. Suas mãos puxam meu cabelo com força e seu clímax o arrebata.

Eu o abraço apertado, pressionando a boca ao pescoço forte, me deliciando com o tremor que varre seu corpo e com o gemido gutural que escapa de seus lábios. Então o beijo, saboreando a intensidade de seu desejo incendiando cada parte do meu ser. Descemos do clímax juntos, nossos corpos escorregadios pelo suor e a evidência de nosso ato de amor.

Dean envolve minha cintura, entrelaçando os braços às minhas costas e suspirando sobre meus lábios.

— Porra, você é sexy. E me deixa louco.

Sorrio contra seus lábios, dando-lhe um beijo rápido antes de me afastar. Em seguida, pego a caixa de lenços na mesinha lateral, para nos limpar, então puxo o edredom ao mesmo tempo em que me levanto. Dean se deita e me

acomoda ao seu lado, estendendo o cobertor sobre nossos corpos emaranhados. Repouso cabeça sobre seu peito nu e sinto o beijo que ele deposita no topo.

Paz.

Esta é a sensação de paz que tanto anseio.

E com nossos corpos relaxados e moldados um ao outro, percebo que não preciso que ele cante para mim ou massageie meu pulso, ou ofereça qualquer tipo de fuga da nuvem sombria que paira sobre mim.

Ele é o suficiente.

Seu batimento cardíaco é tudo do qual preciso.

Capítulo Vinte e Sete

HUM...?

Acordo na manhã seguinte com um rabo peludo abanando meu rosto, enquanto o celular vibra na mesinha de cabeceira ao lado. Leio a mensagem recebida, mordendo o interior da bochecha.

Bom dia :)

Onde você está?

Em casa. Tive que soltar os cachorros um pouco.

Okay. Você deveria ter me acordado para se despedir.

Engulo em seco, inspirando fundo.

Você parecia tão bonitinho dormindo. Não quis te acordar :)

Alguns minutos se passam sem resposta, então começo a dar uma conferida no Facebook, agora deitada de lado na cama. Jude corre para o travesseiro oposto, e eu apoio a cabeça em uma mão, preguiçosamente vasculhando meu *feed* de notícias.

Você podia ter deixado um bilhete ou algo assim. Eu não esperava acordar sozinho.

Pisco diversas vezes, fechando os olhos por um tempo antes de conseguir arquitetar uma resposta plausível. A culpa retorce minhas entranhas quando me lembro que acordei meio em pânico, seminua e toda enroscada com Dean Asher.

Então saí fugida de lá.

Me desculpe. Não imaginei que ficaria na rua até tão tarde, e entrei em pânico. Eu não queria te deixar preocupado.

Em pânico por causa dos cachorros ou em pânico por minha causa?

Merda.

Desligo o celular e me deito de costas na cama, passando os dedos por entre os fios emaranhados do cabelo conforme inspiro e expiro, ansiosa. Quero dizer a ele que tudo se parece tão perfeito, tão certo, quando estamos vagueando pelas noites sombrias com nossas guardas baixas.

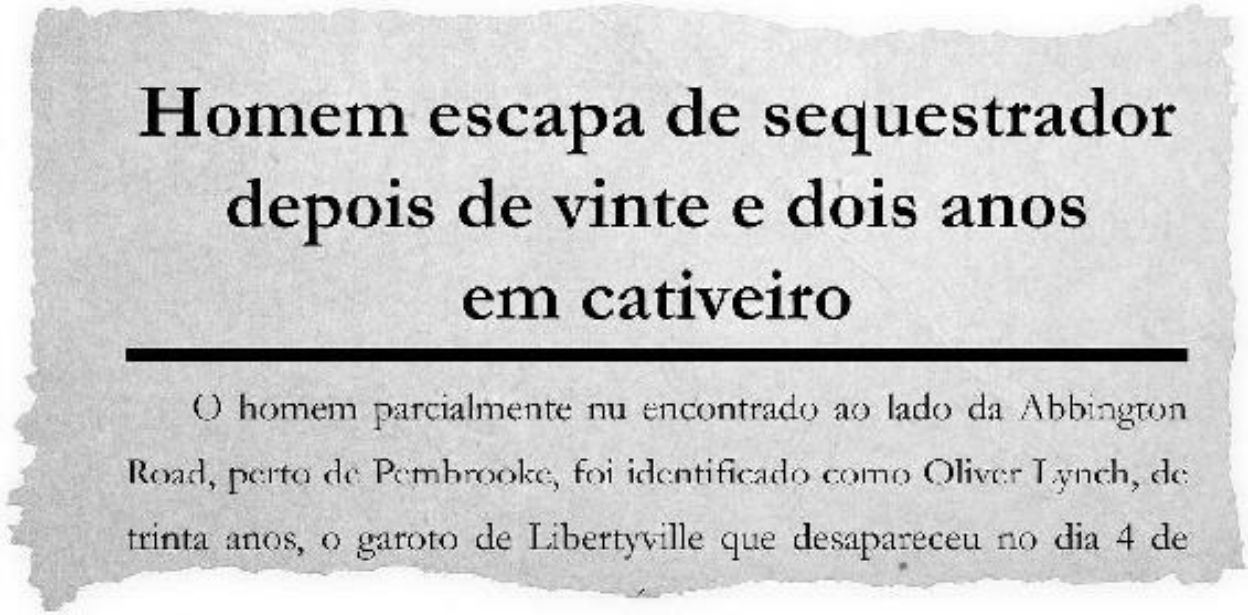
Mas sob a luz do dia, a realidade me atinge como um balde de água

gelada. Meus muros voltam a erguer – tijolo por tijolo, camada por camada, me protegendo e me mantendo segura.

No entanto, paredes são artificiais. Elas racham e desmoronam.

Estão destinadas ao fracasso.

E estou apavorada só de ver quem ainda está abrindo caminho por entre os escombros quando a poeira assenta... e quem acabou de desistir.



Homem escapa de sequestrador depois de vinte e dois anos em cativeiro

O homem parcialmente nu encontrado ao lado da Abbington Road, perto de Pembrooke, foi identificado como Oliver Lynch, de trinta anos, o garoto de Libertyville que desapareceu no dia 4 de

Sentada na companhia dos meus pais, à mesa do jantar, estou me distraindo com o celular quando perco o fôlego ao ler a manchete.

"O homem parcialmente nu encontrado ao lado da Abbington Road, perto de Pembrooke, foi identificado como Oliver Lynch, de trinta anos, o garoto de Libertyville que desapareceu no dia 4 de julho, quase vinte e dois anos atrás."

A reportagem mostra a foto do homem ensanguentado e deitado em posição fetal, sem camisa, ao lado de uma rua coberta de neve.

Meu coração se aperta.

Vinte e dois anos.

Vinte e dois anos.

— Cora, querida? Você está bem? Você mal tocou na sua comida.

Engulo em seco, encarando minha mãe, com os olhos arregalados. A bile sobe à garganta quando tento formular as palavras:

— Vocês viram esta notícia sobre o menino desaparecido que foi encontrado depois de vinte e dois anos?

Ambos cravam os olhares compadecidos em mim, e meu pai pigarreia antes de dizer:

— Vimos isso no noticiário esta manhã.

— Que horror — acrescenta minha mãe, apunhalando ervilhas com o garfo. — É um milagre que o menino tenha sobrevivido.

Pisco diante das palavras.

Será que é mesmo?

Não posso deixar de me perguntar se ele deseja nunca ter sobrevivido. Estive em cativeiro por apenas três semanas, e ainda não consigo me livrar dos pesadelos e memórias inquietantes. A ponto de eu ter atentado contra a minha própria vida.

Como ele conseguirá superar seu trauma e levar uma vida normal?

— Com licença — murmuro, afastando-me da mesa e saindo apressadamente escadaria acima até chegar ao quarto de hóspedes.

Eu me enfio embaixo das cobertas e printo a tela da reportagem, enviando na mesma hora para Dean. Nunca respondi à sua última mensagem, as palavras ainda pairando entre nós como inúmeras perguntas sem resposta e incógnitas assustadoras.

Ele lê na mesma hora, mas só recebo uma resposta cerca de dez minutos depois.

Isso é sinistro. Realmente coloca as coisas sob outro ângulo.

Para ele, nós seríamos os sortudos :(

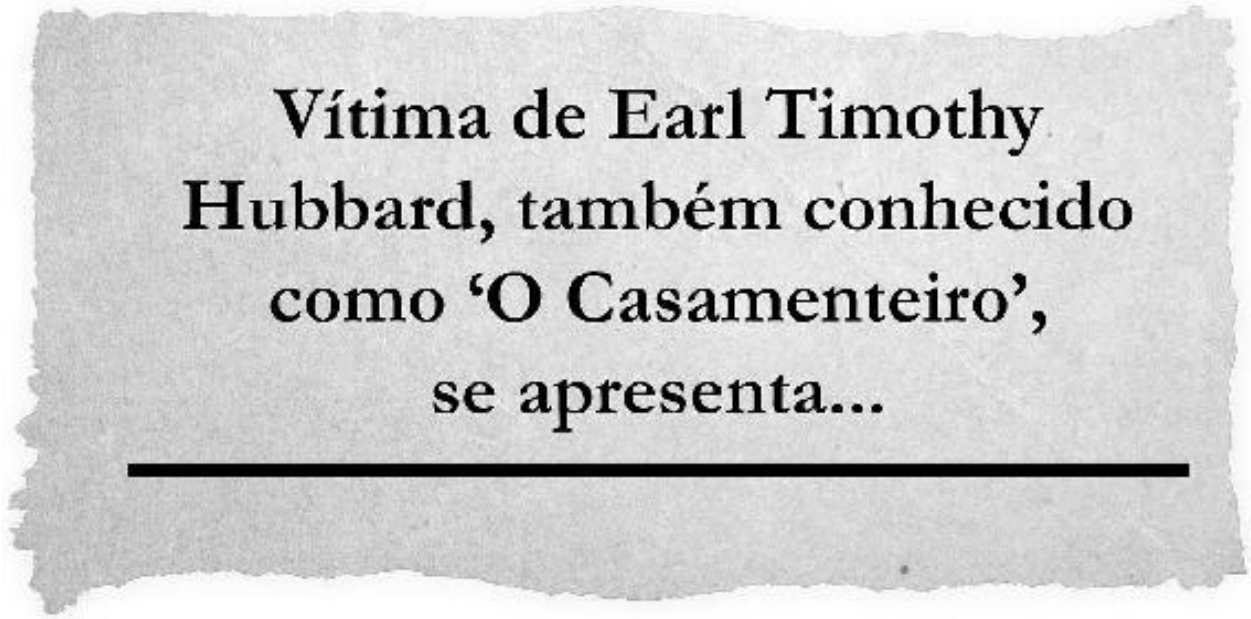
Mais alguns minutos se passam antes que meu telefone toque novamente.

Por falar nisso….. Você viu o novo desdobramento no nosso caso?

Paraliso ao ler a mensagem, sentindo o corpo ficar dormente. Eu não vi nada – na verdade, geralmente passo batido por todas as postagens e artigos que associam o nome ‘Earl’ a eles.

Não…

Apenas cinco segundos se passam quando se inicia um lento download de uma imagem printada. Assim que baixa, dou zoom na tela para ler a manchete:



Eu leio novamente. Então mais uma vez.

Sinto o estômago queimar com descrença. Há outra vítima lá fora... *viva*? Nem chego a ler a matéria inteira, e ligo para Dean na mesma hora, que atende ao primeiro toque.

— Oi.

— Ai, meu Deus. — Com a mão agora no pescoço, coço a clavícula enquanto tento me recompor. — Puta merda, Dean.

— Pois é. Eu estava lendo tudo sobre isso antes de você me mandar mensagem.

Engulo o nó na garganta.

— O que a reportagem diz? Ela deu uma entrevista? Como ela escapou?

Eu o ouço se movendo do outro lado com um leve farfalhar ao fundo.

— O nome dela é Tabitha Brighton. Ela afirma que foi sequestrada por Earl na primavera passada, junto com seu professor universitário. Eles foram mantidos no porão por dois meses, antes de Earl matar o cara e soltá-la.

— Soltá-la? — repito, perplexa. Meu coração está martelando as

costelas, meu corpo inteiro tremendo. — Ela está mentindo. Ela só pode estar mentindo. Aquele homem não tinha um único pingo de decência dentro dele... de jeito nenhum ele soltaria uma de suas vítimas.

— Não sei, Cora. Ainda é uma história em investigação, mas o lance do professor confirmou. Seu nome era Matthew Gleason e o corpo dele foi um dos encontrados no terreno.

— N-não pode ser verdade. Não há mais ninguém... — Minha respiração acelera, e eu me recosto contra as almofadas decorativas da cama, encarando o teto. — Não há mais ninguém.

— Quero dizer, faz sentido — argumenta Dean. — Foram encontrados onze corpos, mas ele sequestrava as vítimas aos pares. Pensei que eles não tivessem encontrado um deles, ou que ele tivesse dado início àquela merda doentia com uma pessoa só, antes de partir para o lance dos casais.

— Mas... por que esperar tanto tempo para se apresentar à polícia? Tantas vítimas poderiam ter sido salvas. *Nós* poderíamos ter sido salvos. — Eu me levanto da cama e começo a andar pelo quarto. — Ela deve estar mentindo. Deve estar querendo chamar atenção, está atrás de dinheiro, ou sei lá... quer fama. Ela é uma fraude, Dean.

— Corabelle… — Seu tom de voz suaviza, tentando me acalmar pelo celular. — Tenho certeza de que mais detalhes virão à tona, mas por que isso importa? O que está feito está feito. Não há como mudar nada.

— Isso importa, Dean! — exclamo. — Tessie e seu meio-irmão ainda estariam vivos, assim como inúmeros outros. Nós não teríamos sido sequestrados, no meio da noite, no seu carro... não teríamos sido algemados como cães... f-forçados a fazer... — Minha respiração acelera, os dedos ao redor do meu pescoço se apertam, minhas emoções espiralam. — Tudo seria como deveria ser. Nós ainda nos odiaríamos, você estaria casado com Mandy, e eu não

estaria aqui me perguntando como diabos consigo me impedir de me apaixonar por você.

Cubro a boca com a mão quando um pequeno gemido aflito me escapa, meus olhos inundados com lágrimas que descem queimando. Mal consigo respirar, e o som dos meus ofegos e soluços reverberam pelo quarto de hóspedes. Eu gostaria que ele dissesse algo, *qualquer coisa*, só para que minha angústia não fosse o único zumbido em nossos ouvidos.

— Cora... *está tudo* como deve ser. O destino quis assim. E quanto mais cedo você aceitar isso, mais cedo poderá se curar.

Suspiro longa e profundamente, tentando me acalmar, permitindo que suas palavras se infiltrem dentro de mim. Ele está certo, é claro. Estive presa em um estado eterno de ‘e se’s’ e ‘o que deveria ser’, ao invés de aceitar a *realidade* e trabalhar com isso. Este novo desenrolar da história, com outra vítima sobrevivente, apenas aumentou esse processo de pensamentos distorcidos. Expiro outra vez, engolindo o nó na garganta antes de dizer em um sussurro:

— Você está certo. — Ajeito o cabelo e acrescento: — É melhor eu desligar. Boa noite, Dean.

Ele fica em silêncio por um segundo, então exala um suspiro como se estivesse desapontado.

— Você não acha que deveríamos conversar sobre a noite passada?

Minhas bochechas aquecem só em lembrar.

— Hoje à noite, não. Eu sinto muito.

— Cora, não posso fazer isso.

Mordo a ponta da língua e brinco com o medalhão do colar.

— Fazer o quê?

— *Isso*. Seja lá o que for.

— Não sei o que é isso — admito.

— Bem, pois eu não posso continuar assim... nesse vai e vem. Essa porra está fodendo com a minha cabeça.

Fecho os olhos, processando o que responder, e minha mãe aparece à porta, dando uma batidinha contra o batente. Ela murmura:

— *Você está bem?*

Assinto em concordância, engolindo as palavras que estava prestes a dizer, mas num último instante sussurro para Dean:

— Tenho que desligar.

Outro suspiro frustrado alcança meus ouvidos, e o som se assemelha a uma punhalada no peito.

— Tudo bem. Boa noite.

Ele encerra a chamada, e é preciso toda a minha força de vontade para não desmoronar ali mesmo.

Minha mãe se aproxima e esfrega minhas costas.

— Você está bem, querida? Precisa conversar um pouquinho?

É. Provavelmente, sim.

Meus pais têm me apoiado incondicionalmente, apesar do crime hediondo que cometi contra sua filha favorita. Mas não tenho certeza se é porque eles realmente se importam comigo, ou se estão com medo de que eu tente mais uma vez tirar a minha própria vida, caso decidam me isolar.

Eu *deveria* me abrir... Deus sabe que um conselho maternal poderia me ajudar nesse momento.

Mas não estou pronta.

— Não. Estou bem — murmuro, acenando com a cabeça.

Com a mão no meu ombro, ela dá um pequeno afago.

— Querida, eu sei que fizemos tudo o que pudemos para evitar o tratamento hospitalar depois que você recebeu alta do hospital, mas se você acha

que isso é necessário para te ajudar, por favor, me avise.

— Não preciso ser jogada no hospício, mãe. Estou apenas tentando me ajustar.

Fiquei grata por não ter sido transferida para uma unidade de internação após a alta. Como se tratava de uma infração pela primeira vez, sem histórico de transtorno mental e sem qualquer nota de suicídio ou indicação de premeditação, fui autorizada a voltar para casa. Sei que nunca mais farei algo como aquilo de novo – por mais depressivas e assustadoras que as coisas possam estar, sei que *quero* viver. Aquela noite será para sempre uma mancha na minha memória. Será sempre o meu maior arrependimento.

— Cora, você não tem que se envergonhar caso precise de ajuda. É para isso que existem esses serviços. Você sofreu um trauma imenso nos últimos meses; não apenas o sequestro e a overdose, mas você estava *grávida*, querida. É tudo tão... tão duro de lidar...

Meu corpo retesa na mesma hora. Tento não pensar na gravidez. Eu a enterro bem no fundo das minhas lembranças, junto com todos os outros golpes inconcebíveis que tenho enfrentado desde novembro. Não penso na possibilidade de ter sido de Dean. E me recuso a pensar que poderia ter sido *dele*. Desejo mais do que tudo me tornar mãe um dia, mas não assim. Nenhuma criança merece nascer dos horrores daquele porão.

— Já disse que estou bem. Só preciso descansar um pouco — insisto, escapando de seu abraço e me afastando. — Obrigada pelo jantar.

— Cora…

Desço as escadas e pego meu casaco e chaves.

— Boa noite! — grito, desaparecendo porta afora.

Quando saio da garagem e sigo em direção ao cruzamento principal, hesito antes de escolher uma pista. Meu coração começa a bater acelerado, e

penso em *não* ir para casa. O sol se pôs e a escuridão paira no ar, disfarçando tudo aquilo que sei que está errado.

Sem pensar por mais um segundo, faço um desvio à esquerda e sigo para o lado oposto da cidade.

Pela segunda noite consecutiva, estou andando pela calçada da frente de sua casa, incapaz de ficar longe. Só que desta vez, ele está sentado na varanda, fumando um cigarro. Estaco em meus passos assim que nossos olhares se encontram, então ele exala uma nuvem de fumaça em direção ao céu estrelado.

— Você voltou a fumar — digo, baixinho, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

Sua mandíbula trava à medida que ele dá uma longa tragada, a ponta do cigarro se tornando uma brasa viva. A última vez que vi Dean fumando foi em seu Camaro, naquela noite, logo antes de Earl estilhaçar a minha janela.

E minha alma.

— Preciso de algo para aliviar o estresse.

Abaixo a cabeça, mordendo os lábios.

— Eu sou o motivo desse estresse?

Dean olha para mim através das nuvens de fumaça que espiralam de suas narinas, então chuta uma pedrinha solta por ali.

— Sim, Cora. Você é o motivo. — Ele me observa atentamente à medida que dou alguns passos lentos em sua direção. — Por que você está aqui?

Eu realmente esperava que ele não me fizesse essa pergunta, mas como resposta, apenas dou de ombros.

Ele pisca lentamente entre uma tragada e outra.

— O que diabos isso significa?

— Podemos entrar?

— Não. Estou fumando.

Reprimo minha postura defensiva e continuo a me aproximar dele. Afasto seus joelhos e me aninho entre suas coxas, retirando o cigarro de sua mão. Em seguida, eu o beijo com vontade. Dean se entrega por um breve e delicioso momento, antes de se levantar.

— Não posso... está ficando tarde. Você deveria ir para casa.

Ele se vira para entrar, sem esperar que eu siga em seu encalço, mas é o que faço. Apago o cigarro no chão, e vou atrás dele, fechando a porta da casa.

— Senti saudades.

Isso parece desencadear sua irritação, então ele se vira e vem até mim, ainda congelada perto da porta.

— Mentira. Você está aqui só para se satisfazer.

Levo um sobressalto diante de sua dedução.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Nós dois sabemos que *é* verdade, caso contrário, você não teria fugido às pressas esta manhã. Nem teria ignorado minhas mensagens o dia todo. Você não teria se recusado a conversar comigo quando te convidei a fazer isso. — Dean ergue os braços, frustrado. — Não serei seu segredinho sujo, Cora. E muito menos seu brinquedinho sexual ou sua maldita válvula de escape.

A dor brota dentro de mim, pinicando minha pele, mas eu a sufoco de qualquer jeito. Desabotoo o casaco e o largo no chão, retirando as botas em seguida. Eu me aproximo dele, ainda imóvel no meio da sala com as mãos apoiadas nos quadris à medida que respira com dificuldade. Quando estou a apenas um passo de distância, tiro minha blusa. Dean cerra a mandíbula, tenso, seus olhos me observando, examinando, o tom azul escurecendo com desejo. Com uma mão às costas, abro o fecho do meu sutiã e o deixo escorrer pelo braços até cair no chão; meu olhar ainda conectado ao dele.

Suas narinas se dilatam e os dedos cravam ao redor de seu quadril, mas ele não desvia o olhar.

— Pare.

— Você não me quer?

Estou brincando com fogo, mas as chamas são a única coisa que me mantêm aquecida.

Dean inspira profundamente.

— Quero você por inteiro, Corabelle.

Diminuo a distância entre nós, e pego suas mãos para acomodá-las sobre meus seios. Um gemido escapa por entre meus lábios quando seus polegares roçam os mamilos.

— Eu estou bem aqui.

— Não. — Ele se força a dizer isso, angustiado. Sua mão direita desliza pelo meu peito até que se acomoda acima do meu coração. — Eu quero *tudo* de você.

Eu quero isso também.

Quero jantares e noites de cinema e cafés da manhã caseiros, depois de longas e mágicas noites de amor. Quero andar de mãos dadas em público. Quero viajar de carro pelo país, ver o oceano e rir até sentir a barriga doer.

Mas ele é o Dean.

E eu sou a Cora.

E não fomos feitos para nenhuma dessas coisas.

Arrasto sua mão de volta para espalmar meu seio. Arqueio meu corpo diante de seu toque, inclinando a cabeça para trás quando nossas virilhas se recostam. Ele começa a massagear meus seios, dominado pelo desejo.

— Por favor...

Isso o leva à loucura, e com um rosnado, ele pragueja:

— Pooorra...

Seus braços se entrelaçam abaixo da minha bunda, e ele me levanta no colo; na mesma hora, enlaço sua cintura com as pernas. Ele me carrega para seu quarto, nossas bocas unidas, nossos corpos preparados para se deixarem levar, nossos corações desesperados por muito mais.

Isto é suficiente. Isto aqui está bom.

Digo isso a mim mesma quando Dean me fode por trás, de quatro em sua cama, puxando meu cabelo e marcando minha pele com os dentes enquanto sussurra safadezas no meu ouvido.

Se não posso ter tudo dele, vou me contentar com o pouco que conseguir.

Capítulo Vinte e Oito

— Senhorita Lawson?

Endireito a saia justa e me viro do quadro branco, descobrindo muitos olhares focados em mim. Olhos questionadores. Curiosos. Alguns preocupados, outros fascinados. Ajeito meu rabo de cavalo e dou um sorriso forçado.

— Sim, Jenna?

É meu primeiro dia de volta à sala de aula. *Novamente*. Primeiro foi um sequestro, depois uma tentativa de suicídio. Se meus alunos aprenderem alguma coisa comigo, espero que sejam algumas valiosas lições de vida – isso e a grandiosidade de Gatsby[7].

— Você está sangrando.

Respiro fundo e dou uma olhada em mim mesma. Minha blusa branca de botão está salpicada de gotas vermelhas. Meu olhar se desvia para o meu pulso, onde noto que o sangue está escorrendo por baixo do curativo. Sequer notei que estava coçando. Pigarreio, nervosa e envergonhada, e pego um lenço

de papel na minha mesa.

— Meu Deus, eu nem percebi. Obrigada, Jenna.

Peço licença por um momento para me limpar, o burburinho dos sussurros e conversas se infiltrando em meus ouvidos mesmo depois de eu ter saído da sala. Eu me tranco em uma cabine do banheiro para me recompor, pressionando as mãos contra a porta e me inclinando para frente, respirando fundo e lentamente. Meu olhar vagueia para as manchas de sangue visíveis no tecido branco da blusa, me marcando com uma lembrança sinistra do meu sofrimento. É como se o sentimento devastador risse e zombasse de mim, me dizendo que isso nunca vai acabar.

Respire fundo. Respire fundo.

Antes de as minhas lágrimas desaparecerem, a porta do banheiro se abre e duas colegas professoras entram, fofocando entre si. Fico imóvel quando ouço meu nome, de repente.

—... Sinto pena dela. Deve ser difícil voltar ao normal depois de algo assim.

— Mas suicídio? Quero dizer, sério. É um jeito muito louco de estragar por completo uma segunda chance na vida. Não consigo imaginar sobreviver a algo assim e depois tentar jogar tudo fora.

Observo tudo por entre a fresta da porta da cabine, segurando meu colar em um punho pegajoso pelo sangue, enquanto as duas mulheres afofam seus cabelos no espelho e reaplicam o batom.

— Você está sendo dura demais. Não consigo imaginar sobreviver a algo assim, *ponto final*. Não tenho ideia de como lidaria.

— Com álcool e sorvete, como pessoas normais? Além disso, Maryann ficou sabendo através da Kara, que a coisa toda nem foi por causa do sequestro. Teve a ver com o fato de ela ter transado com o marido da irmã, o

carinha que ficou em cativeiro com ela, daí a irmã descobriu tudo. Ela surtou geral e teve uma overdose.

— Uau. Sério?

— Foi o que ouvi.

— Merda... Cora não parece ser desse tipo. Ela é tão gentil.

— Bem, você ouviu falar da relação dela com Troy Adilman anos atrás. A garota é bem dada.

As mulheres compartilham uma risada, e sinto a náusea subir pela garganta.

— Na verdade, não dá pra culpar a coitada. Aquele Dean é *delicioso. Stalkeei* a página dele no Facebook. Honestamente, eu não me recusaria em ficar acorrentada com ele por três semanas...

A conversa acaba quando as duas saem do banheiro, e na mesma hora sou acometida por uma ânsia de vômito acima do vaso sanitário. Continuo segurando o medalhão com firmeza, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto digo, repetidas vezes:

— *Estou bem. Enquanto estiver batendo... ficarei bem.*



Eu não planejei isso.

Chame isso de insanidade, ou de algum tipo de encerramento distorcido – independente disso, não foi planejado.

Estaciono meu carro perto do meio-fio em Hawthorne Lane, um bairro antigo sem calçadas e com uma abundância em árvores desfolhadas. Minhas botas esmigalham a fina camada de neve congelada. Enrolo ainda mais o cachecol ao redor do pescoço, me sentindo aquecida pelo nervosismo à medida que sigo pela passarela. Quando chego à porta da frente, fico um tempo com a

mão erguida no ar, antes que meus nódulos dos dedos toquem na tela de metal. Ainda há uma guirlanda natalina pendurada, orgulhosamente exposta, mesmo sendo final de fevereiro.

Ela ainda está tentando se apegar a algo alegre, muito tempo depois de ter passado por aquilo.

Fecho os olhos com força, cerrando os dentes, e abaixo a mão.

Não posso fazer isso.

Mas antes que possa fugir apressada dali, a porta se abre, revelando uma bela e jovem mulher com um longo cabelo preto. Sua pele é branca como a neve que recobre o chão, e os olhos castanhos da cor de chocolate cintilam ao me reconhecer, embora nunca tenhamos nos encontrado anteriormente.

E então vejo algo *mais* naqueles olhos – algo com o qual estou muito familiarizada. Algo inquietante, visceral e doloroso... algo que nos amarra e nos une como um laço sanguíneo.

Naquele momento, chego à conclusão de que sua história é verdadeira, e sinto a culpa me corroer por dentro simplesmente por ter duvidado disso.

— Tive a sensação de que você viria me procurar. Entre.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas apenas exalo uma expiração aguda, espiralando o vapor por conta do frio. Balanço a cabeça e passo pela soleira da porta.

— Sinto muito por aparecer aqui sem avisar. Eu não tinha certeza de como entrar em contato com você. Meu nome é...

— Cora Lawson. Eu sei. — Tabitha dá um sorriso sutil, fechando a porta. Compartilhamos um olhar comovido, perspicaz, e ela me guia até um sofá marrom na sala de estar. — Sente-se. Tenho certeza de que você tem perguntas.

Retiro as luvas, devagar, então arranco o gorro da cabeça, e meu cabelo cai livre pelas costas ao me sentar.

— Eu realmente sinto muito. Isso talvez seja inapropriado.

— Nada lá fora pode ser considerado demais para mim — diz ela, seu sorriso ainda persistente. Tabitha se senta à minha frente, em uma cadeira de balanço. — Pensei em entrar em contato com você, mas sei que suas feridas são muito mais recentes que as minhas. Eu não queria atrapalhar seu processo de cura.

Franzo os lábios, me sentindo uma idiota. Não tive o menor problema em aparecer à sua porta, invadindo e dificultando sua vida. *Argh*.

Tabitha mantém o olhar firme ao meu, inclinando a cabeça de lado.

— Não se sinta mal, Cora. Talvez seja bom, para nós duas, conversarmos sobre isso. Um lance terapêutico, sabe? — Ela retorce as mãos no colo, com um suspiro. — Ninguém realmente entende o que passamos.

Eu a avalio, acenando em concordância. Caramba, ela é muito bonita, como uma boneca de porcelana ou até mesmo a Branca de Neve... se a princesa tivesse olhos assombrados e angustiados.

Mil perguntas se atropelam na minha cabeça, porém mordo o lábio inferior antes de sondar:

— Você se apaixonou pelo Matthew?

Seus olhos amendoados se arregalam e cintilam diante da minha primeira pergunta.

— Hmm... — Respira com um pouco de dificuldade, sacudindo a cabeça e desviando o olhar. — Sim. Intensamente.

Ai, meu Deus.

Uma vontade súbita de chorar me domina, e tudo o que consigo dizer é:

— Sinto muito.

— Eu também — ela sussurra, baixinho, os olhos agora marejados. —

Matthew foi minha rocha o tempo todo. Ele me deu esperanças. Ele me fez sentir segura. Ele era realmente minha…

Dizemos ao mesmo tempo:

— Tábua de salvação.

Nossos olhares se encontram, inexpressivos e desolados.

Tabitha mordisca os lábios, levando um tempinho para recobrar a compostura antes de me encarar outra vez.

— Vai parecer horrível o que vou dizer agora, mas quando sua história ganhou a mídia, Cora, eu senti um ciúme absurdo de você.

— Sentiu ciúme?

— Sim. Vocês *dois* conseguiram. Juntos. — Tabitha coloca uma mecha do cabelo atrás da orelha e olha por cima do meu ombro. — Eu vi aquela foto de vocês dois de mãos dadas. Parecia o fim de um evento terrível, mas o começo de algo lindo.

Mal percebo que as lágrimas estão deslizando pelo meu rosto, conforme balanço a cabeça em negativa.

— Ele é o noivo da minha irmã... ou *era*, na época. Não há nada de bonito nisso. — Inspiro, aflita. — Tem sido um pesadelo.

— Eu daria tudo para viver o seu pesadelo. O meu é muito solitário. — Ela abaixa a cabeça diante das emoções subindo à tona. — Ainda posso ouvi-lo sussurrando '*eu te amo*' repetidas vezes enquanto sangrava naquele piso de cimento, acorrentado ao poste. E eu estava completamente impotente para salvá-lo.

Ah, não. Eu me levanto do sofá, arquejando, desesperada.

— A-acho que n-não consigo ouvir isso.

— Só estou tentando mostrar como *poderia* ter sido. Você é realmente abençoada, Cora. Os dois sobreviveram.

Eu me sinto nauseada e meio zonza, e tudo que quero fazer nesse instante é me jogar nos braços de Dean, retribuindo seu abraço. O pensamento surge como um clarão na minha mente – sua vida se esvaindo no chão daquele porão. É demais para lidar.

Tento redirecionar meus pensamentos e me centrar.

— Vocês... vocês sentiam alguma coisa, um pelo outro, antes do sequestro?

Eu me sento outra vez sob o olhar atento de Tabitha.

— Na verdade, não. Quero dizer, ele era meu professor e era lindo. Ele usava esses óculos com armação grossa e preta durante nossas aulas, e isso o deixava muito parecido com o Clark Kent. Todas as garotas babavam por ele. — Ela sorri, melancolicamente, relembrando as coisas em sua mente. — Trocamos alguns olhares furtivos aqui e ali. Houve uma conexão. Uma química, sabe? Mas ele estava fora dos limites. Uma noite, ele me acompanhou até o meu carro, depois que fiquei até tarde fazendo um trabalho da faculdade, e foi quando...

Ela fica quieta e eu fecho os olhos.

— Como você conseguiu sair?

Tabitha abraça seu próprio corpo, em busca de calor.

— Earl passou a gostar de mim. E não conseguiu me matar.

— Minha nossa, nunca poderia imaginar algo assim. Ele parecia totalmente vazio de sentimentos.

— Eu também achei, mas me esforcei muito para estabelecer uma conexão com ele. Eu fingia gostar quando ele... — Cerra a mandíbula. — Bem, você sabe. Desenvolvi uma espécie de relacionamento com ele. Manipulei suas emoções, as poucas que ele possuía, de qualquer maneira. Ele me disse que eu era seu bichinho de estimação favorito.

Meu estômago embrulha com a náusea.

— Por que você não se apresentou à polícia antes?

Ela brinca com as franjas douradas de sua bata de mangas compridas, e um silêncio se estabelece entre nós por alguns instantes.

— Eu fui à polícia. Eu tentei.

— O quê? Eles não acreditaram em você?

Tabitha se recosta à cadeira, impulsionando-a com os pés.

— Earl nunca nos disse seu verdadeiro nome, então eu não tinha nenhuma informação concreta. Eu não fazia ideia de onde estava; ele me nocauteou e me deixou na beira de uma estrada a cinquenta quilômetros de distância. Relatei a história aos detetives e fiz um retrato-falado, mas eles não tinham nenhuma pista. A única coisa que eu tinha era aquele porão.

Abaixo a cabeça, assentindo, me sentindo horrível por tê-la chamado de mentirosa, uma fraude, antes de sequer saber sua história. Lembro-me das duas professoras no banheiro da escola, mulheres com quem fiz amizade nos últimos anos, me julgando erroneamente. Menosprezando meu trauma para que se encaixasse em sua rodinha de fofocas insignificantes. Lanço um olhar para a mulher à frente, deparando com sua expressão abstraída enquanto encara o tapete colorido sob os pés.

— Você é muito corajosa — atesto, com gentileza, esperando que seu olhar se concentre em mim outra vez. — Eu não teria conseguido superar isso sozinha.

Tabitha dá um leve sorriso, então gesticula com a cabeça para algo às minhas costas, no canto da sala.

— Não estou inteiramente sozinha.

Franzo o cenho e me viro, ofegando ao avistar uma cadeirinha de balanço infantil. Uma bebê pequenina está dormindo placidamente, imóvel e quietinha, enrolada em um cobertor rosa de ursinhos. Limpo as lágrimas com as

pontas dos dedos, sentindo o peito apertar, tanto com a alegria quanto com angústia.

— Ela é... ?

— Ela é do Matthew — Tabitha confirma. — Ele me disse que sempre estaria comigo, não importava o que fosse acontecer. E ele estava dizendo a verdade. — Seu sorriso brando floresce ao admirar a filha. — O nome dela é Hope.

Eu me desfaço ali mesmo.

Cubro o rosto com as mãos, aos prantos, sentindo as lágrimas escorrendo por entre os dedos. Meu corpo estremece diante dos soluços convulsivos, e mal consigo respirar. Tabitha se senta ao meu lado no sofá e envolve meus ombros com o braço. Eu choro por essa mulher corajosa, criando sozinha o bebê de seu amado. Choro por Matthew, que não teve a chance de conhecer a filha. Choro pela pequena Hope, fruto de algo tão horrível e traumático, ainda assim, tão tragicamente belo.

E choro pelo meu próprio bebê que nunca nasceu.

Tabitha toca meu medalhão com as pontas dos dedos, e eu prendo a respiração, secando as lágrimas com as costas da mão. Observo seu toque cuidadoso quando ela abre o coração e lê o que está escrito:

— Enquanto o seu coração bater. — Seu tom, de alguma forma, surpreso.

Dou uma fungada e sorrio em seguida.

— Dean me deu de presente de Natal. Ele me dizia que enquanto meu coração ainda estivesse batendo, eu estaria bem. É um lembrete para quando as coisas se tornarem insuportáveis demais para lidar.

— Uau... — Tabitha sorri, passando o dedo sobre as letras gravadas na joia. — Que presente incrível.

Meu olhar se desvia para o pacotinho rosa à esquerda.

— Nós duas ganhamos presentes incríveis.

Passamos a hora seguinte compartilhando histórias – algumas comoventes, outras doces. Fiz uma amiga nesta jovem tão forte e corajosa. Uma perspectiva de cura e perseverança. Uma alma gêmea. Trocamos números de telefone e prometemos manter contato, e essa é uma promessa que pretendo cumprir.

Ela me acompanha até a porta e nos despedimos, mas antes que eu me afaste, ela diz:

— Ei, Cora... Você pode dar um recado meu ao Dean?

Eu me viro para encará-la na passarela coberta de neve.

— Claro. Que recado?

— Diga a ele que agradeço por ter pulverizado aquele filho da puta dos infernos.

Nossos olhares se mantêm conectados por um tempo, e um sorriso incontido se espalha pelo meu rosto.

---

[7] Referência ao clássico literário *O Grande Gatsby*, do autor americano F. Scott Fitzgerald.

Capítulo Vinte e Nove

Esquiva se tornou minha nova palavra favorita.

Meus pais querem me ver?

Evito a todo custo.

Lily quer sair para beber?

Evito sem dó.

Mandy publica memes ambíguos sobre confiança quebrada e traição em todo o Facebook?

Evito entrar na rede social.

Dean quer conversar?

Bem…

Não. Evito terminantemente.

É sexta-feira à noite, e uma batida soa à porta da frente. Estou me perguntando qual das minhas esquivas já se cansou da minha merda e está aqui para me estapear. Os cães me seguem até a porta, e quando espio pela janelinha

quadrada da porta, vejo Lily com as mãos pressionadas contra o vidro, formando um coração. Ela dá uma baforada por entre as mãos e deixa a figura condensada ali mesmo.

Abro a porta, tentando fingir irritação, mas meu sorriso me trai.

— Achei que você tivesse uma festa para ir hoje à noite.

— E tenho. — Lily pega a sacola do chão e a ergue com orgulho. — Você é a festa, Cora. Comprei um vinho barato que vai te dar uma puta dor de cabeça, daí tudo na sua vida vai parecer um conto de fadas mágico, com Henry Cavill cavalgando um unicórnio pelado, por campos e mais campos feitos de sorvete de baunilha com gotas de chocolate e um êxtase orgástico.

Eu pestanejo.

— O unicórnio está pelado? Isso é estranho.

— Não, idiota.

— Ah, tá... você deveria ter descrito assim, então: *um Henry Cavill, pelado, cavalgando um unicórnio.*

Lily balança a cabeça de um lado ao outro, e empurra a porta para passar com sua sacola de ‘enxaqueca’.

— Cara... não venha dar uma de professora pra cima de mim.

— Quero dizer, toda essa imagem mental pareceu bem perturbadora, para ser sincera...

Ela me bate com a sacola e descalça as botas.

— Também trouxe pipoca de micro-ondas e uma caixa de lenços de papel para o momento em que, inevitavelmente, cederemos às emoções alcóolicas.

Observo Lily perambular da minha sala à cozinha, colocando a sacola sobre a mesa e tirando garrafas de vinho. Não posso deixar de me sentir tocada com o gesto, secretamente grata pela companhia. Distanciamento tem o efeito

colateral desagradável de extrema solidão. *Impressionante*.

Depois de três taças de vinho e dois episódios de *"Disque amiga para matar"*, no Netflix, Lily se vira para mim no sofá, e me encara com aqueles olhos de butuca. Dou uma olhada de relance em sua direção, mas desvio rapidamente para a TV, jogando um punhado de pipoca na boca.

— Pare de me olhar assim.

— Assim como?

— Como se estivesse arrancando segredos da minha alma.

Lily coloca os pés no sofá, ainda me encarando.

— Então você admite que está guardando segredos.

— Não.

— Mentirosa. Diga-me o que está acontecendo com Dean.

Enfio mais pipoca na boca.

Esquive-se do assunto.

Tento me distrair com a série, mas James Marsden meio que se parece com Dean, com aquele cabelo escuro e os lindos olhos azuis, e puta merda, Lily ainda está olhando para mim.

— Não. Vá embora.

— Tudo bem, mas vou levar o vinho comigo.

— Okay.

Ela geme em protesto, cutucando meu joelho com os dedos dos pés.

— Não vou tomar o vinho de você. Eu não faria isso. E estou muito empolgada com o episódio para sair agora, mas... mesmo assim, me conte, Cora.

Continue evitando.

— Cora, eu juro por Deus...

— Tá, tudo bem... — Minhas bochechas começam a esquentar quando pensamentos sobre Dean surgem abaixo da minha armadura. — O que você quer

saber?

— Hmm, você afundou os pés até o talo?

Cuspo o vinho na mesma hora.

— Não faço ideia do que isso significa, mas parece depravado.

— Você está dançando o mambo do colchão?

— Pelo amor de Deus, pare.

— Ele está te jogando uma linguiça quente?

— É sério, eu te odeio.

Lily começa a rir com vontade, o corpo tombando para frente até a cabeça golpear o meu ombro.

— Não seja tão puritana — caçoa, me dando um tapa.

Um sorriso curva meus lábios quando desvio o olhar para minha amiga.

— Eu não diria que sou uma puritana…

— Okay, *agora* estamos chegando a algum lugar. — Lily se senta, ansiosa, totalmente de frente para mim. — Você estão, não é? Puta merda, Cora. Você e Dean? Puta merda.

— Você disse isso duas vezes.

— Vou dizer de novo: *puta merda*. — Ela pula para cima e para baixo como se fôssemos adolescentes trocando confidências sobre nossas experiências de primeiro beijo. — Você sabe que preciso de todos os detalhes sórdidos, começando pelo tamanho do pênis. Anda logo!

Eu simplesmente não aguento essa mulher.

Sacudo a cabeça e dou um suspiro profundo, dominada pelo nervosismo.

— Está tudo uma zona, Lily. — Abaixo a cabeça, esboçando um sorriso. — Uma zona *deliciosa*.

— Minha nossa, isso provavelmente significa que a coisa tá pegando *fogo*. A tensão sexual que sempre existiu entre vocês ainda somou com o lance de vida ou morte? — Ela suspira fundo, abanando-se em um gesto dramático. — Então, vocês estão juntos? Tipo, namoro oficial?

E lá vai o balde de água gelada.

— Não. *Não*. Claro que não... é só sexo.

— Como pode ser só sexo depois de tudo pelo qual vocês passaram juntos? Não há sentimentos envolvidos?

Ah, com certeza, há sentimentos envolvidos. Uma tonelada deles. Na verdade, esses sentimentos estão se alastrando pelo meu peito agora, alojando-se na minha garganta.

— É... muito complicado. Definitivamente, há sentimentos, mas não há nada que eu possa fazer sobre eles. Estou meio que mantendo-o à distância.

Lily entrecerra os olhos, como se estivesse tentando ler nas entrelinhas.

— Então, você só trepa com ele e se manda?

— Seu vocabulário me preocupa — brinco, evitando a pergunta.

Evite, evite, evite.

Mas é meio difícil evitar alguém sentado a poucos centímetros de distância, olhando para você com meias com estampa da Taylor Swift.

— Acho que essa é uma maneira de dizer — abrando o tom. — Eu basicamente apareço na porta dele algumas vezes por semana e fazemos um sexo louco, incrível e violento. Então saio de lá antes do nascer do sol e o evito até a próxima vez em que o procuro. No começo, ele até tentava conversar, mas acho que está apenas aceitando nosso destino neste momento.

Mordiscando os lábios, percebo que pareço uma prostituta do caralho falando dessa forma. Estou longe de ser do tipo safada – não que haja algo de

errado com isso, na verdade. Eu gosto de sexo, mas só estive com três caras antes de Dean. Com dois deles, me relacionei super sério, até que me traíram; e teve o lance com Troy Adilman, que foi mais uma transa de uma noite só, para perder a virgindade à base de muita bebida alcóolica. E Dean... bem, ele tem uma categoria própria.

Os olhos de Lily estão ficando cada vez cerrados, o que significa que ela ainda está tentando me entender e tentando evocar algum tipo de conselho de melhor amiga que, provavelmente, será terrível.

— Isso parece sexy e deprimente ao mesmo tempo — diz ela, após alguns minutos de consideração. — Mandy sabe?

Meu estômago revira à menção do nome de Mandy, enviando ondas de náusea pela garganta.

— Ela sabe que transamos, mas não que *ainda* estamos fazendo isso. Não conversei com ela desde que tive alta do hospital. Eu... realmente não sei o que dizer.

— E seus pais? De que lado eles estão?

Eu me remexo no sofá, me sentindo meio desconfortável.

— Eles afirmam que estão do lado das ‘filhas’, o que tenho certeza de que é um código secreto para ‘Time Mandy, mas, sem que Cora saiba’. Eu só os vi uma vez nas últimas semanas e foi um jantar estranho sem muita conversa.

— Você sempre achou que seus pais amavam sua irmã mais do que a você, porém nunca tive essa impressão, e olha que te conheço há muito tempo. Eles, provavelmente, *estão* em ambos os lados.

Tento sufocar a amargura que me apunhala.

— Aos olhos deles, Mandy nunca faz nada de errado. Ela era a rainha do baile perfeita, com o namorado perfeito do ensino médio, e eu sempre fui a garota teimosa e *nerd* que se recusa a se conformar na vida. Mandy sempre

ganhava festas de aniversário chiques, e os elogios mais exagerados. *“Meus parabéns, Mandy! Você aprendeu a amarrar os cadarços e só tem nove aninhos”*. Ou algo do tipo: *“Ai, meu Deus! Mandy tirou uma nota 9 na prova final”; “Uau! Mandy tirou a carteira de motorista e bateu uma vez, mas foi uma batidinha de nada”...* — Fiz uma pausa para recuperar o fôlego, a mágoa subindo à tona. — Tudo o que recebi foi um tapinha nas costas. Agora, sou a vergonha da família... a filha que foi sequestrada por um psicopata, a que dormiu com o ex da irmã, e a filha que teve uma overdose com suas pílulas para dormir.

Lily se encolhe, erguendo as mãos.

— Toquei num ponto sensível. Entendi.

— Desculpe. — Estremeço por ter soltado a língua. — É culpa do vinho.

Ela estende a caixa de lenços de papel.

— Por isso trouxe isso — brinca. — E só para constar, literalmente, seu único defeito foi gostar mais do *NSYNC do que dos Backstreet Boys. Não fosse isso, você é o exemplo da perfeição.

Nós compartilhamos um sorriso, o elogio levando embora toda a minha turbulência emocional. Antes que consiga responder, meu celular vibra no bolso.

É uma mensagem de Dean.

Eu sinto sua falta.

Lily o arranca da minha mão, e quase desmaia no sofá.

— Awww, meu Deus, isso é tão fofo. Os caras só me mandam mensagens quando sentem falta da minha vagina.

— Tenho certeza de que é isso que ele está insinuando. — Dou de ombros.

— Desculpa, mas não é o que parece.

Lily começa a responder à mensagem e eu entro em pânico, tentando recuperar o telefone.

— De jeito nenhum! Pode me devolver.

Aos risos, ela pula do sofá, os polegares digitando freneticamente. Corro atrás dela pela sala, e quase a bloqueio como um jogador de futebol americano.

— Tá bom, tá bom! Não precisa surtar! Toma.

Lily joga o aparelho e verifico se ela causou algum estrago.

Eu preciso da sua mortadela avantajada.

— Lily! Puta que pariu! — praguejo, olhando para a maldita mensagem e depois para ela, se dobrando de tanto rir. — Eu te odeio *tanto*.

Um alerta vem em seguida, e mesmo com medo, me obrigo a visualizar a mensagem.

Oi, Lily...

Sacudo a cabeça, morrendo de vergonha por causa de sua imaturidade, e digito minha própria resposta.

Desculpe. Ela é terrível.

Até que foi bem engraçado...

Não foi, não.

Argh. Largo o telefone nas almofadas, observando Lily se recuperar do

ataque de risos.

— Como você consegue ser a pior e melhor pessoa do mundo? — reflito, desabando no sofá com um bufo.

Lily dá de ombros, juntando-se a mim.

— Esse é um dos meus muitos talentos, além de cantar o alfabeto de trás para frente e fazer jardinagem.

Tento me concentrar de novo no episódio que perdemos totalmente, mas Lily me dá uma cotovelada nas costelas.

— Ai! O que foi?

— E aí?

Eu a encaro, sem piscar.

— Você vai convidá-lo para vir aqui?

Dou uma risada de deboche, voltando a olhar para a TV.

— Não. Porque essa é uma péssima ideia.

— Assim como beber vinho barato, mas fazemos isso de qualquer maneira.

— Uma má decisão é suficiente para mim esta noite.

Lily solta um suspiro, mas não insiste no assunto, e agarra uma das minhas almofadas, murmurando em seguida:

— Se você diz...



Uma hora depois, Dean está me curvando sobre a mesa da cozinha, me fodendo por trás enquanto cravo as unhas na madeira. Ele puxa meu cabelo, me obrigando a virar o rosto para o dele, e eu sussurro seu nome contra seus lábios – porque sei que isso o deixa com um baita tesão.

Ele serpenteia sua mão ao redor da minha cintura, deslizando-a pela

barriga até alojá-la no destino – entre minhas pernas. Estou com a calça de moletom ao redor dos tornozelos, e arqueio o corpo em reação ao seu toque, gemendo assim que os dedos encontram meu clitóris.

— Ah, minha nossa...

Dean me leva ao frenesi, afastando os lábios dos meus e atacando minha garganta com sua língua.

— Você está sempre tão molhada. Eu adoro isso.

Exalo um suspiro audível, já perto do orgasmo conforme me pressiono à mesa. Dean arrasta os dedos pela minha nuca, recolhendo meu cabelo comprido em um punho, arremetendo com força enquanto me dedilha com a outra mão.

Puta, puta, putaaaaa merda.

Isso não deveria ser tão gostoso assim.

Por que isso é tão bom?

— Goze pra mim, Cora — ele ordena, inclinando-se em cima de mim, o peito colado às minhas costas, martelando os quadris com uma intensidade surreal.

Eu desmorono.

Cravo as unhas na mesa da cozinha, com certeza deixando marcas, e meu corpo convulsiona ao redor do dele, me arrancando um grito de prazer.

Dean sussurra no meu ouvido, à medida que desço da onda avassaladora, e afasta meu cabelo, diminuindo o ritmo de seus impulsos:

— Essa é minha garota.

Sem nem ao menos ter tido tempo para me recuperar, ele se retira e gira meu corpo, me posicionando sentada em cima da mesa e se acomodando entre minhas pernas. Ele me beija e me penetra, as mãos ladeando meus quadris; sem hesitar, entrelaço os tornozelos logo acima da sua bunda. Suas estocadas são

lentas e regulares, e já sinto a pressão se avolumando novamente quando interrompe o beijo e mantém o olhar fixo ao meu.

Deus, seus olhos. Eles serão minha ruína.

Eu desvio o olhar, me sentindo sobrecarregada pelos sentimentos espiralando dentro de mim. Muito íntimos, muito poderosos, muito reais.

Isso não pode ser mais do que sexo.

Dean segura meu queixo entre os dedos, gentilmente virando meu rosto para encará-lo.

— Por que você não pode olhar para mim, Cora? — Ele ainda está impulsionando contra mim, mas não com tanta força. Não tão rápido. Seus golpes são lânguidos e deliberados, quase como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

No entanto, a última coisa que quero fazer agora é falar sobre nossos sentimentos, ainda mais quando ele está enterrado tão fundo dentro de mim, então seguro seu rosto entre as mãos e tomo sua boca com a minha. Enfio a língua por entre seus lábios, e seus quadris aceleram o ritmo quando nossas línguas começam a dançar. Sou uma flecha em seu coração – uma adaga em suas defesas. Ele sabe o que estou disposta a dar, e decide tomar cada pedaço, cada respiração, cada migalha acidental.

E então estamos nos esfregando um ao outro, nos arranhando com nossas unhas e dentes, línguas depravadas e vorazes; nossos corpos dominados por um desespero visceral. Abro a boca para falar, de repente, desejando mais. Nunca saberei se a culpa foi do maldito vinho, ou se talvez eu estivesse irremediavelmente destruída, mas duas palavras me escapam e paralisam Dean na mesma hora:

— Me amarre.

Ele olha para mim, uma leve camada de suor cobrindo sua testa; seus

olhos agora arregalados e apreensivos. Dean cessa os movimentos, e até sua respiração se torna superficial. Eu o encaro, desejando poder engolir novamente essas palavras vis.

Ele esvazia, como um balão, como um animal ferido e acuado. Como se eu tivesse roubado algo precioso de suas mãos. Dean se retira de dentro de mim e recosta a testa à minha, ambos em silêncio por um segundo, minhas pernas ainda envolvendo sua cintura.

— Caralho... — murmura, mas não por raiva, muito menos por despeito. Parece desesperança. Ele se afasta de mim e recua um passo, puxando o jeans para se cobrir.

Meu rosto aquece de embaraço; ainda estou apoiada contra os cotovelos à mesa, totalmente exposta. Sinto que ele pode enxergar tudo dentro de mim, o meu âmago atormentado, onde meus fantasmas e partes mais sombrias são totalmente vulneráveis. Eu me ergo e desço da mesa, subindo a calça de moletom sem olhar para ele.

— Mas que merda é essa, Cora?

Dou uma olhada de relance enquanto ajeito o cabelo desgrenhado. Dean está à minha frente, as mãos apoiadas nos quadris, o olhar atento e cauteloso.

— Não foi nada. Esqueça isso... — Passo por ele intempestivamente, e sigo para o meu quarto. — Acho que terminamos aqui, não é? Então fique à vontade para ir embora.

Ele segue em meu encalço.

— Não. Nós precisamos conversar sobre isso.

— Não há nada para falar.

— Você está se sacanagem? — Segura meu pulso, me girando assim que entramos no quarto. Seu tom é sério, seus ombros cedem em derrota. — Isso

não está certo.

— Então vá embora. Não estou te segurando aqui.

A mandíbula forte cerra, e é nítido que ele está tentando reprimir a frustração.

— Achei que poderia fazer isso. Pensei que poderia viver com o mínimo, os restos que está disposta a me dar... mas isso está *acabando* comigo. Está acabando com a gente.

Devagar, faço questão de enfatizar cada palavra ao repetir:

— *Então. Vá. Embora.*

— É isso mesmo que você quer? — Ergue as mãos, apoiando-as nos meus ombros, segurando o fôlego. — Porque quando eu sair por aquela porta, não vou voltar.

Suas palavras fazem algo ao meu coração. Elas envolvem o órgão sangrando, deixando-o destroçado.

— Não posso ter o que quero — digo, com a voz débil e arrasada.

Dean suspira fundo e abaixa a cabeça.

— Isso não é saudável, Corabelle. Não podemos seguir em frente assim. Não podemos nos *curar* desse jeito. Você me disse, naquela noite no *The Oar*, em seu carro, que eu a estava segurando debaixo d'água, que não a estava deixando respirar, e eu me recusei a acreditar que isso fosse verdade; eu queria acreditar que *precisávamos* um do outro. Que tínhamos que nos manter unidos e sair dessa merda juntos. — Ele balança a cabeça, o olhar contrito. — Mas você estava certa. Estamos nos afogando aqui... e vou acabar te perdendo se não subirmos à superfície para respirar.

Minhas emoções começam a planar como ondas se quebrando, me encharcando com as verdades amargas.

— Não quero te perder, mas não sei como ficar com você. — Minhas

lágrimas escorrem sem controle, pousando em meus lábios, com gosto o gosto salgado do mar. — Estou afundando.

— É por isso que temos que parar, Cora. — Dean aperta meus ombros e vejo a agonia evidente em seus olhos. — Preciso de você saudável. Preciso que se recomponha, que volte a sorrir com vivacidade, radiante. Acho que você ainda está vivendo naquele porão, e quanto mais ligada a mim, mais ligada continuará àquele *lugar* do caralho. Você precisa dar o fora de lá. Precisa se libertar.

Balanço a cabeça, desesperada, meu semblante como uma máscara de aflição e sofrimento.

— Não posso te deixar.

— Então *me* permita deixar *você*.

— Não. Dean... por favor. — Agarro o tecido de sua camisa em meus punhos. Segurando como se minha vida dependesse disso. — Você disse que podíamos recomeçar. Talvez só precisemos de alguns dias para pensar e nos recompor, e então...

— É tarde demais. — Beija minha testa, inspirando profundamente. — É tarde demais para recomeçar.

Levanto a cabeça e pressiono meus lábios aos dele.

— Mas eu... — Então paro de falar. As palavras ficam embargadas na garganta.

Dean emoldura meu rosto com as mãos, me beijando novamente, leve e terno.

— Você o quê? — Ele se afasta para encontrar meu olhar, afagando meu cabelo.

— Eu te amo.

Acho que nossos corações saltam uma batida – a *mesma* batida. E

sinto que isso deve significar alguma coisa.

Os olhos de Dean se fecham lentamente, como se ele estivesse se deliciando com essas palavras, repetindo-as diversas vezes em sua mente. Esculpindo-as na camada mais profunda de sua alma.

— Merda — ele murmura, baixinho. — Você está tornando isso tão difícil.

Fico na ponta dos pés para capturar outro beijo, só que este está transbordando e incendiando tudo o que há no meu coração. Paixão, possessividade, amor, desejo, *necessidade*. Posso saborear sua hesitação à medida que ele batalha consigo mesmo. Certo e errado. Sim e não. Ficar ou ir embora.

Dean me envolve em um abraço feroz, me puxando contra o seu corpo, nossas bocas se devorando em um desejo brutal. Sua língua acaricia a minha e, por um momento, nos perdemos nas sensações. Estamos bem. Ainda estamos nadando.

No entanto, ele recua, arfando, e esfrega o rosto com as mãos.

— Droga. Eu preciso ir, Cora. Preciso pensar sobre isso.

Dou um passo à frente. Ele retrocede três passos.

— Dean...

— Tenho que pensar. Me desculpe.

Abaixo o olhar, engolindo o colapso que sobe à margem. Retorço as mãos, o joelho quicando para cima e para baixo por conta da ansiedade.

— Tudo bem, então. É só ir embora.

— Cora, não torne isso mais difícil. Estou tentando fazer a coisa certa aqui.

— *Vá*... — Tudo vem borbulhando à superfície: raiva, descrença, tristeza, rejeição. Confesso meu amor e ele ainda quer ir embora. Eu me sinto

dilacerada. Desmantelada. — Vá embora. Vá! Apenas saia daqui.

Tento desviar o olhar para longe dele, mas não consigo me conter. Olho para cima quando Dean recua mais dois passos. Sua cabeça está balançando de um lado ao outro, o semblante fechado e em conflito, e posso jurar que seus olhos estão inundados de lágrimas. Mas ele continua andando para trás.

Ele continua se afastando.

E quando a porta da frente se fecha, eu desmorono.

Dean disse que precisávamos subir à superfície para recuperar o fôlego, mas não entendo. Não faz sentido nenhum para mim.

Ele se foi... e não consigo respirar.

Capítulo Trinta

A semana seguinte passa em um borrão. Entrei no piloto-automático para conseguir trabalhar sem entrar em colapso, ostentando um sorriso excessivamente forçado no rosto. Meus alunos estão inquietos e distraídos com as férias de primavera se aproximando, o que funciona a meu favor, porque acho que eles sequer notam minhas olheiras profundas e o constante tremor das minhas mãos.

Atravesso o estacionamento da escola, na sexta-feira, suspirando profundamente quando, por fim, entro no meu carro. Meus dedos agarram o volante com força, conforme a tensão que mantive o dia inteiro – a *fachada* – começa a se desmanchar.

Somos apenas eu e meus demônios emocionais agora.

No entanto, somos interrompidos quando meu telefone vibra com uma nova mensagem de texto, e fico surpresa ao ver o nome de Mandy.

Encontre-me na sorveteria às 4:30h.

Franzo o cenho, e meus joelhos começam a tremer ao continuar encarando a tela. Dou uma olhada na hora, notando que já são quatro e quinze, então ligo o carro e sigo para a cidade. Avisto o carro da minha irmã, um Kia Soul, estacionado à frente do prédio tão familiar, e me dirijo para parar logo atrás. Não converso com Mandy há mais de um mês. Ela recusou convites para jantar na casa de nossos pais e ignorou as poucas mensagens que enviei desde minha alta hospitalar.

Eu não a culpo. De jeito nenhum.

E é, sem dúvida, por isso que estou com medo de enfrentá-la agora.

Inspiro uma lufada de coragem ao descer do carro, sentindo as pernas meio bambas. O sol quente ainda está a pino, derretendo as poças persistentes de gelo na calçada e oferecendo um leve sabor muito bem-vindo da primavera.

É incontrolável, mas torço para que haja outra mudança de estação hoje.

Mandy está sentada à mesa do canto, concentrada em seu celular, mas sua cabeça se levanta ao ouvir os pequenos sinos que soam e indicam minha presença quando abro a porta. Ela se levanta e me encara, então segue até o balcão para pedir nossas casquinhas de sorvete – a tradição de aniversário que perdemos em novembro, quando eu estava ocupada sendo sequestrada e me apaixonando pelo seu noivo.

Minha garganta se fecha na mesma hora, nossos ombros roçando um ao outro enquanto fazemos nosso pedido ao balconista. Esperamos em silêncio até que o rapaz nos entrega o sorvete por cima do balcão. Como sempre, damos uma mordida rápida – o dela, morango, e o meu, flocos –, e saímos do estabelecimento em direção ao parquinho ali perto. Pulamos a etapa em que

dávamos um aperto de mão secreto e tirávamos a *selfie* na frente da sorveteria.

Nossos balanços estão vazios como de costume, provavelmente devido à umidade nos assentos por conta do derretimento do gelo. Limpamos de qualquer jeito as poças e nos sentamos, então fico à espera do que vem a seguir. Quero dizer alguma coisa para romper o silêncio aterrorizante, mas as palavras estão coladas à minha boca como um chiclete.

Olho de soslaio para minha irmã que está se balançando em um ritmo tranquilo à minha esquerda. Seu cabelo está preso em um coque perfeito no alto da cabeça, a maquiagem impecável. Sua beleza sempre me tirou o fôlego. Nunca entendi por que ela queria se esconder atrás de toda a base pesada, corretivos, sombras em tons escuros e cílios postiços.

— Eu o traí, sabia?

Quase derrubo minha casquinha de sorvete.

— O quê?

— No verão passado, na festa de aniversário da Allie. Dean estava gripado, então fui sozinha. Eu bebi demais e... — Ela lambe o sorvete derretido que escorre por entre o polegar e o indicador. — Foi um grande erro. Eu me senti uma bosta. Eu traí uma pessoa a quem eu realmente amava, tudo por causa de inseguranças estúpidas, por causa desse desejo de me sentir querida e apreciada, mesmo que eu já fosse. Não sei por que não foi suficiente... não sei por que ele não foi suficiente.

Estou olhando para ela, boquiaberta, sentindo o sorvete pingar no meu colo. Estou atordoada com sua confissão. E não sei o que dizer.

— Sinto que tudo isso é o carma me dando um tapa na cara. E uma parte minha sabia, lá no fundo, que eu havia selado nosso destino com aquela decisão estúpida, mesmo que Dean nunca tenha ficado sabendo disso. Eu só... nunca pensei que seria você. — Mandy me encara, seus olhos encobertos e me

fuzilando com culpa e decepção. — Você sempre foi a mais forte. A sortuda. A *boazinha*. Tudo pelo que você trabalhou, você conseguiu. Tudo que você colocava na cabeça que ia fazer, você conseguia. Você era a inteligente e que só tirava notas boas, sempre teve o raciocínio rápido e senso de humor, um trabalho respeitável, uma *casa*. Você tem sua própria casa, Cor... e não tem nem trinta anos e já está arrasando.

Ela suspira, antes de continuar:

— Eu tive que fazer supletivo só para passar no ensino médio. E mal estou conseguindo me sustentar no salão de beleza. Eu moro na mesma porcaria de apartamento de dois quartos desde a faculdade.

— Mandy...

— Tudo o que eu tinha era Dean. Ele era meu único troféu... minha única história de sucesso. — Ela inspira rapidamente, então conclui: — Eu não consegui suportar o fato de que você o tinha também.

Ah, meu Deus.

Estou ali sentada, perplexa e de queixo caído, com sorvete escorrendo pelo braço. Desvio o olhar antes que minhas emoções subam à tona.

— Eu-eu nunca soube que você se sentia assim. Eu sempre tive um ponto de vista completamente oposto. Invejei você a vida inteira... sua beleza, sua popularidade, sua personalidade extrovertida. Você sempre conseguia o que queria. Sempre dava um jeito de conseguir. Sempre foi famosa e adorada por todo mundo... o centro das atenções. Eu só ficava escondida à sua sombra.

Uma risada abrupta escapa dela.

— É engraçado como as coisas parecem diferentes vistas por outro ângulo, né?

Não tenho certeza de como responder a isso, então fico em silêncio processando tudo. Todo esse tempo, Mandy teve ciúmes de *mim*? O pensamento

por si só é absurdo.

Mandy continua alguns minutos depois, depois que nossas verdades bombásticas assentam.

— Isso não significa que te perdoei, Cor — diz ela, mordendo o lábio e encarando os tufos de grama que espreitam por entre a camada de neve derretida. — Ainda não, de qualquer maneira. Não estou pronta... assim como não estou pronta para me perdoar por minhas próprias ações. Mas posso reconhecer o fato de que somos humanos e fazemos besteira. Todos nós cometemos erros gigantescos, caóticos, e que alteram a nossa vida, e, às vezes, isso acontece por motivos egoístas e fúteis como o que eu fiz... e, às vezes, é porque o universo te joga numa reviravolta, e te força a seguir por uma direção que você nunca pensou tomar.

Ela me lança um rápido olhar.

— E por mais que possa entender isso, Cora, e juro que entendo, eu só não posso aceitar ainda. Não consigo lidar com a ideia de jantares em família com Dean na mesa ao *seu* lado, segurando *sua* mão, beijando *seus* lábios. Não consigo imaginar feriados ou encontros sociais, ou duplos, ou sei lá, meu Deus... eu me tornando uma tia quando pensei que seria mãe em breve.

Lágrimas se misturam ao sorvete quando fecho os olhos, tentando respirar mesmo com o nó entalado na garganta.

As próprias lágrimas de Mandy escorrem pelas bochechas rosadas pelo frio.

— Mas o que *posso* aceitar é o fato de que não estávamos destinados a ficar juntos, e o que está feito está feito, independente de como aconteceu ou porquê. Dean merece ser feliz, e se for com você, não vou atrapalhar. Mas também não posso ficar ao seu lado... não agora. Ainda não. Não até que meu coração esteja totalmente curado. — Ela levanta o queixo, olhando para o céu

nublado, uma mão segurando a casquinha e a outra segurando o balanço. — Talvez algum dia.

Talvez algum dia.

Brinco com o pingente de coração, agarrando-o com os dedos melados, e engulo em seco, deixando suas palavras me aquecerem. *Talvez algum dia* se parece muito com a centelha de esperança, e esperança é tudo o que tenho agora.



São sete da noite e estou aconchegada ao sofá, assistindo um programa de jardinagem com Penny no colo e Jude enrolado em uma bola de pelos ao meu lado. É quase como se eu esperasse que a mensagem dele chegasse quando pego o celular ao mesmo tempo em que ele vibra na minha mão.

Podemos conversar?

Nas semanas que se passaram, nós nos vimos todas as sextas-feiras, mas não havia muita conversa envolvida.

Claro. Eu estava pensando a mesma coisa. Posso te ligar?

Prefiro falar pessoalmente.

Ah... Bem, talvez ‘conversar’ seja um código para o sexo, afinal.

Okay.

Chego aí em breve.

Corro para o banheiro para me refrescar, solto o cabelo e escovo os dentes, e depois borrifo umas gotas de perfume no pescoço. Os cães me alertam de sua chegada quinze minutos depois, arranhando a porta quando ele bate.

— Está aberta! — grito, aplicando um pouco de brilho labial antes de ir ao seu encontro na porta da frente.

Dean está agachado na entrada, coçando a barriga de Jude como sempre fazia com a Blizzard. Penny está circulando sua perna, implorando por atenção que ele rapidamente fornece. Não posso deixar de sorrir com a cena.

— Oi.

Ele olha para cima, sua expressão disfarçando o que quer que possa estar pensando, e então se levanta.

— Oi.

Normalmente, este é o ponto em que nos atacamos, mas como eu realmente quero falar primeiro, não tenho certeza de como proceder – então, eu meio que fico ali parada, brincando desajeitadamente com meu cabelo e batendo meu pé descalço no piso de madeira.

Dean se adianta, suspirando ao se aproximar de mim.

— Obrigado por me deixar dar uma passada aqui. Há algumas coisas que eu queria discutir com você.

— Eu também... Na verdade, eu ia te mandar uma mensagem para ver se podíamos tomar um café neste fim de semana. Mas isso funciona. — Nossos olhares estão fixos um ao outro, me deixando nervosa. Eu engulo em seco. — Hmm, sente-se.

Seguimos até a sala e Dean se senta o mais longe possível de mim no sofá. Tudo o que quero fazer é pular em seus braços e beijá-lo com vontade. Nós travamos o olhar de novo, o dois meio que pouco à vontade. Nenhum de nós estava totalmente preparado para enfrentar as consequências do que aconteceu

semana passada. Eu abaixo a cabeça e ambos começamos a falar ao mesmo tempo:

— Então, eu...

— Eu queria...

Dean pigarreia, e diz:

— Você primeiro.

Eu reúno coragem e aceno em concordância, me contorcendo no sofá para ficar de frente para ele, curvando uma perna adiante. Enrolo meus dedos em volta do tornozelo, sentindo o coração martelar descontroladamente no peito.

Seja sincera. Diga a ele o que você quer. Não se contenha.

— Eu, hmm, só queria dizer o quanto sinto muito por ter te arrastado para o meu buraco sombrio nas últimas semanas. Por ter te escondido nas sombras... te mantido à distância. Por ter deixado você se aproximar, e depois me afastado. Não foi justo, porque sei que você queria mais... Eu estava tão envergonhada, tão confusa, e não estava lidando com isso direito.

Vejo seus olhos varrendo meu rosto, a mandíbula cerrada e as sobrancelhas franzidas. Ele não diz nada, então continuo:

— Conversei com a Mandy hoje. Ela me convidou para tomar sorvete... nossa tradicional casquinha de aniversário no parque. Tivemos uma longa conversa, e acho que vai ficar tudo bem. — Eu me aproximo dele no sofá, segurando sua mão. — Não estou dizendo que vai ser fácil, mas espero que Mandy aceite tudo um dia. Ela até disse que estava conversando com um carinha novo, e que há uma faísca e tal... E que talvez um dia a gente possa seguir em frente e...

— Cora, estou indo embora.

Suas palavras me viram de ponta-cabeça e solto sua mão.

— O-o quê?

Um olhar angustiado toma conta do semblante de Dean enquanto ele exala um forte suspiro.

— Abriu uma vaga de transferência no emprego e eu aceitei.

Descrença me rasga por dentro, apertando meu peito. Eu me afasto dele, mordendo os lábios e tentando processar o que ele está me dizendo. O coração que batia tão rápido pelo nervosismo, pela excitação, pela possibilidade de realmente *estar* com o homem que amo, agora está se partindo em dois.

— Ah... — murmuro em um sussurro quase inaudível. — Para onde você está indo?

Ele faz uma pausa, desviando o olhar.

— Bloomington.

A informação me pega de surpresa.

— São três horas de distância.

— Eu sei.

— Quando? — Estou quase com medo de perguntar.

Dean responde, ainda olhando por cima do meu ombro:

— Em uma semana. Começo na próxima segunda... vou alugar minha casa e arranjar um apartamento até me instalar.

Um pequeno soluço irrompe, apesar de ter me esforçado tanto para contê-lo. Dean segura minha mão, mas eu me afasto como se ele tivesse me queimado com um fósforo.

— Por favor, não tente me consolar quando é você quem está partindo meu coração. — Levanto-me do sofá e vou até a janela panorâmica, desesperada para fugir. Desesperada para disfarçar o quanto ele está me machucando.

— Corabelle…

Eu me viro, encontrando-o parado a alguns passos atrás de mim.

— Não me chame assim.

— Escuta... — diz ele, dando passos cautelosos em minha direção, como se eu fosse morder ou correr. — Esta é a decisão mais difícil que já tive que tomar e estou fazendo isso porque sei, eu *sei*, que é o melhor. Eu tentei muito ser o cara que te tiraria do buraco, mas só estou te segurando lá. Estou impedindo você de se curar.

— Isso é besteira. Você tem sido a única coisa que me mantém de pé.

Dean acaba com a distância entre nós e segura meu rosto entre as mãos.

— Você tem razão. E é por isso que tenho que ir. — Ele abaixa uma das mãos até pressioná-la contra meu coração estilhaçado. — *Você* precisa se manter de pé. É a única maneira.

Eu recuo bruscamente.

— Você não pode mais me tocar.

Ele parece magoado, ferido, como se eu tivesse enfiado uma lâmina em seu peito.

— Cora, por favor. Tente entender.

— Ah, eu entendo. Você foi bem claro. — Minhas pernas estão cambaleando enquanto seco as lágrimas. — Você se divertiu e agora está seguindo em frente.

Sua fisionomia se transforma com a fúria.

Merda.

Eu retrocedo mais um passo por instinto, com medo das palavras que ele está prestes a me lançar.

— *Eu me diverti?* — Dean repete, avançando para mim, seus olhos brilhando com incredulidade. — Você acha que ser sequestrado por um *serial killer*, algemado a um cano por três semanas, ser obrigado a estuprar a irmã da minha noiva, sob a mira de uma arma, e assassinar um homem a sangue frio com

as próprias mãos foi *divertido*? — Seus punhos estão cerrados ao lado, o rosto expressando sua ira. — Ou você acha que me apaixonar por você foi divertido? Passar a amar a única mulher no mundo que não posso ter, vê-la escorregar por entre meus dedos, pouco a pouco, dia a dia, só para encontrá-la quase morta por uma overdose?

Ele para por um segundo, e continua:

— Ou talvez você esteja se referindo ao sexo. Sexo é sempre divertido, não é? Tem sido *divertido* pra caralho tentar chegar até você da única maneira que posso, fazer amor quando você nem consegue olhar nos meus olhos, e tentar catar as pequenas migalhas que joga pra mim, sem nunca *ter* você de verdade. Tem sido divertido demais acordar todas as manhãs em uma cama vazia com meus lençóis ainda com seu cheiro, zombando da minha cara por você não estar ali. E foi mais divertido ainda dar uma guinada total na minha vida por não suportar te ver sofrendo.

Estou respirando com dificuldade, assim como ele, sentindo a culpa duelar com o choque e a raiva. Usei a palavra errada, sim, mas isso ainda parece um tapa na cara em comparação a tudo pelo qual passamos.

— Não dê uma de mártir, Dean. Se você realmente me amasse, você ficaria.

— Eu *te* amo. — Ele se posta à minha frente de novo, com as mãos em meus ombros. — Amo você. *Loucamente*. Mas com o amor insano vem a insanidade, e o que você precisa agora é de *paz*. Você não entendeu, Cora? Você não vê? — Seu aperto aumenta, o rosto quase colado ao meu. — Eu vou embora *porque* te amo.

Eu não entendo.

E não consigo ver o mesmo que ele.

Tudo o que vejo é que ele não está me escolhendo.

Tudo o que vejo é abandono.

— Eu sou uma garota bem crescidinha. Você não pode decidir o que é melhor para mim.

Dean abaixa a cabeça, respirando pelo nariz.

— Você me pediu para te *amarrar*.

— E daí? — Eu o afasto e cruzo os braços. — Muitos casais fazem isso.

— Nós não... Não você e eu. — Ele passa as mãos pelo cabelo, entrelaçando os dedos à nuca. — Meu Deus, Cora... isso foi uma enorme bandeira vermelha. Como você pôde me pedir para fazer isso depois de tudo o que sofremos? Como pode *querer* isso?

— Eu não sei! — Ergo as mãos, em rendição. — Só escapuliu da minha boca. Por que tratar isso como um problema?

— Porque... — Dean se aproxima de mim novamente, os olhos marejados, as mãos ainda à nuca como se ele precisasse se conter para não me tocar. — Porque você tem um buraco que está tentando preencher. Um vazio. E isso vai parecer confuso pra caralho, mas acho que uma parte aí dentro de você sente falta daquele porão.

Meus olhos se arregalam. Meu estômago embrulha.

— Como você ousa...

— Estou falando sério, Corabelle. Nada mais importava lá embaixo além de nós dois tentando sobreviver. Eu era tudo o que você tinha, e nos agarramos um ao outro, e nos *permitiram* fazer exatamente isso. Tivemos que fazer isso. Mas agora estamos de volta ao mundo real e tudo está diferente, e acho que você sente falta daquilo.

Estou balançando a cabeça diante de suas palavras, rejeitando cada uma delas.

— Isso é doentio. Você não me conhece mesmo.

— Eu conheço você. Conheço muito bem. — Dean suspira, apertando a ponte do nariz, com um ar de pura derrota. — Não quero acabar as coisas desse jeito. Não quero que você me odeie.

— Bem, você não tem escolha nisso, Dean — digo, com uma risada amarga. — É *você* quem está terminando tudo, logo, não tem como controlar as consequências disso também.

Ele dá um passo para trás, arrastando a língua pelos dentes e enfiando as mãos nos bolsos.

— Sim. Acho que é justo.

— Provavelmente é melhor você ir agora.

Para que eu possa chorar na companhia dos meus cachorros pela próxima década.

Dean me encara, e vejo tanta dor e incerteza em seus olhos... Mas ele está decidido a fazer isso de qualquer maneira. Ele está me deixando sozinha para catar os pedaços do nosso trauma compartilhado naquele porão. Eu me afasto, com medo de desmoronar ante o sofrimento se continuar olhando para ele.

E então ele me puxa para o calor de seus braços, me apertando com firmeza contra o peito, com a boca colada ao meu ouvido.

— Meu Deus, me desculpa. Eu não queria sair pela sua porta sem que entendesse porque *preciso* fazer isso... mas percebo que você não vai entender até que eu vá embora. E eu sinto muito, Cora. A última coisa que quero fazer é te causar mais sofrimento, mas *prometo* que essa é a decisão certa a tomar. — Dean me abraça em desespero, a mão embalando a parte de trás da minha cabeça e se entremeando em meu cabelo. Ele salpica beijos ao longo do meu pescoço quando começo a chorar convulsivamente. — Não chore. Não chore, minha doce

Corabelle. Eu te amo tanto.

Não consigo parar de chorar. Não sei se algum dia serei capaz de parar.

Dean se afasta lentamente, as mãos agora no meu rosto, enxugando minhas lágrimas. Ele beija minha testa, nariz, pousando em meus lábios com um último adeus.

— Você ainda é minha garota. Sempre será minha garota.

Então ele me solta, se vira e segue em direção à porta da frente.

Sou dominada pelas emoções – amor e tristeza, arrependimento e raiva –, e o chamo assim que sua mão toca a maçaneta.

— Espera.

Dean hesita e me encara.

Levanto as mãos e solto o fecho da corrente, indo até ele. Seu olhar vai de mim ao medalhão de ouro que estou segurando. Ele balança a cabeça, sem conseguir acreditar no que está acontecendo.

Pego sua mão e deposito delicadamente a joia em sua palma. Ele fecha os olhos, cerra os punhos e exala um longo suspiro.

Digo minhas palavras de despedida antes de me afastar:

— Queria que você tivesse lutado por mim tanto quanto lutou para sair daquele porão.

Eu deveria ter me virado antes, me afastado dele mais rápido e sumido pelo corredor... mas acabo hesitando. Lanço um último olhar em sua direção e deparo com sua reação.

Já vi minha cota de horrores, e muitos deles ainda me mantêm acordada à noite.

Mas temo que nada vai me assombrar tanto quanto o olhar ferido que vejo nos olhos de Dean antes que ele se vá pela minha porta e saia da minha vida.

Capítulo Trinta e Um

Enfrento a semana seguinte, mal e porcamente.

Liguei para o trabalho na segunda-feira, porque ainda não havia me recuperado da bomba que foi jogada sobre mim na sexta à noite. Agora, depois de dias de autoisolamento, onde ignorei todas as mensagens de texto e telefonemas, finalmente me aventuro para fora de casa e dou uma passada nos meus pais no domingo seguinte.

Minha mãe abre a porta e eu, literalmente, desabo em seus braços.

— Cora... querida — diz ela, naquele tom familiar e reconfortante, acariciando meu cabelo. — O que aconteceu?

Ah, nada demais. Apenas sofri os piores quatro meses de toda a minha vida, só para ter meu coração esmigalhado em pedacinhos quando finalmente vejo uma luz na escuridão.

Choro como uma idiota, soluçando em seu ombro, e ela me puxa para dentro de casa.

— Ele foi embora — resmungo.

Eu não deveria estar fazendo isso. Não deveria estar desmoronando na frente da mulher que era praticamente a sogra de Dean... só que por causa da *Mandy*. É doentio, e isso só me faz chorar mais.

Mas eu realmente preciso da minha mãe agora.

— Cora, querida, vamos subir e conversar.

Eu me recomponho o suficiente para subir a escada e me enfiar debaixo das cobertas na cama do quarto de hóspedes. Minha mãe desliza ao meu lado, me envolvendo em seus braços e apenas me deixando chorar por um tempo. É bom ser reduzida a nada e consolada depois de uma semana suportando as tempestades sozinha.

Dean costumava ser aqueles braços reconfortantes, mas ele se foi agora.

Meu cabelo está úmido por causa das lágrimas, e ela o afasta do meu rosto, sussurrando palavras tranquilizadoras contra minha testa:

— Você quer falar sobre isso?

Assinto, porque quero falar, *realmente* quero, mas não sei como.

— Só não sei como falar com você sobre isso. Vou parecer uma vadia completa.

— Sou sua mãe, Cora. Eu nunca pensaria isso de você. Seu pai e eu estamos bem cientes da situação, e embora tenha sido um choque inesperado, nunca julgamos ou a condenamos por isso.

— Como não? — Eu a encaro com meus olhos vermelhos e injetados de tanto chorar. — *Eu* me julguei. Ainda estou me julgando.

— Porque te amamos... incondicionalmente.

Engulo o caroço entalado na garganta, me aninhando contra seu calor.

— Nada disso deveria ter acontecido. Não é para ser assim.

Minha mãe continua a acariciar meu cabelo, minha bochecha, descendo pelo braço e subindo novamente. Os movimentos acalmam meu coração errático. Ela permite que o silêncio se instale por um tempo, me deixando absorver uma paz temporária, e então diz:

— Isso me lembra do seu primeiro ano do ensino médio, quando você ficou de cama por seis dias com mononucleose. — Sua mão continua a subir e descer em movimentos lânguidos. — Você estava tão doente, e mal conseguia sair da cama.

— Você me abraçava assim todas as noites e cantava para eu dormir. Eu estava morrendo de vergonha, e te mandei ir embora, dizendo que não era mais um bebê, mas por dentro estava amando seu cuidado. — Um sorriso melancólico toma conta de mim. — Aquilo me fazia sentir melhor.

Ela acena em concordância.

— E todos os dias, na hora do jantar, eu levava canja de galinha pra você no quarto.

Ainda me lembro dessa sopa. Era *tão gostosa*. Comecei a ansiar por aquilo todos os dias. Mesmo quando não tinha apetite, porque aquela canja me aquecia e me fazia sorrir.

— Eu me lembro disso. Eu amava.

Minha mãe se afasta para encontrar meu olhar, um sorriso se espalhando em seu rosto lindo. Ela se inclina para beijar meu couro cabeludo, então sussurra:

— Aquela sopa era feita pelo Dean.

Meu peito aperta, o ar me escapa com um suspiro agudo.

— O quê?

— Ele vinha todos os dias depois da escola para estudar com Mandy e trazia sopa pra você. Ele nunca se vangloriou por aquilo, e agia como se fosse

uma coisa muito simples. — Ela aperta meu braço, percebendo meus olhos marejados e arregalados. — Ele sempre se importou com você, Cora.

Minha mente está girando e cambaleando, voltando no tempo para nossas primeiras brincadeiras de mau gosto e provocações. As únicas coisas que se destacam durante meus anos de ensino médio, com Dean, são as pegadinhas elaboradas, como quando Dean roubou a tarântula do laboratório de Ciências e a escondeu no meu tênis de ginástica.

Isso aconteceu no meu *primeiro dia*.

Logo depois de compartilhar um olhar afetuoso com ele do outro lado da sala na aula do Sr. Adilman, pensando que talvez ele se tornaria meu amigo.

Não. Por causa da aranha peluda no meu tênis, fiquei tão traumatizada que passei a metade do dia na enfermaria tentando me acalmar.

Não houve gestos heroicos ou palavras gentis.

Não havia sopa.

Umedeço os lábios ressecados, me sentindo confusa.

— Por que você não me contou?

Minha mãe olha para cima, recostando-se ao travesseiro com um suspiro.

— Não tenho certeza. — Ela vira a cabeça para olhar para mim, que ainda estou processando a informação. — Mas comecei a notar coisas depois disso. Coisas pequenas. Apenas o jeito que ele olhava para você, às vezes... e havia um ar de... não sei... admiração. Carinho. Acho que nem ele percebia isso. Nenhum de vocês notou.

— Você acha... você acha que sempre sentimos algo um pelo outro?

Não. Isso não pode ser verdade. Eu o *odiava*, e ele sentia o mesmo.

— Inconscientemente, acho que sempre houve uma conexão especial entre vocês dois — diz ela, pensativa. — Nunca questionei a lealdade a Mandy...

sei que eles se gostavam muito. Mas com o passar dos anos, notei as diferenças entre os dois. Eles se tornaram pessoas distintas e que já não tinham mais a mesma sintonia do início. Claro que nunca esperei algo assim, mas... não posso dizer que estou totalmente surpresa com o resultado.

Pisco diversas vezes, o estômago embrulhado.

— Você não o odeia?

Minha mãe coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Eu não o odeio, querida. Dean sempre foi como um filho para mim, e seu pai e eu sabemos que nada disso foi intencional. Este não foi um plano abominável para magoar sua irmã. Essa situação está sendo horrível para todo mundo, e sabíamos que haveria um caminho difícil pela frente, com escolhas mais difíceis ainda. Sua irmã e eu conversamos bastante, e isso vai levar tempo, mas tenho certeza de que todos vocês encontrarão um jeito. — Ela beija minha testa. — Nós sofremos por Mandy. E por você também. E sofremos por Dean.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto em um fluxo silencioso, e eu me deito de costas exalando um longo suspiro.

— Ele foi embora, mãe. Ele disse que estava me impedindo de me curar, então aceitou uma transferência de emprego em Bloomington, apenas para ficar longe de mim. Ele alegou que era porque me amava, mas isso não faz nenhum sentido... — As lágrimas silenciosas se transformam em uma avalanche quando a realidade me atinge mais uma vez. — Não sei como enfrentar tudo isso sem ele.

Seus braços me envolvem novamente, me puxando para o aconchego do seu colo.

— Cora, querida... amor não existe sem sacrifício. Às vezes, esses sacrifícios significam acordar dez minutos antes só para fazer o café do seu parceiro. Às vezes, é trabalhar num segundo emprego para sustentar sua família.

Às vezes, é ficar acordado a noite toda com um recém-nascido para que seu parceiro possa finalmente dormir. Às vezes, é tirar o carro da outra pessoa da garagem depois de uma nevasca. — Ela coloca a palma da mão na minha bochecha úmida, e sorri suavemente. — E, às vezes, é fazer o sacrifício final e ir embora por um bem maior.

Balanço a cabeça em meio aos soluços dilacerantes.

— Não quero ser o sacrifício final. Eu quero o sacrifício do café.

— Ah, querida. — Minha mãe me abraça mais apertado, dando uma risadinha. — Você precisa pensar nisso como um ato de amor, e não como um ato de traição. E acho que deveria aproveitar esse tempo para fazer um exame de consciência e juntar os pedaços da sua vida. Estou aqui para ajudar no que precisar, e seu pai também. Isso não é necessariamente um fim... pense nisso como sua chance de recomeçar.

Com uma fungada, penso na minha última conversa com Dean, na minha sala, na sexta-feira passada.

Penso naquele olhar ferido em seus olhos quando devolvi o medalhão – o presente mais precioso que já recebi –, nas palavras odiosas que disse a ele. Esse foi o nosso último momento, juntos. Nossa última dança. E permiti que meus demônios assumissem o controle e o atacassem quando ele estava sofrendo tanto quanto eu.

Talvez minha mãe esteja certa. Talvez isso se trate, *realmente*, sobre o amor.

Talvez o amor seja cantar sua música favorita no escuro, só para ela dormir. Talvez o amor seja dar seus próprios calçados para que os pés dela ficassem aquecidos. Talvez o amor seja chegar no meio da noite só porque a energia acabou e você sabe que ela tem medo do escuro.

E talvez o amor seja ir embora, porque essa é a única maneira de ela

encontrar a luz novamente.

Eu queria acreditar que nossa situação era o *motivo* pelo qual nossos sentimentos mudaram – mudaram e seguiram o fluxo como uma maré alta. Mas sentimentos como esse não podem ser baseados em três semanas. Eles são criados ao longo do tempo, florescendo e crescendo, manifestando-se em algo maior do que nós dois.

Nosso suplício pode ter aberto uma porta, mas abriu uma que já estava semiaberta. Dean e eu sempre tivemos uma conexão – uma química única. Tudo isso estava disfarçado com brincadeiras e piadas, palavras hostis e pegadinhas bobas, mas sempre existiu *algo*. E se eu repassasse os últimos quinze anos como um rolo de filme em minha mente, eu veria os sinais. Repararia nas coisas que ignorei descaradamente devido às circunstâncias, burrice e nosso duelo de vontades.

Eu reconheceria o seu olhar através do espelho retrovisor, depois que resgatamos a Blizzard no meio de uma estrada coberta de neve.

Veria sua expressão horrorizada e repleta de culpa quando pensou ter feito mal a mim com o bolinho de farinha de maisena.

Enxergaria suas piscadelas e sorrisos e o brilho em seus olhos sempre que eu estava por perto.

Sentiria seus braços cuidadosos ao meu redor no hospital veterinário, conforme ele me enchia de esperança.

Eu me lembraria da maneira como ele foi me buscar naquela noite fatídica de novembro, quase às duas da manhã – sem hesitação, sem perguntas.

E ouviria suas palavras nobres naquele porão: *Faça o que quiser comigo. Deixa ela em paz.*

Eu voltaria para minha sala de estar na sexta-feira e o ouviria, realmente o ouviria, e faria tudo muito diferente.

Um gemido desesperado me escapa e me sento na cama, enxugando os olhos e encarando minha mãe.

— E-eu tenho que ir.

Ela afaga meu cabelo uma última vez, dando um aperto terno no meu ombro ao se afastar.

— Eu sei.

Eu me inclino para um abraço, segurando-a apertado e enterrando meu rosto choroso em seu pescoço, absorvendo seu perfume de baunilha – um perfume que é inteiramente da minha mãe.

— Obrigada. Sinto muito por tudo que te fiz passar.

— Ah, Corabelle... — Ela beija minha bochecha antes de me soltar. — Apenas fique bem. Se recupere. Não há vergonha alguma em batalhar, mas você não pode ficar lá para sempre. Estamos todos aqui para você.

Nós compartilhamos um abraço final antes de eu correr escada abaixo, sair pela porta e entrar no meu carro. Passa um pouco da uma da tarde, e há uma chance de ele ainda não ter ido embora.

Eu quero dizer adeus. Um *verdadeiro* adeus.

Acelero pela cidade, provavelmente infringindo pelo menos onze leis de trânsito, e estaciono na frente de sua casa, deixando aberta a porta do carro quando desço às pressas. Corro pela calçada tão familiar, espiando pela janela lateral enquanto bato na porta. Entrecerro os olhos, tentando ver alguma coisa pelo vidro empoeirado, mas tudo parece vazio. Tudo parece vago. Oco e desocupado.

Não.

Cheguei tarde demais.

Eu me viro e deslizo as costas pela porta até que me sentar no degrau de cimento. Penso em ligar para ele.... ou em enviar uma mensagem.

Mas nem sei o que dizer.

Tenho medo de que tudo se pareça muito com...

Quero você.

Eu preciso de você.

Volte.

E agora sei, eu *sei*... que quem realmente precisa voltar sou eu.



Perambulo pelo meu jardim na frente de casa, quinze minutos depois, parecendo um zumbi, esgotada e exausta. Estou tão distraída com meu sofrimento emocional que quase não noto o envelope colado na porta turquesa, com meu nome rabiscado na frente.

Corabelle.

Perco o fôlego quando arranco o envelope branco e passo o dedo indicador pela caligrafia escrita em tinta preta. Engulo em seco ao abrir o lacre, então um suspiro audível escapa por entre meus lábios.

Meu medalhão está ali dentro, junto com um bilhete escrito à mão:

Ainda está batendo.

Você ainda está bem.

E eu ainda te amo.

Dean

As palavras ficam embaçadas por causa das lágrimas, e um soluço quase me sufoca. Retiro a corrente dourada familiar do envelope, com a mão trêmula, e guardo o bilhete entre os joelhos enquanto prendo o colar à nuca. O

pingente se acomoda entre meus seios, coração a coração, e sorrio ao sentir o peso suave contra o peito. Então pressiono as pontas dos dedos logo acima do meu coração, deixando os batimentos vibrarem através de mim e me encher de uma calma pacífica.

O amor é tantas coisas que nunca pensei, nunca esperei, nunca *soube*... e uma dessas coisas é ser a melhor versão de si mesmo que você pode ser, não importa quantos obstáculos estejam no caminho. Não importa quão escura, difícil ou dolorosa seja a jornada para a recuperação. Não importa quantos golpes ou contratempos tentem arrastá-lo de volta para a lama.

Não podemos dar nosso coração a outra pessoa sem antes nos amar.

E é exatamente isso que pretendo fazer.

Capítulo Trinta e Dois

Oito meses depois...

Sou grata pelo clima ameno de novembro, porque ainda posso andar de bicicleta e sentir a brisa no rosto, com meu cabelo se agitando ao redor, fazendo cócegas no meu nariz.

São essas pequenas coisas que me fazem sorrir.

Prendo a bicicleta no suporte de metal da pitoresca cafeteria no centro da cidade, ajeitando o cabelo bagunçado pelo vento. Foi uma semana exaustiva no trabalho, encerrando as tarefas do primeiro trimestre e preparando as provas finais antes do feriado de Ação de Graças. Estou ansiosa pelo nosso encontro mensal para o café, desde que meu despertador me arrancou de um sonho idílico esta manhã, consistindo de areia nos dedos dos pés e sua risada dançando em cada onda que se quebrava na praia.

Afasto o devaneio, ajustando o vestido de tricô e arrancando uma folha rebelde da minha bota até o joelho. Coloco a alça da bolsa em um ombro e

empurro a porta de entrada, vasculhando a pequena cafeteria em busca do meu encontro.

— Cora!

Olho à esquerda, avistando-a à uma mesa de canto, e aceno com um sorriso.

— Desculpe o atraso — digo, ainda um pouco sem fôlego por causa do percurso de oito quilômetros. — Decidi vir de bicicleta no último minuto... o tempo estava bom demais.

Tabitha sorri para mim quando me aproximo da cabine aconchegante.

— Só você poderia parecer uma estrela de cinema depois de uma sessão de cardio de vinte minutos.

— Dificilmente. Mostrei a calcinha para uma dúzia de pessoas no caminho e comi metade do meu cabelo — brinco. Eu puxo meu vestido com decote em V para baixo, lamentando a escolha do modelito, e me sento. Meu olhar se foca na pequena Hope, que ainda está afivelada ao bebê-conforto que ela usa no carro, brincando com os chocalhos e brinquedos pendurados na frente dela. — Ela está crescendo tão rápido.

— Ela acabou de fazer dez meses na terça-feira. Isso é louco, né?

— Uau. — A bebê é absolutamente linda com tufos de cabelo preto sedoso, assim como a mãe. Seus olhos são como safiras, as bochechas redondas e rosadas. Olho para Tabitha do outro lado da mesa e a encontro me encarando com uma expressão pensativa.

— O que foi? Tem algum inseto no meu cabelo? — Rapidamente espano minhas madeixas loiras, ao som da sua risada.

— Não tem nenhum bichinho aí. Eu só estava te admirando.

Abaixo os braços, relaxando a fisionomia.

— Ah...

— Você está absolutamente radiante, Cora. Está incrível — declara, cruzando as mãos em volta do copo de café e inclinando a cabeça para o lado, me avaliando com cuidado. — Estou tão orgulhosa de você.

Deixo suas palavras me purificarem como uma onda calmante, meu próprio sorriso florescendo. A verdade é que me *sinto* incrível. Mais leve. Mais suave. Livre e sem um fardo para carregar.

Os últimos oito meses foram nada menos que desafiadores, cheios de batalhas difíceis, horas e horas de terapia e conflitos com a minha saúde mental, e uma promessa a mim mesma todas as manhãs de que serei melhor do que no dia anterior.

Juntei-me a um grupo de encontro para sobreviventes de Transtorno de estresse pós-traumático, e fiz um monte de amigos. Comecei a pedalar como uma forma de terapia e ganhei uma quantidade saudável de peso e massa muscular, aumentando meus níveis de confiança a ponto de decidir esbanjar um novo guarda-roupa. Tenho encontros mensais para desfrutar de um café com Tabitha, jantares semanais com meus pais – junto com Mandy e seu novo namorado – e noites regulares de filmes de mulherzinha com Lily e, de vez em quando, com uma colega de trabalho. Levo meus cães para uma longa caminhada todas as manhãs. Peguei o horário de verão na escola para me manter ocupada e distraída. E ouço *podcasts* e audiolivros inspiradores. Eu bebo vitaminas de frutas. E tomo meus suplementos.

Até fiz uma tatuagem.

Não vou mentir e dizer que as coisas estão perfeitas agora. Ainda tenho pesadelos. Ainda durmo com a luz acesa, porque a escuridão me deixa inquieta. Eu ainda me sobressalto quando alguém me toca de uma maneira incomum, e ainda me retiro mentalmente, às vezes, me distraindo no meio de uma conversa sem nem ao menos perceber.

E... ainda sinto falta dele.

Mas estou me curando. Estou aprendendo. Amadurecendo. E não há como voltar para a pessoa que eu era oito meses atrás – nunca.

— Obrigada — respondo, baixinho, colocando uma mecha de cabelo, com mechas mais claras e feitas recentemente, atrás da orelha. — Você também está ótima. É sério... você fica mais bonita cada vez que te vejo.

Suas bochechas se aquecem com um rubor rosado quando abaixa a cabeça, e então ela gesticula para o copo solitário de café à minha frente.

— Eu pedi para você.

— Aaah, obrigada. — Pego a bebida, levando-a aos lábios e exalando um longo suspiro. — *Cappuccino* de baunilha com uma dose extra de expresso. Você é minha heroína.

Realmente são as pequenas coisas que me fazem feliz agora.

Tabitha mexe em uma de suas pulseiras, olhando para o meu pulso.

— Sua tatuagem cicatrizou direitinho e está ótima.

Confiro o desenho simples espreitando por baixo da manga comprida. Levanto o braço para que ela veja melhor, e passo a ponta do polegar sobre o ponto exato onde está minha pulsação. O desenho consiste em uma pequena onda ECG, como um batimento cardíaco, gravado nas finas cicatrizes que deixei em meu pulso quando o arranhava até sangrar. A tatuagem está localizada no ponto exato que Dean acariciava para me consolar, servindo como um lembrete diário de tudo o que sofri e superei. Isso acabou me condicionando a parar de coçar – um hábito ansioso que adquiri após o resgate. E, bem... isso me faz pensar nele.

— Obrigada — digo. — Eu também amei. Isso me mantém presente... no momento, sabe?

Ela assente.

— Estou pensando em fazer uma tatuagem para homenagear Matthew. Talvez o nome de Hope em um formato de borboleta. Borboletas me fazem sorrir. — Tabitha toma um gole de seu café, se preparando antes de fazer a próxima pergunta: — Você tem falado com Dean por esses dias?

Meu coração bate mais rápido com a mera menção de seu nome. *Ai*.

— De vez em quando — respondo, me remexendo, inquieta e ajeitando o cinto do vestido. — Ele me manda mensagens, às vezes, para ver como estou. E me deixou uma bela mensagem de voz no meu aniversário, em agosto. — Dou uma risada ao me lembrar da nossa última interação pelas redes sociais. — Ele recentemente me marcou numa matéria mostrando as maiores pegadinhas e brincadeiras do mundo. E disse que estava anotando tudo.

Tabitha sorri por cima da borda de seu copo, fazendo cócegas nos dedinhos dos pés de Hope quando ela dá um gritinho ao nosso lado.

— Isso é ótimo, Cora. Estou feliz que não tenham ficado sem se falar por completo.

Eu também. Eu não tinha certeza do que esperar naqueles meses iniciais depois que ele foi embora – e nem tinha certeza do que eu *queria*. Diz o ditado que ‘longe da vista, longe do coração’ é a chave para a cura, mas nunca senti que precisava me curar de Dean. Eu precisava me curar de mim mesma. E não conseguia imaginar um futuro em que ele simplesmente não existisse mais.

Então, o contato ocasional tem sido revigorante. Nunca deixamos nossas conversas se tornarem sentimentais ou se desviarem para qualquer território íntimo. Ele visualiza a mensagem. Eu faço o mesmo. Enviamos um meme engraçado aqui e ali.

Continuamos conectados.

Amarrados, mas com um nó frouxo.

É o suficiente por enquanto.

Só não tenho certeza se será assim para sempre.

Tabitha dá a Hope uma bolacha para ela mastigar quando ela se agita, e continuamos nossa conversa tomando café e rindo. O tempo passa voando, como geralmente acontece durante nossos encontros mensais, e Tabitha precisa sair para uma consulta médica. Quando nos abraçamos, sinto seus braços me envolverem em um aperto extraforte, sua respiração sussurrando em meu ouvido:

— Você é uma inspiração, Cora. O verdadeiro significado da esperança.

Lágrimas inundam meus olhos quando nos afastamos, e dou um sorriso sem-graça.

— O sentimento é mútuo.

Observo as duas saindo do café e retribuo o aceno de despedida quando elas desaparecem pela calçada. Pego minha bolsa, prestes a ir embora também, mas me lembro de que fiquei de levar dois *dogccinos* para Jude e Penny – que consiste, basicamente, em copos cheios de chantilly.

Querem saber quem é pessoa mais pau-mandado daqui? Eu.

Começo a rir do absurdo de levar para casa copos de chantilly, na bolsa, para meus cachorros, e vou até o balcão. Ouço a porta tilintar às minhas costas enquanto faço o pedido, então me afasto para o lado e espero. Quando recolho os dois copos, e me certifico de que as tampas estão bem fechadas, giro e me choco contra um corpo duro.

— Ai! Eu sinto muito.

— Merda. Desculpe.

Aquela voz.

Nós dois olhamos para cima, fazendo contato visual, e eu congelo.

Então derrubo um dos dois *dogccinos*, espalhando chantilly por toda a

minha bota. Eu, provavelmente, deveria me preocupar em limpar a bagunça, mas não consigo desviar o olhar dele, e me mover, com toda a certeza, está completamente fora da minha alçada.

O rosto de Dean é uma máscara de surpresa, um pouco de admiração e um monte de *‘Ah, que merda’*.

— Você deixou cair alguma coisa.

Pisco, registrando suas palavras muito lentamente. Quando elas fazem sentido, não consigo reprimir o sorriso que só se alarga quando ele retribui.

— Deixei? — digo, em um fio de voz, sentindo uma estranha mistura de descrença, admiração, confusão e familiaridade potente.

— De acordo com a minha calça, sim... você deixou.

Olho para baixo, e meu rosto fica rubro de vergonha ao avistar a mancha branca em seu jeans. Quando levanto a cabeça de novo, percebo que a diversão desvaneceu e nenhum de nós fez qualquer tentativa de limpar a bagunça.

— Você está incrível, Cora — ele suspira, seu olhar examinando minhas curvas saudáveis, o cabelo mais curto e o brilho renovado em meus olhos. — Eu nem te reconheci quando entrei.

Abaixo a cabeça, um pouco tímida.

— Você só não está acostumado a me ver com nada além de moletom — brinco.

Dean ainda está me avaliando da cabeça aos pés, mas não de uma forma vulgar, é quase como se ele estivesse saboreando a visão. Deleitando-se com todas as minhas peças reunidas.

— Não é isso.

Nós dois sabemos que não é isso.

Engulo em seco, tentando encontrar as palavras que queria tão

desesperadamente dizer a ele por oito longos meses, mas agora que ele está aqui, minha língua parece estar presa. Mordo meu lábio, nossos olhares se encontrando.

— Você está ótimo também.

Bem, ele está. Ele *realmente* está lindo. Ele está vestindo uma camisa preta de botão por cima de uma camiseta branca com a estampa de uma banda, com jeans escuros. Seu cabelo está despenteado e ligeiramente mais comprido, e uma leve barba por fazer sombreia sua mandíbula. E acho que seus olhos estão ainda mais azuis – *será que isso é possível?*

Com um leve pigarro por causa de seu silêncio, tento esticar a conversa:

— O que você está fazendo na cidade?

Dean finalmente parece ser varrido de qualquer devaneio em que se encontrava perdido, e coça a nuca, movendo-se de um lado ao outro com os pés inquietos.

— Eu estava visitando minha mãe. Além disso, meu amigo, Reid... ele disse que tinha algo a me dizer, então estou indo encontrá-lo.

Odeio que a resposta dele não tenha sido simplesmente... por *você*.

Passo os dedos pelo cabelo, empurrando tudo para trás do ombro. Tenho a impressão de que sei sobre o que Reid quer falar com ele, mas essa história não é minha para contar, então apenas aceno e fico ali em um silêncio constrangedor. Parece que estou sem palavras.

— Eu queria ver você, Cora. — Dean cerra os lábios, a mandíbula contraindo antes de ele suspirar. — Muito. Eu só... não sabia se você queria me ver, e não queria atrapalhar sua vida. Não queria passar por lá e te abalar, sei lá, só para ir embora de novo. Parecia mais fácil manter distância.

— Entendo. — Balanço a cabeça, rapidamente, forçando um sorriso

agradável enquanto ergo a mão com o copo de chantilly sobrevivente. A manga do meu suéter desliza até o cotovelo, atraindo sua atenção, e ele avista a pequena tatuagem ao longo do meu pulso. Não me passa despercebido a forma como ele inspira com dificuldade assim que a vê. Estendo o braço e mostro minha obra de arte com o maior orgulho. — Você gostou?

Dean parece abstrair por um momento, em algum lugar distante, e eu me pergunto se é o mesmo lugar aonde vou, às vezes. Ele pigarreia e engole em seco.

— Sim. Eu gosto muito.

É nítido que ele quer tocar o ponto exato. Ele quer estender a mão e pressionar o polegar na parte inferior sensível do meu pulso, traçando o pequeno desenho, enviando arrepios pela minha coluna. Vejo isso em seus olhos. Mas ele resiste à tentação e enfia as mãos nos bolsos.

— Bem, não quero te atrasar. Tenho certeza de que você não vai ficar na cidade por muito tempo — deixo escapar.

Essas foram literalmente as últimas palavras que eu queria dizer a ele, mas elas simplesmente saíram.

A julgar pela tensão de sua mandíbula e a mudança em seu olhar, acho que também foram as últimas palavras que Dean queria ouvir.

— Certo — diz ele, despenteando o cabelo escuro com uma das mãos e abaixando a cabeça. — É melhor eu ir.

— Okay. — Mordo o lábio inferior, evitando que minha boca proferisse mais mentiras.

Ele dá um sorriso forçado.

— Foi uma surpresa muito boa te ver. Você realmente parece bem.

— Você também.

Nós não somos assim. Somos mais do que conversas triviais e diálogos

superficiais.

Droga.

Mas então ele começa a se afastar com seu jeans melado de chantilly e os olhos repletos de oportunidades perdidas, e meus pés ficam plantados no chão da cafeteria, incapazes de fazer muito mais do que observar. E eu me sinto desamparada. Travada. Em conflito.

Dean olha por cima do ombro para mim antes de sair pela porta. Tantas palavras não ditas se passam entre nós com aquele olhar impactante. É breve. Está aqui e se vai em um piscar de olhos, e ainda assim, comprime meu coração como um punho apertado.

Exalo um longo suspiro e me abaixo para pegar o copo caído no chão, pegando um guardanapo para limpar a bagunça. Jogo tudo na lata de lixo perto da porta, observando Dean seguir pela calçada, parando apenas uma vez. Ele fica ali parado por um momento, hesitando, a mão massageando a nuca enquanto encara as próprias botas. Então continua a andar.

Fecho os olhos.

E respiro fundo.

Então digo: *foda-se*.

Eu me obrigo a entrar em ação e empurro as portas com força, correndo pela calçada movimentada, com meu cabelo e inibições sacudindo ao vento.

— Dean!

Ele estaca em seus passos e se vira, a boca curvada em um sorriso quando me vê correndo em sua direção. Há um alívio distinto mesclado com surpresa.

Paro à sua frente, ajeitando o cabelo e rindo de leve:

— Podemos fazer isso de novo?

— Por favor. — Ele ri, com as mãos nos quadris, os olhos brilhando sob o sol de outono.

— Devo deixar o chantilly cair outra vez?

Dean finge refletir sobre isso, coçando o queixo.

— Acho que podemos pular essa parte.

Aceno em concordância, então fico na ponta dos pés e enlaço seu pescoço, pressionando meu peito ao dele, unindo nossos corações, minha boca roçando a pele de sua garganta. Inalo seu cheiro e sinto que estou em casa.

E, puta merda, que perfume é esse que ele está usando?

É novo?

É legalizado?

— Oi — sussurro, sentindo o jeito que ele estremece contra meus lábios.

Os braços de Dean envolvem minha cintura e ele me puxa para mais perto, sua tensão desaparecendo junto com a minha. Ele inspira fundo, exalando suas dúvidas e arrependimentos contra a minha testa.

— Oi.

É um oi. É um olá. É um ‘bem-vindo de volta’ – *eu senti saudades*.

Não nos separamos imediatamente. Saboreamos a sensação de nossos corpos quentes fundidos de uma forma que faz meus joelhos tremerem e uma vibração se alastrar pelo meu ventre. Tento memorizar as sensações de estar abraçada a ele, em segurança, zumbindo com calor, energia e química inegáveis.

Somente dou um passo para trás quando meus dedos dos pés parecem anestesiados por estar na pontinha. Ajeito meu vestido, incapaz de disfarçar o pequeno sorriso que parece permanentemente gravado em meu rosto.

— Assim foi bem melhor.

Seu sorriso combina com o meu, ambos frente a frente.

— Muito melhor.

— Você quer sair para jantar hoje à noite?

Ah, olá, palavras vomitadas. Aí estão vocês.

Retrocedo apenas um passo, sentindo o rosto esquentar por ter feito a pergunta ousada.

Os olhos de Dean cintilam com diversão, um brilho matreiro.

— Você está me convidando para um encontro?

— Eca, não. Nunca. — Desvio o olhar, franzindo os lábios, antes de voltar a olhar para ele. — Mas você quer?

— Sim.

Dou um sorriso.

— Okay.

— Okay.

Nós nos encaramos, encantados e enfeitiçados, temporariamente sem palavras conforme assimilamos a implicação do meu convite.

Um encontro. Com Dean.

Passamos de inimigos mortais a duas pessoas jogadas nas profundezas sombrias do Inferno. Juntos. Compartilhamos lágrimas, traumas, palavras odiosas e muito sexo suado e tóxico. Já passamos por tudo isso e, no entanto, nunca saímos em um encontro antes.

Uma coisa tão simples está me enchendo com uma infinidade de pequenas faíscas, como se vaga-lumes estivessem flutuando dentro do meu coração. Lanço um sorriso a ele – um misto de timidez, nervosismo e paquera.

— Me pega às sete?

Dean assente e anda para trás, dando uma piscadela.

— Até lá, Corabelle.

Eu o vejo se virar e seguir pela calçada novamente, mas desta vez,

seus passos estão firmes. Não há hesitação.

Desta vez, ele sabe que está voltando.

Capítulo Trinta e Três

Lily está monopolizando minha chapinha enquanto nos espremos no meu banheiro minúsculo. Ela também está se preparando para um encontro... com Lars. O cara alto e todo tatuado que conhecemos naquela noite, na cervejaria, quando saí fugida de lá e aterrissei à porta de Dean.

Eu posso entender o motivo. Ele era sombrio e taciturno – um pouco intimidante, talvez, mas Lily consegue se virar. Acho que eles formariam um casal bem sexy.

— Tudo bem, então, com ou sem calcinha? — Lily se pergunta, passando a chapinha pelas madeixas de cor chocolate.

Franzo o nariz.

— Até onde você está planejando chegar no seu primeiro encontro?

— Você me diz. Eu estava perguntando isso pra você.

Bato em seu ombro, arrancando a chapinha de sua mão.

— Estou pensando em levar as coisas devagar, para sua informação.

Não quero pular na cama com ele logo de cara, só para que ele volte para sua casa em Bloomington amanhã e se acomode em sua nova vida.

— Ah, pelo amor de Deus — Lily rebate, pegando a *necessaire* de maquiagem e vasculhando o conteúdo. — Vocês terminaram um relacionamento sexual delicioso e intenso, então não se veem há oito meses. Não tem como não ficar maluca esta noite. A inserção é inevitável.

— A inserção é inevitável? Você me assusta, às vezes.

Ela contrai os lábios na frente do espelho, debatendo sobre a cor do batom.

— Eu voto sem calcinha.

— Anotado. Obrigada. — Balanço a cabeça, meio irritada, meio divertida; minha reação usual a cada palavra que sai da boca de Lily. Então meu interior começa a se aquecer com a perspectiva de... inserção.

Droga. Essa é uma palavra terrível.

E uma ideia pior ainda.

Desligo a chapinha, afofando o cabelo e avaliando minha aparência no espelho do banheiro. Minha maquiagem é natural, mas bacana, acentuando meu vestido champanhe e a pele ainda levemente bronzeada por causa dos meses mais quentes. Toco o medalhão ao redor do pescoço, sentindo uma energia de puro nervosismo embargar a garganta.

— Isso é uma má ideia?

Minha amiga não hesita quando abre a tampa do batom escolhido – um vermelho-cereja.

— Não. Você precisa transar, garota. Você esteve no limbo da vagina.

Ai...

— Não estou falando de sexo, Lily. Eu quis dizer... passar um tempo com Dean. Reconectando. — Lanço um olhar de advertência. — Não faça piada

sobre a reconexão de partes do corpo, por favor.

— Eita. Quão imatura você acha que eu sou? — Ela pisca, então se vira para mim, agora me dando toda atenção. — Quer que eu seja honesta?

— Claro. Eu sei que você é ótima nisso.

Lily passa a língua pelos dentes, encostando o quadril na pia.

— Acho que já faz muito tempo. Vocês dois são *feitos* um para o outro, Cora. E você está em um lugar tão melhor agora... meu *Deus*, mal posso esperar para ser madrinha de seus adoráveis bebês um dia.

— Okay, acho que você está dando uma alucinada. — Franzo o cenho, mas um sorriso aparece apesar de tudo. — Você acha mesmo? Acha que pode haver um ‘felizes para sempre’ para uma história como a nossa?

— Você está de brincadeira? Uma história como a sua só torna o ‘felizes para sempre’ muito mais adorável.

Eu sorrio.

Então imagino nós dois – eu e Dean.

Um futuro.

Jantares, aconchego, noites de filmes, férias na praia. Crianças. Cães.

Mais cães.

Ainda mais cães.

Posso imaginar tudo – e, pela primeira vez, posso realmente *ver*.



A batida à minha porta faz um frio se alastrar pela minha barriga.

Lily saiu vinte minutos atrás, e eu estava sentada no sofá treinando minha respiração.

Respirar é bom. A respiração é importante. A respiração nos mantém vivos.

Jude e Penny quase me atropelam a caminho da porta conforme cruzo a sala usando meus saltos pretos, repetindo o mantra para mim mesma. Fecho os olhos por um instante, acalmando os nervos, então abro a porta.

Dean fica completamente imóvel quando seu olhar pousa em mim, me percorrendo de cima a baixo, de uma forma lenta e proposital. Seu pomo-de-adão se agita, e nos encaramos por alguns instantes, sem saber o que dizer.

Finalmente, Dean inspira fundo e murmura:

— Puta merda. Você está...

Penny salta para a varanda e começa a arranhar seu tornozelo com as patinhas, correndo em círculos ao redor de Dean. Isso parece tirá-lo do transe, e ele se agacha para dar atenção aos dois cães. No entanto, seu olhar continua se movendo pelo meu corpo enquanto fico ali parada à porta, mordendo meus lábios.

Com um pigarro, chamo os cachorros para que Dean possa entrar.

— Oi... — murmuro, com um sorriso, feliz por ter encontrado minha voz. — Parece que eles sentiram sua falta.

Ele se levanta e passa pela soleira, seu olhar ainda me incendiando. Ele engole outra vez e enfia as mãos nos bolsos.

Sinto minha pele começar a arder diante de seu olhar flamejante, então me afasto um pouco, retorcendo as mãos antes de abrir o *closet* ao lado da porta para pegar meu casaco.

— Então, para onde você quer ir? Estou topando tudo. Podemos até dar um pulo no *The Oar*, pelos velhos tempos, embora eu...

Perco o fôlego quando sinto suas mãos cálidas capturarem minha cintura por trás, em um toque mais leve que uma pluma. E então seus lábios roçam minha orelha; seus batimentos cardíacos reverberam por mim quando seu peito gruda às minhas costas. Sua proximidade servindo como um lembrete

doloroso de tudo que senti falta nos últimos oito meses.

— Prometi a mim mesmo que me comportaria essa noite, mas acho que você acabou me tornando um mentiroso.

Sua voz baixa e grave faz cócegas no meu ouvido, enviando uma horda de borboletas pela minha barriga. Na verdade, pode ser que elas tenham entrado em combustão. Então meu estômago agora é um cemitério de borboletas.

Respire. Respire. Respire.

Esses exercícios de respiração não servem para nada.

Eu me obrigo a não desfalecer ali mesmo e me viro para encará-lo. Suas mãos soltam minha cintura quando ele recua um passo.

Dean me lança um sorriso e uma piscadela, provavelmente para aliviar o clima, mas tudo o que faz é assassinar mais um monte de borboletas.

— O *The Oar* pode ser uma boa escolha.

— Okay. Maravilha.

Meu Senhor... A noite será longa.

Ou muito curta.

Consigo vestir o casaco, ciente dos olhos fixos de Dean em mim à medida que fecho os botões e pego a bolsa. Respiro fundo e o guio outra vez à porta da frente, coçando as orelhinhas de Jude e Penny antes de sairmos.

Dean coloca a mão na parte inferior das minhas costas, então aponta para algo adiante na escuridão da noite.

— Dá uma olhada — diz ele, desviando minha atenção para o veículo na garagem, estacionado atrás do meu. — Recuperei meu bebê.

Sua mão aperta sutilmente meu quadril antes que se afaste, e não posso deixar de me perguntar se ele ainda está falando sobre o carro. Meus olhos se arregalam quando nos aproximamos do Camaro preto.

— Meu Deus! É... o carro?

— Não. Tenho certeza de que aquele idiota o destruiu de alguma forma, mas ela é uma substituta idêntica.

Vou até o lado do passageiro e me sento conforme Dean se acomoda ao volante. Meus sentidos são inundados com o cheiro de couro, nicotina e um perfume amadeirado, e uma torrente de memórias assombrosas que me atinge com força.

— É um carro lindo — sussurro, afivelando o cinto de segurança.

Dean hesita antes de enfiar a chave na ignição. Seus ombros cedem quando ele cerra os lábios e vira a cabeça para me encarar.

— Segunda-feira é dia 8 de novembro — diz, baixinho.

Concordo com um aceno de cabeça, nossos olhares travados, o ar carregado pela emoção.

— Sim. Não perdi a noção do tempo.

É quase nosso aniversário de um ano.

Mas não estamos celebrando um noivado, ou um casamento, ou algum tipo de evento marcante fútil. Estamos celebrando a sobrevivência.

E *vou* comemorar na segunda-feira. Vou comemorar acordando mais cedo, assistindo ao nascer do sol com meus cachorros e com uma caneca de café quente na mão, respirando o ar fresco de novembro.

Então vou sorrir.

Porque tenho inúmeros motivos para fazer isso.

Dean estende a mão sobre o console e segura a minha que repousa no colo. Ele passa os dedos sobre os nódulos e diz:

— Nós conseguimos, porra.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto – um sorriso imenso e genuíno.

— Caralho, sim... nós conseguimos.

Ele retribui o sorriso e solta minha mão, ligando o carro e saindo da garagem. Quinze minutos depois, paramos no familiar estacionamento do *The Broken Oar*. Nós dois ficamos ali parados, olhando para a entrada do prédio; o local fervilhando com grupos de pessoas, fumaça de cigarro e gargalhadas. Mordo meu lábio, recordando da minha primeira interação com Earl contra a parede do prédio. Penso naquela sensação desconfortável na boca do estômago enquanto ele me secava com os olhos. Lembro-me do carro de Dean entrando no estacionamento conforme eu o observava descer do veículo com um brilho travesso no olhar, totalmente inconsciente dos horrores que estávamos prestes a enfrentar.

Minha respiração está entrecortada, a ansiedade aumentando até que sinto a mão de Dean contra a minha. Ele aperta suavemente.

— Sabe de uma coisa? Tenho uma ideia melhor.

Vinte minutos depois, estamos sentados na beira de uma ribanceira gramada, admirando o lago e com um monte de sacolas de comida *fast food* espalhadas ao nosso redor. Estamos lado a lado, ombro a ombro, devorando *cheeseburguers* gordurosos e batatas fritas, e nos sentindo totalmente ridículos, mas ainda mais livres.

— Estou um pouco vestida demais para esse encontro, Dean — zombo, colocando uma batata frita na boca e cutucando seu ombro com o meu.

Ele encara minhas pernas nuas estendidas sob meu casaco, e elas tremem com o calor de seu olhar.

— Você está um pouco vestida demais.

Outra piscadela. Outra borboleta friamente assassinada.

Dean ri e continua:

— Normalmente, não sou um encontro tão pão-duro. Eu apenas imaginei que a ocasião pedia algo... simples.

— É perfeito. — Sorrio para ele, de verdade. Essas são as coisas que eu dava valor um ano atrás – ar fresco, a marola no lago, folhas de grama entre os dedos, barato. Eu daria qualquer coisa para experimentar uma dessas coisas.

Contemplo a superfície escura da água, me abraçando quando uma brisa mais fria sopra.

— Um centavo pelos seus pensamentos? — Dean pergunta, secando as mãos no jeans.

Eu me viro para ele, piscando diante da lembrança.

— Você tem um centavo desta vez?

— Não.

— Troca desleal essa — digo, dando um sorriso.

— Um pensamento por um pensamento, então.

— Ou uma confissão por uma confissão…

Dean se apoia contra as palmas das mãos, o casaco de couro se abrindo ao lado. Ele me lança um olhar diabólico, seus olhos dançando sob o luar.

— Eu me meti em todos os tipos de problemas da última vez.

— Ah, sim — concordo, fingindo evocar a lembrança, embora ela nunca tenha saído da minha mente. — Você se apaixonou por mim quando entrei na sala do Sr. Adilman, totalmente assustada, vestindo um blazer roxo hediondo que posso ter tacado fogo em algum momento. — Meus olhos se estreitam. — Então você demonstrou esse amor escondendo Terrance, a Tarântula, dentro dos meus tênis de ginástica.

— Merda. — Dean não consegue segurar o riso. — Eu fui um idiota, Cora. Eu sinto muito.

— Sim, bem, acho que dei o troco com estilo — suspiro, deitada na grama, com meu cabelo espalhado ao redor.

— Deu mesmo. Não tenho certeza se me diverti mais fazendo

pegadinhas com você ou com a expectativa da retaliação. — Dean se inclina para trás, descansando ao meu lado e virando a cabeça para me encarar. Olhamos um para o outro, sua expressão suave e pensativa. — Você começa.

— Okay... — Desvio o olhar, brincando com um botão do casaco. Minha frequência cardíaca acelera quando o encaro outra vez, e sussurro, baixinho: — Não estive com mais ninguém.

Dean me avalia por um segundo, sem piscar, e responde:

— Nem eu.

Arqueio as sobrancelhas, chocada com sua admissão.

— Sério?

— Claro que estou falando sério — diz ele, se deitando de lado para me encarar, apoiando a cabeça contra o cotovelo dobrado. — Não estou nem aí para as outras mulheres.

— Oh... — Engulo em seco, me virando para olhar para o céu estrelado. Não posso negar que o alívio tome conta de mim, mesmo que nunca tenhamos ficado juntos *oficialmente*. Dean tinha todo o direito de namorar e dormir com outras pessoas. Assim como eu.

Mas nós não fizemos isso.

Dean continua, agora de costas e entrelaçando as mãos na parte de trás da cabeça.

— Encontrei com o Reid hoje. Ele disse que queria falar comigo sobre algo pessoal. Algo que ele temia que eu ficasse chateado.

Sei exatamente sobre o que Reid queria falar, mas o deixo concluir:

— Ele me disse que começou a sair com Mandy em maio. As coisas ficaram sérias muito rápido e ele está pensando em pedi-la em casamento, mas ele queria minha bênção primeiro.

Ai, meu Deus... *casamento*? Eu sabia que eles estavam namorando e

que Mandy estava muito feliz, mas não fazia ideia de que a coisa era tão séria. O relacionamento deles só tem seis meses – Dean levou quatorze anos para pedir Mandy em casamento. E eles nunca moraram juntos.

Não posso deixar de me perguntar se essas eram bandeiras vermelhas. Talvez sempre tenha havido alguma incerteza ali.

— Eu sabia que eles estavam juntos — respondo, demorando um pouco para processar suas palavras. — Só não fazia ideia de que Reid estava pensando em se casar com ela. Isso é tão emocionante.

— Eu sei — diz Dean. — Estou muito feliz por ele. Pelos dois. Ele pensou, de verdade, que eu arrebentaria a cara dele... ele disse que isso vai contra o 'código dos manos', ou alguma merda assim.

— Acho que todos nós já passamos dos *códigos* a esta altura do campeonato.

Ele ri, deparando com o meu olhar.

— Sim. Passamos mesmo.

Ficamos deitados por um tempo, em um silêncio confortável, observando as estrelas brilhando acima de nós, o vento se tornando mais intenso e sacudindo os galhos das árvores em uma dança hipnotizante. Então falamos sobre os últimos oito meses, trocamos histórias e risos, de alguma forma nos aproximando cada vez mais um do outro na grama. Em um determinado momento, minha cabeça se aloja na curva de seu ombro, e eu me consolo na sensação de sua voz vibrando através de mim enquanto ele fala.

Antes que percebamos, duas horas se passaram e minhas pernas estão começando a congelar com o ar geladinho. Recolhemos nossas sacolas e embalagens, descartando-as em uma lata de lixo ali perto, e Dean me entrega um chiclete de nicotina ao voltarmos para o carro.

— Você não está mais fumando? — pergunto, arrancando o chiclete de

seus dedos e observando a coisa.

— Parei alguns meses atrás. Estou só no chiclete agora.

Coloco um na minha boca. O gosto é agradável no começo, mas depois a garganta parece queimar como se tivesse engolido uma colmeia.

— Eca, isso arde. É horrível.

Dean ri, segurando a porta do lado do passageiro aberta para que eu entre.

— É uma ardência gostosa. Vai te dar uma sensação sutil de euforia. — Ele pisca, então fecha a porta e dá a volta pela frente do carro.

Maldito seja ele e suas piscadelas. Como se eu precisasse de mais euforia agora.

Quando paramos na minha garagem, meu nervosismo desperta, a incerteza pairando no ar. Nós nos olhamos ao mesmo tempo, e eu abaixo a cabeça, mordendo o lábio inferior.

— Vou te acompanhar até a porta — diz Dean, aquele tom rouco retornando à sua voz.

Você quer dizer... me acompanhar até o quarto, não é?

Balanço a cabeça, ciente de que não deveríamos fazer nada disso. Ciente de que minhas feridas suturadas poderão se abrir quando ele voltar para Bloomington pela manhã.

Caminhamos até a porta de entrada, as folhas caídas e secas rangendo sob nossos sapatos. Meu coração começa a martelar dentro do peito assim que paramos na varanda e nos viramos para nos encarar. O sensor de presença se acende e ilumina o conflito em seus olhos, bem como as inebriantes incógnitas que certamente estão sendo refletidas nos meus.

Dean levanta a mão e segura um lado do meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha com uma carícia e me arrancando um suspiro enlevado.

— O que fazemos agora? — pergunto, em voz alta, aninhando minha bochecha em sua palma.

O gesto parece despertá-lo e ele se aproxima, até que nossos corpos quase chegam a se tocar. Seu olhar penetrante acaricia meu rosto, tentando me decifrar. Tentando obter as respostas através dos meus olhos – como se o fato de olhar mais de perto o levasse a encontrar o que busca.

E ele encontrará.

Dean vai descendo a mão pelo meu pescoço, os dedos se entremeando em meu cabelo. Ele se inclina para pressionar um beijo leve na minha testa, os lábios pairando logo na raiz do cabelo, e sussurra:

— Não tenho certeza, Corabelle. Tudo o que sei é que quero te beijar mais do que quero respirar.

Meus joelhos começam a tremer e levanto a cabeça, encontrando seu olhar.

— Não costumo beijar no primeiro encontro.

Ele aumenta o aperto ao redor do meu pescoço, os dedos cravados em minha nuca.

— Você consideraria fazer uma exceção? — sonda, avançando mais até que estou imprensada ao pilar de tijolinhos, com seu peito pressionado ao meu.

Umedeço os lábios, grata por ter algo em que me apoiar atrás.

— Acho que posso ser persuadida.

— É mesmo? — Dean se move, enterrando a boca no meu pescoço, respirando meu cheiro e salpicando beijos cálidos ao longo do meu queixo. Nossas virilhas estão se tocando, o que arranca um gemido da minha garganta. Dean solta um pequeno grunhido perto do meu ouvido. — Diga-me o que tenho que fazer.

— Você já está fazendo isso.

Ele ergue a outra mão e segura meu rosto mais uma vez, então me puxa para um beijo, me fazendo arquear as costas contra a coluna de tijolos. Eu me agarro a ele em busca de apoio, por uma necessidade voraz, desejo, e sua língua entreabre meus lábios, invadindo com vontade e me fazendo gemer. Espero que a fome e o anseio viscerais nos dominem, mas Dean mantém o ritmo suave e cuidadoso. Sua língua roça a minha em carícias gentis, suas mãos agora unidas ao longo do meu queixo, embalando meu rosto com delicadeza – e *amor*.

Dean se afasta e recosta a testa à minha.

— Vamos entrar? — sugere, ofegante, meus dedos agarrando as lapelas de sua jaqueta de couro.

Concordo com um aceno, segurando sua mão e o conduzindo pela porta; meus dedos estão trêmulos ao introduzir a chave na fechadura. Dean paira às minhas costas, muito perto, e afasta meu cabelo para o lado de forma que consiga beijar a curva suave do meu pescoço. Estou a poucos segundos de me desfazer ali mesmo. Assim que a porta se abre, somos recebidos por focinhos e caudas estabanados conforme cambaleamos pela soleira; então nos conectamos como ímãs no segundo em que a porta se fecha. Eu desabotoo meu casaco meio desajeitadamente, os lábios de Dean colados aos meus, e me livro da peça de roupa antes de enlaçar seu pescoço. Dean se afasta um pouquinho para olhar para mim, reparando no vestido que se assemelha muito a uma camisola sexy.

Ele rosna de um jeito possessivo, os dedos alcançando a bainha do tecido de seda.

— Porra, Cora... você quase me matou do coração quando te vi com esse vestido.

Minha cabeça tomba para trás quando ele arrebata meu pescoço com beijos molhados, a mão áspera deslizando pela minha coxa. Abro as pernas

instintivamente, desesperada pelo seu toque.

— Hmmm...

Isso é tudo o que consigo.

Dean paralisa os movimentos assim que sua mão se aloja entre as coxas, deixando escapar um grunhido.

— Sem calcinha?

Dou um sorriso safado que o faz descalçar os sapatos, arrancar a jaqueta e me tomar em seus braços. Tento puxá-lo para o sofá, mas ele me pega no colo ao invés disso, e me carrega pelo corredor até o quarto.

— Quero fazer amor com você na sua cama.

Eu o beijo à medida que avançamos pelo quarto, pousando desajeitadamente no colchão, nossas bocas ainda se devorando. Nós nos separamos apenas nos livrar do restante das roupas, até que meu medalhão se torna a única coisa entre nós. Dean o manuseia por um instante, seus olhos ternos vagando até os meus enquanto paira acima de mim. Enfio os dedos por entre os fios do seu cabelo escuro, em um toque suave e delicado.

— Obrigada por trazê-lo de volta para mim — digo, erguendo um pouco o corpo para pressionar um beijo meigo contra seus lábios.

Dean beija a ponta do meu nariz, e, em seguida, minha testa, apoiando os antebraços ao lado da minha cabeça. Ele atrai meu olhar para o dele, sem nunca se desviar ao dizer:

— Você disse que não lutei por você, mas isso está longe demais da verdade.

Quase sufoco com um arquejo, entrelaçando os dedos à sua nuca, tentando puxá-lo de volta para mim.

Ele resiste, mantendo nossos olhares fixos e usando os nódulos dos dedos para acariciar minha bochecha.

— Corabelle... aquilo *era* eu lutando por você. Lutando pela sua cura, sua alegria, seu sorriso, sua risada... seu lindo espírito abatido. Nunca parei de lutar por você e nunca vou parar.

Meu coração quase arrebenta no peito, meus olhos inundam de lágrimas e minha alma se enche de *amor* absoluto. Um pequeno lamento cruza meus lábios e ele o captura com um beijo. Nós nos perdemos um no outro, no momento, no tempo perdido – na possibilidade de um futuro real. E quando ele me penetra, depositando inúmeros beijos pelo meu rosto, pescoço, seios... parece *diferente*.

Seu ritmo é lento e constante. E eu não desvio o olhar. Nossos corpos se movem em sincronia diante da perfeita convicção. Não há toques desesperados ou beijos infundidos de medo, e não estamos agarrados um ao outro, segurando firme a ideia de algo mais.

Nós apenas somos...

E talvez sempre tenhamos sido.

Dean me segura em seus braços naquela noite, nossos corpos emaranhados, relaxados e saciados. Ele me abraça como um amante. Como o meu protetor pessoal.

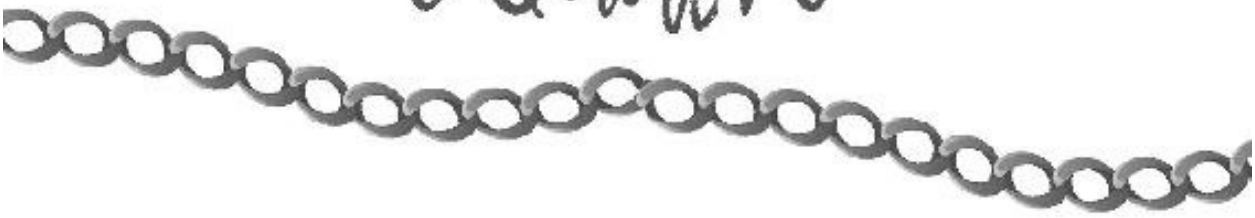
Como meu salvador.

Afinal, ele me salvou de um *serial killer*.

Ele me salvou de uma overdose.

Ele me salvou de mim mesma.

Capítulo Trinta e Quatro



DEAN

Corabelle.

Um único raio de sol espreita através de suas cortinas rendadas, iluminando os reflexos dourados em seu cabelo. Ela ainda está dormindo, mais pacificamente do que jamais vi, e meu coração se contrai a cada respiração tranquila. Estou tentando não ser um esquisitão e encará-la em seu sono, mas estou hipnotizado pelo movimento constante de seu peito, seus lábios entreabertos e a forma como seus cílios tremulam enquanto ela sonha.

Estou extremamente apaixonado por esta mulher, e raios me partam se não desfrutarei de cada pequeno momento ao seu lado enquanto estou aqui.

Suas mãos estão unidas sob a bochecha, e posso jurar que seus lábios ostentam um pequeno sorriso. Não consigo evitar e me inclino, depositando um beijo suave no cantinho de seus lábios. Cora espreguiça de leve, aninhando-se

ainda mais às mãos, o cabelo cobrindo o rosto por conta do movimento. Afasto uma mecha com a ponta dos dedos, e continuo tocando sua pele até que seus olhos se abrem.

Leva apenas um segundo, então seu sorriso se ilumina ao me reconhecer e o alívio aquece seus olhos.

— Oi — ela sussurra, a voz rouca por conta do sono.

— Oi. — Porra, eu poderia me acostumar com isso... acordar todas as manhãs com seu olhar sonolento, cheio de amor e bochechas rosadas. — Com o que você estava sonhando? Você estava sorrindo.

Cora alonga os braços, o lençol escorregando ainda mais pelo quadril e atraindo minha atenção.

— Shakespeare.

Eu a encaro com os olhos entrecerrados.

— Hmm... Isso é algum código para todas as novas maneiras que usei minha língua ontem à noite?

Seu rosto fica rubro, e ela mergulha a cabeça no travesseiro, abafando a risada. Eu a puxo para mim até que seu nariz se acomoda no alto do meu peito, a cabeça logo abaixo do meu queixo. Então sussurro contra o seu cabelo:

— Devo comparar-te a um dia de verão?

Cora levanta a cabeça com um sorriso.

— Você conhece Shakespeare?

— Nós nunca nos conhecemos, mas conheço uma professora super sexy de literatura que sempre cita este nobre senhor.

Seu sorriso se alarga e ela dá um beijinho no meu queixo.

— Sempre achei que você fosse burro, sabia?

Começo a rir e deslizo minha mão pelo seu braço até acomodá-la em seu quadril.

— Sim. Você ficava tão empolgada quando eu fingia não saber de alguma coisa. Era fofo pra cacete.

—Você era horrível.

— Incorrigível.

Cora ri ao envolver minha coxa com sua perna, os olhos brilhando.

— Devemos fazer amor. Então temos que levar os cachorros para uma longa caminhada, voltar para casa e preparar o café da manhã e rastejar de volta para debaixo das cobertas até que você tenha que voltar para casa.

Tudo isso parecia fantástico pra caralho – menos a última parte. O pensamento de voltar para Bloomington, para meu apartamento de um quarto só, sinistramente silencioso, enquanto meu corpo está impregnado com o cheiro de Cora Lawson, parece incompreensível. Mas percebo que não há maneira de contornar isso agora. E, com certeza, não me arrependo da escolha que fiz oito meses atrás, ao aceitar a transferência de emprego, desenraizando minha vida para impor uma distância entre mim e a mulher que precisava desesperadamente disso.

Foi *difícil*.

Sem dúvida alguma, foi a coisa mais difícil que já tive que fazer. Foi mais difícil do que tudo pelo qual passamos durante aqueles vinte dias fatídicos no porão de um psicopata, porque foi fruto de uma escolha. A *minha* escolha. E eu tinha o poder de tacar um ‘foda-se’, ser fraco e ficar, e teria sido muito fácil fazer isso. Eu *queria* fazer isso.

Mas a única coisa que queria mais do que isso era vê-la sorrir.

Eu queria vê-la brilhando e prosperando, e realmente vivendo sua vida.

Eu queria vê-la assim, desse jeitinho que está *agora*, feliz e curada e aprendendo a se amar novamente.

Então, tudo valeu a pena – eu só não sei para onde diabos vamos a

partir daqui.

Engulo em seco, tentando não deixar as incógnitas estragarem esta manhã feliz depois da noite mágica que compartilhamos. A última vez que acordamos juntos acabou sendo o pior dia da minha vida.

Seguro seus braços ainda enroscados em meu pescoço e os puxo para baixo, observando a pequena tatuagem em seu pulso, passando o polegar sobre o símbolo de um batimento cardíaco. Sua pele é macia e levemente franzida pelas pequenas cicatrizes sob o desenho, uma lembrança permanente de seu passado. Com o polegar, massageio o ponto de sua pulsação da mesma forma que costumava fazer quando meu toque era o único consolo que podia dar a ela.

Cora inspira fundo e fecha os olhos ao deixar os sentimentos varrerem seu corpo. As lembranças. Os *flashbacks*. Os pensamentos e sensações. Quando seus olhos se abrem, nebulosos e encobertos, pressiono meus lábios em seu pulso, espalhando beijos suaves ao longo de sua artéria.

Ela solta um suspiro de contentamento e diz:

— Eu te amo.

Eu repeti essas três palavras inúmeras vezes em minha mente por oito meses torturantes, me perguntando se as ouviria novamente.

Nada supera a porra da realidade.

Eu a abraço apertado, inspirando o perfume de narcisos e o cheiro de frutas cítricas de sua pele, mesclado com os resquícios de nosso ato de amor.

— Eu te amo muito, Corabelle. Tenho pensado em você todos os dias desde que parti, desejando seu beijo, seu toque, o cheiro de seu cabelo. Você nunca saiu da minha mente. Fiquei louco sem saber se você estava realmente bem, ou me perguntando se você havia seguido em frente com outra pessoa. Minha vida tem sido um inferno. — Beijo sua testa, hesitando antes de me afastar. — Mas ver a luz em seus olhos outra vez significa *tudo* para mim. E,

mesmo se você tivesse seguido em frente e encontrado a felicidade com outro cara... teria sido uma merda, mas, ainda assim, teria valido a pena te ver dessa forma.

Cora arrasta as pontas dos dedos pelo meu rosto e pela barba por fazer que recobre meu queixo.

— Também pensei em você. Cada dia. Toda noite. Às vezes, sonho com nós dois, no mar, ouvindo o barulho das ondas, sentindo a água borrifar nossos rostos. — Ela beija meus lábios, subindo a perna ainda mais até envolver minha cintura. — É meu lugar feliz.

Sorrio contra sua boca.

— Meu lugar feliz é onde você estiver. E quero que isso entre nós dê certo, Cora. Nada mais de esconder, nada mais de reprimir. Vou esperar pela abertura de uma vaga de emprego aqui de novo, e vou solicitar uma transferência. Pode levar alguns meses, até um ano. Mas vou passar todos os malditos finais de semana contigo até conseguir voltar de vez.

Seus olhos verdes estão marejados, os lábios se entreabrindo em admiração.

— Você vai voltar?

— Se você quiser. Se quiser isso tanto quanto eu quero.

Ela assente rapidamente.

— Eu quero, Dean. Eu quero *você*. Quero tudo o que disse a mim mesma que não merecia.

— Você merece tudo isso, Corabelle, e passarei a minha vida inteira te dando tudo o que merece, porra.

Ela me beija de novo, depois de novo e de novo.

— Vou falar com Mandy esta semana. Pode rolar uma tensão no início... ainda pode ser estranho. Mas estamos nos relacionando melhor agora, e

ela seguiu em frente e está loucamente feliz com Reid, e só sei que vai ficar tudo bem. Meus pais ainda te amam. — Cora se aproxima ainda mais de mim, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Sei que podemos fazer isso.

Eu sorrio, meu coração disparando no peito. Eu a envolvo em meus braços, sussurrando em seu pescoço:

— Nós escapamos de um *serial killer*, Cora. Nós podemos fazer qualquer coisa.

Cora puxa meu rosto para o dela, capturando um beijo que tem um gosto diferente de todo o resto.

Tem gosto de um novo começo.

Depois que terminamos de fazer amor naquela manhã e nos aquecemos com o êxtase, faço mais uma pergunta a ela. Flagro seus olhos embriagados de felicidade, e enrolo uma mecha sedosa ao redor do meu dedo enquanto ela me encara na cama:

— Você ainda é minha?

Cora não hesita. Ela segura minha mão e a coloca acima de seu coração.

— Ainda está batendo — diz ela. Seu rosto se ilumina com um sorriso radiante que se parece exatamente ao meu batimento cardíaco. — Enquanto estiver batendo, eu sou sua.

Epílogo

CORA

— Tia Mandy e tio Reid estão aqui!

Aiden e Brooklyn correm em direção à porta da frente, com os cachorros logo atrás. Tento fechar a mala às pressas, me sentando em cima dela, e me esforçando para puxar o zíper, enquanto Dean perambula às minhas costas, vestindo uma camiseta.

— Merda, Cora. Parece que você fez as malas para o fim dos tempos.

— Bem… — *Mais uma sentada*. —… você sabe que gosto de… — *Repuxa daqui*. —... estar preparada.

— Para o Apocalipse?

— Para as férias com dois *filhos*. — *Aperta mais um pouco*. — Quem sabe quantas trocas de roupa vamos precisar, e embalei a nossa câmera fotográfica boa também porque, sabe como é, né? Recordações e tal... e meus livros ocupam espaço.

— Quantos livros você está levando?

— Cinco.

— Jesus amado.

Exalo um bufo de escárnio.

— É uma série, Dean.

Dean ri, e me livra da penosa tarefa de fechar a mala, me empurrando para o lado. Ele apoia a palma da mão contra o tampo e pressiona para baixo, fechando com sucesso na primeira tentativa.

Eu afasto meu cabelo para trás, contraindo os lábios.

— Isso foi meio que sexy.

— Só você ficaria excitada só porque fechei uma mala. — Pisca.

Entrecerro o olhar de forma sedutora.

— Sempre tenho esperanças...

Estamos prestes a nos inclinar para um beijo quando Mandy e Reid chegam com quatro cachorros na cola.

— Desculpe, estamos atrasados — diz Mandy, pegando Penny Lane em seus braços e espalhando beijos ao longo de seu focinho. — As feras estão prontas para nós?

Jude, Lucy e Rigby sentam-se pacientemente, abanando os rabos, e Penny é colocada de volta entre eles. Mandy é a babá dos nossos cachorros. Ela e seu marido, Reid, levam os quatro para casa pelo menos uma vez por ano, quando saímos de férias.

Os dois estão casados há sete anos. Reid propôs casamento na véspera de Ano Novo, apenas um mês depois de sua conversa com Dean, e Mandy subiu ao altar um ano depois. Eu, finalmente, consegui cumprir minha função como madrinha no casamento da minha irmã, e Dean como padrinho de Reid. Lágrimas explodiram para todo lado, assim como alegria e perdão, nos colocando em um círculo completo de amor. Então Mandy e Reid fizeram o

mesmo por nós, no nosso casamento, seis meses depois, e todos nós choramos um pouco mais.

— As feras parecem prontas. — Sorrio, pegando as coleiras penduradas na parede e me virando para procurar as crianças. — Falando em feras, para onde Aiden e Brooklyn foram?

Dean vem até nós, dando um abraço rápido em Mandy e um cumprimento com soquinho com Reid por cima do ombro.

— Eles estão na cozinha arrumando um lanche.

— Mãe!

O som do meu nome me atrai até a cozinha de nossa casa de dois andares, e na mesma hora localizo as duas crianças carregando canecas quentes de café ao redor da ilha central, em suas mãozinhas trêmulas. *Ops*.

Aiden, nosso filho de seis anos, ergue a caneca e o líquido quente espirra pela borda.

— Preparamos seu café. Já passa das oito horas, e eu sei como você fica quando não bebe logo.

Bem...

Ele não está errado.

Tento não entrar em pânico quando o líquido escuro pinga no meu piso de madeira e aceito a oferta.

— Isso é muito atencioso da sua parte. Mas está muito quente, então chame a mim ou ao papai da próxima vez.

Nossa filha de cinco anos, Brooklyn, coloca sua caneca na mesa.

— Aqui está o seu, pai!

Dean deixa de lado seu papo sobre futebol com Reid e se junta a nós, me dando uma piscadela ao pegar sua caneca.

— Obrigado, princesa. Ótimo serviço.

Dean e eu tomamos um gole de nossos respectivos cafés.

Então cuspimos ao mesmo tempo.

Em toda parte.

Eu começo a engasgar, e Dean limpa sua camisa. Nós dois nos encaramos de forma acusatória, nossos olhos repletos de culpa, até que as duas crianças explodem em gargalhadas histéricas ao lado.

— Pegamos vocês! — eles gritam, se dobrando de tanto rir.

Dean e eu trocamos outro olhar. Nossas bocas se curvam em um sorriso, que em um segundo se amplia e se torna mais iluminado ao assimilarmos o fato de que criamos pequenos pestinhas malandros, muito parecidos com nós mesmos. Então corremos para a pia e começamos a limpar o café salgado de nossas línguas com toalhas de papel, bebendo litros de água para amenizar o efeito.

Eu me pergunto se Mandy e Reid se importariam de levar mais duas feras com eles.



— Você acha que podemos levar algumas conchas para a Nana Asher?

Brooklyn saltita ao meu lado na praia, os bracinhos cheios de conchas delicadas.

No caminho para o aeroporto, demos uma passadinha na casa de repouso para visitar a mãe de Dean e entregar obras de arte feitas pelas crianças. Aiden e Brooklyn adoram passar tempo com Holly, apesar de sua perda de memória. Sua porta agora está coberta de cartolinas coloridas, trabalhinhos de escola e bilhetes de amor. Passamos horas com ela algumas vezes por mês, cantando músicas e contando histórias. Holly tem momentos de lucidez aqui e ali, e, ultimamente, tem perdurado mais, especialmente quando cantamos.

Ela sabe cada palavra de *‘Hey, Jude’*, e não posso deixar de me perguntar se a música a ajuda a lidar com a escuridão como fez comigo.

Sorrio para minha filha, balançando a cabeça.

— Acho uma ideia maravilhosa. Ela vai amar. Certifique-se de pegar algumas para a Vovó e Vovô também.

— É mesmo! A vovó adora conchas. Podemos fazer colares com elas.

Ela corre para se juntar ao irmão na areia, seu cabelo em um tom castanho-avermelhado esvoaçando com a brisa.

Sou levada pelo momento, perdida em um devaneio, observando meus dois filhos enchendo baldes com areia e cercados pelas toalhas de praia espalhadas. E então sinto seus braços enlaçarem minha cintura, os dedos mergulhando levemente na parte inferior do meu biquíni. Eu me derreto contra ele, me recostando ao seu peito, seu queixo apoiado na curva do meu pescoço e ombro. Ficamos assim por um longo tempo, ambos desfrutando do contato, relembrando, presentes neste momento de pura felicidade.

Eu me viro em seu abraço, deslizando os dedos pelo seu peito nu. Só em vê-lo daquele jeito, sem camisa, o corpo magro, abdômen tonificado e ombros largos, quase me faz desmaiar.

Dean abaixa a cabeça, depositando um beijo na minha testa.

— Você está com aquele olhar... — ele sussurra contra meu cabelo.

Meus braços serpenteiam em torno de sua cintura, agarrando-se com força.

— Que olhar?

— Como se estivesse se apaixonando por mim de novo.

Sorrio contra o seu peito, pressionando beijos suaves em sua pele salgada pela maresia, e suas mãos viajam perigosamente para logo abaixo dos meus quadris.

Ele está muito familiarizado com esse olhar.

Dean segura minha mão e me puxa em direção à água.

— Pronta?

Meu coração saltita no peito, um formigamento se espalhando pelo corpo. Eu o sigo até a beira do mar, onde a areia toca a água, e desaceleramos os passos, olhando para as ondas rugindo.

Hoje é dia 8 de novembro.

Todos os anos, neste dia, viajamos à praia. Ainda me lembro de nossa primeira viagem juntos, um ano depois de oficializarmos nosso relacionamento. Dean finalmente conseguiu garantir uma transferência de emprego de volta para a sede do sindicato, depois de longos e agonizantes onze meses de espera, onde só nos víamos nos finais de semana. Mas a distância só fortaleceu e trouxe a segurança que precisávamos para construir um futuro.

Três semanas depois que começamos a morar juntos, pegamos um avião e fomos para Santa Monica, para que eu pudesse finalmente mergulhar os pés no mar. Foi um momento emocionante, muito mais intenso com Dean ao meu lado. Corremos contra as ondas, de mãos dadas, lado a lado, e gritei histericamente quando a água fria me engolfou.

E então desabei.

Meu corpo colapsou contra o peito forte, dominada pelo poder daquilo – pela *beleza* –, a realidade de finalmente vencer meu maior medo da vida. E enquanto eu soluçava em seus braços, tremendo de frio e de pura intensidade, Dean se ajoelhou e me pediu em casamento. Bem ali no meio do mar, regado com minhas lágrimas que se misturavam à água salgada; meus podres sendo lavados a cada onda que se quebrava, desaparecendo nas profundezas do oceano.

Pulei em seus braços, envolvendo sua cintura com as pernas à medida que gritava ‘sim’ repetidamente contra o seu pescoço, me agarrando a ele

conforme as ondas tentavam nos derrubar.

No entanto, nós nos mantivemos firmes, lutando contra cada onda, permanecendo fortes como sempre fazemos.

Como sempre faremos.

Dean e eu respiramos fundo e contemplamos o sol poente no horizonte. E então seus dedos roçam contra os meus como um beijo suave, um toque familiar, uma *promessa*. Sinto seus dedos se entrelaçarem aos meus. E ficamos ali, de mãos dadas, como fizemos todos aqueles anos atrás, enquanto esperávamos o resgate, sem saber o que o nosso futuro reservava.

Olho para Dean, deliciada com o sorriso iluminando seu rosto enquanto seu olhar permanece fixo em mim. Ele aperta minha mão e dá a piscadela que é sua marca registrada.

— Feliz aniversário, Corabelle.

— Feliz aniversário — sussurro de volta, sentindo as lágrimas já ameaçando escorrer.

Seguro meu pingente de coração com a mão livre, e mantenho o agarre firme na mão do meu marido.

E na contagem de três, corremos para o mar, as lágrimas se misturando ao riso, o amor subindo ainda mais como a maré, e pulamos na água.

Juntos.

FIM

Nota da Autora

Muito obrigada por ter lido meu romance dark, *Enquanto o Seu Coração Bater*.

Este livro foi uma IMENSA obra de amor, e me deixou em um estado emotivo absurdo. Adiei por muito tempo em escrever esta história, e cheguei até a pensar em escrever sob outro pseudônimo devido a alguns conteúdos tabus. Também imaginei que seria apenas um romance erótico. Mas aí, coloquei meu coração nele, e um pouco mais, e, de repente, essa trágica e linda história de amor começou a se desenrolar. Enviei alguns capítulos para minhas betas de confiança e elas imploraram que eu publicasse usando meu próprio nome. E estou mais do que feliz por ter feito exatamente isso.

Cora e Dean escreveram esta história para mim, e espero que tenham gostado da jornada.

Se você ou alguém conhecido sofre com pensamentos suicidas, por favor, procure ajuda.

Você é querido e amado.

E se você ou alguém a quem conhece for uma vítima de estupro ou agressão sexual, não se cale. Você não está sozinho.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, meu amor e gratidão eternos devem ser dados ao meu incrível marido, Jake. Posso garantir que este livro não existiria se não fosse por ele. Eu, basicamente, me arrastei em um buraco negro e sombrio por trinta e três dias seguidos enquanto dedicava horas e horas em tempo integral à conclusão deste livro. Sou mãe de três filhos, então meu marido entrou no modo Super Pai e protegeu o forte enquanto eu dava vida a essa história.

Obrigada, querido marido, por seu apoio incondicional e seu papel na realização dos meus sonhos. Você é minha fortaleza, minha inspiração e meu melhor ouvinte.

E meu salvador.

Você pode não ter me salvado de um *serial killer*, mas certamente me salvou de uma vida de comodismo. Obrigada por acreditar em mim e em meus sonhos de escrever antes de eu mesma acreditar.

Muito obrigada às minhas primeiras betas, que leram esta história à

medida que a escrevia: Amanda Jesse, Rachel Wanland, Vanessa Sheets e Lyndsey Farrar. Vocês, senhoras, deram contribuições essenciais para este livro de muitas maneiras. Vocês me mantiveram focada e no caminho certo, me mantiveram inspirada. Vocês me encorajaram a sair da minha zona de conforto e não me inibir. Torceram e vibraram por esses personagens junto comigo. Vocês me convenceram a tomar posse de cada palavra escrita e publicar este livro com meu nome verdadeiro. Sou eternamente grata a cada uma de vocês.

Obrigada a todas as outras leitoras que leram este livro em primeira mão e me deram *feedbacks* pertinentes, sugestões, amor e palavras gentis: ER Whyte (seus recadinhos trouxeram um sorriso ao meu rosto), Nicole Marie, Stephanie Goodrich, Emily Gutzmann, Gisell Butler, Ashley Marie Santorius, Amber Pardue, Megan Lick, Nicole Vaughn, Autumn Black e Ali Herlihy. E, um agradecimento especial também às minhas primeiras leitoras do ARC, por deixarem comentários incríveis que me fizeram chorar enquanto bebia meu café.

Obrigada ao meu incrível grupo de ‘Rainhas’ no meu grupo de leitores, por me animarem durante a minha jornada como escritora e com a vida em geral. Eu amo minha comunidade de mulheres inspiradoras. Vocês sempre me fazem rir, levantam minha moral e me mantêm focada.

Obrigada aos meus filhos e família incríveis por sempre me incentivarem e por serem meus maiores líderes de torcida. Eu amo muito todos vocês.



Vocês podem me enviar e-mail a qualquer momento! Eu adoro, adoooooro saber a opinião dos meus leitores. Na verdade, vocês são mais que leitores – são amigos.

jenhartmannauthor@gmail.com

Junte-se ao meu grupo no Facebook!

http://www.facebook.com/groups/145154332790534

Siga-me nas redes sociais:

Facebook: @jenhartmannauthor

Twitter: @authorjhartmann

Instagram: @author.jenniferhartmann

Se você gostou dessa história, meu coração falta explodir sempre que vejo uma nova resenha.

Deixe sua opinião no Amazon, Goodreads e Bookbub!

E não se esqueça de conferir meus outros livros no site:

www.jenniferhartmannauthor.com

Sobre a Autora

Jennifer Hartmann mora no norte de Illinois com seu dedicado marido, Jake, e os três filhos, Willow, Liam e Violet. Quando não está escrevendo histórias angustiantes de amor, ela está pensando em escrever sobre isso.

Ela ama o pôr do sol (porque acordar de manhã cedo é uma tortura), andar de bicicleta, viajar para qualquer lugar fora de Illinois, assistir exaustivamente as reprises de *Buffy, a caça-vampiros*, e aquela hora do dia em que o café pode ser substituído por vinho.

Jennifer é fotógrafa de casamentos com seu marido, e uma amante do amor-próprio. Ela é excelente em fazer trocadilhos e encontrar senso de humor inapropriado em situações corriqueiras. Ela ama tacos. E também quer, de verdade, fazer carinho no seu cachorro.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com

Facebook.com/thegiftboxbr

Instagram: @thegiftboxbr

Twitter: @GiftBoxEditora

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9